

A. J. R. CORVO

O TRONO DOS REINOS

O HERDEIRO DAS CINCO TORRES



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A. J. R. CORVO

O TRONO DOS REINOS

O HERDEIRO DAS CINCO TORRES



O trono dos reinos



O Herdeiro das Cinco Torres

A.J.R. Corvo

Autor: A.J.R. Corvo

Volume: I

© A PJ PR Corvo

Este livro foi inspirado na Odisseia, na história e cultura celta e Viking, no Cristianismo e na história antiga

Meu deus, tudo aconteceu tão rápido...

O mundo que conhecemos é vasto e diversificado, uma tapeçaria de climas e paisagens. Em algumas terras, o calor e a humidade predominam, com florestas tropicais onde as árvores altas sussurram segredos antigos. Em outras, a aridez reina, com desertos vastos e inóspitos onde apenas os mais resistentes sobrevivem. Extensos oásis pontilham essas desolações arenosas, como joias raras, enquanto mares e rios descem das montanhas mais majestosas que já vi, serpenteando pelo terreno na sua procura interminável pelo oceano.

Há florestas tão selvagens e inóspitas que poucos ousam se aventurar nelas. Essas regiões estão cheias de mistérios antigos, onde os ventos carregam histórias de tempos passados e criaturas ocultas espreitam nas sombras densas.

O mundo do passado era constituído por grandes tribos, do tamanho de impérios, com dezenas de cidades prósperas, algumas tão vastas quanto continentes. Mas toda essa glória caiu com a chegada do grande Arkota. Tudo ruiu, e hoje restam apenas vestígios esfarrapados desse passado glorioso.

Antigamente, a tecnologia era tão avançada que doenças, que hoje são devastadoras, podiam ser curadas com facilidade. Guerreiros de todas as raças, dotados de conhecimento ancestral e magia poderosa, conviviam com grandes dragões, os Valkiyas, que dominavam os céus com a sua majestade e terror. Os reinos eram lugares de maravilhas e magias além da imaginação, especialmente quando esses povos se uniram sob um único estandarte.

Apesar de toda a sua evolução e vasto conhecimento, a civilização primordial desapareceu por causa de Akstunuthá.

O deus dos infernos, Akstunuthá, ansiava por criar seu próprio mundo, um reino que ele chamou de Mirt-ogham. Contudo, o pai dos deuses, Jhan, não permitia que esse deus sanguinário tivesse seu domínio pessoal.

Akstunuthá, incansável na sua busca por poder, aliou-se a Firthy, deusa da natureza e da criação, que havia se apaixonado por Jhan. Todavia, seu amor nunca fora correspondido e com uma aliança desesperada, os dois tentaram criar vida, mas suas criaturas não sobreviviam mais do que algumas semanas.

Akstunuthá, frustrado, não entendia como seu pai havia conseguido criar os humanos, elfos, magos, centauros e minotauros, além de todas as outras criaturas primordiais, enquanto ele não conseguia sequer criar uma criatura insignificante. Enraivecido, o deus da noite peregrinou até a Árvore da Vida, de onde Jhan havia colhido a semente do mundo. Lá, ele bebeu do orvalho sagrado, na esperança de obter conhecimento. No entanto, ao descobrir que apenas Jhan possuía o poder do Sopro da Vida, ele queimou a árvore em um ato de fúria desesperada.

Mas Akstunuthá não desistiu. Ele descobriu que cada criatura continha um sopro da vida, um fragmento divino que ele poderia colher para criar seu próprio reino. Imbuído de ira e inveja, começou a raptar criaturas, usando seus sopros da vida para criar versões distorcidas, como trolls e jorks, bestas grotescas com características de javalis e gorilas.

Porém, mesmo um deus percebeu a impossibilidade de colher cada sopro de vida e criar criaturas uma por uma. Ele precisava de uma semente da vida, mas a Árvore da Vida estava destruída. Sem desistir, pediu novamente a ajuda de Firthy, que sugeriu corromper as criaturas inteligentes em vez de destruí-las.

Firthy, deusa da criação, havia convencido Jhan a dar inteligência a cinco raças, com a intenção secreta de corrompê-las posteriormente com promessas de ouro, poder e glória.

Os dias passaram, as trevas se aprofundaram, e no monte Apokai, Akstunuthá torturava e experimentava com suas criações nas criaturas que ele capturava. Ele não queria apenas colher o Sopro da Vida,

queria poder total.

Com isso em mente, pediu que Asikrun, deus da magia, criasse uma gema capaz de imitar os poderes da semente da Árvore da Vida. A gema só poderia ser usada uma vez, numa única criatura, mas essa criatura teria a capacidade de se multiplicar, injetando seu veneno em outros seres.

Os experimentos de Akstunuthá foram bem-sucedidos, e seu segredo espalhou-se como uma praga mortal por Oghoghan, o mundo de Jhan. Jhan, ao descobrir, exigiu que Akstunuthá abandonasse seu plano, sob pena de morte. Akstunuthá, desdenhando o ultimato, pôs em prática seu plano, prometendo terras e riquezas a seus aliados.

O planeta começou a murar. Vulcões, filhos de Akstunuthá, lançaram fumaça tóxica, e o calor destrutivo aumentou. As águas congeladas do reino do inverno perpétuo descongelaram, trazendo a primavera e varrendo terras férteis com oceanos devastadores. Novas doenças e criaturas surgiram, transformando a paisagem e a vida.

Há cerca de 12.000 anos, uma explosão cobriu a Terra com cinza e calor, destruindo culturas, fauna, flora e dizimando a civilização. O plano de Akstunuthá estava apenas começando. Da montanha de pedra e ferro, surgiu uma luz forte, seguida por uma explosão que varreu cidades inteiras. No final, os sobreviventes foram transformados em algo diferente, criaturas que pareciam emergir do próprio Asikrun, o inferno mais profundo. Assim nasceram os Assacranus, demónios da noite que cobiçam sangue e carne.

Os ataques devastadores e infecciosos dos Assacranus aumentavam as fileiras dos exércitos de Akstunuthá. A Grande Guerra estava iminente. Anos se passaram, e a batalha culminou numa vitória amarga para as forças de Jhan. Embora triunfantes, os mortos eram mais numerosos que os vivos, e o mundo ficou dividido entre os povos de lá e os de cá, separados pela muralha negra.

Muitos dizem que, perto da grande fronteira, podem ouvir gritos e choros, e, às vezes, as vozes de entes queridos suplicando ajuda. Tolos os que caem no embuste, pois aqueles que atravessam a grande montanha nunca mais retornam.

Os Druidas sabem que Akstunuthá deseja conquistar os reinos e varrer a humanidade. Segundo os estudiosos mais antigos, apenas a união dos reinos pode combater o grande exército dos mortos.

Foi com base nesse mito e medo que minha vida foi cultivada. Meu destino foi talhado antes de eu nascer. Fui criado por uma ordem antiga, a Ordem do Templo de Jhan. Eu era filho de antigos cavaleiros, mas não fui para o mosteiro de livre e espontânea vontade. Foi nesse lugar que os monges do Templo me transformaram em Mikerium.

Um templário tem um só objetivo: lutar e preservar o reino de Jhan, também chamado de Templo de Jhan, onde todas as raças podem viver em harmonia. Os soldados desta casa antiga, a Casa do Templo, podem ser Mikeriuns apenas se forem descendentes de deuses. Apenas o descendente direto de Ashmard pode governar a Casa do Templo e as cinco raças de Asghardan.

Os Mikeriuns e os cavaleiros do Templo defenderam por séculos as raças contra demónios e bestas da noite, caçando e destruindo ameaças com o poder dos deuses. Seu sangue de semideuses os tornava exímios lutadores, capazes de enfrentar exércitos de criaturas ferozes. Nunca batiam em retirada, mesmo em desvantagem.

Apesar da boa vontade e altruísmo, seu lado lutador contra tiranias os colocou em rivalidade com reis e senhores corruptos. A desinformação e o ódio obrigaram-nos a entrar em clandestinidade e declínio.

Ainda havia crentes nessa corrente, homens e mulheres que procuravam ressuscitar a Casa do Templo. Fundaram mosteiros por

todos os reinos, mas até esses mosteiros foram queimados, saqueados e destruídos, exceto um, onde começa a minha história.

Quando nasci, minha mãe foi atacada por dissidentes de Assacranus. A transformação foi atrasada por feitiços e runas primordiais. Esses encantamentos retardaram a transformação por meses, mas não por altruísmo, e sim como uma experiência macabra.

Minha mãe pôde me segurar por alguns dias antes de morrer. Meu pai morreu no ataque. Desde que comecei a andar, portei uma espada. Fui ensinado nas artes da guerra e do saber. Minhas brincadeiras eram lutar e sobreviver ao mundo que me rodeava. Cresci odiando o mundo e as pessoas, sem confiar em ninguém.

Os monges, que não podem ser chamados de Templários, queriam apenas um guerreiro, um caçador, que pudessem usar para eliminar as criaturas da noite que vagueiam pelos reinos dos Homens.

Hoje, aos 24 anos, sou um Cavaleiro sem Destino, um homem que não segue o destino imposto por nenhum outro homem. Vagueio de cidade em cidade em busca de fama, glória, riquezas e aventuras. Minha missão primordial deixou de existir desde que saí da abadia. Não poderia ficar lá, não depois de descobrir que foram eles que mataram minha mãe e meu pai.

Vivo no mundo, apesar de continuar odiando e caçando esses seres malignos que enegreceram os corações de homens outrora sábios e lúcidos. Mantive o gosto pela escrita. Voltei a escrever ao completar 24 anos. Aqui, nesta cidade, minha companhia é meu lobo e a escrita. Escrevo este diário para que, após minha breve vida de Cavaleiro sem Destino, alguém leia e meu nome não seja esquecido.

capítulo I - A antiga nação de Braviruth

Tinha apenas 20 anos quando saí da abadia, sentindo uma mistura de medo e entusiasmo ao iniciar uma vida solitária. A minha jornada levou-me à pitoresca cidade costeira de Porto Marfim, onde as esperanças de encontrar trabalho e glória eram temperadas pela incerteza e ansiedade de recomeçar.

Após dias de caminhada exaustiva, avistei um filhote de lobo, uma visão inesperada tão perto da cidade que fez o meu coração disparar. Aproximei-me com cautela, temendo que a progenitora estivesse por perto. No entanto, o filhote, assustado, fugiu e escondeu-se nos arbustos. Notei, porém, um rastro de sangue fresco nas folhas vergadas, sinal de uma recente violência.

Apertei firmemente a minha cimitarra, avançando com passos lentos e cuidadosos. A progenitora do filhote jazia inerte, uma flecha envenenada cruelmente cravada no flanco, e as marcas de agonia no chão indicavam que sofreu durante dias antes de sucumbir. O filhote, com os seus olhos grandes e vulneráveis, despertou em mim uma empatia avassaladora, uma conexão que não esperava sentir.

Com cuidado, envolvi o filhote na minha capa, continuando o caminho enquanto o alimentava com leite de Gosmy, uma fruta nutritiva que parecia saciá-lo. Desde cedo, o filhote exibiu uma ferocidade inata ao caçar pequenos insetos e pássaros, mas comigo, era surpreendentemente dócil, tratando-me com a lealdade de um Alfa reconhecido.

Acampei sob a copa protetora de uma grande árvore, e na manhã seguinte, parti para a cidade, onde fui contratado como guarda numa imponente casa senhorial. Lá, criei o filhote, alimentando-o com leite de vaca até conseguir carne adequada. Em poucos meses, o filhote floresceu num impressionante lobo, crescendo rapidamente até ao tamanho de um cão pastor.

Eu sabia que não poderia permanecer na cidade por muito tempo.

O medo das pessoas era um veneno insidioso, capaz de transformar-se em violência a qualquer momento. Vanakh, meu fiel companheiro lupino, atraía olhares de desconfiança e receio, e eu não estava disposto a arriscar a sua vida. Decidi partir em busca de um novo lar, um lugar onde pudéssemos viver sem essa constante ameaça.

Minha jornada foi exaustiva. Cavalguei por semanas através de montanhas escarpadas e vales profundos, passando por cidades esquecidas que sussurravam histórias de tempos antigos. A solidão pesava, e o cansaço começava a corroer minha determinação. Vanakh, sempre ao meu lado, também sentia a dureza do caminho. Finalmente, alcançamos a isolada Taberna do Soprador, um refúgio temporário em meio à incerteza.

Ao entrar, a atmosfera era pesada e cheia de olhares desconfiados. Sentei-me em um canto, esperando evitar problemas, mas logo fui abordado por um homem que não escondia a sua hostilidade.

"O que procuras, forasteiro?" perguntou ele, a sua voz carregada de suspeita.

"Uma caneca de Á-gua-t, duas vezes destilado, para começar," respondi, mantendo a calma.

"Duas moedas de bronze..." ele replicou, a sua avareza evidente.

"Por uma caneca?" questioneei, surpreso.

"Se não queres, vai-te embora!" ele recrutou, já impaciente.

Sem discutir, joguei duas moedas de prata sobre a mesa e pedi que mantivesse a caneca cheia. Pedi também um prato de carne com legumes e uma perna de porco para Vanakh, que esperava pacientemente ao meu lado.

Enquanto aguardava, um estranho se aproximou. Ele era corpulento, com roupas surradas e um cheiro azedo. Seus olhos

estavam fixos em Vanakh. "Que belo animal tem aí. Quanto quer por ele?"

"Não está à venda," respondi friamente, meu capuz ainda ocultando meu rosto.

"Uma pena," disse ele, sacando a sua espada em um movimento rápido.

O ataque foi inesperado, mas minha experiência falou mais alto. Desviei por reflexo, mas a lâmina ainda fez um corte superficial no meu pescoço. A dor era um lembrete de que a força e a experiência não substituem a vigilância constante.

"Eu poderia matar-te agora mesmo!" ele exclamou, com um sorriso cruel.

Mantive o controle. "Devias ter aproveitado a tua oportunidade... agora é a minha vez."

Com movimentos precisos e treinados, saquei minhas adagas. Desviei a espada com a caneca que estava na mesa, e as lâminas dançaram no ar antes de cravarem-se em seu pescoço. O homem tombou, e a taberna ficou em silêncio, congelada em um misto de medo e fascínio. A vitória era minha, mas a dor e o sangue escorrendo me lembravam que mesmo pequenas batalhas podem deixar marcas.

"Este homem era Werthar, o Terrível," declarei ao público atônito. "Reclamo a recompensa pela sua cabeça!"

Deixei a taberna, consciente do perigo que minha presença ali representava. Montei meu cavalo, ciente de que o descanso que eu precisava não viria tão cedo. Parti em direção ao posto de guarda mais próximo, o vento frio ajudando a limpar minha mente.

No caminho, um jovem apareceu, seus olhos uma mistura de esperança e desespero. "Espere, amigo... Quero partir consigo, posso

ser seu servo..."

"Não preciso de servos," respondi, mas algo em seu olhar me fez parar.

"Por favor, deixe-me partir consigo! Meu pai é um bêbado e bate-me todos os dias... e houve uma noite que ele fez algo pior..."

"O quê?" perguntei, minha voz baixa, mas firme.

"Ele... violou-me." As palavras saíram como um sussurro, mas seu impacto foi forte.

Olhei-o nos olhos. "Onde está teu pai?"

"No celeiro vermelho, perto da estalagem."

Desmontei do cavalo, a determinação moldando cada passo. "Vou fazer uma visita ao teu pai."

"Não o mate, por favor... ele ainda é meu pai."

"Ele não é teu pai, é um procriador... vou apenas fazer uma visita. Guarda meu cavalo."

Caminhei até o celeiro, a estrutura já ameaçada pelo fogo que começava a consumir tudo. Arrombei a porta, vendo mulheres presas, clamando por ajuda. A fumaça espessa e as chamas faziam cada movimento parecer uma luta pela sobrevivência.

"Fiquem quietas!" gritei, enquanto usava minha espada para abrir caminho. Cada golpe contra a madeira carbonizada era exaustivo, mas consegui tirá-las dali. A tentativa de resgatar o pai do jovem foi em vão. O incêndio se alastrou rapidamente, consumindo o celeiro em chamas.

Voltei ao jovem, a sua calma forçada não escondia o terror em

seus olhos. "O teu pai está morto," eu disse, a tentar suavizar a verdade.

Ele tentou falar, mas só balbuciava.

"Calma! Não fui eu que o matei. Ele adormeceu bêbado e causou o incêndio com uma lucerna."

"E agora?" ele perguntou, transtornado.

"Agora tens de ser um homem," disse, entregando-lhe o saco com a cabeça de Werthar. "Reclama a recompensa e começa uma nova vida."

O rapaz chorava, sem saber se era de tristeza ou alívio.

"Obrigado por tudo, não sei como lhe pagar..."

"Basta dizeres-me se conheces algum lugar onde possa descansar, sem guerras."

"Sim, conheço. Chama-se Narak, uma ilha no reino do mar. Há um barco que sai todos os dias do Porto da Madame. Procure a bandeira com um sino branco."

"Obrigado. Fica longe de confusões!" aconselhei, enquanto montava no cavalo e partia para o Porto da Madame.

Cavalguei até o nascer do sol, o corpo exausto e a mente atormentada pelos eventos. Soltei o cavalo na floresta, evitando o custo de dois bilhetes. Ao caminhar para o navio, retirei o capuz para diminuir a desconfiança do capitão.

"É este o barco que leva passageiros para Narak?" perguntei.

"É, mas não permitimos animais."

"O cão vem comigo. Posso pagar a mais," insisti.

"Não é questão de dinheiro. Já tivemos problemas com cães e cabras."

"Não vejo cabras, e o meu cão é bem-humorado." Coloquei duas moedas de ouro na mão do capitão. "Isso pagará meu bilhete e para fechar os olhos ao meu animal."

"Faça uma boa viagem," disse o capitão, guardando as moedas. Subi a bordo com Vanakh, ansioso para deixar para trás as dificuldades recentes, desejava um novo começo.

A viagem transcorreu tranquilamente, com os dias deslizando como folhas levadas pela brisa do mar. À medida que o barco cortava as ondas, eu contemplava o horizonte, perdido em pensamentos. Eu precisava desesperadamente de um refúgio, um lugar onde pudesse recomeçar, e Narak, com suas promessas de paz e prosperidade, parecia o lugar perfeito. Durante a viagem, ouvi histórias sobre a ilha. Diziam que tudo ali já foi terra firme, mas o grande aquecimento fragmentou a nação, transformando-a em um arquipélago de esperança e mistério. Ironicamente, seu antigo nome significava "estrada do porto", ou Braviruth na época da grande queda, quando o mar engoliu grande parte do continente.

Os marinheiros no barco eram uma fonte inesgotável de histórias. Falavam sobre monstros marinhos, tempestades avassaladoras e, claro, as riquezas que esperavam por aqueles corajosos o suficiente para se aventurar até Narak. Essas histórias, repletas de emoção e perigo, faziam meu coração bater mais rápido, uma antecipação crescente de que algo grandioso me aguardava.

Foi nessa ilha que redescobri a felicidade. Os habitantes, mestres no cultivo de oliveiras e vinhas, sustentavam um comércio naval próspero que havia sobrevivido à fragmentação da nação. As manhãs em Narak eram cheias de vida e movimento, com comerciantes

trazendo suas mercadorias para o mercado, e os aromas de especiarias, pão fresco e vinho enchendo o ar. Os campos verdes se estendiam até onde a vista alcançava, proporcionando uma sensação de abundância e segurança.

Trabalhei como agricultor, mas meus dotes de guerreiro logo me destacaram, tornando-me um soldado pago da família Kratanense. Minha tarefa era proteger os bens do armazém comercial, e essa posição me dava uma certa prestígio e estabilidade. O armazém era um ponto central de atividade, com mercadores de terras distantes trazendo tecidos, especiarias e ouro para negociar. Eu, e meu lobo fiel, Vanakh, retornar-nos figuras conhecidas na ilha. O simples avistar do meu lobo era suficiente para fazer com que os mais ousados reconsiderassem suas intenções.

Vanakh, com seu pelo branco brilhante e olhos penetrantes, era uma criatura de majestade e força. Nossa conexão era mais do que apenas companheirismo; era como se partilhássemos um entendimento silencioso, uma lealdade que transcendia palavras. Lutamos muitas vezes, mas a maior parte do dia era para descansar sob a sombra de um velho carvalho, enquanto Vanakh guardava o armazém com sua presença imponente.

Naquela ilha serena, encontrei a liberdade que há muito me escapava, deixando para trás um passado marcado pela tristeza e a sombra de um destino mortal. Em Narak, eu era mais do que um guerreiro; era parte de uma comunidade, parte de algo maior que eu. As tardes eram passadas nas tavernas locais, ouvindo os bardos cantarem histórias antigas, suas vozes misturando-se com o som das ondas batendo suavemente nas rochas da costa.

Foi numa dessas tardes que conheci o meu maior amor, e o passado voltou para me assombrar. Eu estava a cavalgar no bosque dos Carvalhos Antigos, com Vanakh ao meu lado, quando ouvi um grito agudo romper o silêncio da tarde. Imediatamente, senti meu coração acelerar e instiguei meu cavalo a apressar-se. Poucos instantes

depois, encontrei uma mulher caída entre as árvores.

Os seus cabelos eram como chamas ao vento, brilhando intensamente sob a luz do sol poente, enquanto os seus olhos verdes cintilavam como esmeraldas submersas em águas cristalinas. O impacto da sua beleza foi imediato e avassalador. Por um instante, o tempo pareceu suspender-se, e tudo que eu podia ouvir era o som do meu coração batendo forte no peito.

"Precisa de ajuda?" perguntei, a preocupação presente em cada sílaba, enquanto desmontava do cavalo. Minhas palavras eram sinceras, e a urgência em minha voz refletia um desejo profundo de protegê-la.

"Não, o meu cavalo assustou-se e eu acabei por torcer o pé," respondeu ela, a dor evidente na sua voz. Seu olhar, apesar do sofrimento, mantinha um brilho de determinação que apenas intensificava a aura de mistério que a rodeava.

Havia algo na maneira como ela falava, um toque de vulnerabilidade misturado com coragem, que me fez querer protegê-la. Aproximei-me com cuidado, mantendo um olhar gentil e tranquilizador. "Deixe-me ver o inchaço," sugeri, ajoelhando-me ao seu lado. Minhas mãos, calejadas pelo trabalho e pela batalha, foram surpreendentemente suaves ao tocar sua pele.

"Está a doer bastante," admitiu ela, com um suspiro, enquanto olhava nos meus olhos. O nosso olhar encontrou-se, e senti uma conexão imediata, uma chama de entendimento mútuo que aqueceu o ar ao nosso redor.

Sem hesitar, coloquei a mão sobre o tornozelo dela e murmurei palavras mágicas que ajudariam a aliviar a dor. Senti a magia fluir de mim para ela, e a gratidão em seus olhos aqueceu meu coração. "Obrigada," ela disse suavemente, o alívio evidente na sua expressão.

Ajudei-a a levantar-se, os nossos corpos próximos por um breve momento que pareceu se prolongar. "Moro no bairro baixo, perto do porto. Posso levá-la até lá," ofereci, enquanto a ajudava a montar no meu cavalo.

Enquanto cavalgávamos lentamente pelo bosque, a brisa suave trouxe o perfume dos seus cabelos até mim. O silêncio entre nós era confortável, carregado de uma expectativa silenciosa e promessas não ditas. Eu estava consciente de cada movimento dela, da maneira como ela se segurava com delicadeza, como se cada gesto fosse parte de uma dança subtil.

"Qual é o seu nome?" perguntei, enquanto tentava entender mais sobre esta mulher que já tinha capturado minha curiosidade e imaginação.

"Athena," ela respondeu, seu nome ressoando como música em meus ouvidos. "E o seu?"

"Akhárium," respondi, sentindo que aquele simples ato de partilha de nomes era o início de algo significativo. Havia uma magia nas nossas palavras, uma promessa de que este encontro era mais do que um simples acaso.

Chegamos à sua quinta, uma propriedade encantadora cercada por campos de trigo e cevada ondulando ao vento. Ao descer do cavalo, fomos recebidos por um homem robusto, visivelmente preocupado. Ele relaxou ao ver a filha, mas não antes de lançar-me um olhar avaliador.

"Quem é ele?" perguntou o pai, com a voz cheia de autoridade. Seus olhos estudaram-me com intensidade, avaliando cada detalhe, desde a forma como me portava até a maneira como falava.

"Ele ajudou-me quando caí," disse Athena, olhando-me com um sorriso que fez meu coração disparar. Havia uma gentileza em suas

palavras, um reconhecimento que dissipou qualquer desconfiança.

"Obrigado por cuidar da minha filha," disse o pai, agora com um tom de gratidão. Sua expressão suavizou, transformando-se de um guardião preocupado para um anfitrião grato.

"Foi um prazer," respondi, sorrindo de volta para Athena. Algo no modo como ela me olhava, a conexão silenciosa que partilhávamos, me deixou esperançoso para o futuro. Era como se, naquele breve encontro, tivéssemos encontrado algo que cada um procurava, uma promessa de novos começos e destinos entrelaçados.

Enquanto me despedia, não pude deixar de olhar para trás, capturando uma última imagem de Athena, iluminada pela luz suave do entardecer, como uma visão que prometia aventura e descoberta. Meu coração estava cheio de expectativa e, pela primeira vez em muito tempo, senti que estava exatamente onde deveria estar.

Ao voltar para casa, o pensamento em Athena persistia em minha mente. A conexão que senti, mesmo em nosso breve encontro, era algo raro e profundamente comovente. Enquanto bebia hidromel naquela noite, não consegui deixar de imaginar quando nos veríamos novamente. Sabia que queria conhecê-la melhor, descobrir os segredos por trás daqueles olhos verdes que pareciam esconder histórias antigas e inexploradas.

A noite estava escura e silenciosa quando me preparei para cavalgar até o armazém. Vanakh trotava ao meu lado, sua presença trazendo conforto e segurança. À medida que atravessávamos o bosque, fui tomado por um pressentimento, uma sensação inquietante que me fez apertar as rédeas. O farfalhudo das folhas e o suave uivar do vento criavam uma sinfonia sombria que ecoava no ar. Foi então que ouvi um barulho, como o estalo seco de um galho quebrando, vindo de dentro do bosque. Poderia ser um animal, mas algo me chamou a atenção, um murmúrio quase inaudível que despertou meu instinto de alerta.

Sem hesitar, desci do cavalo e, junto com Vanakh, segui o som através da vegetação espessa. O caminho era traiçoeiro, cada passo parecia me levar mais fundo numa selva de sombras e mistério. Encontrei uma clareira iluminada por uma luz pálida, onde uma cena aterradora se desenrolava: uma jovem amarrada a uma mesa cerimonial, cercada por figuras encapuçadas. Quatro Anupis, criaturas meio homem, meio chacal, seguravam espadas em forma de foice, seus olhos brilhando com uma malícia inumana.

Meu coração acelerou ao ver o perigo iminente, mas com ele veio uma determinação feroz. Preparei-me para o ataque, sinalizando para Vanakh avançar enquanto me movia para a direita, enquanto tentava criar uma abertura. Minha espada reluziu à luz da lua, e o som metálico de lâminas se chocando encheu o ar. Vanakh, uma visão de força selvagem, saltou sobre uma das criaturas, seus dentes brilhantes cravando-se na carne do inimigo.

Com uma precisão calculada, desferi um golpe contra a cabeça de uma das criaturas, mas ela se defendeu com uma força surpreendente. O embate foi intenso, e a resistência do Anupis me pegou desprevenido. Antes que eu pudesse reagir, uma segunda criatura atacou-me por trás, a sua espada rasgando parte do meu tronco e perfurando a cota de malha. A dor foi instantânea e excruciante, queimando como fogo em minhas veias.

Apesar do sofrimento, uma voz interna me empurrava a continuar. Eu sabia que desistir não era uma opção. Lutando para manter a compostura, alternava golpes com a minha espada e a minha lança, enquanto tentava ganhar vantagem sobre os inimigos. Os Anupis eram ferozes e coordenados, bloqueando meus ataques e contra-atacando com precisão mortal. A jovem, amarrada e aterrorizada, era uma lembrança constante do que estava em jogo.

A batalha era uma dança caótica de vida e morte. Minha mente trabalhava febril mente, enquanto procurava uma estratégia, uma forma de vencer contra aquelas criaturas de força descomunal.

Consegui finalmente perfurar uma das criaturas, que gritou de dor e me lançou para longe. Com a minha lança, desferi golpes numa dança de guerra, saltando e cortando a besta em pedaços. A luta era intensa, o sangue escorria por todo o lado, manchando a terra sob os nossos pés.

Ouvi a jovem gritar, o som perfurando o caos como uma flecha, e Vanakh rosar, sua fúria espelhando a minha. O mundo parecia encolher, reduzindo-se à clareira e às criaturas que a habitavam. Quando consegui matar uma das criaturas, outra veio por trás, levantando-me no ar com as suas garras afiadas. Ela olhou-me nos olhos, o seu rosto transbordando morte e intenção assassina, antes de me lançar contra uma árvore distante. O impacto quase me fez desmaiar, uma onda de dor se espalhando pelo meu corpo.

Deitado na terra fria, os meus ossos do peito estavam quebrados, e a dor era insuportável, uma lembrança cruel da minha mortalidade. A escuridão ameaçava engolir-me, mas em algum lugar dentro de mim, uma chama de determinação ainda queimava. Com dificuldade, lembrei-me de um antigo encantamento que minha mãe me ensinara. Peguei numa runa guardada na minha bota e proferi palavras de poder, a língua antiga fluindo como um rio de esperança. A magia, como um bálsamo invisível, curou parte dos meus ferimentos e deu-me forças para me levantar e lutar novamente.

Encarei a criatura que me atirara, sentindo uma raiva fervente crescendo em meu peito. Precisava de salvar a jovem, precisava deter o horror que se desenrolava diante de mim. Ao ouvir o grito desesperado da jovem, senti uma energia desconhecida percorrer o meu corpo, como se o próprio mundo estivesse respondendo ao meu chamado. O meu olhar tornou-se feroz, e o meu corpo, quente com uma força renovada.

Corri em direção à criatura e trespassei-a com a minha lança, um movimento rápido e decisivo que me encheu de uma satisfação selvagem. As outras vieram contra mim, mas desviei-me com rapidez,

a magia correndo através das minhas veias como um fluxo incessante de poder. Matei mais duas, cada golpe um testemunho da minha determinação e da vontade de proteger.

Os sacerdotes, percebendo a maré da batalha mudar, estavam prestes a completar o sacrifício. Lancei a minha faca com precisão mortal, matando um deles, e usei a minha lança para perfurar o outro. O angorá das armas cessou, e um silêncio pesado caiu sobre a clareira. Os restantes fugiram em desespero, suas formas desaparecendo na escuridão do bosque.

A jovem estava caída no altar, com um punhal negro cravado no peito. A visão dela naquele estado encheu-me de uma tristeza profunda, uma sensação de fracasso me envolvendo. "Como te chamas? Fala comigo..." implorei, a minha voz carregada de urgência e desespero.

Ela não respondeu, estava pálida e inconsciente. Sabia que ela estava condenada. O punhal negro causara a Morte Negra, uma maldição que apodrece os ossos e órgãos, levando a uma morte lenta e dolorosa. A única solução era arrancar-lhe o coração, um ato final de compaixão para poupar-lhe mais sofrimento.

Com lágrimas nos olhos e o coração pesado, cortei-lhe o peito e retirei o coração com as minhas mãos. O sangue quente escorreu, e senti a vida se esvaír do seu corpo. Preparei uma pira funerária e queimei o corpo ao amanhecer, permitindo que a sua alma fosse livre e estivesse com Jhan, o deus dos espíritos.

A morte da jovem pesava na minha mente, uma lembrança constante do custo do fracasso. Decidi investigar quem ela era, determinado a entregar as suas cinzas à família. Descobri que foram os próprios pais que a entregaram aos servos de Akstunuthá, uma revelação que inflamou a minha raiva.

Furioso, fui até a casa deles, a ira queimando em minhas veias

como fogo. Arrombei a porta com um chute, a madeira estilhaçando-se sob a força do meu golpe, e encarei-os com a minha espada, o aço frio refletindo a luz do dia. "Demónios dos infernos! Mataram a vossa própria filha... Como puderam?! Morrerão!" A minha voz era um trovão, cada palavra carregada de fúria e desespero.

"Mikerium de merda, não a matámos. Ela está com o Senhor das Trevas, o deus Akstunuthá. Ela é uma das suas esposas, e tu serás o nosso jantar." As palavras deles eram um veneno, cada sílaba gotejando com a loucura da devoção cega.

Os servos de Akstunuthá sacaram facas de cozinha e atacaram-me, suas intenções claras nos olhos insanos. Com dois golpes rápidos, cortei o homem ao meio e golpeei a mulher, que agonizou por alguns minutos. O som do seu sofrimento era um eco da minha própria dor.

"Mikerium, a tua ilha irá arder. O Senhor da Noite, o grande Akstunuthá, está próximo. Morrerás hoje mesmo." A mulher começou a brilhar intensamente, uma luz terrível que cresceu até explodir numa onda de energia, destruindo o bairro numa explosão de fogo e caos.

Fui socorrido horas depois, protegido pela minha magia, mas muitos inocentes morreram, suas vidas apagadas em um instante de loucura e destruição.

Na manhã seguinte, fui ao meu bar habitual, sozinho, com Vanakh, o meu fiel lobo, deitado à porta, guardando o lugar como sempre fazia. Enquanto saboreava uma caneca de cerveja, a voz suave e melodiosa de Athena, como uma brisa de primavera, chamou-me a atenção.

"Olá, Akhárium..."

Virei-me, surpreso ao ver Athena, a bela e encantadora mulher que havia ajudado recentemente. Ela estava mais radiante do que

nunca, com um brilho nos olhos que me deixou imediatamente cativado.

"Olá... Mas como sabes o meu nome?"

Ela sorriu, aquele tipo de sorriso que derrete qualquer resistência. "Por favor, trata-me por tu. Andei a investigar-te..."

O meu coração acelerou, um misto de curiosidade e emoção. A sua voz doce, tímida, mas atrevida, tocou-me profundamente, quebrando qualquer barreira que eu pudesse ter erguido.

"E o que mais sabes sobre mim?" perguntei, enquanto tentava manter a compostura.

"Sei que gostas de cerveja, tens um lobo fiel que te segue para todo o lado, trabalhas como soldado pago e, acima de tudo, sei que gostarias de beber um copo comigo."

"Isso é um convite?"

"Sim," disse Athena, sorrindo, com um brilho travesso nos olhos. "Vamos?"

Fomos para uma mesa mais reservada, e para minha surpresa, Athena pediu hidromel, uma bebida forte, e não algo mais suave como eu esperaria de alguém tão delicada. Conversámos sobre a vida, sobre os sonhos e as desilusões, enquanto eu, ainda receoso, evitava contar detalhes muito pessoais. No entanto, havia algo na sua presença que me fazia querer abrir-me mais do que jamais fizera.

A tarde passou rápida, perdida em conversas e risos, e ao anoitecer, o som distante de uma coruja alertou-nos para a passagem do tempo, recordando-nos de que havia um mundo lá fora que continuava a girar.

"Athena, conheço um lugar mágico. Não é longe daqui, mas é tão

belo que parece o próprio Vhalaium, o céu dos céus," disse, sentindo uma ousadia repentina.

"Claro, a boa companhia num lugar tão mágico é algo que não posso recusar," respondeu ela, com um sorriso que iluminava mais do que qualquer sol poente.

Montámos os nossos cavalos e cavalgámos pela vila, com suas casas de mármore reluzentes e cores vibrantes que pareciam ganhar vida sob o céu estrelado. O som dos cascos ecoava suavemente enquanto seguíamos por caminhos que pareciam feitos para nós dois.

Chegámos a um penhasco com vista para o oceano, onde as águas estreladas dançavam sob a luz da lua. A brisa fresca acariciava os nossos corpos, fazendo as vestes de Athena dançarem ao sabor do vento, como se o próprio mar estivesse aplaudindo o nosso encontro.

"Aqui é tão lindo. Não sei como nunca conheci este lugar..." disse Athena, maravilhada.

"Não te espantes. Foi Vanakh quem descobriu enquanto perseguia um coelho," brinquei, enquanto tentava disfarçar o quanto estava encantado por ela.

Rimos da situação, e pude ver de perto os seus lábios desenhados, adornados com uma pintura roxa que contrastava lindamente com o seu sorriso.

"Pelo menos descobriste um local maravilhoso," comentou ela, os olhos brilhando com uma mistura de diversão e ternura.

"Sim, mas descobri algo ainda mais mágico hoje."

"O quê?"

"Tu!"

Aproximei-me e, com um gesto suave, beijei-a. Uma onda de luz pareceu explodir no horizonte, iluminando os golfinhos que nadavam em sincronia com o nosso momento. Olhei para Athena e sorri, o coração transbordando de uma felicidade que parecia não ter fim.

"Está na hora..." murmurei, quase perdido no momento.

"De quê?" perguntou Athena, a curiosidade dançando em seus olhos.

Como se em resposta, os Saltadores, pequenas criaturas luminosas, começaram o seu espetáculo. Saltavam da água, deixando rastros de luz que cortavam a escuridão como estrelas cadentes. Os golfinhos juntaram-se à dança, iluminados como se estivessem em fogo azul, criando uma cena de beleza indescritível. Athena ria maravilhada com o espetáculo, e o som da sua felicidade ecoava na noite, transformando tudo num momento verdadeiramente mágico.

Cavalgámos de volta à sua casa ao nascer do sol, a beleza do lugar apenas rivalizada pela companhia que mantínhamos. Antes de partir, olhei-lhe nos olhos, desejando que o tempo parasse ali.

"Athena, quero voltar a ver-te, ou esquecer-te... Não consigo viver sem ti, ou com este sentimento não correspondido," confessei, a sinceridade em cada palavra.

"Meu amor, não consigo parar de pensar em ti desde o dia que nos conhecemos. Já te amava no meu coração. Vamos encontrar-nos dentro de dias. Agora tenho de ir, o meu pai já deve estar furioso," respondeu ela, com uma ternura que me fez sentir que tudo era possível.

Parti com o meu cavalo e Vanakh, o lobo fiel que parecia entender mais do que eu esperava. Ele olhou-me como se partilhasse do meu segredo, da minha esperança. "Um dia também vais encontrar uma loba," brinquei, acariciando a sua cabeça enquanto seguíamos

caminho, a promessa de novos encontros e novas aventuras iluminando o horizonte.

Os encontros entre Athena e eu tornaram-se cada vez mais frequentes, uma sequência secreta de momentos preciosos escondidos do mundo, sussurrados entre o vento e as sombras das árvores que nos abrigavam. Nossa relação, semelhante a uma flor delicada crescendo em meio às rochas, era vista com desconfiança pelos seus pais, que viam em mim apenas um guerreiro errante, uma alma inquieta em busca de paz. Mas o amor, essa força indomável que transcende barreiras e convenções, guiava-nos com a certeza de que pertencíamos um ao outro, apesar de todas as adversidades.

A ilha pulsava com uma energia vibrante, e era impossível ignorar a vida que florescia a cada esquina. No dia de Pako, o deus da alegria e da boa comida, padroeiro da ilha, as festividades inundaram as ruas com um fervor colorido. As procissões desfilavam em um esplendor de máscaras e vestes vibrantes, enquanto o ar estava impregnado com o aroma doce do vinho e a música que emanava de cada canto, envolvendo-nos em um abraço efusivo de celebração. Era como se o próprio universo estivesse conspirando para unir nossos corações naquela noite mágica.

As ruas estavam cheias de risos e alegria, e o som dos tambores reverberava nas paredes das casas, transformando a vila em um verdadeiro teatro de sonhos e promessas. Entre as luzes cintilantes das lanternas e o murmúrio alegre da multidão, Athena encontrou-me, puxando-me para si com um sorriso que iluminava mais do que qualquer chama. Seus olhos brilhavam como estrelas perdidas na imensidão da noite, e, sem hesitação, ela beijou-me com uma paixão que fez o mundo ao nosso redor desaparecer. "Já não conheces a tua mulher?" perguntou, um sorriso travesso dançando em seus lábios, enquanto a melodia da sua voz acariciava minha alma.

"Claro que conheço. Beijar-te é inconfundível," respondi, sentindo a familiaridade daquele toque que trazia consigo a promessa de

eternidade. E ali, no calor do momento, percebi que cada beijo era uma redescoberta, um novo capítulo em nossa história de amor.

Festejámos, bebemos e rimos até a noite cair sobre nós como um manto de estrelas. A dor e a dúvida que por vezes assombravam o meu coração dissiparam-se como névoa ao sol, substituídas por uma alegria pura e inabalável. A cada sorriso de Athena, sentia-me mais leve, como se suas palavras e gestos tivessem o poder de curar feridas invisíveis que eu carregava.

À medida que a noite avançava, as estrelas surgiam, uma a uma, no vasto manto escuro do céu, cada uma refletindo o brilho dos nossos sonhos e desejos. Encontramos nosso caminho para um campo de terra vermelha, um refúgio secreto onde a magia do momento podia desabrochar sem restrições, longe dos olhos vigilantes do mundo.

"Vamos fazer amor," disse Athena, a doçura de seu desejo refletida em seu olhar, enquanto a lua lançava sua luz suave sobre nós, transformando a terra em um santuário de intimidade. Suas palavras eram um convite irresistível, uma promessa de entrega e confiança.

"Sim, eu quero," respondi, a timidez cedendo lugar a uma determinação silenciosa, consciente da importância do momento que se desenrolava diante de nós. Naquele solo macio, envoltos pela serenidade da noite, entrevíamos-nos um ao outro. A terra, testemunha silenciosa de nosso amor, acolheu-nos com ternura. Athena, que ainda guardava o selo da inocência, ofereceu-me sua pureza, e embora o sangue de sua primeira vez tenha manchado a terra, foi o prazer que reinou soberano em seus sentidos.

Cavalgámos juntos até o amanhecer, unidos numa dança de corpos e almas, e quando os primeiros raios de sol tingiram o horizonte, ela sussurrou: "A minha primeira vez teria de ser contigo." Suas palavras foram como um bálsamo para minha alma, fortalecendo o laço que nos unia. Sentia que aquele momento havia solidificado nossa união, criando um vínculo indestrutível que resistiria ao tempo

e às dificuldades.

No entanto, a vida tem suas próprias maneiras de testar os corações mais fortes. Tivemos de fugir quando um agricultor se aproximou, mas até a pressa da fuga transformou-se em um jogo de risos e liberdade. Corremos nus pelo bosque, com as nossas roupas apertadas contra o peito. Encontramos abrigo numa clareira escondida entre as árvores centenárias, onde a luz suave filtrada pelo dossel verde nos envolveu em um abraço tranquilizador, como se a própria natureza nos protegesse de qualquer julgamento.

Ali, deitados sob o céu, compartilhámos sonhos e esperanças, sussurrando segredos que apenas o silêncio da noite poderia guardar. A companhia de Athena era como uma brisa refrescante em um dia quente, uma presença que acalmava minha alma e me dava coragem para enfrentar qualquer desafio que o futuro pudesse nos impor.

Com o coração cheio de promessas e o espírito renovado, acompanhei Athena de volta à sua casa. O caminho de volta foi marcado por passos que falavam de amor e compromisso, uma trilha invisível que nos ligava de forma indelével. Com um olhar de despedida cheio de promessas não ditas, parti, levando comigo a certeza de que, apesar de todas as adversidades, o nosso amor era uma chama que queimava intensamente, destinada a iluminar os nossos caminhos e superar as sombras que pudessem nos desafiar.

À medida que o sol despontava no horizonte, trazendo consigo um novo dia, sabia que nossa história estava apenas começando. Estávamos prontos para enfrentar os desafios que surgiriam, confiantes de que nosso amor nos guiaria através de qualquer escuridão, como um farol brilhante em meio a um mar tempestuoso. Nossa relação, ainda vista com desconfiança pelos pais de Athena, florescia nas sombras, protegida pelo véu da noite e pelas árvores que testemunhavam os nossos encontros secretos. Cada encontro era uma dança de emoções e sorrisos, mas também de silêncios e dúvidas, uma celebração silenciosa de um amor que desafiava as regras do mundo

ao nosso redor.

Contravenhamo-nos frequentemente na pequena clareira onde costumávamos refugiar-nos, longe dos olhares críticos e das vozes que não compreendiam a profundidade do que compartilhávamos. Ali, sob o céu estrelado, partilhávamos sonhos e esperanças, mas também medos e inseguranças. As estrelas, cúmplices silenciosas, piscavam como se compreendessem as complexidades do nosso coração.

Athena tinha um espírito livre e curioso, e suas ideias desafiavam-me a ver o mundo sob uma nova luz. Com ela, comecei a perceber que as minhas cicatrizes do passado eram menos pesadas. Muitas vezes, caminhávamos de mãos dadas pela floresta, rindo de pequenas tolices, mas havia momentos em que as sombras do meu passado se insinuavam, trazendo à tona a frieza que cultivara para sobreviver.

À medida que os dias passavam, eu sentia que o meu coração começava a abrir-se para possibilidades que antes julgara incalcináveis. Viver na abadia tinha-me ensinado a endurecer, a esconder as minhas fraquezas. Fui treinado para ser um guerreiro, um defensor destinado a enfrentar Akstunuthá, o deus dos infernos, uma missão que me fora imposta sem escolha. No entanto, com Athena, estava a aprender que a força não residia apenas na capacidade de empunhar uma espada, mas também na coragem de abrir o coração.

"Akhárium, às vezes parece que estás longe, mesmo quando estás ao meu lado," Athena disse numa noite, os seus olhos procurando os meus. Havia uma vulnerabilidade na sua voz que me tocava profundamente.

Eu sabia a que ela se referia. Havia um espaço dentro de mim, um vazio deixado pelos anos na abadia, treinando para um destino que eu não escolhera. A revelação de que os abades, aqueles que me criaram, eram também os responsáveis pela morte dos meus pais era um peso constante. "Há dias em que o meu passado me sufoca," confessei, a voz carregada de emoção contida. "Sinto-me um estranho na minha

própria vida."

"Não precisas carregar isso sozinho," Athena insistiu, a frustração e a compaixão misturadas em sua voz. "Quero estar ao teu lado, mas preciso que te abras para mim."

Era difícil para mim, acostumado à reserva e à frieza como formas de proteção. Ainda assim, cada encontro com Athena era uma lição de vulnerabilidade. "Estou a tentar," admiti, sabendo que as minhas palavras eram apenas o começo de um longo caminho. Ela estendeu a mão e tocou meu rosto, um gesto que me acalmou de uma forma que eu não sabia precisar. Em seus olhos, eu via a promessa de que o amor poderia curar até as feridas mais profundas.

Houve momentos em que a nossa relação parecia ser testada. Athena, com seu espírito vibrante e expectativas de um amor sem barreiras, às vezes ficava chateada com o meu silêncio ou a minha dificuldade em partilhar os sentimentos. "Não posso ser a única a lutar por nós," ela disse uma vez, a voz firme mas cheia de mágoa.

"Eu sei, e odeio quando te dececiono," respondi, a lutar contra o impulso de me fechar. "Mas este é um caminho novo para mim. Aprendi a não confiar, a não sentir, e agora estou a aprender a ser diferente." Havia algo na sua presença que me fazia querer ser um homem melhor, que me forçava a enfrentar os meus medos em vez de fugir deles.

Apesar dessas dificuldades, cada discussão e reconciliação era uma parte essencial do nosso crescimento. Aprendi que o amor verdadeiro não é isento de conflitos, mas sim definido pela forma como escolhemos enfrentá-los juntos. Com Athena, comecei a descobrir uma força interior que nunca soube que possuía, uma força que não vinha apenas da espada, mas do coração.

Ainda assim, havia momentos de frustração, quando a sombra do meu passado ameaçava obscurecer a luz do nosso presente. Numa

tarde, enquanto estávamos sentados à beira de um riacho, Athena olhou para mim com uma expressão séria. "Porque não falas mais sobre o que aconteceu na abadia?"

"Ainda é difícil para mim," admiti, desviando o olhar para o fluxo constante da água. "É como um fantasma que não consigo exorcizar."

"Apenas fala comigo," ela incentivou, sua mão pousando suavemente sobre a minha. "Compartilha um pouco desse fardo comigo."

Suspirei, sentindo o peso do que tinha de partilhar. "Os abades eram como pais para mim," comecei, a voz hesitante. "Mas quando descobri a verdade, foi como se o chão tivesse desaparecido sob os meus pés. Eles criaram-me para ser um instrumento da sua profecia, mas também foram os assassinos dos meus verdadeiros pais."

Athena escutava atentamente, a sua presença um apoio constante. "Eras apenas uma criança," disse ela, o seu tom gentil mas firme. "Eles usaram-te, mas isso não define quem és agora."

Com o tempo, percebi que não precisava enfrentar esses fantasmas sozinho. Athena estava lá, uma âncora que me impedia de me afogar em memórias dolorosas. Aos poucos, a confiança entre nós crescia, cada partilha um passo para a cura.

Apesar dos desafios, havia uma simplicidade encantadora nos nossos momentos juntos que tornava cada dia especial. Em uma manhã clara, decidimos visitar uma pequena cascata que Athena havia descoberto. O som da água a bater nas rochas era uma melodia suave que nos convidava a esquecer, ainda que brevemente, o mundo lá fora.

"Vamos nadar," sugeriu Athena, um sorriso travesso iluminando o seu rosto. Havia uma liberdade nas suas ações, uma coragem que eu admirava e tentava emular. A corrente era fria, mas a presença dela

aquecia cada instante. Enquanto nadávamos, senti que, com ela, poderia finalmente encontrar uma parte de mim que acreditava ter perdido.

"És a única que me faz sentir vivo," disse-lhe, a sinceridade clara na minha voz.

"És mais do que o teu passado," Athena respondeu, envolvendo-me num abraço que prometia aceitação incondicional. A segurança do seu amor era um bálsamo para a minha alma, uma promessa de que não estava sozinho nesta jornada.

Após o banho, deflitamo-nos na margem, secando sob o sol caloroso. Athena deitou-se sobre o meu peito, traçando padrões invisíveis na minha pele com a ponta dos dedos. "Sinto-me tão feliz," murmurou, quase como um segredo que apenas nós partilhávamos.

"Sinto o mesmo," respondi, passando os dedos pelos seus cabelos húmidos, maravilhado com a simplicidade de estar assim, juntos, em harmonia com a natureza. Ali, com Athena, o meu coração aprendia a abrir-se, e eu percebia que havia mais na vida do que apenas o dever e o destino.

Apesar da felicidade que encontrávamos juntos, a realidade de nossa situação nunca estava muito longe. Os pais de Athena, ainda presos às convenções e expectativas da sociedade, não aprovavam nossa relação. Para eles, eu era um guerreiro errante, alguém que não podia oferecer a segurança e o futuro que desejavam para a sua filha. Mal sabiam eles que eu carregava um passado sombrio, marcado pela traição e pela perda.

A desaprovação deles era um peso constante nas nossas mentes. Athena, determinada e resoluta, enfrentava as críticas com uma graça inabalável. "O que sentimos é real, e isso é tudo o que importa," dizia ela, os olhos firmes e cheios de convicção. Mas havia momentos em que o seu espírito indomável era testado, quando a pressão dos seus

pais parecia ser demais.

Houve ocasiões em que Athena voltava para casa após os nossos encontros com os olhos cheios de lágrimas, não de arrependimento, mas de frustração por não ser compreendida pelos que amava. "Quero que vejam o que eu vejo em ti," confessava, enquanto eu a segurava nos braços, oferecendo o conforto que podia.

"Um dia, eles verão o que vejo em ti," eu assegurava, acreditando que o tempo traria a aceitação que tanto desejávamos. Havia em nós uma esperança de que, eventualmente, o nosso amor seria reconhecido pelo que era: uma força poderosa e pura, impossível de ser negada. Para mim, o amor de Athena era a chave para superar as trevas do meu passado e encontrar a redenção.

Apesar dos olhares de reprovação e das palavras sussurradas por aqueles que não compreendiam, o nosso amor crescia em força e profundidade. Nos dias em que não podíamos ver-nos, trocávamos cartas secretas, cada palavra uma declaração de amor e esperança. Essas cartas, escondidas em locais conhecidos apenas por nós dois, eram um tesouro que guardávamos com carinho.

Em uma dessas cartas, Athena escreveu: "Quando estamos juntos, sinto que o mundo se torna um lugar mais brilhante. Acredito que, juntos, podemos enfrentar qualquer desafio que o destino nos reserve. És a minha luz, e não há escuridão que nos possa separar." Estas palavras enchiam-me de uma determinação renovada, e cada encontro, embora breve, era como uma âncora que nos mantinha firmemente enraizados no amor que partilhávamos. Havia momentos em que nos encontrávamos sob a figueira onde tantas promessas foram feitas, e ali, envoltos pela natureza, sentíamos a verdade do nosso laço.

Certa vez, numa tarde quente de verão, enquanto o sol lançava seus raios dourados sobre o mundo, encontramos refúgio à sombra de uma velha figueira. Ali, longe dos olhares curiosos, partilhámos

histórias de infância, memórias que nos moldaram e nos tornaram quem éramos. Cada revelação, cada detalhe, era como uma nova peça no quebra-cabeça de nossas vidas compartilhadas.

"Gostaria que os dias durassem para sempre," murmurei, enquanto o calor do dia se fundia em um suave crepúsculo.

"Enquanto estivermos juntos, o tempo não importa," Athena respondeu, seus olhos refletindo o brilho suave das estrelas que começavam a aparecer no céu.

Durante esses encontros, fazíamos planos para o futuro, sonhando com uma vida onde o nosso amor pudesse florescer livremente. Athena falava sobre abrir uma pequena livraria, um espaço onde os sonhos e as histórias poderiam se encontrar. "Quero um lugar onde as pessoas possam se perder em palavras e ideias," dizia, a voz cheia de paixão.

"E eu estaria ao teu lado, ajudando a construir esse sonho," prometi, vendo a visão dela como parte do nosso futuro comum. "Imagino-me a escrever histórias que tu poderias partilhar com o mundo."

Esses sonhos tornavam-se uma rede invisível que nos unia, fortalecendo-nos contra os ventos da dúvida e do preconceito. Sabíamos que o caminho à nossa frente era incerto, mas a certeza do nosso amor era o suficiente para nos guiar. Para mim, cada passo dado ao lado de Athena era uma confirmação de que estava a percorrer o caminho certo.

Com o passar do tempo, a ideia de formalizar a nossa união tornou-se irresistível. Sabíamos que, para muitos, o nosso amor seria visto como imprudente ou impulsivo, mas para nós, era a única verdade que conhecíamos. Decidimos casar-nos, não como um desafio ao mundo, mas como uma promessa íntima de amor eterno.

Uma noite, sob o manto das estrelas e com o vento sussurrando segredos antigos, contravenhamo-nos com um druida, amigo de longa data que havia concordado em nos unir. A cerimónia foi simples, sem testemunhas, apenas nós dois, o druida e a natureza ao nosso redor. Ali, diante dela, prometi a mim mesmo que faria de tudo para honrar o amor que nos unia.

Athena vestia um vestido simples mas elegante, adornado com flores que colhera. Eu, na minha melhor túnica, sentia-me o homem mais sortudo do mundo ao vê-la caminhar em minha direção. "Athena, prometo ser teu amigo, teu amante e teu companheiro, hoje e sempre," disse, a voz firme e clara.

"Akhárium, prometo caminhar ao teu lado, partilhar os teus sonhos e construir o nosso futuro juntos," ela respondeu, a voz suave mas cheia de determinação.

Ao trocarmos votos, senti que cada palavra era um laço que nos unia mais profundamente, uma promessa de estar ao lado dela, em tempos de alegria e dificuldade. Quando as palavras foram ditas, senti uma paz e uma certeza que nunca havia experimentado. Sabíamos que, apesar das dificuldades, estávamos preparados para enfrentar o mundo juntos.

Com o nosso casamento secreto, havia uma nova sensação de propósito e pertença. Continuámos a encontrar-nos às escondidas, mas agora havia uma confiança tranquila no nosso amor, um conhecimento de que, juntos, poderíamos enfrentar qualquer desafio que a vida nos apresentasse. Os dias passavam como um rio suave, e cada momento era uma nova descoberta, uma nova história a ser contada. Na calada da noite, fazíamos planos para o futuro, sonhando com uma vida onde o nosso amor pudesse florescer livremente.

Apesar das dificuldades e dos olhares desconfiados, o nosso amor permanecia inabalável. Sabíamos que a aceitação dos outros era algo que poderia nunca vir, mas isso não importava. O que importava era o

que partilhávamos, o laço invisível que nos mantinha unidos.

Houve momentos em que a realidade ameaçava romper o nosso idílico. As tensões na ilha aumentavam, com rumores de conflitos iminentes. Sabíamos que o nosso tempo juntos poderia ser interrompido a qualquer momento, mas essa incerteza apenas reforçava o nosso desejo de viver cada instante ao máximo.

Uma noite, enquanto nos abraçávamos sob as estrelas, Athena perguntou: "O que faremos se a guerra vier até nós?"

"Ficaremos juntos," respondi, a voz firme com a certeza de quem havia tomado uma decisão irrevogável. "Não importa o que aconteça, enfrentaremos tudo lado a lado."

"Contigo, sinto-me capaz de enfrentar qualquer coisa," ela sussurrou, aninhando-se ainda mais nos meus braços.

Com o passar dos dias, a nossa ligação apenas se fortalecia. Encontrávamos alegria nas pequenas coisas: uma flor a desabrochar, o canto de um pássaro ao amanhecer, o calor de um abraço quando o mundo parecia querer desmoronar. Para muitos, éramos apenas dois jovens tolos, mas para nós, a nossa história era a mais pura verdade.

Naquela clareira escondida, sob o céu que testemunhara o nosso compromisso, sabíamos que estaríamos sempre juntos, prontos para enfrentar qualquer tempestade com a força do nosso amor. Com Athena ao meu lado, eu estava finalmente a descobrir que ser um guerreiro não significava apenas enfrentar monstros, mas também aceitar a vulnerabilidade do coração humano.

Enquanto caminhávamos lado a lado por um campo de flores silvestres, Athena confidenciou-me algo que há muito pesava em seu coração. "Sabes, Akhárium," disse ela, a sua voz suave como o vento que acariciava os nossos rostos, "sempre achei que o amor me traria segurança, mas contigo, sinto que me empurra para além dos meus

limites. É assustador e ao mesmo tempo maravilhoso."

Olhei para ela, tocado pela sinceridade da sua confissão. "Eu também sinto isso," admiti, as palavras escapando mais sinceras do que eu pretendia. "Sempre fui ensinado a ser forte, a não mostrar fraqueza, mas tu mostras-me que a verdadeira força está em admitir quando precisamos de ajuda, quando temos medo."

Athena parou, fitando-me nos olhos, tentava entender as profundezas do meu ser. "Medo?" perguntou, a incredulidade na sua voz. "Do que tens medo, Akhárium?"

Suspirei, sentindo o peso das palavras antes de pronunciá-las. "Medo de perder-te," confessei, a verdade da minha declaração ressoando na quietude ao nosso redor. "Medo de que o meu passado me alcance e destrua o que estamos a construir."

Athena sorriu, um sorriso que me deu esperança. "Não vais perder-me," prometeu, com uma certeza inabalável. "Enfrentaremos os teus medos juntos. O passado é apenas uma sombra que podemos dissipar com a luz do presente."

Essas palavras eram exatamente o que eu precisava ouvir. Com ela ao meu lado, sentia que podia enfrentar qualquer coisa. Mas, sabia que os desafios eram inevitáveis. A ilha estava a encher-se de rumores de guerra, uma tensão palpável que ameaçava romper a nossa bolha de felicidade.

Certa noite, enquanto observávamos as estrelas, Athena perguntou: "O que faremos se a guerra chegar até nós?"

"Ficaremos juntos," disse-lhe, determinado. "Sempre lutei para proteger o que é importante para mim, e tu és o que tenho de mais valioso."

Ela hesitou, depois disse, "Às vezes, tenho medo. Não da guerra

em si, mas do que ela pode fazer connosco, com aquilo que estamos a construir."

"Sinto o mesmo," confessei, apertando-a contra mim. "Mas acredito que a nossa força está no que construímos juntos. Sei que sou mais forte contigo do que jamais seria sozinho."

Athena inclinou a cabeça, pensativa. "Acredito em nós, Akháríum. Mas precisamos estar preparados. Não quero que o nosso amor seja apenas um sonho bonito que se desfaça com a primeira ameaça."

Aquelas palavras tocavam-me profundamente, lembrando-me que o amor não é apenas momentos de alegria, mas também a decisão constante de lutar por aquilo que é verdadeiro e significativo. Estávamos a criar algo duradouro, e sabíamos que o mundo poderia testar a nossa união.

Foi numa dessas noites, enquanto estávamos deitados à beira do lago, que decidi falar-lhe sobre os meus planos. "Athena," comecei, hesitante, "não quero apenas sonhar com um futuro contigo. Quero construí-lo."

Ela olhou para mim, surpresa, mas com carinho. "O que estás a dizer, Akháríum?"

"Quero começar a nossa vida juntos de verdade," disse, sentindo o peso da decisão. "Sei que somos jovens, mas sinto que é o momento certo."

Athena sorriu, a sua alegria iluminando a noite. "Também sinto isso," respondeu ela, com amor na voz. "Quero partilhar a minha vida contigo, não importa onde o caminho nos leve."

Os meses passaram como uma marcha incessante de escuridão e sofrimento, cada dia trazendo consigo o peso esmagador do cerco que se estendia como um pesadelo sem fim. Narak, uma ilha outrora

pacífica, encontrava-se envolta em desespero. Os Cervus, com as suas tropas implacáveis e armamento devastador, cercavam-nos com uma precisão cruel e metódica, desconhecendo limites. O amanhecer, que outrora trazia esperança, agora anunciava uma nova vaga de destruição.

Os navios inimigos, de velas negras e adornos sinistros, surgiam ao longo da costa, despejando hordas de soldados como uma maré impiedosa e interminável. A cada dia, o som ameaçador das catapultas lançando pesadas bolas de ferro contra as muralhas tornava-se um sinistro refrão, jamais menos aterrador. A cada impacto, as pedras tremiam, fragmentando-se sob a pressão incansável, abrindo brechas que ameaçavam a integridade das nossas defesas.

As muralhas de Narak, antes orgulhosas e imponentes, começavam a ceder sob o peso incessante dos ataques. Desesperados, tentávamos reparar as brechas enquanto os ataques continuavam implacáveis. As catapultas e aríetes que empregávamos em defesa lançavam uma chuva de flechas e bolas de fogo sobre os inimigos, mas a destruição dos seus navios era meramente uma gota no vasto oceano da nossa batalha pela sobrevivência.

Foi numa manhã fria e cinzenta que uma bola de ferro encontrou, finalmente, um ponto fraco nas muralhas. A explosão foi de uma brutalidade esmagadora. A barreira sólida despedaçou-se numa nuvem de pó, sangue e gritos. O estrondo fez com que a terra tremesse sob os pés de todos, e a brecha era tudo o que os Cervus necessitavam para irromper com uma fúria imparável.

O cenário transformou-se num caos absoluto. Os Cervus, armados até aos dentes com armaduras negras e espadas reluzentes, avançaram com uma brutalidade que parecia desumana. Os defensores, com uma bravura quase desesperada, lutavam ferozmente, mas cada avanço do inimigo era um golpe devastador na nossa resistência. O campo de batalha tornou-se um panorama dantesco de sangue, carne e desespero. O angorá das espadas a chocar, os gritos dos feridos e o

odor de sangue e fumaça compunham uma sinfonia de horror.

No centro deste inferno estava eu, com a minha fiel lança e o lobo companheiro, Vanakh. Cada golpe meu era uma dança frenética entre a vida e a morte, enquanto cortava através da carne e dos ossos dos inimigos. A cada movimento, sentia o peso da responsabilidade, o fardo da liderança. O suor escorria pelo meu rosto, misturando-se com a poeira e o sangue até se tornar uma pasta cinzenta e suja. A batalha era um turbilhão de forças e instintos de sobrevivência, onde cada momento exigia uma concentração extenuante para me manter vivo.

Soldados inimigos, mal treinados mas abundantes, cercavam-me com lanças e espadas, uma muralha de intenções homicidas.

defendia-me com todas as minhas forças, embora a vantagem numérica dos Cervus me esmagasse lentamente. Mesmo com a minha destreza superior, a quantidade de inimigos tornava cada movimento uma batalha desesperada por espaço e fôlego.

De repente, uma dor aguda cortou-me como um raio. Uma espada inimiga rasgou a minha cota de malha, abrindo uma ferida profunda no meu flanco. O tempo parou por um momento. O meu adversário olhou para mim, não com a raiva que eu esperava, mas com um medo visceral da sua própria mortalidade. Nessa fração de segundo, senti o mundo à minha volta abrandar, o zumbido ensurdecedor da batalha a pressionar os meus ouvidos.

Com um grito de determinação, cravei a minha espada na cabeça do inimigo, o aço penetrando o elmo como um trovão silencioso. Mas a dor da minha ferida trouxe-me de volta à realidade caótica do campo de batalha. Sabia que precisava de agir rapidamente ou sucumbiria. O sangue quente escorria pelo meu corpo, tingindo a terra sob os meus pés.

Apoiado na minha lança, oscilava entre a determinação e a exaustão. Com um esforço titânico, avistei um pedaço de madeira em

chamas caído perto de mim. Sem pensar duas vezes, agarrei-o e pressionei-o contra a ferida aberta. O grito de agonia que escapou dos meus lábios foi engolido pelo clamor da batalha. A dor era insuportável, mas caracterizou a ferida, impedindo a hemorragia.

No auge da minha angústia, avistei um dos generais dos Cervus, isolado no tumulto. A oportunidade estava à minha frente, uma chance de virar a maré. Com uma determinação feroz, arremessei a minha lança com todas as forças restantes. A arma atravessou o espaço como um relâmpago e acertou o general no pescoço. O impacto foi devastador, derrubando-o com a rapidez de uma tempestade.

O terror espalhou-se entre os soldados ao verem o seu líder tombar. O sangue manchava o chão, formando um rio de desespero. Crianças, mulheres e homens, velhos e jovens, jaziam espalhados, suas vidas ceifadas pela brutalidade impiedosa dos Cervus. A selvageria do inimigo era incompreensível, uma fúria cega que não poupava ninguém. Gritos de retirada ecoaram entre os nossos, enquanto os sobreviventes buscavam refúgio na grande Acrópole, uma fortaleza antiga com muralhas tão altas quanto os penhascos que circundavam a ilha, e tão espessas quanto montanhas.

Durante meses, resistimos com todas as forças que nos restavam. As paredes altas da nossa fortaleza eram a nossa última linha de defesa, mas a realidade era implacável. O cerco dos Cervus transformou-se num pesadelo que parecia interminável, sufocando-nos com a sua presença constante. O nosso plano, embora simples, começava a parecer uma fantasia: aguentar até que alguma ilha amiga nos enviasse socorro, ou até que os Cervus desistissem. No entanto, com cada dia que passava, a situação tornava-se mais desesperadora.

As doenças começaram a proliferar como uma praga, ceifando vidas sem distinção. A peste era imparável, infiltrando-se em cada recanto da nossa resistência. A fome corroía-nos por dentro, esgotando as nossas forças. O desespero pairava no ar como uma nuvem negra, e o seu peso esmagava a nossa determinação. Os poucos que tentaram

render-se foram executados sem piedade, uma demonstração brutal do que nos esperava se falhássemos.

A cada dia, a minha alma era consumida por uma angústia crescente. Sentia-me responsável por todos aqueles que olhavam para mim em busca de esperança. Na calada da noite, enquanto os outros dormiam, lutava contra os meus próprios demónios. Sabia que tinha de tomar uma decisão, mas o medo do desconhecido paralisava-me. Eu, que fora treinado para enfrentar monstros, agora confrontava a mais terrível das batalhas: aquela que se travava dentro de mim.

Num momento de desespero, subi à torre de menagem, olhando para o céu em busca de respostas. A minha voz ecoou pela noite, carregada de frustração e raiva:

"Por todos os deuses dos cinco céus, que raio querem de nós?"

Do meio do exército inimigo, uma voz respondeu, fria e impiedosa:

"Queremos a morte de todos! Só assim agradaremos o nosso Senhor."

Essas palavras ressoaram na minha mente, desafiando tudo o que eu acreditava. Como poderiam aqueles homens seguir um mestre que apenas desejava destruição? A loucura daquela lógica era aterradora, mas também me deu clareza. Sem esperança de sobrevivência, compreendi que precisava de agir para salvar Athena. Com as minhas últimas forças, coloquei-a sobre Vanakh, o meu lobo fiel. Com um olhar silencioso, ele compreendeu o seu papel e desapareceu na floresta, levando-a para longe do perigo imediato.

Voltei-me para enfrentar o inimigo com uma determinação que só o desespero pode alimentar. A visão ao meu redor era desoladora. Os corpos dos meus companheiros jaziam no chão, o último sacrifício numa batalha que parecia já perdida. Peguei nas minhas armas, sentindo o peso do dever e da vingança a guiarem os meus passos.

As flechas caíam sobre mim como uma chuva letal, forçando-me a

erguer o escudo. Avancei, cada passo um desafio contra a escuridão que ameaçava engolir-nos. Dois cavaleiros lançaram-se sobre mim, mas não hesitei. A minha lança encontrou o primeiro, perfurando-lhe o coração, enquanto a minha espada cortou o segundo. Montei o cavalo de um deles e galguei em direção ao coração do inimigo, onde o rei dos Cervus aguardava.

A ira que me consumia era um fogo ardente, alimentado pela dor e pela perda. Eu era um Mikerium, um guerreiro nascido do sangue dos infernos e dotado dos poderes dos sete céus. A minha derrota não aconteceria sem antes arrastar comigo uma legião de almas. Com a minha espada, cortava cabeças e perfurava corpos, movendo-me com a fúria de um furacão. Cada inimigo que tombava sob a minha lâmina era uma pequena vitória contra a maré avassaladora de escuridão.

Os habitantes da ilha, inspirados pela minha resistência, saíram da fortaleza e lançaram uma rajada de pedras das catapultas. Os poucos cavaleiros que restavam vieram em meu auxílio. Mulheres, movidas pela ira de perderem tudo, sacrificaram-se para abrir brechas nas fileiras inimigas. Vi as suas faces determinadas, transformadas pela dor em força, explodindo e levando consigo dezenas de inimigos.

Cavalguei com toda a minha força, gritando invocações aos deuses da guerra e da cura, pedindo proteção e força. Avançámos em cunha, rompendo as fileiras inimigas. O rei Eskaldo dos Cervus estava protegido pelos seus guardas, mas eu era imparável. Com um golpe decisivo, cortei a sua cabeça.

"Vitória!" gritaram todos ao meu redor, mas a minha felicidade foi breve. Precisava encontrar a minha amada. Percorri o bosque, chamando por Vanakh e Athena, mas ninguém respondia. Segui os rastros deixados pelo meu lobo, levando-me até ao porto. Vi um barco ao longe e Vanakh esperando, uma carta presa no seu pelo. Abri a carta e li que Athena fora levada por um capitão que a encontrou ferida. O meu coração apertou ao ler que ela estava gravemente ferida, atacada por uma criatura da noite.

Sem tempo a perder, montei o meu cavalo e dirigi-me ao exército da cidade. Fui recebido com honras, mas a minha mente estava focada em resgatar Athena. Um general inimigo fora capturado vivo. Precisava de informações.

"Quem vocês realmente servem? Que espécie de homem deseja apenas a morte de uma cidade?" perguntei, a voz firme apesar do turbilhão de emoções dentro de mim.

"Mikerium, sei quem tu és. És famoso, e sei do que és capaz. Não te preocupes, morrerei em breve. Servimos o Senhor de Akstunuthá, o Senhor das Trevas e do Reino do Este."

"Como podem servir a um deus bárbaro e a senhores que praticam o sacrifício?" questionei, enquanto tentava compreender a lógica retorcida dos meus inimigos.

"Poder. A guerra está a chegar, e não queremos estar do lado perdedor. Tivemos sorte na Primeira Grande Guerra, mas agora não teremos esperança. Está na minha hora."

O general começou a brilhar intensamente. Reconheci o sinal: era um Kivusnu, um homem que jurou lealdade a Akstunuthá e explodiria ao ser capturado.

"Fujam!" gritei, mas era tarde demais. Os inimigos explodiram, levando consigo milhares de inocentes. Acordei dias depois, com Vanakh ao meu lado. Estava cercado por corpos carbonizados, vítimas da explosão.

Era hora de partir. A minha vida de soldado errante acabara. Eu era um Mikerium, destinado a encontrar a minha amada e derrubar o Reino do Este. Parti com Vanakh, jurando que nada me impediria de cumprir o meu destino. As cicatrizes físicas e emocionais que carregava eram testemunhas do caminho sombrio que tinha pela frente, mas a chama da esperança, alimentada pelo amor por Athena,

continuava a arder dentro de mim, mais brilhante do que nunca.

Capítulo II -A ilha de Filjiusn

A minha jornada começou numa manhã nebulosa, sem promessas e guiada apenas pelo desejo ardente de reencontrar minha amada. Sinieniu seria o próximo porto, de onde partiria em busca de aliados e respostas. O destino, ou talvez a sorte, levou-me a conseguir boleia num barco de pescadores que transportava sobreviventes do massacre para uma ilha aliada. Filjiusn seria o refúgio desses desafortunados.

Enquanto o barco singrava as águas em direção à ilha de Filjiusn, cujo principal porto era Sinieniu, observei o horizonte e o mar revolto, em busca de um sinal dos deuses. O cheiro salgado do mar misturava-se com o odor acre dos peixes que os pescadores haviam capturado. Durante a viagem, o som das ondas batendo no casco do barco e o canto distante das gaivotas eram meus únicos companheiros. Rezei a todos os deuses, suplicando por orientação nesta nova aventura, pelo meu amor e pela salvação da humanidade.

Ao chegar ao porto, procurei o capitão do navio, que me informou que o chefe da guarda estaria na acrópole em sua ronda diária. Ele era identificado por um elmo adornado com a esfinge de Agahataia, a deusa da beleza e do amor, guardiã da cidade de Filjiusn. As ruas de Sinieniu eram pavimentadas com pedras de cor âmbar, brilhando suavemente sob a luz do sol. As roupas dos habitantes, feitas de tecidos leves e coloridos, dançavam ao vento, enchendo o ar com uma mistura de aromas florais e especiarias exóticas.

Sem perder tempo, corri para a acrópole. Os caminhos de pedra calçetada, ladeados por jardins exuberantes com plantas e flores de todos os cantos do mundo, tornavam a ilha de Filjiusn uma visão encantadora, digna de seu consagrado título à deusa Agahataia. Cada flor, cada folha, parecia ser colocada ali pela mão cuidadosa da própria deusa.

Os portões da acrópole eram uma visão magnífica. Feitos de pau-ferro, altos e robustos, adornados com grandes tachas de bronze dourado e esculturas de dragões e bestas em batalha, representando Herlkeyum, o mítico soldado que sozinho derrotou um exército de

Assacranus. Os portões principais eram quase sempre fechados, mas havia portas menores, as Portas dos Visitantes Desejados, usadas para a entrada de pessoas e mercadorias.

Ao atravessar os portões, fui saudado por uma visão ainda mais esplêndida. Tudo reluzia em ouro e bronze, refletindo a luz natural como se fosse um dos sete céus. Jardins ornamentados floresciam entre os templos de mármore branco, adornados com frisos dourados e fitas vermelhas e douradas. As estátuas eram tão perfeitas que pareciam prestes a ganhar vida. O ar estava impregnado com o perfume doce das flores e o som suave da água corrente de inúmeras fontes.

As escadarias eram vastas, cobertas por tapetes coloridos que conduziam a cada templo menor, em tons vibrantes de vermelho, amarelo, laranja e branco. No centro, o grande templo, o Pantyuny, destacava-se com seu brilho dourado e mármore impecável. Suas colunas imponentes pareciam pernas de titãs, e a estátua monumental da deusa Agahataia era adornada com ouro e esmeraldas, irradiando uma beleza quase divina.

Mesmo rodeado de tanta beleza, minha mente estava focada na tarefa. Meu coração estava pesado com a dor e a ansiedade pela minha amada desaparecida. Corri até o chefe da guarda e pedi informações sobre minha mulher. Ele indicou-me o grande templo como possível local, sugerindo que procurasse a sacerdotisa Dehnuírus.

Ao aproximar-me do templo, fui barrado por um Guarda dos Deuses, um homem alto e forte, com armadura prateada e dourada, e uma espada longa. O sol refletia na sua armadura, ofuscando-me por um momento.

"Fora daqui, templário. A tua casa caiu, não és bem-vindo."

"A casa dos deuses é para todos, mesmo para aqueles cuja Casa

caiu. Ou será que a devoção agora é seletiva?"

"Não para a tua laia," disse ele, cuspidando no chão de mármore. "Sai, enquanto ainda podes."

"Não podes impedir-me de entrar no templo. A minha devoção à deusa é mais profunda do que o teu ódio jamais será. Se tiver de passar por cima do teu cadáver, que assim seja."

O cavaleiro, com olhos cheios de ódio, sacou sua espada e preparou-se para atacar-me. Sabia que não teria chances em um confronto direto, devido à minha exaustão da batalha em Narak. Resolvi instigá-lo.

"Tu não mereces ser um cavaleiro, sempre pronto para matar um fiel. Onde está a honra nisso?"

"Cala-te, seu infiel! Ataca se tens coragem, ou vais continuar a ladrar?"

As palavras feriram, mas não tanto quanto a verdade por trás delas. Por que odiava tanto a minha Casa? Não éramos nós os protetores do povo e das cinco raças? Mas sabia que essa era uma pergunta sem resposta que não o ódio e o desejo de vingança.

"Proteção? Vocês são destronadores de reis, semeadores de caos!" gritou ele, a sua raiva a ferver.

A revelação foi rápida e amarga:

"Ah, entendi. És o filho bastardo de um rei tirano..." provoqueei, a voz carregada de sarcasmo, mas por dentro sentia o gelo do pressentimento.

"Eu sou Kratanhu II de Cervus, filho do grande rei de Cervus, que tu mataste!"

A confirmação foi um golpe tanto quanto o seria a lâmina de uma espada. Levantei uma sobrelance, enquanto tentava esconder a crescente sensação de perigo.

"És o filho herdeiro?"

Ele assentiu, a expressão endurecida:

"Sim, sou o teu rei, e a tua sentença!"

As palavras mal tinham saído da sua boca quando ele desceu a escadaria correndo, a espada em posição de falcão, pronto para me decapitar. O mundo pareceu desacelerar enquanto avaliava as minhas opções. Calmo por fora, mas com o coração a martelar no peito, sabia que só tinha uma oportunidade.

Kratanhú lançou-se contra mim, mas o peso da sua armadura transformou a sua fúria numa vantagem para mim. Desviei-me repetidamente, cada movimento meu uma tentativa desesperada de evitar a morte certa. Mas o inevitável aconteceu: o príncipe conseguiu um golpe, rasgando a minha carne com a lâmina fria. A dor explodiu no meu corpo, e senti o sangue quente a escorrer pelo meu flanco. Não mortal, mas suficiente para me fazer vacilar.

O cansaço, que já era pesado, tornou-se insuportável. As pernas tremiam, e a visão começava a turvar-se. Mas Kratanhú estava tão exausto quanto eu. O ódio que o alimentava também o estava a consumir, deixando-o vulnerável. Era agora ou nunca.

"Estás cansado... Por que não te sentas para eu te mandar à beira do teu pai?" disse, com a voz entre cortada pela dor, enquanto tentava esconder o meu próprio desespero.

Kratanhú, ofegante e apoiado na espada, respondeu com um sorriso cruel:

"Tu estás ferido. Em breve estarás morto!"

"Não me feriste assim tanto." Mentira, mas era a única arma que me restava.

"Eu sei, mas a minha espada está envenenada. Só preciso aguentar alguns minutos e vais cair..."

O terror percorreu-me como uma onda gelada. Podia sentir o veneno a espalhar-se pelo meu corpo, lento e implacável. As forças falhavam-me, e o chão começou a oscilar. Kratanhu riu, uma risada cortante e fria, enquanto descia a escadaria com uma calma irritante.

Cambaleei, caindo de joelhos. O medo apoderou-se de mim, não apenas pela minha vida, mas por Athena, por tudo o que ainda não tinha cumprido. O príncipe olhou-me de cima, com ironia e satisfação.

"Eu acabo com o teu sofrimento, jovem templário," disse ele, com uma melodia perversa na voz. A sua espada tocou no meu pescoço, o frio do aço a contrastar com a minha pele ardente e ferida. Fechei os olhos, esperando o golpe final, mas um som familiar ecoou na minha mente.

"Akhárium..."

A voz de Athena, distante, mas inegável. Desviei a cabeça num último e desesperado reflexo. A pesada lâmina falhou por meros centímetros, tombando com estrondo no chão. A surpresa no rosto de Kratanhu foi breve, mas foi a oportunidade de que precisava. Com um movimento rápido, flanqueei-o e cravei o punhal no seu abdómen.

Kratanhu gritou de dor, a sua espada a cair no chão, levantando poeira. Mas ele não era um adversário fácil, nem mesmo sem a espada. Com um soco pesado, fez-me tombar para o lado, cuspido sangue e batendo com a cabeça na pedra dura. A dor foi excruciante, mas mantive-me consciente.

O príncipe cambaleava, e eu tentei levantar-me, mas ele pisou o

meu peito com força e começou a socar-me repetidamente no rosto. Cada golpe era como o trovão, ecoando dentro da minha cabeça. Sentia o mundo a desvanecer-se, as bordas da minha visão a ficarem negras. A dor, no entanto, era boa — pelo menos sentia algo.

Lutava para me defender, mas cada movimento parecia distante, como se estivesse a assistir à minha própria luta fora do meu corpo. Talvez estivesse a morrer e não o soubesse. Mas então, o som da voz de Athena trouxe-me de volta ao presente. Agarrei o pulso de Kratanhu com raiva, surpreendendo-o.

Rolei para o lado, levantando-me com um último surto de adrenalina. Ele atacou-me, mas consegui desviar-me e, com um movimento rápido, fiz-lhe uma rasteira, tombando-o no chão. Ao ver uma adaga nas suas costas, puxei-a e preparei-me para o ataque final. Mas Kratanhu, num último esforço, lançou-me pelo ombro, e eu caí de costas com um estalido doloroso. Ele, como um urso enfurecido, lançou-se sobre mim, sem se aperceber da lâmina na minha mão.

Com um grito de dor, Kratanhu sentiu a adaga a perfurar-lhe a barriga enquanto caía sobre mim. O peso do seu corpo e o sangue a escorrer foram esmagadores. O príncipe rodou para o lado, a tentar levantar-se, mas as forças já não lhe permitiam. Vi-o cambalear, enquanto tentava alcançar a sua espada, mas acabou por cair nas escadas de mármore agora manchadas de vermelho.

Uma multidão tinha-se reunido, observando o confronto. O sussurro da multidão contrastava com as vozes que pediam a minha morte. Mas não importava. Estava além do medo, além da dor. Apenas a sobrevivência importava.

Levantei-me, trémulo, enquanto Kratanhu tentava usar a espada como muleta para se levantar. Era um último confronto, o urso e o lobo, ambos feridos, ambos à beira da morte. Ele correu em direção a mim, a espada levantada, mas eu desviei-me do golpe lento e pesado, e com a lâmina que segurava, fiz-lhe um corte letal na cota de malha,

de onde o sangue jorrou como uma fonte quebrada.

Kratanhu continuou a avançar, sem olhar para trás, mas cada passo era mais vacilante que o anterior. Finalmente, ele caiu a poucos metros de mim, morto. O mundo ao meu redor começou a girar, e então tudo ficou negro.

Acordei horas depois, numa cama confortável, num quarto belo. As dores ainda estavam lá, mas a consciência estava de volta. "Onde estou?" perguntei, reunindo as poucas forças que me restavam.

"Mikerium, estás na minha casa," respondeu uma voz calma, e então a escuridão reclamou-me novamente.

"Preciso sair," disse, enquanto tentava levantar-me.

"Não podes," disse ela, deitando-me de volta. "Estás fraco. Descansa um pouco. Bebe."

Bebi um líquido quente e agradável, talvez mel com folhas de miscena. Senti um cansaço enorme e adormeci. Acordei à noite, com energia renovada. Meu tronco estava curado, sem dores. Queria agradecer à mulher, mas não a vi. Desci as escadas, descobrindo que estava num laboratório de ciência e cura. O cheiro de ervas medicinais impregnava o ar, misturado com o aroma doce das flores noturnas que adornavam o pátio.

Saí para o pátio, onde homens e mulheres, servos, escravos e senhores conversavam. Um homem se aproximou, notando minha confusão.

"Mikerium, bom ver que estás bem."

"Quem é o senhor? Onde estou?"

"Estás na minha casa. Sou Travush, Senhor de Filjiusn. Aquela é minha filha," disse, apontando para uma bela mulher de cabelos

negros e olhos verdes. "Foi ela quem te curou."

"Agradeço, mas por que me ajudou? Sou um desconhecido."

"És um príncipe, filho de uma das Casas mais antigas, talvez o último representante da Casa do Templo."

"Meus pais foram mortos. Nunca conheci outro templário..."

"Dizem que no Norte há descendentes, mas são rumores. Poucos ousam ir ao norte."

"Compreendo. Minha missão agora é outra. Preciso ir ao templo, julgo que lá possa estar minha mulher ou informações sobre ela."

"Espero que os deuses te guiem. Mas hoje não podes entrar no templo. É o dia de Sacrthus, uma comemoração que dura uma semana. Ninguém, exceto um Homem Santo, pode entrar. Pode ficar connosco o tempo que precisar."

"Agradeço, mas devo partir. Já me ajudou muito."

"Como desejar. Nossa casa estará sempre aberta para um filho da Casa do Templo."

Parti do palácio do governador e dirigi-me ao templo. Sabendo que não poderia entrar e temendo represálias, afastei-me. Vi que Homens Santos, ou seguidores fanáticos, eram bem-vindos se convidados. Decidi roubar um convite.

Vi um Homem Santo entrar num bar e fui até ele. O cheiro de álcool e tabaco impregnava o ar, enquanto vozes altas e risos enchiam o ambiente.

"Cervejeiro, traga duas canecas do melhor hidromel destilado que tiver," disse, atirando duas moedas de bronze.

Ofereci uma das canecas ao homem, que sorriu.

"Obrigado."

"De nada. És um Homem Santo, seguidor de Agahataia?"

"Sim, como reparou?"

"As bênçãos de Agahataia recaem sobre ti, meu amigo."

"Também és um seguidor?"

"Sim, busco um desejo de amor."

"Eu também. Brindemos."

Conhecia bem os deuses, instruído pelos monges. Meu plano corria bem. Fiz amizade com o homem, que logo caiu na armadilha.

"Diga-me, amigo, segue a deusa do amor? Então devemos servi-la."

"Claro."

"E qual a melhor forma de festejar o amor que beber e cantar?"

"Não sei se deveria. Tenho uma cerimónia hoje à noite."

"As bênçãos da deusa irão protegê-lo, amigo."

"Cervejeiro, mais hidromel para mim e meu amigo. Não pare de trazer."

Rimos até a meia-noite. Saímos do bar bêbados, ou melhor, ele estava bêbado. Levei-o até uma cavaleriça e deitei-o lá. Com meus poderes, nunca fico bêbado. Roubei-lhe o convite e fui ao templo.

Ao entrar, maravilhei-me com a beleza. Mármore, esmeraldas,

ouro e sabres. A brancura contrastava com o dourado, a luz das tochas tornava o lugar mágico. Com um capuz, assisti à cerimónia do fundo.

"Deusa do amor e proteção, consagra-nos mais um ano com teu poder, tua proteção, teu amor e tua beleza."

Todos responderam:

"Migrieuni huidues, oh vinituy uniretg untre fideg."

Meu Filjiusniensu Ancestrus estava enferrujado, mas entendi: "Sim, ó deusa em tua glória, abençoa-nos".

A sacerdotisa falou novamente:

"Temos um convidado especial esta noite, um Mikerium. Vem e felicita-nos com tua presença."

"Como soube? Espiões?"

"A deusa tudo sabe e diz aos seus servos."

"Pois... espiões..."

"Duvide, Mikerium? Não viu o poder dos deuses?"

"Vi mitos e a força da espada. Uma coisa é lenda, outra é real."

"Pobre guerreiro, não duvide da deusa e será abençoado. Veja o poder dela ao colocar um pouco de sangue no altar."

Cortei a mão e deitei meu sangue na pia, sustentada por estátuas de ninfas que começaram a brilhar. Seus olhos verdes ficaram ainda mais belos, e uma luz intensa iluminou o local. Senti um poder imenso, uma felicidade inebriante. Sorri, maravilhado.

Quando voltei a mim, a sacerdotisa perguntou:

"Agora deseja fazer uma pergunta?"

"Procuro saber onde está minha mulher."

"Lamento, mas nada é de graça. A graça da deusa foi paga com sangue, a pergunta é paga com uma oferenda especial."

"Oferenda? Que tipo de oferenda?"

"Uma oferenda de desejo, de corpo e alma. A união com um devoto."

"Maluca!" gritei, agarrando-a pelo pescoço. Os olhos dela arregalaram-se em choque e medo.

"Sou um Mikerium. Meu sangue é negro, meu espírito honrado. Não trairei minha mulher." Apertei-lhe o pescoço com mais força, fazendo-a engasgar. Coloquei uma bolsa de moedas de bronze na mão dela. "Isto deve chegar para compensar sua resposta."

Ela soltou-se com um sorriso forçado, os olhos ainda arregalados de terror.

"A generosidade não é a moeda aqui, mas que seja. Ajuda nossa causa. Não sei dela, mas o Oráculo de Feldhus tem a resposta."

"Paguei caro pela resposta, não quero mais charadas!"

"Não são charadas! Não sou a portadora da sabedoria. O oráculo fala pelos deuses. Só ele saberá onde tua amada está."

"Veremos. E se for mais um engodo, tu serás a próxima oferenda."

Saí do templo, cheio de ódio e raiva. Como chegar ao oráculo? Não tinha barco, tripulação, apenas armas e um lobo. Decidi voltar à ilha de Narak, esperando reaver minhas poupanças. Embarquei no primeiro barco em direção à ilha, rezando para encontrar o que

procurava.

Durante a viagem de volta a Narak, a ansiedade e a esperança lutavam em meu coração. Sabia que o caminho até o Oráculo de Feldhus seria árduo e cheio de perigos. Mas a lembrança de minha amada dava-me forças para continuar. O som das ondas contra o casco e o cheiro do mar tornavam-se uma sinfonia e uma fragrância constante que acompanhava meus pensamentos sombrios e esperançosos.

Capítulo III – A Jornada começa com uma ajuda inesperada

No caminho de regresso, vi a destruição deixada pela guerra. Tudo tinha sido queimado, mas com o exército inimigo morto, pouco havia sido saqueado. O cheiro de cinzas e sangue ainda pairava no ar, misturado com o som distante de corvos que procuravam por restos. As pedras da calçada, manchadas de negro, refletiam a desolação. Minhas botas batiam contra o chão duro, ecoando na minha mente como um lembrete incessante da minha missão.

Ao chegar à minha casa, abri a porta com cautela e vi a sacerdotisa. O contraste entre o exterior devastado e o interior ainda intacto era chocante. Rapidamente, pus a mão na espada, o metal frio oferecendo um estranho conforto.

"Que raio queres de mim?" perguntei, enquanto tentava esconder a tensão na minha voz.

"Calma, Mikerium. Nunca chegaste a perguntar o meu nome," respondeu ela, a voz suave e quase musical, mas carregada de uma autoridade inegável.

"O nosso encontro não foi exatamente prazeroso," retruquei, mantendo a guarda alta.

"Contudo, poderia ter sido. Terias sexo e as respostas. Agora, tens respostas, mas não tiveste a oportunidade de estar com uma deusa e ficaste mais pobre..."

"Tu não és uma deusa," disse, enquanto tentava ignorar o brilho nos olhos dela que parecia penetrar na minha alma.

"Talvez. Este corpo não é o melhor. Eu sou Agahataia, deusa do amor e da proteção, e fiquei comovida com o teu amor," disse, sua voz ganhando uma ressonância quase hipnótica.

"Como sei que falas a verdade?" perguntei, sentindo a incredulidade e a desconfiança crescerem dentro de mim.

A mulher elevou-se no ar, brilhando como um sol. Com um toque mágico, fez-me ver o passado, a era da Grande Guerra, como tudo começou e terminou. Vi a terra de ninguém, marcada e calcetada com sangue e corpos de ambos os lados. Na visão, um rei surgiu, um rei antigo e mítico, o Senhor de Asghardan, um reino perdido que se tornara na única nação unificada. Hoje, seus descendentes estão espalhados por todo o continente, formando os reinos e cidades-estado existentes.

"Por que raio me mostras isto? Se és uma deusa, prova-o. Diz-me onde está a minha mulher!" exigi, a frustração evidente na minha voz.

"Lamento, mas nem uma deusa tem poder ilimitado. Por alguma razão, ela está oculta, até da minha magia. Diz-me, como a perdeste?" perguntou, pousando suavemente no chão, o brilho ao seu redor desaparecendo.

"Depois de uma batalha com o rei de Cervus, precisei protegê-la da morte e mandei-a embora. No final da batalha, vi um navio partir ao longe e uma carta que dizia que ela estava ferida e que a levaram para a curar. Na carta, havia pistas para a ilha de Filjiusn e agora preciso de encontrar um oráculo," expliquei, a dor e a determinação misturando-se na minha voz.

"Espero que sejas mais brando com ele," aconselhou Agahataia, o tom dela suave mas firme.

"Se ele cooperar..." retruquei, a fúria fervendo sob a superfície.

"O oráculo não irá abrir a boca ou mentirá se fores assim com violência. Sei que és um guerreiro, mas não podes combater tudo com a espada. Às vezes é preciso a língua, e... outras partes do corpo..." disse ela, um sorriso provocador brincando em seus lábios.

"Não estou interessado em deuses!" declarei, firme na minha recusa.

"Pena... porque eu vou ajudar-te."

"Como?"

"Sou a deusa da beleza, da proteção e do amor. Irei agradecer-te com a armadura de Herlkeyum, a espada, lança e escudo forjados no coração do vulcão Oriculmnun e... claro, dinheiro. Vocês mortais não fazem nada sem ouro."

"Nem os deuses, ou não o estariam sempre a pedir," respondi, sarcástico.

A deusa atirou a bolsa que lhe tinha dado como pagamento e apenas olhou para mim de forma sedutora, dizendo: "Pega, não iria usá-lo. Eu não posso falar pelos mortais que me servem nem eles por mim, apesar de tentarem... enfim, fiquei comovida e serás o meu campeão. Quero ver a tua odisseia."

"Por essa razão agradeço e sinto-me honrado. Todavia, não me curvarei perante nenhum deus senão Jhan..."

"Ah sim, o meu pai... Enfim, cada um serve aquele que quer, mas lembra-te que sou eu que estou a apoiar-te... com uma palavra do meu pai, ainda assim fui eu que decidi ajudar-te."

"Pensei que tinha ficado comovida..."

"E fiquei, e o meu pai ajudou... Lembra-te, Akharium, não podes fugir dos caminhos dos deuses, mas também tens de estar atento. Nem todos somos tão agradáveis. Há deuses bons, há deuses terríveis e há deuses que gostam de jogar com os mortais como se a vida neste mundo fosse um jogo e vocês são as peças. Eu irei ajudar-te, contudo, algum deus não o fará. Aliás, fará o oposto. Até na Grande Guerra, o deus Asikrun ficou do lado do mal."

"Asikrun? Pensei que era o nome do inferno."

"Não, meu querido. É o nome do meu irmão. Vocês conhecem o inferno por esse nome porque seu nome foi banido e esquecido pela história. Agora, tenho de ir. Tenho um templo para governar. Contudo, ficam aqui os meus presentes... ah! E vai ao porto. Sabia que precisarias de boleia."

A deusa partiu como se fosse feita de fumo, e só soube que não tinha alucinado pois no meu esconderijo estavam as armas que ela me tinha prometido. Até para o meu lobo havia um colar que, ao colocá-lo, brilhou com um verde irradiado pela pedra central. Não sabia o que faria, mas não faria nada de mal e era belo. Quanto ao ouro, não havia nenhum além do que eu já tinha, porém, talvez estivesse no porto.

Dirigi-me para o porto, ou o que restava dele. Vi um enorme navio ancorado, tinha o tamanho de um galeão e suas velas eram grossas e fortes, adornado com vários canhões de tendões, uma arma capaz de disparar dardos e pedras a uma distância enorme com uma força letal. Tinha também uma quilha pesada para abalroar mortalmente os navios dos meus inimigos e, como qualquer bom galeão, tinha remos para uma velocidade maior ou para dias sem vento.

Assim que cheguei perto do navio, um homem veio ter comigo.

"Chama-se Akharium, o Lobo?"

"Sim, porquê?"

"Uma mulher veio encomendar este barco para si. Disse que saberia o porquê. Bem, o barco é seu... Nem sei como ele sobreviveu..."

"Há quanto tempo foi feito?"

"Há alguns meses. Estes tipos de barcos demoram a ser feitos,

porém, nada os pode destruir. Bem, está entregue, fique bem."

"Espere, por favor."

"Sim?"

"Sabe onde posso encontrar uma tripulação?"

"Vá ao carvoeiro. Qualquer um tem pescadores sem emprego e aventureiros prontos para jurar lealdade e partir."

"Obrigado," disse, atirando-lhe uma moeda de bronze. "Pela sua lealdade e ajuda."

"Obrigado e boa sorte. Os tempos são perigosos."

Resolvi entrar no meu navio e vasculhar um pouco. Vi que tinha uma decoração peculiar, com estátuas da deusa por todo o lado. Parecia uma pequena vingança. Subi ao convés do navio e pude ver que estava cheio de água, alimentos e ouro, assim como um mapa de uma ilha onde poderia descansar e recolher mais suprimentos. A ilha era um lugar inabitado, mas com uma história antiga, junto do reino das areias. Este lugar pertencia a um povo cujo mar já foi a sua fonte de riqueza e glória. No mapa, tinha um nome: Madeira.

Saí do barco e fui ao carvoeiro. Vi vários homens e mulheres tristes, sem roupas decentes e com armas no chão, sem risos, sem cânticos e sem alegria. Olhei para o carvoeiro, que me olhou com desconfiança, como quem olha e pensa: "Quem é aquele tipo de vestes longas e negras, capuz negro, armas e um lobo dentes-de-sabre?"

Subi a um banco e apresentei-me, enquanto tentava recrutar membros e rezando para que tivesse sorte.

"Homens de Narak, eu lutei convosco na batalha por Narak. Muitos devem reconhecer-me..."

"Sim, Akharium! Lutei consigo na muralha da ilha. Soube que todos morreram na acrópole..."

"Não todos. Eu sobrevivi, sou protegido pela deusa Agahataia e venho aqui recrutar homens e mulheres para o meu navio. Iremos descobrir o mundo, salvar a minha mulher e lutar contra a era do mal que se avizinha."

"Não temos forças. Como poderemos lutar? A nossa ilha está destruída, nossas esperanças acabadas..."

"Homens de pouca fé! Como podem desacreditar nos deuses mais antigos? Jhan irá proteger-nos. Haverá ouro e riquezas para todos, aventuras, e glória para todos que jurarem-me lealdade. Esta é a vossa oportunidade de serem mais do que camponeses e soldados sem pátria. Não quero saber se são homens ou mulheres, todos terão os mesmos direitos e oportunidades. Esta é a oportunidade de servirem os deuses, terem um propósito e enriquecerem de fama, glória, felicidade e ouro!"

Apesar do meu discurso, eles estavam receosos. O povo temia sofrer novamente, e, sinceramente, tinham perdido as esperanças. Todavia, foi quando Davariuns, um homem rude, com mais de um metro e oitenta de altura, de barba rija e corpo trabalhado, interveio. Ele era jovem, não tinha mais de vinte e oito anos, mas a sua influência na ilha vinha desde o tempo do seu pai, um Tratptre, ou pescador de alto-mar, um mestre na sua área e com um carisma que foi herdado por Davariuns.

"Akhárium, eu estou contigo!" E, virando-se para o resto da taberna: "Quem mais se junta a nós? Vamos, homens! Aqui já não nos resta nada! Partiremos e faremos o nosso destino, as nossas riquezas e as nossas glórias. Basta de sermos só pobres que vivem ao serviço de um Senhor. Agora temos a oportunidade de servir um rei! A oportunidade de sermos também nós, senhores do nosso destino!"

Vi nos rostos daqueles pobres homens e mulheres uma nova esperança. Com um som único, vários juraram-me lealdade. Partimos da ilha em direção ao Oráculo de Feldhus, no reino dos Gahiuntys, um povo que vive sob os costumes antigos, de uma era antes da era da grande e primordial civilização. Dizem ser descendentes dos deuses e só lá nascem e vivem os oráculos. Infelizmente, seria uma viagem de várias semanas, mas teríamos de velejar. Este era o nosso destino.

Assim que saímos do carvoeiro, os homens recolheram seus pertences e embarcaram no navio. Rapidamente, começaram a tomar posição no barco e deram o sinal.

"Senhor, a embarcação está pronta, a tripulação entusiasmada. Quais as vossas ordens?" perguntou Davariuns.

"Lançar as velas, recolher a âncora e em frente, marujos! Vamos zarpar para a terra de Gahiuntys."

O navio, com suas velas altas e fortes, começou a mover-se, cortando as águas calmas do porto. O cheiro do mar, agora misturado com a excitação da aventura e a promessa de glória, enchia o ar. O som das velas ao vento e do casco contra as ondas era uma melodia que prometia novos começos e grandes feitos.

Enquanto o navio cortava as águas do porto, senti uma mistura de emoções complexas que oscilavam entre a esperança e o desespero. A busca pela sua mulher era um farol que guiava cada passo seu, mas também uma sombra constante que pesava sobre seus ombros. A cada onda que o navio enfrentava, ele lembrava-se das dificuldades que já superara e das que ainda estavam por vir.

Lutava internamente com a dúvida sobre a veracidade das palavras de Agahataia. A visão que ela me mostrara perturbava-me, não apenas pela violência da guerra, mas pela revelação de que os deuses estavam profundamente enredados nos destinos dos homens. Esta revelação trouxe-me um novo medo: e se os deuses estivessem a

jogar comigo e a minha missão fosse apenas mais uma peça no tabuleiro divino?

Ao mesmo tempo, a presença do lobo ao meu lado, com o colar brilhante que a deusa lhe dera, era um símbolo de lealdade e força. O lobo, com os seus olhos inteligentes, parecia partilhar da minha angústia e determinação. Senti uma profunda ligação com o animal, como se ambos fôssemos guerreiros solitários a lutar por um propósito maior.

Nos momentos de silêncio, lembrava-me da voz suave da minha mulher, do toque gentil das suas mãos e do sorriso que me dava forças. Esses pensamentos eram um bálsamo para a minha alma atormentada. No entanto, a incerteza do seu paradeiro e a possibilidade de que ela estivesse em perigo ou mesmo morta enchiam-me de um medo paralisante.

Sabia que não podia permitir que esses medos me dominassem. Tinha um papel a cumprir, não apenas para salvar a minha amada, mas para desafiar o destino imposto pelos deuses. Cada passo que dava aproximava-me mais do meu objetivo, mas também me tornava mais consciente das forças poderosas contra as quais estava a lutar.

O navio avançava e, com ele, a minha determinação solidificava-se. Estava disposto a enfrentar qualquer desafio, a combater qualquer inimigo e a questionar até mesmo os deuses para cumprir a minha missão. O destino era incerto, mas a minha vontade era inabalável.

Com esses pensamentos, olhei para o horizonte. As águas infinitas à minha frente simbolizavam tanto a vastidão das possibilidades quanto a profundidade dos desafios. Mas eu estava pronto. Com o meu lobo ao lado e a armadura de Herlkeyum sobre os ombros, sabia que estava preparado para qualquer coisa que me aguardasse na terra de Gahiuntys.

Capítulo IV - A viagem para o reino de Gahiuntys

O horizonte transformou-se numa muralha de escuridão à medida que as nuvens negras se aproximavam, ameaçando engolir o céu. Eu sabia, como todos os capitães sabem, que aquela seria uma noite interminável, uma batalha contra os elementos e, talvez, contra o próprio destino. Quando o dia deu lugar à noite, a tempestade, furiosa e implacável, abateu-se sobre nós como um chicote, e um pressentimento de desgraça apertou-me o peito. Rangei os dentes, fitando o horizonte sombrio.

"Baixem as velas!" gritei, enquanto tentava fazer a minha voz sobrepor-se ao clamor do vento e ao rugido do mar, que parecia decidido a engolir-nos.

"Sim, comandante!" respondeu um marinheiro, a sua voz tingida de medo, enquanto a tripulação se esforçava para cumprir as ordens em meio à tempestade.

Com as velas reduzidas, o navio tornou-se um brinquedo nas mãos das ondas furiosas. Cada movimento era uma dança precária entre a vida e a morte, e, por mais que tentasse guiar o navio, sentia o controlo a escapar-me. O Galécia, um navio de carvalho negro, pintado nas cores da noite e com velas da cor de Gaia, navegava velozmente pelas ondas, enfrentando-as enquanto as bandeiras tremulavam violentamente ao vento. Os choques eram inevitáveis, e as marteladas dos deuses no céu caíam com luz e som sobre o mar. Ondas negras erguiam-nos para depois nos derrubarem. Estava exausto, as minhas mãos doíam de tanto agarrar o leme com ferocidade. Um misto de arrogância e desespero tomou conta do meu espírito, e desafiei os céus.

“ahahahah!”

Ria e zombava da noite e da tempestade enquanto guiava o meu navio. Mas não era apenas arrogância—era desespero, rir para não chorar..., mas eu acabaria por chorar antes do fim da noite.

"A bombordo, comandante!" alertou um marinheiro, mas a sua

voz tremia como uma vela à mercê do vento.

"O que se passa?" perguntei com raiva e a arrogância de um capitão inexperiente.

"Um Krathenu, senhor!" Os homens acorreram à borda do navio, a tentar avistar a criatura. Rapidamente começaram os preparativos para o embate, amarrando-se a tudo o que estava preso ao convés, enquanto a euforia e a confusão tomavam conta do ambiente.

"Fossos," resmunguei para mim mesmo. Sabia que o pior ainda estava por vir, mas não estava preparado para o terror que emergiu das profundezas: o Krathenu, uma criatura abissal maior que dois galeões, os seus tentáculos movendo-se como sombras famintas, prontos para nos arrastar para o abismo.

"Quero a posição do Krathenu!" gritei, enquanto tentava conter o pânico que me invadia.

"A estibordo, senhor! Cuidado!" gritou a minha contramestre.

Fiquei surpreso—seria a bombordo ou a estibordo?

"Decide-te, Moira, onde pelos deuses está o nosso almoço?"

"É uma onda! Cuidado!"

Mas não houve tempo. A minha arrogância não me preparou para a onda, mais alta que o mastro do Galécia e mais negra e fria que a noite. Rapidamente virei o leme, fazendo o navio ser arrastado e levado de lado pela onda, que nos ergueu e depois fez cair. Gritámos, todos se agarraram, e o impacto partiu a popa do navio.

A água começou a entrar, o navio estava a afundar-se. Precisava de agir.

"Deitem tudo o que não é essencial ao mar!" ordenei, mas a minha

voz parecia insignificante perante a fúria dos elementos.

"Sim, comandante," respondeu a tripulação, mas a hesitação era palpável.

Mesmo assim, obedeceram, e o navio começou a ganhar velocidade. Contudo, essa breve sensação de alívio foi esmagada pelo som dos tentáculos do Krathenu a envolverem o Galécia, enquanto a madeira rangia numa sinfonia de horror e morte.

Eu parei, os dentes cerrados a olhar a cena, mas antes de ordem um ataque, vultos e aparições apareceram no navio, seres belos que cantavam sons melodioso, eram como fantasmas... Atenuante puxou um dos tentáculo do tamanho e grossura de uma árvore, e arrancou metade do mastro do navio, mas parecia que ninguém se importava, alguns marinheiros caminharam vagarosamente com as criaturas para fora da embarcação e desapareceram no mar.

"Disparem os canhões!" gritei, tudo aquilo parecia uma provação divina, e não havia tempo para filosofar.

Ainda assim ninguém se movia, não expecto para mar. Larguei então o leme e corri para um dos canhões, apontei-o para a cabeça da criatura abissal e disparei. Os virotes atingiam os olhos do monstro, que se desprendeu num grito de dor, permitindo que o navio avançasse um pouco mais, levando consigo as aparições e os homens e mulheres puderam recuperar do feitiço tenebroso, mas novas ondas aproximavam-se. Esta não era uma tempestade—era a nossa tumba.

A estibordo, uma onda colossal erguia-se, ameaçando transformar o nosso navio numa mera lembrança. Sabia que qualquer erro nos condenaria a todos. Com os olhos fixos na escuridão rasgada por relâmpagos, vislumbrei uma passagem estreita entre o monstro e a morte certa. Era uma escolha cruel, mas a única que nos restava.

O navio foi sacudido como uma folha ao vento, cada impacto das

ondas fazia a quilha levantar-se da água, e os gritos dos homens que caíam ao mar cortavam-me como lâminas. O tempo parecia ter parado, enquanto a tristeza, mascarada pelo sal do mar, escorria pelo meu rosto. A cada corpo que desaparecia nas águas geladas, sentia um pedaço de mim a ser arrancado.

Assisti impotente enquanto os meus homens eram arrancados do convés, os seus gritos a ecoarem na minha mente, cada um deles a ser arrastado para as profundezas, onde só restava o silêncio eterno. A minha garganta apertava-se com um misto de raiva e desespero. Sentia-me incapaz, condenado a assistir à morte dos meus homens, sem poder fazer nada para os salvar. Não havia tempo para luto, mas cada perda pesava-me na alma como uma âncora de culpa.

"Deitem tudo o que há no navio para fora!" gritei novamente, mas desta vez a minha voz estava embargada, e as palavras saíram com uma fúria desesperada, já sem qualquer traço de arrogância. Estávamos à beira do colapso, e eu não conseguia ver uma saída.

Os homens olharam para mim com olhares vazios, como se já tivessem aceitado o seu destino. A sua obediência era mais um reflexo do desespero do que da fé na minha liderança.

"Baixem mais pano!" gritei, enquanto tentava agarrar-me à única coisa que ainda podia controlar.

"Comandante, sem mastros estaremos perdidos!" gritou um marinheiro, a sua voz a quebrar-se sob o peso do medo e do desespero.

"Sem velocidade, estaremos mortos!" retruquei, sabendo que era uma aposta insana, mas a única que nos restava. Não queria admitir, mas o desespero começava a toldar o meu julgamento.

Relutantemente, os marujos obedeceram. As velas, já rasgadas, começaram a desintegrar-se, como se até o vento estivesse contra nós.

Os relâmpagos iluminavam o mar revoltado, revelando a verdadeira face do terror que nos cercava. Era como se o próprio oceano estivesse vivo, determinado a varrer-nos da sua superfície.

Lutei para manobrar o navio, mas a cada guinada sentia o controle a escorregar-me por entre os dedos. O navio, agora a alta velocidade, era empurrado para fora do curso, e o Krathenu estava de volta, faminto por mais vidas.

"A estibordo, senhor!" gritou um marinheiro.

"A bombordo, senhor!" gritou outro.

As vozes, cheias de pânico, eram um lembrete cruel de que estávamos cercados. Monstros de ambos os lados, e as ondas cada vez maiores, cada escolha parecia uma condenação adiada. Eu sabia que estávamos a perder, mas recusar-me-ia a aceitar uma derrota sem luta.

"Soltem a âncora a estibordo e preparem-se para cortar as cordas!"

"Sim, comandante!" responderam, mas as vozes estavam carregadas de medo, como se soubessem que estávamos a lutar uma batalha perdida.

A âncora foi solta, o puxão violento fez o navio estremecer. Por um momento, pensei que tudo estivesse perdido. A âncora prendeu-se ao fundo do mar, e o navio rodou violentamente. Senti um alívio momentâneo, mas sabia que estávamos apenas a adiar o inevitável.

"Cortem as cordas, agora!" gritei, agarrando-me ao leme como se a minha própria vida dependesse disso. As cordas foram cortadas, e o navio mergulhou contra a criatura abissal que nos ameaçava. O impacto foi brutal. A quilha cortou o monstro ao meio, mas o custo foi alto. O navio, já danificado, gemeu como um velho guerreiro que já tinha sofrido demasiado. Estávamos longe de sair do perigo, a tempestade ainda rugia à nossa volta, e as velas restantes

desintegravam-se sob a fúria do vento.

No horizonte, uma nova ameaça surgiu: um barco fantasma, perdido no tempo e sem tripulação, atirado por uma onda gigantesca na nossa direção. A visão daquele navio maldito, em rota de colisão connosco, fez o meu coração gelar. Parecia que o próprio oceano estava determinado a acabar connosco.

"Soltem a segunda âncora a bombordo!" ordenei, sabendo que aquela manobra era a nossa última esperança de escapar à colisão. Um dos marinheiros protestou, o medo evidente nos seus olhos.

"Sem âncora estaremos perdidos, comandante!"

"Sem esta manobra, estaremos mortos!" respondi, a minha voz uma mistura de desespero e determinação. A âncora caiu no mar revolto, e o navio rodou novamente, ganhando o impulso necessário para evitar o barco fantasma. Contudo, o preço foi severo. Parte do casco foi rasgado, e senti o navio ceder sob a pressão. Estávamos a desmoronar, mas pelo menos tínhamos escapado à morte certa, por enquanto.

Quando os primeiros raios de sol finalmente perfuraram as nuvens negras, a tempestade começou a dissipar-se. Os marinheiros, exaustos e aliviados, riram e gritaram de alegria. Mas para mim, a vitória tinha um sabor amargo. O Galécia estava em ruínas, a tripulação exausta, e estávamos à deriva num mar que parecia não ter fim. A dor no meu peito era insuportável, não apenas física, mas também emocional. O peso das vidas perdidas, a destruição ao meu redor, tudo se acumulava até que as minhas pernas não aguentaram mais. Caí no convés, incapaz de me levantar, as lágrimas misturando-se com a água do mar que escorria pelo meu rosto.

Davariuns e Moira apressaram-se a acudir-me, levantando-me com cuidado. Eles sabiam que, se eu caísse, a esperança da tripulação cairia comigo. Apesar da minha fraqueza, sabia que não podia mostrar

fraqueza diante dos meus homens. Precisávamos de reabastecer e reparar o navio, mas que custo estaríamos dispostos a pagar por isso?

Quando avistámos uma ilha ao longe, senti o medo apoderar-se de mim novamente. No alto de um vulcão, tambores infernais ressoavam, e o céu estava negro como carvão, coberto por um fumo espesso. Parecia que tínhamos chegado ao limiar do inferno.

"Senhor, devemos atracar para abastecer?" perguntou um marinheiro, a voz carregada de incerteza.

Olhei para a ilha, sentindo o peso das decisões que ainda me restavam tomar. Não podia continuar a adiar o inevitável. "É melhor mantermos a rota. Quem sabe que Assacranus habitam estas terras," respondi, hesitante, mas a minha mente já estava a calcular todas as possibilidades.

"Mas, senhor, estamos quase sem água, sem comida, e os homens precisam de descansar," argumentou outro, a necessidade a vencer o medo. Ele tinha razão, e eu sabia que não podíamos evitar o desembarque.

"Muito bem, prepara meio contingente. Quero um pequeno grupo de cinco batedores na ilha dentro de dez minutos e mais dez homens armados e prontos para saírem nos botes," decidi, a voz mais firme do que me sentia.

"Sim, senhor!"

Saí do leme e fui-me preparar, o medo ainda a corroer-me por dentro. Que seres viveriam num lugar de morte? Nada deveria ali sobreviver, mas a falta de água e comida era uma ameaça tão real quanto qualquer monstro. Precisávamos atracar, mesmo que o preço fosse alto.

No segundo barco, os batedores avistaram uma aldeia. Talvez

fosse possível negociar, pensei, mas sem grande esperança. Fui informado de que haviam visto uma plantação e uma densa floresta. Talvez o local não fosse tão inóspito quanto parecia à distância. Quando finalmente pisámos o solo quente e fumegante da ilha, com areias negras e rochas de vidro, a tensão era palpável.

À medida que caminhávamos em direção ao povoamento, estátuas enormes e pequenas, resquícios de uma antiga civilização, surgiam à nossa volta, todas queimadas e deformadas pelo tempo. Ao nos aproximarmos mais, podíamos ouvir os tambores com clareza; era uma celebração. Resolvi manter a distância, esperando que um mensageiro viesse até nós.

Como esperado, veio um mensageiro. Uma mulher de beleza deslumbrante, como uma ninfa saída dos contos antigos, seminua, com um vestido transparente e uma coroa de louro dourado. Ela cavalgava um majestoso cavalo negro, sem sela e com uma crina exuberante. Os meus homens e mulheres estavam encantados, especialmente os homens, que nunca tinham visto tantas mulheres num só lugar, nuas ou quase, e com vozes tão melodiosas.

"Devem deixar aqui as armas e só o vosso Senhor e um pequeno grupo de guardas pode entrar, mas desarmados," disse a mensageira, com um tom que não admitia objeção.

Escolhi dois dos meus melhores homens, um homem e uma mulher, que tinham técnica suficiente para lutar sem armas, e levei também o meu lobo. Ao entrar no palácio de pedra negra, fiquei impressionado com a beleza do interior. Enormes claraboias e vitrais com cores vivas criavam uma luz quase mágica. Havia cristais espalhados como tochas que brilhavam como o sol, e colunas trançadas sustentavam o teto. O caminho para a sala do trono era ladeado por tapeçarias e quadros, armaduras de cavaleiros e frescos de batalhas antigas.

Descemos escadarias de pedra granítica amarela e vimos várias

mulheres no claustro, um local cheio de vida, com jardins, pavões, outras aves e animais exóticos. Um cavalo estava sendo penteado, e comida e bebida abundavam.

"Que ilha é esta?" perguntei, enquanto tentava manter a calma.

"Esta é a ilha das servas de Hanunk, a deusa do sexo e da procriação," respondeu a mensageira com um sorriso enigmático.

"E como vieram aqui parar?"

"A nossa rainha-avó foi mandada pela deusa para cá com a sua corte. Desde esse dia, o grande vulcão afasta curiosos e nos mantém protegidas."

"Não vi nenhum homem por aqui... como é que..."

"A deusa providencia tudo para nós."

"Pois..."

"Não desconfie, tudo será revelado. Chegámos, podem entrar, a rainha está à vossa espera."

Entrámos na sala do trono, um lugar magnífico, como se tivesse sido realmente criado por deuses. As paredes estavam adornadas com frescos de cenas de prazer, as colunas eram elegantes, e as janelas decoradas com pequenas colunas esculpidas. O trono era ricamente ornamentado com ouro, mármore, pedras preciosas e marfim. A rainha, mais bela do que qualquer mulher que já tinha visto, estava sentada com vestes de seda bordadas a ouro, os seus olhos roxos brilhando com uma beleza hipnotizaste.

"Sejam bem-vindos. O que traz um navio carregado de homens para esta ilha?" perguntou a rainha, a sua voz doce, mas cheia de autoridade.

"Somos viajantes, desejamos negociar," respondi, escolhendo as palavras com cuidado.

"O vosso barco está destruído, não irão longe."

"Foi por esse motivo que aportámos. Precisamos de reparos, podemos pagar pelo tempo que os seus súbditos gastarem a fazer os reparos. Precisamos também de comida, âncoras, velas..."

"Calma, meu querido comandante..."

"Nós pagaremos bem pela sua ajuda."

"Eu sei, mas os negócios precisam de calma. Devem estar cansados, venham, deixem os seus amigos descansarem," convidou a rainha, enquanto as suas servas nos envolviam com um toque suave, retirando algumas das nossas roupas.

Fomos encaminhados até uma piscina natural dentro de uma gruta. Uma parede de vidro permitia que os raios de sol iluminassem o lugar com uma luz suave. A vista era deslumbrante, com o jardim dourado da ilha a estender-se até à cidade. A rainha e as suas servas tiraram as roupas e ficaram nuas, deitando-se na água e nadando de forma provocante.

"Venham, devem estar cansados de tantas semanas no mar..."

A comida foi trazida com rapidez, e a bebida era do mais puro vinho e da água mais cristalina. Estávamos nus na piscina, e o meu lobo deitado ao pé. Mas o relaxamento foi substituído por uma inquietação crescente.

"Acho que podemos tratar de negócios. Temos uma longa jornada pela frente..."

"Negócios e prazer vivem juntos, comandante... mas agora estou mais interessada em si."

"Eu não dormi com uma deusa, não farei com uma rainha."

"Quem falou em dormir?" A rainha aproximou-se de mim, os seus olhos brilhando com uma intensidade que me fez sentir enfeitiçado.

O meu corpo começou a responder contra a minha vontade. Senti-me como se estivesse a perder o controlo, como se estivesse drogado. A rainha tocou-me, e todo o meu ser foi consumido por um desejo avassalador.

A minha visão estava turva, o meu corpo quente e húmido, e quando dei por mim, estava a beijá-la, a possuí-la, incapaz de parar. As servas gemiam, a rainha gritava de prazer, e eu estava completamente dominado. Não tinha controlo sobre a situação, exceto um desejo ardente de beijá-la, e esse desejo foi concretizado.

Quando a noite caiu e a lua estava alta, tive o mais explosivo e último orgasmo, e adormeci, exausto.

Acordei num quarto ricamente ornamentado, mas acorrentado. O meu corpo ainda estava fraco, a minha mente confusa, e nem a minha força conseguiu libertar-me. O meu lobo, por outro lado, estava solto. Percebi que a minha única esperança estava nele. Escrevi uma mensagem com o meu próprio sangue, explicando o que tinha acontecido, e ordenei um ataque de resgate.

Prendi a mensagem numa garrafa de vinho e mandei o lobo para o meu navio. Rezei para que ele conseguisse. Com isso feito, concentrei-me no que viria a seguir: resgatar os meus homens e vingar-me.

Olhei em volta e não vi nada que pudesse usar para fugir. Nem tive tempo. Uma serva e uma guarda entraram no quarto, amarraram-me à cama e lavaram-me. Apesar de perguntar o que estava a acontecer, ninguém respondia. Após a limpeza, a rainha entrou novamente, nua.

"Deixem-nos..."

"Sim, majestade."

Temí, a respiração ofegante dos meus pulmões contrastava com a calma e beleza do local, mas eu sabia que estava ainda fraco e vulnerável.

"Meu querido guerreiro, vai-nos ser muito útil."

"Onde eu estou?"

"Na ilha das ninfas do mar, ou como vocês marinheiros, fortes e de ombros largos nos chamam... sereias."

"Isso é um mito!"

"Não! Nós somos muito reais, e acho que já sabes disso."

"O que raio fez aos meus homens?" perguntei, sem forças, e com grande confusão mental.

"As tuas soldadas estão mortas, mas os teus homens estão bem, aliás, muito bem. Não fazem ideia do que se está a passar e vivem felizes no harém, com comida e sexo em fartura. Estranhamente, tu não pareces muito cooperante," disse a rainha, enquanto fazia um fumo azul serpenteante dançar diante dos meus olhos, deixando-me zozinho e afastado da realidade. "Devias parar de resistir, serias mais feliz."

"Porquê fazes isto?" perguntava eu repetidamente.

A rainha levantou-se e caminhou pelo quarto. "Sabes o que era a minha avó? Uma sacerdotisa, pura, casta e bela, que vivia num templo num lugar muito distante daqui, até que um dia um templário pediu-lhe comida e abrigo. Ela, como boa serva dos deuses, ajudou-o, mas ele violou-a, uma e outra vez, diante da estátua do deus Ronronai, que

nada fez para a salvar. Mas então, quando ela já tinha desistido e aceitado o seu destino, Hanunk apareceu e, com um estalar de dedos divino, transformou aquele templo em sangue e pó. A deusa acolheu-a e presenteou-a com esta ilha. A filha da minha avó, a minha mãe, tornou-se rainha depois dela, e agora sou eu." A rainha fez uma pausa, olhando perdida para a janela antes de continuar. "Mas a minha avó percebeu que a sua filha estava solitária, e não havia homens na ilha. Um dia, um barco de escravos deu à costa, tal como o teu, após uma tempestade. Os homens chicoteavam algumas escravas, e ela teve uma ideia. Conhecidora de ervas e magia, lançou um feitiço que adormeceu os homens, libertou as mulheres e deu-lhes uma escolha: cruzarem-se com os captores e matá-los ou morrerem com eles... Claro que elas escolheram ser livres, e nós somos as suas descendentes. Os homens são agora os nossos escravos!"

"Nunca... jamais... serei teu escravo!" disse, levantando-me com ferocidade, mas logo perdi quase completamente os sentidos, podendo apenas ouvir uma voz distante.

"Mas já és... e agora vamos tratar do nosso prazer."

Acordei novamente, ainda acorrentado. O medo apoderou-se de mim, mas a minha mente estava mais clara. Não podia deixar que ela me dominasse novamente. Tentei ferozmente libertar-me das correntes, mas a minha força ainda era insuficiente.

Num luar de lua cheia, a deusa Agahataia apareceu-me.

"Meu querido Mikerium, comigo não quiseste nada, mas com esta mortal adoradora da minha irmã já estás todo feliz?"

"Se estivesse feliz não estaria acorrentado..."

"Sim, mas eu vi-te a foder com a rainha, estavas tão feliz..."

"Estava drogado!"

"De facto. Então porque não pediste minha ajuda?"

"Porque não me ajudaste se viste que estava em apuros?"

"Estavas a foder feliz com uma rainha e alimentado por servas. Querido Akháríum, há tanta gente a foder com porcos e a comer pão velho."

"Não sabia que a deusa do amor e da proteção era também sarcástica..."

"Sou uma caixinha de surpresas. Para a próxima, pede ajuda. Eu disse que iria proteger-te e avisei-te que haveria deuses que iriam lutar contra ti."

"Então peço-te, podes levar-me para o meu navio?"

"Não. O teu navio já foi avisado. O teu lobo chegou lá muito rápido, contudo, muitos dos teus homens estão no harém. Liberta-os."

"Isto deve ser muito divertido para ti..."

A deusa riu-se de forma infantil, um som quase desconcertante em meio à minha angústia, e olhou para mim com um brilho malicioso nos olhos. "Sim, é bastante divertido," respondeu ela, com um sorriso enigmático. Com um movimento gracioso da mão, Agahataia tirou a droga do meu corpo. Senti a minha força retornar, a clareza voltando à minha mente. As correntes, que antes me pareciam inquebráveis, agora se partiam como se fossem feitas de barro. Liberto, saí do quarto. O palácio, que antes parecia um labirinto de prazeres luxuriosos, agora era um campo de batalha em potencial. As servas confiavam demasiado no poder das drogas e na complacência dos prisioneiros.

Percorri os corredores com cuidado, os passos silenciosos sobre o piso de jade quente. À distância, vi algumas guardas. Escondi-me numa arrecadação, observando enquanto passavam. Quando a última

passou, puxei-a para dentro da arrecadação, torcendo-lhe o pescoço e roubando a única arma que ela empunhava, um punhal. Rapidamente, saí e continuei o meu caminho, descendo as escadarias. Eu tinha subido para o quarto da rainha, então os haréns e masmorras deviam estar no nível inferior, nas profundezas do palácio.

Ao descer as escadas, o ar tornou-se mais denso e opressivo. O cheiro de carne podre, sangue seco e cera derretida enchia o ambiente, tornando cada respiração um desafio. Senti uma ponta de náusea, mas segui em frente, determinado a libertar os meus homens. No fim da escadaria, avistei uma luz maior do que as fracas velas que iluminavam os corredores. Aproximei-me, movendo-me de sombra em sombra, até ouvir vozes que entoavam cânticos num idioma que eu não reconhecia.

"Ó deusa Hanunk, deusa do sexo e da procriação, aceita este nosso sacrifício como prova da nossa lealdade," entoava a rainha, sua voz carregada de fervor e loucura. Aproximei-me ainda mais, vendo a cena horrível que se desenrolava diante de mim. A rainha, juntamente com várias servas, realizava um sacrifício. Mataram várias mulheres, arrancando os olhos, a língua, e finalmente cortando as suas gargantas. O sangue escorria em rituais macabros, e eu sabia que os homens acorrentados seriam os próximos.

As acolitas derramaram o sangue das vítimas sobre os homens nus e, em seguida, copularam com eles, utilizando o ato como uma oferenda profana. A sacerdotisa aproximava-se de um dos meus homens, um punhal reluzindo em suas mãos, pronta para degolá-lo. Não podia ficar parado. Com um só lançamento, o meu punhal atravessou o pescoço da rainha, cortando-lhe a oração macabra. Ela tombou, surpresa e impotente.

As servas viraram-se para mim, gritando em histeria, os olhos cheios de fúria e desespero. Armadas com punhais, lanças e unhas afiadas, lançaram-se sobre mim, uma horda de vingança. O combate foi feroz. Elas eram mais magras e mais baixas, mas a loucura dava-

lhes força. Com as mãos nuas, agarrei a primeira que empunhava um martelo, esmagando-lhe a garganta com um golpe seco. Outra serva conseguiu cortar-me a barriga, mas dei-lhe um pontapé que a atirou contra a parede, ficando com o martelo nas mãos. Estava rodeado, mas não indefeso. Parti o maxilar de uma das atacantes com um golpe certo, mas o custo foi abrir a minha guarda, permitindo que outras me ferissem com punhais e espadas.

Cada golpe das suas lâminas e garras retardava a cicatrização e apodrecia a carne, como se mil agulhas envenenadas estivessem a ser enterradas nas minhas feridas abertas. A dor era insuportável, mas a minha vontade de sobreviver era maior. A cada movimento, a cada batida do meu martelo, as inimigas caíam uma a uma, até que a última, em desespero, tentou fugir em direção a uma corda suspensa. Lancei-lhe o martelo, que cravou na parte de trás da cabeça, espalhando sangue e tripas pelo chão. O combate terminou, mas eu estava a cambalear, ferido e exausto.

Aproximei-me dos prisioneiros, mas antes que pudesse libertá-los, a rainha, que se tinha escondido atrás dos corpos, saiu da sombra. Com um movimento rápido, espetou uma flecha no meu pescoço. Agarrando-a, sentia o veneno a espalhar-se, mas não parei. Com a última força que me restava, agarrei a cabeça dela e bati contra o muro repetidamente até que o crânio se partisse, espalhando sangue e ossos.

Mas o veneno estava a fazer efeito. O sangue escorria pelo meu pescoço, e as minhas feridas estavam a ficar verdes e podres. Sabia que tinha pouco tempo. Arrastei-me até uma das velas, caracterizando a ferida no pescoço com o fogo. A dor foi excruciante, mas era o único modo de sobreviver. Em seguida, caracterizei as outras feridas, uma a uma, sentindo o cheiro de carne queimada e a morte a espreitar. Mas não havia tempo para desistir.

Cansado, atirei a vela para o lado e olhei para os meus homens, agora livres do feitiço, mas ainda confusos e fracos. Entre eles, o meu

subchefe Davariuns estava caído, a tentar recuperar-se.

"Davariuns, estás ferido?" perguntei, com a voz rouca de esforço e dor.

"Não, Senhor, mas estou confuso... Não sei onde estão os nossos homens," respondeu ele, a mente ainda enevoadada pelos efeitos das drogas.

"Eu sei, estás drogado, mas tenta lembrar-te. Vamos, homem, precisamos de todos!"

"Eu vim da parede..." murmurou ele, apontando para uma parede na masmorra.

Segui o seu olhar e comecei a procurar uma entrada secreta. Batendo na pedra, encontrei um ponto oco. Peguei a marreta que tinha usado no combate e, com um esforço tremendo, parti a parede, revelando um salão escondido. Dentro, estavam centenas de homens, drogados e em êxtase, cercados por escassas guardas. Elas tentaram resistir, mas desta vez, não estava sozinho. Os meus homens, desperto da letargia, pegaram em armas e atacaram as guardas, vencendo-as rapidamente.

Os homens libertos estavam felizes em me ver, mas a droga ainda os deixava em um estado de confusão. Sabia que não tínhamos muito tempo. Sem outra solução, invoquei novamente a ajuda de Agahataia.

"Ó deusa do amor e da proteção... apoia-me, salva estes homens da loucura da droga," pedi, com a voz a tremer de desespero.

Agahataia apareceu, com um sorriso malicioso, os seus olhos a brilhar com diversão. "Também sou a deusa da beleza... ou não me achas bela? Estou a brincar, fofinho. Tinha saudades tuas. Vês como, quando pedes, eu apareço? Podias era pedir para que eu aparecesse no teu quarto..."

"Não temos tempo para isso agora, preciso da tua ajuda."

Ela riu-se, mas usou a sua magia, removendo a droga dos corpos dos homens. Eles aproximaram-se, agradecidos e mais lúcidos, prontos para lutar novamente. Muitos aceitaram o convite para se juntar à tripulação, embora soubéssemos que a batalha estava longe de terminar. As mulheres que tinham saído do navio não tiveram a mesma sorte. Tinham sido todas mortas.

"Homens libertos, eu sou Mikerium, comandante do navio Galécia. Vim libertar os meus marujos. Vós sois livres para irem ou ficarem, ou podem juntar-se a mim no meu navio. Por agora, somos todos irmãos na mesma causa. Peguem nas armas das guardas e batalhem lado a lado comigo. O resto da minha tripulação já foi avisada e virá combater connosco. Hoje tomaremos a ilha de assalto e dominaremos as nossas raptoras!"

Todos gritaram e correram como uma onda de fúria e selvageria, roubando armas e pegando em pedras. Eu, cansado e ferido, saí devagar do harém. Para minha felicidade, ao subir para uma varanda, vi ao longe toda a minha tripulação a combater. Do meu navio, saíam projéteis de canhão, e homens assaltavam a cidade. Do harém, saíam homens que tomaram e controlaram o resto da ilha. O assalto foi rápido; as servas não eram guerreiras, e o seu domínio desmoronou-se em pouco tempo. Em pouco mais de vinte minutos, a ilha estava dominada.

O chefe dos rebeldes, um homem forte com cicatrizes de batalhas passadas, veio ter comigo, o olhar cheio de respeito. "Mikerium, obrigado por nos libertares. Alguns dos meus homens querem ir contigo e aceitaram o convite, mas a maioria não quer regressar. A nossa vida já acabou há muito tempo. Não temos mais para onde ir."

"Terão sempre um barco à vossa espera," respondi, com um aperto no coração. Sabia que muitos deles não tinham salvação possível, mas a oferta era genuína.

"Agradeço, mas por enquanto, vamos festejar," disse ele, dando-me um sorriso cansado.

Festejámos pela noite dentro e pelos dias seguintes, bebendo, cantando e recordando os tempos passados. Mas a sombra da batalha ainda pairava sobre nós. Uma mulher aproximou-se de mim numa dessas noites, trazendo uma caneca de aguardente de mel. Era a minha contramestre, Moira, uma mulher forte e leal, que tinha estado ao meu lado em muitas batalhas.

"Comandante," disse ela, entregando-me a bebida. "Posso perguntar por que não está a festejar?"

****Olhei para ela, cansado, mas grato pela sua presença.**

"Não tenho grandes razões para festejar," respondi, suspirando profundamente. "A minha Casa caiu antes de eu nascer, os meus pais morreram antes de eu saber falar, e a minha infância foi roubada. A minha mulher desapareceu, e agora tenho de lutar contra um deus que matou o meu antepassado... Tudo o que conquistei parece insignificante diante do que perdi."

Moira escutou em silêncio, o rosto refletindo compreensão e empatia. "Entendo, comandante, mas não pode ver o mundo só por esse lado. Tens feito o que nenhum outro homem ousou sequer imaginar. Conquistaste o respeito e a lealdade da tripulação, e não é qualquer um que pode dizer que tem o apoio de uma deusa. E, com o devido respeito, senhor... és admirado por muitos, especialmente por algumas das nossas tripulantes," disse ela com um leve sorriso, enquanto tentava aliviar a tensão.

Sorri de volta, grato pelo esforço dela para me animar. "E o que dizem as minhas tripulantes?" perguntei, curioso e levemente divertido.

"Dizem que és um comandante charmoso, que quando estás ao

leme com a tua roupa de couro negro e tecido branco, com as decorações verdes, com os teus cabelos longos e brancos e os olhos brilhantes como mármore, muitas ficam... bem, digamos que excitadas. E querem fazer coisas que nem imaginas..."

"Coisas boas, espero," brinquei, enquanto tentava manter o tom leve.

"Algumas... duvido que saíesses sem uma perna partida," riu-se Moira, mostrando um humor que sempre admirei nela.

Rimos juntos, e a conversa continuou de forma descontraída, o peso das recentes batalhas a dissipar-se lentamente. Bebemos pela noite dentro, até que Moira adormeceu ao meu lado, o rosto descansado e livre de preocupações. Também eu estava exausto, e sem saber como, acabei por pegar nela e levá-la para um dos quartos. Cobri-a com cuidado e, quando ia sair, ela agarrou-me, puxando-me para junto dela. Sem forças para resistir, deixei-me cair na cama ao lado dela, abraçando-a, e acabámos por adormecer juntos.

Acordei com os primeiros raios de sol a iluminar o quarto, o brilho suave a acariciar o meu rosto. Levantei-me devagar, enquanto tentava não acordar Moira, e fui até à janela. A vista da ilha era deslumbrante, com o mar a brilhar sob o sol da manhã, e uma aragem fresca a acariciar o meu corpo. Sentia-me mais tranquilo, mas sabia que era hora de seguir em frente. O nosso objetivo ainda estava por alcançar, e o mar chamava-me novamente, prometendo novas aventuras e desafios.

Saí do quarto e mandei chamar os meus homens. O navio tinha sido reparado e abastecido, e a tripulação estava pronta para partir. Apesar dos momentos de descontração e celebração, sentia que a jornada estava longe de terminar.

Dirigi-me para o porto, juntamente com alguns dos meus homens já prontos para embarcar. No porto, o chefe dos rebeldes, Khlaus,

esperava-me. Ele era um homem duro, mas justo, e eu sabia que ele tinha a confiança dos seus homens.

"Obrigado por tudo o que fizeste por nós, Mikerium," disse ele, com um olhar de respeito genuíno. "Convidaste-me para juntar-me a ti, mas o meu lugar é aqui, pelo menos por enquanto. Um dia, os nossos destinos irão cruzar-se novamente, mas por enquanto, aceita este presente." Ele apontou para uma armadura que dois dos seus homens carregavam. "Descobrimos a tua armadura e armas. Estavam em processo de desmantelamento, mas os nossos melhores ferreiros melhoraram-nas. Agora é mais leve, forte, ágil e manobrável."

"Obrigado, Khlaus. É um presente valioso," respondi, tocado pelo gesto. "Mas o que farão agora?"

"Sou o líder deles. Tenho de os proteger. Iremos reconstruir a ilha, e talvez, com o tempo, possamos fazer dela um lugar onde os nossos filhos possam viver em paz."

"E as prisioneiras?" perguntei, ainda preocupado com as consequências da queda do regime da rainha.

"Sem a rainha, muitas já desertaram e juntaram-se a nós. Outras fugiram, mas não têm para onde ir. Nós vamos garantir que aquelas que quiserem ficar terão uma nova vida aqui, sem o fardo do passado."

"Desejo-vos sorte, Khlaus. Que os deuses vos acompanhem e que o mar vos seja calmo," disse eu, apertando a sua mão.

Com essas palavras, partimos para o navio. O barco, que antes tinha uma tripulação de pouco mais de 250 marujos, agora estava carregado com 500 homens e mulheres leais e prontos para navegar e lutar sob o meu comando. Além disso, ganhámos mais um navio, fruto da nossa vitória. Com o convés carregado de ouro, armas, alimentos, água e conhecimento guardado pelas servas ao longo de séculos, estava pronto para dar a ordem que nos levaria para o próximo

capítulo da nossa jornada.

"Homens, baixar pano, levantar âncora, vamos zarpar!"

A tripulação respondeu com gritos de entusiasmo, e o navio começou a mover-se, cortando as águas com uma força renovada. O som das velas inflando com o vento e o ritmo dos remos entrando na água eram uma melodia de esperança e determinação.

Enquanto navegávamos, senti uma mistura de emoções. A batalha na ilha das servas de Hanunk tinha sido uma vitória, mas a luta estava longe de terminar. A minha mente voltou-se para Athena, a minha amada, cuja ausência era uma ferida aberta no meu coração. A promessa de encontrá-la e trazê-la de volta era a chama que me impulsionava.

Ao cair da noite, o navio avançava suavemente sob o céu estrelado. As luzes das estrelas refletiam na superfície tranquila do mar, criando uma sensação de paz temporária. Aproveitei o momento para refletir sobre os recentes eventos. As palavras de Agahataia ecoavam na minha mente: "há deuses bons, há deuses terríveis e há deuses que gostam de jogar com os mortais."

"Senhor, temos vento favorável. Manteremos esta rota durante a noite?" perguntou Davariuns, agora recuperado dos efeitos das drogas.

"Sim, mantenha o curso. Precisamos de toda a velocidade que pudermos conseguir," respondi, olhando para o horizonte, onde o destino incerto nos aguardava.

Davariuns assentiu e voltou para as suas funções. Fiquei sozinho no convés, perdido em pensamentos. As estrelas pareciam mais brilhantes naquela noite, talvez um bom presságio. Ouvi passos leves atrás de mim e virei-me para ver Moira.

"Não consegue dormir, comandante?" perguntou ela, com um

sorriso ligeiro.

"Há muito em minha mente, Moira. A estrada à frente é longa e cheia de perigos," respondi, enquanto tentava esconder a minha preocupação.

"Compreendo. Mas lembre-se, não está sozinho. Todos nós estamos contigo, até ao fim," disse ela, colocando uma mão reconfortante no meu ombro.

Agradei com um aceno e um sorriso. Era bom saber que, apesar dos desafios, tinha uma tripulação leal ao meu lado. O pensamento trouxe-me um pouco de consolo enquanto continuávamos a nossa jornada pelo mar.

Nos dias seguintes, navegámos sem incidentes. A tripulação estava em alta moral, e os reparos no navio mostraram-se eficazes. Chegámos a uma pequena ilha, não marcada nos nossos mapas, e resolvemos investigar. A paisagem era exuberante, com vegetação densa e praias de areia branca. Atracámos e enviámos batedores para explorar.

"Senhor, encontramos uma fonte de água fresca e frutas. Parece que a ilha é habitada por uma pequena tribo, mas parecem pacíficos," relatou um dos batedores.

"Ótimo. Precisamos reabastecer as nossas provisões. Vamos estabelecer um acampamento temporário e negociar com os habitantes," ordenei.

Desembarquei com um grupo de homens e mulheres, levando suprimentos para troca. Ao adentrarmos a floresta, fomos recebidos por um grupo de nativos. Eles eram altos e esguios, com pele bronzeada e olhos curiosos. Um homem mais velho, que parecia ser o líder, aproximou-se.

"Bem-vindos à nossa ilha. Sou Kairos, líder do povo Atarani. O que procuram em nossas terras?" perguntou ele, numa língua que, surpreendentemente, compreendíamos.

"Saudações, Kairos. Sou Mikerium, comandante do navio Galécia. Procuramos reabastecer as nossas provisões e estamos dispostos a negociar em troca de água e alimentos," expliquei.

Kairos sorriu, parecendo satisfeito com a proposta. "Vocês são bem-vindos à nossa hospitalidade. Ajudaremos no que pudermos. Sigam-me, por favor."

Seguimos Kairos até uma clareira onde havia cabanas construídas com materiais naturais. O ar estava cheio do aroma doce de frutas, e o som de risos e conversas alegres trouxe-nos uma paz que não experimentávamos há muito tempo.

Nos dias que se seguiram, reabastecemos os nossos suprimentos e criámos laços com os Atarani. A troca foi justa e benéfica para ambos os lados. Eles ensinaram-nos sobre as plantas medicinais da ilha, enquanto partilhávamos conhecimentos sobre navegação e tecnologia.

Uma noite, enquanto estava sentado à beira da fogueira, Kairos aproximou-se e sentou-se ao meu lado. "Mikerium, ouvi histórias sobre a tua busca. Procuras pela tua amada, não é?"

"Sim, Kairos. Minha mulher, Athena, está desaparecida, e farei de tudo para encontrá-la," respondi, a dor ainda fresca na minha voz.

Kairos olhou para o céu estrelado, como se buscasse respostas nas estrelas. "Os deuses têm caminhos misteriosos. Mas acredito que a tua jornada está a ser guiada por forças maiores. Não percas a esperança, Mikerium. Acredito que encontrarás o que procuras."

Agradei a Kairos pelas suas palavras de sabedoria. Sentia-me mais fortalecido, determinado a continuar a minha busca. Com os

suprimentos reabastecidos e a tripulação descansada, estava na hora de partir.

No dia da partida, os Atarani presentearam-nos com amuletos de proteção, feitos de pedras preciosas da ilha. Agradecemos a sua generosidade e prometemos voltar um dia.

"Homens, ergam âncora! Vamos zarpar!" gritei, sentindo uma nova esperança inflamar o meu coração.

Enquanto o navio se afastava da ilha, olhei para o horizonte. Sabia que a jornada seria longa e cheia de desafios, e talvez eu não vivesse muito mais tempo.

Capítulo V- Rumo ao reino de Gahiuntys

Após semanas no mar, o porto de Klheipus finalmente surgiu no horizonte. A capital do reino de Gahiuntys apresentava-se grandiosa e movimentada, com navios de todos os tamanhos a entrar e sair incessantemente. A agitação no porto era uma mistura de cheiros, sons e visões que desafiavam os sentidos.

"Homens, estão dispensados até nova ordem. Não deixem o navio sozinho e nunca durmam fora do barco. Podem passear pelo reino, mas primeiro, aproximem-se para receberem o pagamento da última batalha."

Os marujos aproximaram-se, recebendo as suas moedas com sorrisos e cumprimentos. A moral estava elevada. Parti em busca de respostas sobre a minha mulher, Athena. Caminhei pelo porto, onde o cheiro de peixe fresco se misturava com o som das gaivotas e o barulho constante dos pescadores. O porto, ornamentado com pedra vermelha e branca, típico da região, apresentava monstros talhados como dragões e bestas. Os frescos decoravam as paredes dos armazéns e estaleiros, e os barcos, mais coloridos que um arco-íris, enchiam o lugar de vida.

A cidade pulsava com uma energia única. Os pescadores, apesar do trabalho árduo, usavam roupas coloridas e perfumadas que mascaravam o cheiro do peixe. As lotas e o mercado eram um espetáculo à parte, com peixes de todos os tipos, frutas exóticas, incensos, velas, adereços, estatuetas de deuses e do oráculo, especiarias, joias, armas e animais raros.

"Cavaleiro, não deseja um pouco de carne seca? Temos armas! Guerreiro, não deseja um perfume para a sua amada? Ou um tecido para as suas vestes?" — os feirantes clamavam à minha passagem.

"Não, obrigado..." — respondia, maravilhado com a diversidade e a riqueza cultural da cidade.

Decidi comprar um punhal, feito do renomado aço de Klheiope, o metal mais forte e resistente que já vira. O punhal era recurvo, de cor

metálica com tons de safira, com uma pega de ouro e couro, ajustando-se perfeitamente à mão. Continuei até o centro da cidade, onde se localizava o grande fórum, um lugar cuja riqueza e diversidade eram inigualáveis. Elefantes, carros, armas, roupas, joias, especiarias, câmbio de moedas, cavalos, tudo era vendido ali.

Os cheiros de perfumes e incensos misturavam-se com os aromas das flores das floristas e jardins. Decidi comprar alguns remédios, tónicos e runas, úteis em qualquer jornada. Ao passar por uma loja escura, vi uma mulher de vestes de seda azul. Os seus cabelos trançados eram adornados com uma corrente de ouro e folhas de prata. Aproximando-me, reconheci o seu rosto.

"Athena!" — gritei.

A mulher fugiu, e no caos da multidão, perdi-a de vista. Quem era ela? Como podia ser igual à minha mulher? As perguntas martelavam na minha mente sem resposta. Decidi procurar o oráculo, mas ele só me receberia no dia da consagração, dali a dois dias.

Subi pelas ruas da cidade, passando por casas, jardins ricos, lojas e ferreiros, até avistar o enorme templo Pantyuny. Caminhei pela parte rica e depois pela parte pobre da cidade, onde a alegria e a miséria coexistiam. Crianças brincavam nas ruas, gatos descansavam nas varandas, e escravos eram tratados pior que animais.

Vi um escravo cair de cansaço, carregando um tronco enorme. O seu dono chicoteava-o sem piedade. Intervim, segurando o braço do homem e impedindo mais golpes.

"Quem pensa que é? Este escravo é meu!"

"Eu pago por ele!"

"É uma boa espécie, bom reprodutor. Paguei caro por ele."

Tirei uma moeda de ouro e atirei-a ao homem.

"Isto paga pelo escravo."

"Sim, nobre senhor, claro que sim. Aqui está o anel de domínio. Tenho mais escravos para vender."

"Algum é da família dele?"

"Tem uma mulher e dois filhos, mas são importantes para mim."

"Bem, ele irá consigo, tem plenos poderes para comprar todos os escravos que achar por bem. Isto deve pagar pela família dele e por mais uns vinte e cinco escravos." — Dei-lhe uma bolsa de moedas de prata.

"Sim, senhor dos mares, nobre capitão."

"Como te chamas, homem?"

"Valherium."

"Esse é um nome local. Nasceste aqui?"

"Não, meu senhor, fui trazido de Jiahty com a minha mulher."

"E como te chamavas lá?"

"Imhothun."

"Muito bem, Imhothun. Vai com ele e faz um bom negócio. Quando voltares, dirige-te ao meu navio, um dos galeões com a esfinge de Agahataia."

"Sim, senhor."

Com ódio pela escravatura, continuei a explorar a cidade, observando os costumes. Estava cheio de indignação pela crueldade que infestava aquele lugar. Salvei alguns, mas eram apenas uma gota

no oceano da opressão.

Caminhei até à via principal e deparei-me com um anfiteatro. Paguei o bilhete e entrei. O lugar estava em delírio. Um homem no púlpito gritava:

"Povo de Gahiuntys, vieram aqui para ver amigos e festinhas?!"

"Não!" — respondeu a multidão.

"Então o que querem ver?!"

"Sangue! Sangue! Sangue!" — gritavam em uníssono.

"Então sangue verão!"

Dois carros entraram na arena, rodeando uma família acorrentada. A mulher teve as pernas cortadas, o homem foi morto por uma lança, e as crianças choravam desesperadas. O jovem, enquanto tentava defender-se, segurava uma lança inútil. O meu estômago revolveu-se e a minha raiva transbordou.

"Povo sem honra nem coragem! Venham lutar como homens livres e não usem escravos e inocentes para o vosso divertimento!"

O anunciador riu-se.

"Parece que temos uma surpresa! Vamos ver quanto tempo ele dura."

Os carros dispararam flechas contra mim. Atirei-me para a terra empedrada e tive uma ideia. Enquanto os carros nos rodeavam, percebi que eles queriam mais dar espetáculo do que vencer rapidamente, e isso era uma vantagem para mim.

Escondi-me atrás de um dos pilares e dei ordens aos que estavam comigo para que se protegessem. O povo ria de felicidade quando os

carros passavam perigosamente perto de mim, como se me desafiassem. Avistei então um escudo caído no outro lado da arena. Levantei um pouco de pó no ar, confundindo os condutores, e corri até ele. Um dos carros, ao ver-me desprotegido, disparou uma flecha que atingiu a minha perna, fazendo-me cair, levantar-me e cair de novo.

Ainda assim, consegui chegar ao escudo a tempo de me defender de outra flecha, mas o público foi ao rubro quando um carro quase me atropelou, forçando-me a rolar para o lado.

"AHAHAHAH!" — riam os espectadores.

O medo e o suor faziam as minhas pernas tremer, o coração batia ferozmente, e o som dos cavalos, dos carros, do público, e das madeiras... deixava-me tonto. Quando um carro se aproximou novamente e disparou outra flecha, consegui defender-me e atirar um pouco de areia ao condutor, que se chocou contra uma coluna.

Os risos tornaram-se histéricos. Corri rapidamente para o carro, matei o condutor que saía de lá e roubei-lhe a lança.

Com lança e escudo em mãos, estava finalmente em condições de lutar, mas a perna ferida roubava-me alguma força. Outro carro foi adicionado à arena, distraíndo-me o suficiente para que um dos carros cortasse o meu peito com os seus espigões. Caí de joelhos; queria salvá-los, mas quem precisava de ser salvo agora era eu.

Cansado, cuspidando saliva e dor, olhei para o chão, coloquei o punho na terra e, com a ajuda do escudo, levantei-me novamente.

"Ohh, meus senhores e minhas senhoras, temos um lutador!" — gritou o homem no seu palanque. Olhei para ele, com ódio.

"Vejam, ele até me dá medo." — O público riu enquanto eu desviava a cabeça em direção aos dois carros à minha frente.

"Miúdo, queres ajudar?" — perguntei, baixo e calmamente, numa calma antes da tempestade.

"Sim, senhor!" — disse o jovem, com uma coragem maior do que o habitual para alguém da sua idade.

"Quando eu disser, lança areia com o teu pé, tenta acertar nos olhos dos cavalos."

"Sim, eu consigo!"

O carro carregou contra mim, mas recuei, atraindo-o para uma

armadilha.

"Agora, miúdo!"

O rapaz lançou a areia, cegando os cavalos. O carro despenhou-se contra a parede. Cortei a cabeça do guerreiro sobrevivente e ergui-a.

"Lutem contra um guerreiro e nunca serão vitoriosos! Não passam de covardes!"

O povo ficou em silêncio. Ainda tinha um último inimigo pela frente. Corri para os cavalos e desprendi um. Com a lança e o escudo, carreguei contra o escravo que conduzia aquela que poderia ser a minha morte. Com toda a velocidade, mandei o meu cavalo em direção ao carro, num ato quase suicida, e, no último momento, saltei do animal, caindo em cima de uma das flechas que entrou no meu corpo, fazendo-me soltar um "a" mudo, sem ar, seco, e de dor lancinante. A dor deixava-me tonto, a falta de ar impedindo-me de reagir, e o carro que se tinha desviado danificou-se contra algo na arena, mas eu não vi. Vi apenas o meu inimigo sair do veículo com o seu machado. Agarrei então um punhado de areia e levantei-me. O escravo assassino correu até mim, e eu permaneci imóvel, com dor, cansaço e frustração, desviando-me no último momento. Lancei-lhe uma nuvem de terra que o cegou, mas ele, mesmo assim, conseguiu cortar a cota de malha no meu peito com o seu afiado machado. Ambos caímos, por razões diferentes, mas eu tinha mais raiva, e, antes que pudesse sentir a dor do corte, levantei-me e cortei a cabeça do soldado que estava caído no chão.

Mas, quando a raiva se dissipou, percebi que tinha morto um escravo, que lutava apenas para permanecer vivo, e a dor começou a manifestar-se, fazendo-me quase cair.

Moira, que estava na cidade, deve ter-me visto e na bancada ouvi uma voz.

"Akhárium," — um som, o meu nome, vindo de algum lugar.

E então todos nas bancadas começaram a gritar "Akhárium, Akhárium, Akhárium..."

O meu nome era conhecido agora, entre o povo de uma das maiores cidades do antigo continente de Asghardan.

Eu olhei ao redor, Moira veio a correr para dentro da arena, ao meu encontro, eu por outro lado, talvez pela dor, talvez pela adrenalina, estava parado, o mundo ao meu redor rodopiava, sentia uma misto de alegria, vitória e horror, levantei então a espada e o pública gritou.

“Akhárium, Akhárium, o conquistador!”

Moira ao ver o êxtase do povo ficou parada, a olhar à sua volta, foi um momento de vitória, do bem contra o mal.

Então comecei a caminhar, com as crianças a meu lado, e os portões do anfiteatro abriram-se e pude sair, com todos, menos os pais que tinham morrido, ainda assim ordenei que Moira e um dos homens do meu navio levassem os corpos e lhes fizesse um funeral digno.

“Moira, vai para o navio depois, este lugar não é seguro.”

"As crianças..." — perguntou Moira

"Elas também vão. Pelo menos até arranjar uma solução melhor para elas"

Voltei para o meu navio, estava um pouco ferido, nada que não se resolvesse, mas a ferida psicológica, essa levaria para sempre, como pode alguém sentir prazer em ver a morte de outra pessoa?

"Vejo que acordou," — disse Moira ao entrar no quarto.

"Moira..." — levantei-me.

"Calma, senhor, está a recuperar."

“Eu já recuperei o que precisava, foi só um arranhão”

“Sim, a cota de malha protegeu-o mas precisou de pontos e pode abrir ou infeccionar-se, precisa de ir com calma. Nada de andar a salvar crianças e mulheres nos próximos dias” — riu Moira, mas também preocupada comigo.

Mas eu não podia descansar. Com ódio crescente pelo reino, tinha passado já demasiados dias no meu navio e o dia da consagração estava próximo.

Levantei-me e vesti a minha cota de malha. A dor não me impediu de me mover, mas já não tinha a mesma tenacidade. Quando o dia da consagração chegou, subi ao grande templo e pedi uma audiência com o oráculo. Após subornar os guardas, fui levado ao interior do templo, onde o cheiro de incenso e drogas era sufocante.

Mulheres nuas copulavam freneticamente, e no centro, protegido por colunas e estátuas de guerreiros, estava o grande oráculo.

"Templário, guerreiro dos deuses, aproxima-te."

"Há muito que não ouvia esse nome."

"Preferes Mikerium ou o Lobo?"

"Prefiro saber onde está a minha mulher!" — Atirei-lhe uma bolsa de moedas e o punhal manchado de sangue.

"Vens até mim com presentes, mas sem respeito? Os deuses não agradam aos arrogantes..."

"Nem aos charlatães."

"Julgas-me mal. Como poderia saber tanto e dizer tanto?"

"Com espões. Quero saber da minha mulher. Percorri meio mundo em busca de respostas."

"E voltarás sem elas e sem o tesouro..."

Saquei a minha espada e, num acesso de fúria, desferi golpes mortais nos guardas que estavam ao lado do oráculo. O som do metal a cortar a carne ecoou pelo templo, e o oráculo olhou para mim com olhos cheios de medo.

"Velho tarado, onde está a minha mulher!" — gritei, apontando a espada para ele.

"Se eu falar, serei um homem morto," — murmurou ele, tremendo.

"Se não falares, serás um homem morto por tortura!"

"Ela está na gruta de Herlkauno, o deus da cura."

"Queres enganar-me?"

"Um oráculo não mente, apenas omite."

"O que queres dizer com isso?"

"Os ferimentos dela eram graves demais para serem curados por mim. Mas não és o único atrás dela. O Senhor da Noite deseja-a."

"Deuses não saem à rua. Quem realmente anda atrás dela?"

"Os filhos de Akstunuthá. Querem sacrificá-la para libertar os exércitos da noite."

"Espero que não me tenhas mentido. Se o fizeste, caçar-te-ei até ao fim dos tempos!"

"Um oráculo nunca mente!"

Parti do templo e desci pela cidade, sentindo uma mistura de raiva e desespero. Os meus homens estavam cansados de estar no mar, e eu precisava de um plano. Resolvi passar a noite na cidade e partir ao nascer do sol.

No barco, planeei a rota para a gruta de Herlkauno. Durante dias e semanas, não avistámos terra. Finalmente, após várias semanas de navegação, um marinheiro gritou do alto do mastro:

"Terra à vista!"

Era o reino de Midharkr, o reino das serpentes sagradas

"Homens, aqui podem descansar, mas cuidado. Estes povos são adoradores dos deuses antigos, não respeitam outra língua senão a da força e não hesitarão em lutar convosco pelo prazer do desporto."

"Sim, comandante!" responderam em uníssono.

Parti para a cidade, que parecia saída de um conto de fadas. As casas de colmo e madeira, as estátuas de serpentes, amuletos e figuras híbridas de cavalos e homens, tudo contribuía para uma atmosfera de mistério e reverência.

Ao caminhar pelas ruas, notei que meu ar de guerreiro atraía olhares de respeito e admiração. Os habitantes eram forjados no aço e no mar, procuravam apenas glória e honra. A cidade era alta e cheia de armas, postes de sacrifício, e visitantes desavisados poderiam facilmente confundir seu comportamento com o de bárbaros selvagens. No entanto, sua língua, escrita, poesia e história eram as mais ricas de todos os lugares conhecidos.

Os gravaks, técnicas de luta ancestrais, eram celebradas em arenas onde homens lutavam até a morte. Outro desporto popular era a montaria, onde cavaleiros se enfrentavam com lanças, enquanto tentava derrubar o adversário. A ciência médica deles era avançada, mas a mortalidade era alta devido às constantes batalhas.

Subi a cidade e passei por ferreiros, casas de prostituição, tabernas, estalagens e campos de jogos mortais. Vi a maior biblioteca

conhecida e templos antigos. Os sacerdotes, chamados Adraks, detinham imenso poder político, maior que o dos reis. Eles haviam unificado as tribos sob uma bandeira comum, mas eram corruptos e facilmente subornáveis.

Ao chegar ao centro da cidade, vi uma estátua colossal do deus Eckouinsi, metade homem metade serpente, feita de mármore e bronze. A cidade nobre, ou cidade das nuvens, estava repleta de casas de culto, bibliotecas, universidades, ervanários, hospitais, casas de prostituição, residências nobres e o grande palácio.

Pedi uma audiência com o rei Ititythus, levando como presente uma arma feita de ouro e rubis. Fui recebido rapidamente, algo incomum. Ao entrar no palácio, vi guardas armados, uma fogueira retangular, janelas enormes e colunas majestosas com entalhes de guerras históricas. Cabeças de criaturas adornavam o salão, sinal de que um rei só era coroado após caçar uma dessas bestas.

"Guerreiro, vejo que somos irmãos na guerra e partilhamos o mesmo gosto por animais," disse o rei, sentado num trono de madeira e peles, com dois cães enormes ao lado.

"Nobre rei Ititythus, é uma honra ter uma audiência consigo," respondi.

"És respeitador. Gosto disso. Diz-me, como te chamas?"

"Akharium, senhor."

"Muito bem, Akharium. Onde encontraste esse lobo dentes-de-sabre?"

"O nobre rei tem um olhar atento. Poucos o reconhecem como lobo. Encontrei-o ainda filhote, após a morte da mãe. Cuidei dele e, desde então, é meu leal companheiro."

"Entendo. Há anos tento domar um lobo, mas eles sempre se

viram contra mim. Tive de soltá-los no jardim proibido. Mas não vieste cá mostrar-me o lobo. O que desejas do rei?"

"Desejo passagem segura para a caverna de Herlkauno."

"Não parece estar doente. O que o aflige?"

"Procuro uma mulher. O oráculo disse que ela estava na caverna de Herlkauno."

"Lamento pelo tempo que perdeu, mas se essa mulher estava na gruta, ela está morta..."

"Como?"

"Um exército do reino dos Cervus atacou a caverna e matou todos que estavam lá."

A dor cobriu o meu coração. Caí sobre meu próprio peso, e até meu lobo lambeu meu rosto enquanto gania. Bastardos de Cervus, como ainda nos perseguem?

"Jovem guerreiro, se desejar, posso mandá-lo à caverna, mas não posso fazer muito mais."

"Nobre rei, agradeço."

Fui escoltado até a caverna, um grande hospital disfarçado. O rasto de morte era evidente. O sangue estava sendo lavado e as paredes reconstruídas. Caminhei até à gruta, onde os doentes recebiam banhos de cura. O cheiro de enxofre misturava-se com o odor da morte. As pedras estavam arranhadas, evidenciando uma batalha feroz.

Minhas esperanças deram lugar ao ódio. Se minha mulher estivesse morta, caçaria o reino de Cervus e destruiria todos. Não restaria pedra sobre pedra. Percorri a caverna e vi um tecido cobrindo

um corpo. Reconheci a bracelete imediatamente. Chorei ao perceber que era a mulher por quem me apaixonara.

Fiz luto por dias, sem comer ou beber. A dor era imensa. Com o tempo, precisei fazer a passagem digna dela. Com ajuda do rei, reuni uma pira alta e coloquei-a no centro. Adraks entoaram cânticos e rituais ancestrais. Quando o ritual terminou, atirei fogo à pira. O ódio e a fúria tomaram conta de mim enquanto via meu amor desaparecer nas chamas. Meus olhos castanhos tornaram-se brancos, cegos pela raiva. Quando o fogo se apagou, as cinzas foram lançadas ao rio. Sabia que minha amada estaria sempre comigo no meu coração e no mar onde eu navegaria.

Parti para o meu navio, onde Davariuns me aguardava.

"Comandante, o que poderei fazer por si?"

"Minha mulher está morta... não há nada que possas fazer para mudar isso."

"Lamento, mas pode usar a runa da cura. Meu irmão usou-a quando seu filho morreu, e ajudou-o a fazer o luto."

"Está tratado. Vamos partir. Temos uma audiência com o rei de Cervus..."

"Senhor?"

"Ele morrerá às minhas mãos e seu reino será consumido pelas chamas de Asikrun!"

"Comandante, entendo a sua dor, mas não podemos fazê-lo sozinhos. Precisamos de um exército, mercenários, e um plano."

Ele tinha razão. Não poderia ser cego pelo ódio. Precisávamos de aliados.

"Tens razão. Partiremos de terra em terra, de reino em reino, até conseguirmos o maior exército que o mundo já viu."

"Muito bem, comandante. Quais as suas ordens?"

"Zarpemos!"

"Sim, comandante!"

E assim, com o coração cheio de dor e ódio, preparei-me para a batalha final. A vingança seria minha, e o reino de Cervus pagaria caro por cada lágrima derramada. O mar, agora calmo, seria testemunha da fúria que estava prestes a ser desencadeada.

Capítulo VI – A busca por aliados

Parti por terras quase desconhecidas, travei batalhas loucas e quase perdi minha frota. O ódio cego não era aliado da razão, e isso estava custando a vida dos meus homens. Foi num reino dominado por povos bárbaros, chamado Hal-dan, que minha fúria me levou a caminhos que antes eu desaprovava.

À entrada da cidade, fortificada com muralhas de taipa militar, fortes torres e uma defesa armada formidável, meus guerreiros aconselharam-me a partir. Na cidade não havia ouro, nem escravos que justificassem tal campanha militar. Mas quando a fúria de fogo consome a alma de um guerreiro, nada o pode parar.

Fiz um cerco à cidade, mas suas fortes defesas sempre frustravam meus intentos. Resolvi optar por um cerco prolongado, que durou dias e semanas. A moral dos meus guerreiros estava caindo; muitos já questionavam minha sanidade mental.

Contudo, determinado a conquistar a cidade, resolvi cavalgar ao seu redor, enquanto tentava descobrir pontos fracos. Não precisei procurar muito: a cidade era impenetrável, mas tinha um ponto fraco ainda assim protegido. A cidade era abastecida por uma fonte protegida por um Castelo-de-Água. Ordenei então que esse castelo, um forte construído em volta de um recurso hídrico, fosse destruído.

"Cavem ao redor do Castelo-de-Água, destruam a fonte hídrica e a cidade será nossa!" gritei.

Meu povo parecia receoso em acatar minhas ordens. Davariuns veio falar comigo, numa tentativa de me fazer recuar no meu desejo de conquista.

"Majestade, eu o segui até aqui sem questionar, tal como todos aqui estão, mas o que nos pede é absurdo! Deseja mesmo arriscar a vida dos seus homens e mulheres para conquistar um reino de pó? Sem agricultura, sem ouro e nem se quer tem escravos para que ao menos esta missão tenha um valor divino..."

Olhei para meu general com um olhar sombrio e respondi de forma que nunca tinha falado com nenhum dos meus guerreiros, muito menos com um amigo.

"Davariuns... ou a cabeça do rei de Hal-dan está no saco ao cair da noite, ou estará a tua!"

Davariuns, percebendo que eu falava sério, rapidamente ordenou que um grupo de escavadores começasse os trabalhos. O dia, que começara com uma manhã fresca, começou a aquecer. Os escavadores, a lutarem para perfurar a terra compactada e pedregosa, tombavam devido ao calor intenso, mas eu recusava-me a ouvir os soldados mais leais.

"Akharium! Não podemos continuar neste deserto... esta campanha já dura semanas, se antes tínhamos chances agora não! Temos mais soldados no hospital de campanha por falta de água do que por cortes de espadas... por que continuas com esta loucura?!"

"Eles vão se render quando lhes cortarmos a água!"

"Vamos cortar o abastecimento de água! Eles vão se render quando lhes cortarmos a água!" bradei, com a fúria cegando-me para os riscos.

"E se não o fizerem? Queres mesmo levar essa dívida para o salão dos deuses? A morte de crianças e mulheres? Nós não somos bárbaros!" replicou Davariuns, com uma firmeza que fez o meu coração vacilar por um instante.

"Não, Davariuns, somos guerreiros. Conquistamos e saqueamos. Não penses que somos outra coisa!" respondi, enquanto tentava calar as dúvidas que começavam a germinar.

"Somos mais do que isso! Em Narak, tu nos deste esperança, libertaste escravos, salvaste jovens, cuidaste de mulheres! Esse é o teu legado, não o de um assassino!" insistiu Davariuns, o desespero evidente em sua voz.

"Não posso recuar agora..." murmurei, encerrando a discussão

enquanto me afastava para ordenar que mais homens fossem adicionados à equipe de escavadores.

Ao cair da noite, o castelo de água, a última defesa do inimigo, finalmente desmoronou. Acreditava que a rendição seria imediata, mas as muralhas de Hal-dan continuaram a erguer-se, imponentes e ameaçadoras.

"Homens, preparem as catapultas e as torres de assédio! Vamos invadir essa maldita cidade!" gritei, enquanto meus comandantes trocavam olhares apreensivos.

Mas a maré virou rapidamente. As catapultas não conseguiam sequer arranhar as grossas muralhas, e as torres de assédio, ao serem movidas para o ataque, foram destruídas por uma chuva de pedras e flechas. As escadas eram derrubadas antes mesmo de alcançar o topo, e cada tentativa de assalto se transformava em um massacre.

Então, o erro fatal se revelou. Enquanto tentávamos desesperadamente penetrar as defesas, o verdadeiro terror começou a se espalhar entre os homens. As fileiras dianteiras desapareciam em nuvens de poeira e gritos, engolidas pelo desespero e pelas armadilhas que os defensores haviam preparado. O caos reinava, e os gritos dos moribundos se misturavam ao angorá do aço contra o aço, criando uma cacofonia infernal.

"Nós estamos presos, Akhárium! Estamos cercados!" gritou um soldado, a voz tremendo de pavor. Olhei ao redor e vi, com horror, que era verdade. Os portões se fecharam atrás de nós, isolando-nos das forças remanescentes, enquanto os guerreiros de Hal-dan emergiam das sombras como espectros vingativos, atacando nossas fileiras desorganizadas por todos os lados.

"Recuem! Recuem!" tentei ordenar, mas a ordem se perdeu no tumulto. As forças inimigas nos empurravam de volta, suas lâminas ensanguentadas reluzindo sob a luz cruel do sol do deserto. Homens que, horas antes, marchavam com confiança agora corriam, tropeçando nos corpos de seus companheiros, enquanto tentava escapar do cerco mortal.

Enquanto o cerco continuava, as semanas se arrastavam, e meu exército começava a morrer de sede e medo. Os que tentaram escapar

foram abatidos como presas, suas gargantas cortadas antes de conseguirem qualquer distância das muralhas.

Foi então que os portões da cidade se abriram, e o exército de Hal-dan, inteiro e sem mostrar sinais de fraqueza, saiu como uma maré negra. Eles atacaram com precisão letal, cortando nossos homens que já estavam reduzidos a sombras de si mesmos. A poeira se ergueu com a força do ataque, turvando a visão e criando um cenário dantesco onde o horror dominava.

“Retiremos, Akhárium. Estamos a ser dizimados! Não temos mais escolha!” implorou Davariuns, mas eu, consumido pelo orgulho ferido e pela raiva, recusei-me a aceitar a derrota.

"Não! Continuem a lutar! Vamos destruir essa cidade!" gritei, mas nesse momento, uma pedra de catapulta inimiga atingiu o solo próximo, explodindo numa chuva de fragmentos que me jogou ao chão.

A visão turvou-se enquanto eu era arrastado por meus homens, os gritos de Davariuns ordenando a retirada soavam distantes. Os poucos que conseguiram escapar faziam-no com o horror estampado nos rostos, os olhos vidrados pelo terror do massacre que testemunharam.

"Voltem! Voltem e lutem!" tentei comandar, mas meus gritos foram abafados pela derrota que já se desenrolava ao nosso redor.

Ao longe, vi o exército de Hal-dan, vitorioso e impiedoso, varrendo os restos do meu outrora orgulhoso exército, como lobos sobre um rebanho indefeso. O deserto havia se tornado nossa tumba, Enquanto o caos devorava o campo de batalha, os gritos de dor e os gemidos dos moribundos ecoavam pelo deserto. Soldados, antes orgulhosos, caíam ao meu redor, esmagados pela força implacável dos guerreiros de Hal-dan. Eu, o rei que prometera glória, agora via meu exército desmoronar, e o desespero tomava conta de mim.

Ferido e sem forças, fui arrastado pelos poucos homens que ainda permaneciam leais. Cada passo era uma luta contra a morte que nos cercava. Os olhos de Davariuns, pesados de tristeza, encontraram os meus enquanto ele tentava, em vão, manter a ordem entre os sobreviventes.

Retirámo-nos pelo deserto, muitos perderam-se mas um punhado de homens conseguiu chegar aos navios, da minha parte, reconhecendo que não estava sendo um líder digno, afastei-me para o deserto de Akur-Ohtrun.

Lá, meditei por quase um ano, curei minha dor e fiz meu luto. Ao fim de cerca de dez meses, enquanto colhia algumas frutas de Kra, uma semente duas vezes maior que um olho de boi, vi um enorme clarão refletido nas areias brancas, cegando-me por momentos. Quando recuperei a visão, vi uma criança.

"Olá, quem és tu?" perguntou o jovem, que não tinha mais que cinco anos.

"Chamo-me Akharium, e tu?"

"Não posso..."

"Sabe, não devia estar aqui no deserto sozinho, é perigoso. Quer que o leve a casa?"

O rapaz negou com a cabeça.

"Pegue," disse, oferecendo-lhe um Kra.

"Não posso."

"Tem de beber, vai fazer-lhe bem."

"Não consigo."

A criança olhava para trás, como se temesse que alguém a estivesse perseguindo.

"Está assustado? Não se preocupe, eu o protejo. Diga-me, como se chama?"

"Não posso..."

"Não pode dizer-me seu nome?"

O rapaz fugiu. Achei aquilo estranho, mas o que me fez ir atrás dele foi mais por ele ser uma criança, e seria perigoso estar sozinha ali. Ao correr atrás dela, percebi que corria muito mais do que eu. Em pouco tempo, a criança parou e começou a apontar para baixo, para um buraco no meio de algumas dunas. Ao aproximar-me, cansado da corrida, olhei para a criança e depois para baixo, e vi um Assacranu, seco, sua cor preta estava branca e quebradiça.

"Foi atacado?" perguntei.

"Não consegui..."

"Fugir?"

A criança acenou afirmativamente. Comecei a ficar assustado, mas ainda estava incrédulo. Desci a duna e, com minha vara, arrastei o corpo da criatura para o lado. Ao empurrá-lo, ele se desprende um pouco, mas ficou com a cabeça agarrada a um trapo velho. Tentei puxar o resto do cadáver, mas o farrapo em volta do pescoço não parecia ceder. Escavei um pouco à volta até que o pedaço de tecido estivesse frouxo. Depois, foi só tirar aquela criatura de perto.

Assim que o Assacranu estava num canto, concentrei-me em descobrir o que era tudo aquilo. Tecidos que não saíam das areias e um peso no fundo que não conseguia identificar. Continuei a escavar por algumas horas. O sol e a falta de água causaram-me câibras, mas tive a sensação de que não podia parar. Quando a sombra da duna finalmente me tapou do sol, comecei a sentir que o contrapeso estava mais próximo. Decidi então puxar, com cuidado, para não rasgar e perder a localização do que escavava.

Com cuidado, comecei a puxar os panos, que pareciam brotar. O

que antes era um pequeno tecido agora era quase uma vestimenta completa, mas ainda assim pequena. Continuei a puxar, sacudindo de forma que as areias fossem se libertando, até que, com um puxão forte, tombasse para trás. Ao começar a levantar-me, antes de ver o que tinha escavado, a criança gritou:

"Agora consegui..."

Olhei rapidamente para trás para lhe perguntar o que tinha conseguido, mas a criança desaparecera. Ao olhar para frente, vi algo que mudou o rumo da minha vida. O Assacranu, morto por causa da roupa que o estrangulou, tinha sido morto durante um ataque a uma criança. O peso que segurava os tecidos era uma criança mumificada pelas areias. Pelo aspecto, era a criança que eu encontrara.

Naquele momento, lembrei-me de todas as vítimas que morreram por minha causa. A morte de Athena libertou o Assacranu em mim, mas minha fuga para o deserto deve ter agradado a algum deus para que ele me enviasse esse sinal. Percebi que deveria ser o mensageiro que levaria a morte ao mundo ou aquele que impediria a marcha de Akstunuthá.

Levantei a múmia e levei-a comigo pela noite dentro. O frescor da noite facilitou minha jornada. Ao chegar ao meu acampamento improvisado, coloquei o corpo do jovem sobre os galhos de uma árvore. Arranjei palha seca e coloquei-a junto a ele, incendiando de seguida. A múmia rapidamente pegou fogo, e a árvore ajudou a que seu corpo fosse consumido até que areia, flora e criança caíssem por terra, unidos num só. Este tipo de funeral é comum entre os nómadas que habitam estas terras, e assim a alma teria paz.

Nessa mesma noite, levantei meu acampamento. Tinha uma missão para cumprir, um mundo para salvar. Não sabia se Davariuns ou mesmo alguns dos meus guerreiros ainda estariam à minha espera. Provavelmente achavam que eu estava morto, mas tinha de tentar. Caminhei guiando-me pelas estrelas, depois pela brisa, e finalmente,

ao início do fim da manhã, ouvi o barulho das ondas, das gaivotas e de alguns homens ao longe.

A princípio, não sabia se eram meus guerreiros ou pescadores que passavam na praia, eu podia ver navios tipicamente militares, contudo, alguns tinham sido transformados em casas, comércios e um porto rudimentar mas fervoroso.

Ao aproximar-me, vi o Galécia, imponente e belo, com as suas escamas de bronze azul e as velas pretas e vermelhas. Depois outro e outros dois que se aproximavam de um porto improvisado. Parecia que meus guerreiros ainda estavam à minha espera, não tinham partido e mantiveram-se no acampamento às portas das areias quentes, junto ao mar de Thnau, praticando algum tipo de comércio.

Vendo-me ao longe, Davariuns, de barbas e roupas que o tapavam quase totalmente, algo díspar da imagem que tinha dele, de um general imponente e bem vestido, veio ao meu encontro.

"Faz muito tempo, meu amigo," disse Davariuns, apoiando a mão no meu ombro, seguido de um abraço.

"Sim, meu amigo, mas agora estou lúcido."

"Folgo em sabê-lo. Quais são as suas ordens?"

"“Primeiro quero saber dos meus homens. Sobrou algum?”
“Muitos partiram, mas a maioria da tripulação original e alguns outros ainda permanecem.” “Quantos?” – perguntei, temendo a resposta. Davariuns suspirou e, com pesar, disse-me que, de algumas centenas, restavam agora apenas algumas escassas dezenas, mas ainda bons lutadores. Sorrimos um pouco e caminhámos até dois camelos. Montámos e conduzimos os animais em direção ao acampamento. Os meus homens e mulheres, ao verem-me, receberam-me como quem recebe um rei esperado. Eles ainda mantinham uma lealdade em mim maior do que eu poderia pedir. Veio ao meu encontro o meu lobo,

enorme e belo, que saltou para cima de mim, fazendo-me tombar com o seu peso, enquanto me lambia o rosto. “Homens, lamento tudo o que aconteceu. Lamento ter perdido tantos dos nossos irmãos, lamento ter partido para o deserto e lamento ter-me perdido algures pelo caminho, mas voltei, e como vos prometi, haverá ouro, terras e glórias para todos vós, que sois os meus soldados mais leais.” Todos gritaram: “Ahhhhh!” “Akhárium, Akhárium....” Enquanto eu ria, por dentro era um homem novo. Não arriscaria mais a vida dos meus soldados desnecessariamente. Estava na hora de me tornar um homem, um líder... um rei!"

Com meus navios novamente abastecidos, a moral alta e os ventos favoráveis, partimos para a ilha das sereias, agora controlada por Khlaus, o chefe tribal que me devia um favor. Após semanas no mar à máxima velocidade de vento e remos, avistamos a ilha. Ao longe, um farol foi iluminado para guiar-me com segurança até o porto. Khlaus veio me receber.

"Meu amigo, pensei que estavas morto. Soube das tuas aventuras pelas terras quentes. Eu sei por que voltaste! Tantos meses no mar e nas terras desconhecidas, sentiste falta da beleza de uma sereia, ahahahah! Mas lamento, já não há mulheres belas, só homens e gordas, ahahahahahaha."

Rimos enquanto montávamos nossos cavalos e fizemos uma corrida. Quem chegasse por último ao palácio pagaria uma caneca de hidromel e uma bolsa de moedas de bronze. A corrida foi acirrada. Os cavalos eram fortes, e éramos bons cavaleiros. Contudo, eu não pretendia ganhar, precisava que ele me visse em boas graças. Ao aproximar-nos do palácio, fui diminuindo o terreno e, sem que ele percebesse, deixei-o ganhar aquela corrida.

"Parece que me deves uma bolsa de moedas e uma caneca."

"Ahahaha, sim, Khlaus, e pagarei. Foi uma corrida justa."

"Mas venha, parceiro. Entremos no salão. Poderá ficar o tempo que quiser e foder com quem quiser... aqui o sexo é livre, ahahahahahaha."

"Ahahaha, meu amigo, não procuro mulheres. Temo que precise de homens, de guerreiros."

Ao ouvir-me, o bom humor de Khlaus esmoreceu, dando lugar a uma inquieta preocupação. Fui com ele e alguns dos meus soldados para dentro do grande salão. O povo da ilha ainda me conhecia, e um grande banquete foi feito em minha honra e para minha tripulação. Muitos deles eram amigos e irmãos destes homens.

"Akharium, lamento, mas não sei como poderei ajudar-te..."

"Khlaus, preciso de homens e estou pronto para pagar bem por eles."

"Não preciso do teu ouro. Tenho uma dívida de gratidão contigo. Contudo, não tenho homens suficientes para proteger a ilha."

"Mas estão a ser atacados?"

"Sim. A notícia de que a ilha já não era governada por aquelas malucas espalhou-se. Agora não somos temidos. O mar é perigoso e não sei como conseguiste cá chegar. Temos o farol apagado, inclusive."

"Eu vi, mas quem os ataca?"

"Piratas, não comuns, mas da Liga da Guerra e dos seus senhores. Aqueles bastardos de merda só querem o ouro de nossos negócios. Em pouco tempo, limparam boa parte da ilha."

"Posso ajudar-te? Tenho um galeão..."

"Calma, Akharium. Agora já não é como era. Conseguimos

espantá-los, mas ainda assim não tenho homens para dispensar. Todavia, tenho isto," e, entregando-me uma moeda com uma caveira vermelha, continuou: "É o teu bilhete para a ilha de Sentinelin, a ilha dos Senhores da Guerra. Com esta moeda, consegues uma audiência com eles. Se procuras mercenários, lá terás o que precisas."

"Tenho uma ideia melhor. Que tal eu salvar-te o couro mais uma vez?"

"Como assim?"

"Leva parte dos teus homens nos navios piratas, juntamente comigo. Apenas à minha ordem tomaremos a ilha de assalto."

"Não é possível. Eles são milhares e nós algumas centenas. Ainda mais, onde arranjaríamos navios piratas? Não temos marinha armada..."

"Eles são milhares em alto mar, milhares vendidos como soldados, mas são poucos em terra e muito menos na ilha. A cidade está cheia de escravos. Nunca vi nenhuma que não os tivesse. Nós libertaremos os escravos e tomaremos a ilha. Assim que os Senhores da Guerra estiverem mortos, seus soldados não lutarão pela reconquista da ilha. Eles não têm lealdade, só ganância. Com a conquista da cidade-estado, tu ficarás livre dos ataques de piratas coordenados, e eu terei os homens e terras que preciso para cumprir minha missão."

"Mas ainda temos um problema. Não temos marinha de guerra."

"Eu tenho ali fora quatro galeões. Estes navios de guerra conseguem derrotar qualquer navio pirata. Perdi muitos homens, mas com a tua ajuda, os números serão suficientes para manobramos os navios com capacidade máxima de ataque."

Khlaus pensou um pouco e, depois de perceber que era sua melhor alternativa, respondeu-me.

"É um risco, mas temos de arriscar. Obrigado,, mais uma vez, meu amigo...."

Festejei mais um pouco e fui deitar-me. O dia seria agitado, e eu deveria estar pronto para a liderança. No dia seguinte, assim que o sol nasceu, zarpamos com nossos navios, carregados de soldados e da minha tripulação. Assaltamos todos os navios das redondezas, alimentando os peixes com os corpos dos piratas mortos. Com os navios piratas capturados, rumamos para a Ilha de Sentinelin.

Durante meses, a viagem foi monótona. Nossas velas piratas e nossa força de embarcação faziam-nos intocáveis. Ao avistarmos a ilha, preparei o combate. Uma parte da força deveria ir para os bares e casas de prostituição e, ao sinal, soltar os escravos dos lugares mais pobres. Outra parte foi para a zona mais nobre, onde só a riqueza poderia entrar. Meus marinheiros usariam o ouro que tinha no meu navio, e eu, como um Senhor dos Mares, usaria a moeda para ter uma audiência com os Senhores da Guerra.

Dito e feito, antes que chegássemos ao porto, nos separamos. Estávamos com horas de diferença para não sermos reconhecidos. Eu ia nos últimos barcos. Assim, o terreno estaria pronto para executar meu plano. Os meus soldados saíram e levaram o carregamento de ouro. Eu, por conseguinte, montei um cavalo e, com meu lobo, subi até a necrópole, lugar dos mortos e do palácio dos Senhores da Guerra.

Com minha moeda, pedi uma audiência e, com minha moeda, tive-a marcada para a tarde seguinte. Com tempo de sobra e meus guerreiros se instalando, passei a explorar. Andei pelas redondezas até encontrar, naquele lugar de merda e escravatura, um jardim tranquilo. Lá, uma mulher bela, de cabelos loiros e olhos azuis, caminhava tranquilamente pelos caminhos adornados com folhas de várias cores e trepadeiras que abraçavam os muros de pedra. Seus seios eram grandes e duros, e seu corpo, divinal.

Apesar de bela, não era quem eu procurava, então resolvi ir por um caminho diferente. Contudo, um pouco à frente, vi a mesma mulher numa piscina fumegante, cercada por muros de pedra entalhada e cristais que aqueciam a água. A jovem estava totalmente nua, com um corpo mais perfeito do que eu imaginava. Ao perceber minha presença, ela sorriu e olhou-me com um olhar atrevido. Eu não consegui disfarçar, e ela sorriu novamente, desafiando-me a entrar.

"Venha, a água está quente, Senhor dos Mares..."

"Como sabe que sou um Senhor dos Mares?"

"Piratas não andam bem vestidos, e Senhores da Guerra não portam armas. São mais burocráticos."

"Não sei se uma pena conseguiria fazer frente a uma espada."

"Se uma pena for lucrativa, compra os homens que precisar para te derrotar."

"Homens assim não são leais..."

A mulher nadou até perto de mim. Eu estava aninhado na borda da piscina com meu lobo, e ela resolveu acariciá-lo.

"Como se chama?"

"Vanakh."

"Olá, Vanakh, queres carinho?"

A mulher, jovem de vinte anos, sorriu para mim. Colocou a mão no meu braço e, sem que eu pudesse reagir, puxou-me para a piscina.

"Senhor dos Mares, não tema uma piscina. É só água..."

Sorri e atirei-lhe um pouco de água. A jovem ripostou, e nós dois

travamos uma batalha de água, risos e alegrias. Não estava interessado nela, mas talvez aquele encontro me fosse útil.

"Não cheguei a perguntar o teu nome."

"Sou Priscillia, Senhora de Sentinelin, filha de Certório. E tu?"

"Senhor dos Mares, meu nome foi há muito esquecido..."

"Quem poderia esquecer o nome de um guerreiro tão destemido e portador de um lobo dentes-de-sabre?"

"Reconheceste?"

"Sim, não há diversão nesta ilha, e passo os dias a ler."

"Não diria isso. Os homens daqui parecem divertir-se."

"Sim, com putas, jogo, putas, comida, putas, bebidas, putas, putas, putas, putas..."

"Parece que não gostas muito deste lugar..."

"Não, de todo. Este jardim é proibido, sabias? Foi construído só para mim, e nenhum homem ou mulher pode cá vir."

"Não sabia. Deviam pôr um letreiro..."

"Não é preciso. Ninguém se atreve a enfrentar o meu pai..."

"Que homem destemido esse teu pai, que derrota guerreiros só com uma pena..."

"Vejo que és jovem, não tens medo de combater e gostas de aventuras. Quando partires, leva-me contigo," disse, aproximando-se e beijando-me na boca. "Posso ser a mais bela mulher e a mais sedutora amante..."

"Lamento, contudo, não estou pronto para me relacionar..."

"O que te aconteceu?"

"Não quero falar sobre isso..."

"Eu respeito-te, mas deixa-me pelo menos ajudar-te... Vem para minha casa, lá poderás trocar de roupa."

Acompanhei Priscillia até sua casa. Lá, algumas servas vieram ajudar-me. Fui encaminhado para um dos quartos, onde tiraram minhas roupas, armas e escudo. Trouxeram-me uma túnica fina e vestiram-me com a delicadeza que só uma serva sabe ter. Priscillia, por seu lado, estava à porta, apreciando. Ao ver que estava vestido, mandou as servas saírem.

"Ficam-te bem as roupas de senador..."

"Não é o meu estilo, mas obrigado."

"Confesso que tenho um motivo escondido."

Priscillia, ao aproximar-se, atirou-me para a cama e saltou sobre mim. Pegou num punhal e colocou-o na minha garganta.

"Podemos foder ou posso matar-te, Senhor dos Mares."

"Mas que merda?"

"Eu sei quem tu és, Mikerium."

"Mas como?"

Priscillia sorriu e saiu de cima do meu pescoço, ficando como se cavalgasse em mim.

"Eu sou uma serva de Agahataia, escrava de meu pai por não

venerar o deus Akstunuthá. Só ainda não decidi se te mato ou te fodo."

"Com um punhal assim não vais fazer-me estragos..."

Com rapidez, tirei-lhe o punhal da mão, olhei-lhe nos olhos e a seduzi com meu falar.

"Podemos foder, mas nunca me ameaces."

Priscillia sorriu e tive o melhor sexo, e único, dos últimos tempos. Com gemidos fortes, fiz-lhe gritar. Seus seios duros eram como algodão nas minhas mãos, seu rabo perfeito vinha contra meu tronco enquanto ela cavalgava em cima de mim. Deitei-a, chupei-a e fiz-lhe gemer cada vez mais alto. As mãos e o corpo tremiam de prazer, minha língua explorava bem fundo, e meus lábios beijavam os lábios mais sexuais que seu corpo tinha. Com meus dedos, alargava-a, o que a fazia gritar de prazer. Meu toque já a excitara, minha voz já a fizera desejar-me. Agora era hora de fazê-la delirar.

Assim que a vi entrar em êxtase, penetrei-a, colocando-a de quatro. Fudia-a com força, rapidez e ainda assim, carinho e delicadeza. Ela podia ser uma dama, mas ali era a mais selvagem das bárbaras. Ao cair da tarde, quando deitamos os dois, cansados e com nossos corpos nus e quentes, Priscillia olhou para mim.

"Tu fodes como nunca fui fodida, mas beijas como se fosses um bardo apaixonado. Onde está a tua amada? Eu vejo que teu corpo foi meu, mas teus olhos estão longe."

"Meu amor foi morto por um rei que serve Akstunuthá..."

"Lamento... mas então significa que poderás amar-me?! E eu serei tua concubina, tua mulher, tua rainha ou tua bruxa, se me quiseres."

"Não tenho como amar alguém antes da minha vingança."

"Teremos sexo, então... Posso fazê-lo contigo, apenas contigo, ou

com mais algumas amigas, se gostares. És um bom amante, e eu desejo estar contigo. Por algum motivo, tu despertas em mim o que nunca senti com ninguém. Juntos, poderemos governar o mundo, e no final, quem sabe, tu terás lugar e tempo para amar-me..."

Aproximei-a mais de mim e beijei-a, não por amor, mas por excitação. Fudemos mais uma vez, e mais uma, até a noite estar alta.

"Por que tens tantas cicatrizes?" perguntou Priscillia, olhando meu corpo.

"Marcas de guerra."

"Como? És um Mikerium. Poucos conseguiriam ferir-te, muito menos assim. Ainda mais, tens um grande fator de cura. Não é normal teres tantas cicatrizes..."

Suspirei, olhei-a um pouco e contei-lhe como tudo tinha acontecido.

"Quando nasci, minha morte era esperada. Apesar de ser desejado e minha vida ter sido cultivada, foram os responsáveis pela minha fraqueza que me salvaram. Os monges tinham feito mal os encantamentos, e eu nasci quase morto. Para salvar-me, abriram meu corpo e colocaram dois amuletos de pedra que, em alguns anos, tornaram-se parte dos meus ossos, pele, sangue e órgãos."

"Deve ter sido doloroso..."

"Não sei, era muito pequeno... Hoje são apenas cicatrizes. Não quero falar mais sobre isso."

Priscillia abraçou meu peito e beijou-me. Adormecemos e acordei quando o almoço foi servido pela princesa pirata.

"Bom dia. Sei que tens uma audiência com meu pai. Devias comer primeiro."

O almoço foi composto por uvas, amêijoas, ostras, lombo de porco, cerveja, castanhas, queijos e vários enchidos, além de pão de cevada e trigo. Para meu lobo, arranjaram um enorme porco assado e uma pia de água. Após o almoço, vesti minhas roupas de Senhor dos Mares e fui para a audiência. Precisava mandar um sinal para que o ataque fosse realizado, então mandei meu lobo entregar o recado.

Reunido no grande salão, um dos senadores olhou para mim com desdém e falou.

"Senhor dos Mares, pediu uma audiência e trouxe um considerável tesouro. Contudo, por que haveríamos de torná-lo um Senhor da Guerra?"

"Acho que estão enganados," disse, rindo. "Eu não quero ser um Senhor da Guerra leal a vós. Estou aqui para vos matar a todos!"

Uns riram-se, outros insultaram-me. Contudo, todos estavam em alvoroço.

"Guardas! Prendam este homem!"

"Guardas!!!!!!!!!"

Ninguém respondeu. Meu plano tinha sido executado com precisão. A esta hora, a ilha estava em minhas mãos.

"Senadores, vós dizeis ser Senhores da Guerra, mas nem uma espada portais?! AHAHAHAH. Vós escravizais os homens e julgais-vos superiores por isso. Hoje, eu, Akhárium o Lobo, irei mostrar o que faz um homem poderoso

Se espreitarem pela janela, verão seus escravos a matar os vossos soldados, e o meus, homens leais, a cumprir o seu papel no meu plano."

Vendo que não tinham escapatória, o imperador do senado falou

em nome dos que estavam em pânico, mas que não fugiam, uma vez que a porta de saída e entrada estava protegida pelos meus guardas.

"O que quer de nós? Poder? Riquezas?"

"Eu já tenho poder e as vossas riquezas. Vocês não me são úteis."

"Então vai-nos matar? Que seja rápido!"

"Eu não vos irei matar..."

Dizendo isso, Priscillia entrou e esfaqueou o próprio pai, o imperador do senado, que a mantinha e tratava como uma escrava, planeando vendê-la pelo melhor preço.

"Bem, meus senhores, os vossos admiradores vos esperam."

"Quem?"

"Os antigos escravos..."

Saí com Priscillia abraçada a mim e os meus homens atrás, deixando os escravos revoltos tomarem conta e fazerem a sua justiça. Como era de se esperar, todos foram mortos. Ao sair do palácio, Khlaus veio ao meu encontro e entregou-me o estandarte da Ilha de Sentinelin. Caminhando decidido, fui para o alto mirante e falei ao povo escravo e não escravo, enquanto lançava o antigo estandarte do alto do penhasco.

"Eu sou Akhárium o Lobo, filho de Ashmard, descendente do deus supremo Jhan. Hoje, conquistei esta ilha de escravos e, hoje, o dia terminará com o sol a iluminar esta ilha de homens livres. Vós, que fostes servos, sois agora senhores do vosso destino. Parti e sede livres para viver e morrer, ou ficai. Jurai-me lealdade, e sereis senhores não só do vosso corpo, da vossa alma e do passado, como tereis uma missão, um futuro, um líder e uma bandeira. Ficai e sereis meus filhos. Vós, que fostes escravos, hoje podeis ser guerreiros!!!!!"

"Salve Rei Akhárium o Lobo, Senhor das Terras de Sentinelin, libertador dos escravos, guerreiro temido e abençoado pelos deuses. Nós, filhos de escravos e hoje livres, vos juramos lealdade, ó Senhor da Guerra, Rei dos Reis!"

Com a lealdade deste milhar de guerreiros, eu tinha finalmente um exército. Virei-me para Khlaus para despedir-me, mas, para minha admiração, ele ajoelhou-se, dizendo:

"Eu errei em não o ver como meu rei e como, meu senhor, mas hoje tu mataste os meus inimigos. Tu salvaste os meus homens pela segunda vez da quase morte, e por isso, e por muito mais, eu, Khlaus de Sereino, chefe dos rebeldes da Ilha de Sereia, vos juro lealdade eterna. Que minha vida sirva para o proteger e servir, e mesmo assim estarei em dívida para contigo."

"Podes levantar-te, meu amigo. Tu, pelo louvor e lealdade, serás meu general. Teus homens estão salvos e têm a Ilha de Sereia para eles. Na tua ausência, Freya, minha capitã de confiança, ficará como governadora destas terras e da Ilha de Sereia. Preciso de ti como meu general para ajudar-me a conquistar Anupk e o Reino dos Cervus. Mas no final da Grande Guerra, poderás regressar à tua ilha e governá-la."

"Sim, meu rei, vivo para o servir."

Com todos os juramentos feitos e as bandeiras derrubadas e trocadas pelo meu símbolo, um lobo e o mar, estava na hora de partir. Mandeí preparar galeões e treinar todos os homens da ilha. Decidi voltar ao jardim e lá, o dia fez-se noite enquanto eu descansava, deitado na erva fresca com minha cabeça no meu lobo.

"Então foi aqui que se meteu o Rei dos Reis."

"É só um título, Priscillia."

"É poder..." disse ela, colocando a mão no meu braço para se

apoiar e sentar-se ao meu lado. "Estes homens amam-te. Tens um enorme poder nas mãos e um exército de milhares."

"Tudo para uma única missão..."

"E depois?"

"Não sei. Com o que está por vir, não conto sobreviver."

"A tua vingança?"

"Não, a minha vingança é conquistar um reino, mas minha batalha será contra Assacranus. Eles estão por trás da morte de Athena, o que significa que Akstunuthá está envolvido e tentará destruir o mundo. Eu terei de impedi-lo. Não me resta mais pelo que lutar e por quem viver. Nunca conheci meus pais, nunca tive amigos e o primeiro amor que tive morreu sem que eu pudesse ter algo mais do que uma fraca memória dela..."

"Mas agora tens amigos, guerreiros leais, um reino... e a mim."

Sorri para ela, apesar de estar triste. Depois, voltei a olhar para a frente e respondi:

"Não importa agora. Alguém tem de enfrentar Akstunuthá. Se não for eu, será outra pessoa, menos forte, menos preparada e com uma vida com mais pessoas que a amam. Ou então ninguém o enfrentará, e todos pereceremos. Este é o meu destino. Eu sei disso desde criança. Tentei fugir, mas as malhas da víbora que tece a sina dos homens não me deixaram escapar. Priscillia, eu morrerei. Meus antepassados também morreram. Contudo, se pelo menos salvar este mundo, meu legado será eterno e minha missão cumprida. Foi para isso que nasci, foi para isso que fui criado."

Priscillia abalou-se e enroscou-se em mim.

"Promete-me que voltarás aqui. Promete que não morres..."

"Não poderei prometer-te tal coisa, mas podes vir comigo, se ainda quiseses conhecer novos reinos. Irei proteger-te onde quer que estejas, princesa pirata."

"Não, meu querido. Já não pretendo partir. Esta é a minha casa. O meu lar é esta ilha. Com meu pai morto e esta ilha governada por homens justos, poderei viver bem."

"Então irei tratar para que fiques com a casa de teu pai, seus empregados e negócios."

"Obrigado, Akharium."

Adormecemos na erva fresca na noite quente e acordamos com o nascer do sol. Parti com Priscillia para a casa de seu pai, também minha casa agora, e lá fiquei por meses, até que meus guerreiros estivessem prontos e instruídos, a ilha protegida e os negócios retornados, praticando agora o comércio e não pirataria.

Quando chegou o dia da partida, Priscillia veio ter comigo à saída do palácio.

"Guerreiro dos Mares, quero que leves este presente contigo," disse Priscillia, entregando-me um açor. "Este animal é sábio e irá te proteger."

O açor, bem treinado, saltou para meu ombro. Já tinha ouvido falar destas criaturas, aves muito inteligentes, conhecidas como os cães dos ares, por defenderem e caçarem para seus donos. São aves extremamente leais. Normalmente, apenas aves virgens, como neste caso, aves que nunca foram de nenhum senhor, podem ser doadas ou compradas. Para garantir a lealdade da ave virgem, tive de a alimentar com carne de carneiro. O gosto por esta carne e seu treino fazem-na entender que aquele que a alimentou é seu único senhor. Felizmente para mim, o presente não era apenas uma ave, mas também um treinador que se voluntariou para ser o treinador da

minha ave, a que chamei de Faial, o Senhor do Bosque.

Depois desse presente, e de eu alimentar a ave, montei meu cavalo e Priscillia foi para um alto penhasco. Pude vê-la até o fim do horizonte, com suas vestes de seda e seus cabelos compridos. Mas aquela hora não era de tristeza, e sim de alegria. Tínhamos um destino, uma tropa, vários navios e um tesouro. Com isso em mente, e para manter a moral das tropas, fiz soar o berrante e cantei músicas de deuses e de viagens por mar. Com minha voz no alto, todos da tripulação começaram a cantar, e em pouco tempo, todos os barcos cantavam numa só voz.

Olhei para frente. A viagem seria longa e cansativa, contudo, no final do horizonte estava a terra de meus inimigos, assassinos de povos. Eu os faria ajoelhar-se. Conquistaria o reino de Anupk e, no final, com suas forças e seus forjadores, estaria pronto para conquistar Cervus e destruir o rei servidor dos mortos, Akstunuthá.

Capítulo VII - chegada ao Porto de Anupk

Vários meses de navegação endureceram ainda mais os meus guerreiros, moldando-os como o aço frio das lâminas que carregávamos. As velas dos nossos cinco galeões rasgavam os céus enquanto avançávamos em direção a Anupk, uma cidade-estado que ousava pensar que o ouro poderia comprar a paz. Mas eu, Akhárium, o Lobo, não me movia por ouro. A terra e o sangue eram os verdadeiros prêmios, e Anupk, com a sua cultura decadente de escravos e luxo, seria o nosso próximo alvo.

O rei de Anupk, um homem velho e arrogante, sabia da minha chegada. Ele acreditava que poderia evitar o confronto com promessas de riqueza, imaginando que a força de vontade de um guerreiro como eu pudesse ser comprada. Quando os nossos navios finalmente atracaram, a recepção foi grandiosa, mas vazia. O som dos sinos no cais misturava-se com as batidas ritmadas dos tambores, criando uma atmosfera de falsa cordialidade. O rei, acompanhado pelo seu senado, aguardava-me com uma expressão que tentava disfarçar o medo com uma máscara de falsa confiança.

"Senhor da Guerra, sois bem-vindo a Anupk. Podemos fornecer-vos ouro, terras e o que mais desejardes. Em troca, pedimos paz e a segurança do nosso povo," disse o rei, a sua voz embargada com a incerteza de quem sabia estar pisando em gelo fino.

Aproximei-me lentamente, o som pesado das minhas botas ecoando como trovões sobre as pedras do cais. O meu olhar fixou-se no rei, sem desviar. Não era o ouro que eu buscava, mas a terra e a quebra de correntes. A minha mão apertou o cabo do meu machado, o aço frio vibrando sob os meus dedos como um prenúncio do que estava por vir. Atrás de mim, Vanakh, o meu lobo gigante com dentes de sabre, rosnava suavemente, uma ameaça viva e furiosa.

"Rei de Anupk," comecei, a minha voz saindo como um rosnado controlado, "os fracos tentam comprar a paz com ouro. Mas eu, Akhárium, não vim para negociar. Vim para libertar esta terra do vosso jugo podre e fraco. A vossa riqueza é uma afronta, e os vossos escravos clamam por liberdade."

Sem mais palavras, avancei. As minhas mãos agarraram o pescoço do rei, levantando-o no ar como se fosse uma criança. O medo nos

seus olhos aumentava a cada segundo, e com um movimento seco, quebrei-lhe o pescoço. O som dos ossos a partir-se ecoou pelo cais, um sinal claro de que Anupk não seria comprada com ouro.

Mas ao invés de sucumbirem ao terror, os guardas do rei reagiram com fúria. A batalha que se seguiu foi intensa e sangrenta. Meus guerreiros avançaram com a ferocidade de uma tempestade, mas Anupk, apesar de despreparo, lutou com a força do desespero. As ruas transformaram-se num campo de batalha caótico, com corpos a cair de ambos os lados. O sangue manchava as pedras, e o cheiro da morte enchia o ar.

Enquanto a batalha se desenrolava, percebi que o meu corpo começava a ceder. Uma lança inimiga perfurou o meu ombro, arrancando-me um grito de dor. Mesmo assim, continuei a lutar, afastando os adversários e a cada movimento uma onda de ira dava força à minha espada que se cravava nas cabeças dos infelizes que ousavam atacar-me.

Cada movimento arrancava-me força e aumentava a minha fúria.

"Rápido, homens! Pilhem, matem e saqueiem!" gritava.

"Não toquem nos escravos!" exclamava, enquanto Davariuns, o meu amigo e general dos exércitos, ria:

"Mas os escravos podem matar os anuks."

O sangue e a batalha eram o meu paraíso. Abraçando Daváriuns, um anuka aproximou-se de nós com raiva para nos matar. Atiramo-nos um para cada lado e num rodopiar perfurei a garganta do soldado enquanto Daváriuns acorria a alguns dos soldados do Galécia que estavam cercados. Ele era um homem alto, mais alto do que eu, forte e divertido, mas na guerra era brutal.

Moirá também se estava a divertir, ela gritava com as suas pinturas azuis no rosto e seus braços vermelhos de sangue.

"Força e glória," proclamava, com orgulho na morte, de quem não era mais do que aquilo que eu já fui, uma vítima da guerra.

Vanakh, o meu lobo gigante, estava ao meu lado, rasgando carne e osso com uma ferocidade assustadora, mas eu sabia que esta batalha não seria fácil de vencer. Num momento de descuido, senti uma dor aguda atravessar o meu flanco. Um golpe inimigo cortou-me

profundamente o lado, e o sangue jorrava, quente e escuro. Cambaleei, o mundo à minha volta girando. Por um instante, pensei que iria cair, que o fim estava próximo. Mas a visão de Vanakh, a lutar ferozmente ao meu lado, trouxe-me de volta à realidade. Não podia desistir agora.

Com um esforço tremendo, ergui a minha espada e avancei contra os inimigos que ainda permaneciam de pé. Cada golpe meu era acompanhado por uma onda de dor, mas a determinação mantinha-me em movimento. Sabia que cada passo em falso poderia ser o meu último, mas o medo que sentia apenas alimentava a minha fúria.

"Tragam as escadas! Levem-nas para as muralhas!" gritei, com uma voz mais fraca do que gostaria, mas suficiente para os meus homens ouvirem. As escadas improvisadas alcançaram as muralhas, mas a resistência dos defensores mostrava-se feroz. Os meus homens caíam aos montes, e cada corpo que tombava alimentava a dúvida que me corroía a mente. O som de gritos enchia o ar, contrastando com o cheiro de carne queimada; ao meu redor, só havia sangue e morte.

"Catapultas, lancem Asakrum sobre eles!"

Uma chama incendiou o ar e desceu lentamente sobre um telhado de colmo, seguida por outras, como soldados sob o meu comando. Ordenei que forças maiores invadissem a cidade. Narak seria minha, mas as defesas eram intransponíveis.

Tive então uma ideia...

"Moira..." gritei.

"Sim, Akhárium."

"Não sairemos daqui hoje, eles não se rendem. Vai aos navios e ordena que bombardeiem o lado oeste!"

"Porquê?" perguntou Moira, confusa. "Não há nada lá, apenas algumas casas de pescadores."

"Eu sei, mas do nosso ponto de vista, parecerá que os barcos estão a arder. Vai, no meu lobo, ele é mais rápido."

Moira acenou em concordância e montou, cavalcando em direção aos navios. Com a chuva a parar, um incêndio no bairro piscatório poderia confundir os inimigos, fazendo-os crer que eram os meus

navios a arder.

"Retirada!" gritava, continuando a ordem.

Daváriuns permaneceu imóvel, olhando para mim antes de se aproximar.

"Estás louco?" agarrou-me com força. "Retirar agora? Podemos vencer!"

"Vamos vencer, meu amigo, confia em mim," respondi, colocando-lhe a mão sobre o ombro cansado. "Ainda tens os mapas da cidade que conseguiste com o teu amigo comerciante?"

"Sim, estão no navio. Porquê?"

"Tive uma ideia que pode resultar," retorqui. "Retira os homens, mas mantém-nos prontos para voltar ao ataque."

Daváriuns consentiu, resmungando algo enquanto gritava para que todos batessem em retirada. Com os meus soldados a fugirem, os inimigos pensaram que estavam a vencer e gritavam de alegria, mas eu tinha um plano.

"Ikus, vem aqui," chamei por um guarda de pelotão.

"Quantos caçadores ainda tens?"

"Não sei, majestade," respondeu Ikus, preocupado. "A maioria ainda estava nos barcos, agora devem estar mortos... o que aconteceu?" perguntou, visivelmente triste com a situação dos navios terem ardido.

"O que aconteceu é que eles estão gordos e enfadonhos. Vamos ter de mudar isso," disse, rindo. "Vai buscá-los e encontra-te comigo na zona oeste. Eles não estão mortos, mas os nossos inimigos estarão."

Ikus, embora surpreso, agiu rapidamente e eu corri para o oeste. Moira veio ao meu encontro, montada no Vanakh. Sem parar de correr, saltei para cima dele e o meu animal levou-nos até aos navios. Tinha a certeza de que existia um esgoto antigo que passava por baixo do rio que desaguava no mar.

Assim que chegámos aos navios, deixei a Moira a vigiar e a coordenar alguns caçadores, enviando-os para a zona oeste. Entretanto, percorri as galerias do navio até ao quarto de Daváriuns, o capitão do navio Andoran, onde pude ver os mapas. Fiquei aliviado, pois tinha razão: havia sim um esgoto antigo, mas a travessia contra a

corrente seria muito perigosa.

Daváriuns continuava a retirada e eu juntei-me aos caçadores no Oeste, em frente a um escolho.

"Meus amigos, hoje jantaremos no salão de Narak!" disse, confiante. "Quero que entrem pelo esgoto, abram as portas e venceremos esta batalha."

"Mas senhor, o esgoto é pequeno, mal cabe uma criança..."

"Não se forem pelo rio. É uma viagem de vários minutos, mas poderão entrar na passagem subterrânea. Não vou mentir, muitos vão-se afogar, mas os que sobreviverem poderão nos dar a vitória."

"Eu vou com eles!" exclamou Moira.

"Tens a certeza?"

"Sim!" disse ela, confiante.

Quando finalmente conseguimos abrir os portões, usando troncos de árvores como aríetes, o preço já tinha sido alto demais. Para cada cem que caíam, eu mandava mais cem para a morte. Sentia-me a transformar-me no Lobo Branco, o Carniceiro do Oeste, e a verdade é que começava a detestar o que via ao espelho.

A cidade de Anupk estava agora em ruínas. As suas ruas, antes adornadas com símbolos de riqueza, estavam manchadas de sangue e cobertas de cinzas. Os poucos sobreviventes que restaram eram os escravos, agora libertos, que olhavam para mim com um misto de medo e esperança.

Subi ao local onde o rei costumava discursar ao povo. A vista dali era imponente, mas a cidade ao fundo não mais refletia a grandeza de outrora. Ergui os braços e falei com uma voz que ecoou pelos escombros:

"Vós, que fostes escravos, sois agora senhores do vosso destino. Anupk caiu, e com ela, toda a fraqueza que a sustentava. Jurem-me lealdade, e sereis livres para reconstruir esta terra. Hoje, a escuridão foi varrida, e a verdadeira força ergue-se sobre as cinzas. Eu, Akhárium, o Lobo, ofereço-vos a escolha de se tornarem guerreiros, homens livres e construtores de um novo futuro!"

O clamor que se seguiu foi ensurdecedor, uma união de vozes que nunca mais desejavam sentir o peso das correntes. Anupk renasceria,

mas agora sob a bandeira da força, da liberdade e do sangue de Asghardan. E assim, a história do reino de Anupk foi reescrita pelo aço e pela vontade indomável de homens que não podiam ser comprados.

Decidi explorar a cidade de Anupk, uma cidade que se reerguia das cinzas do passado, quase totalmente reconstruída. Anupk, este reino esculpido nas areias, parecia uma miragem permanente, um reflexo distorcido de uma civilização que, apesar da aparente fragilidade, ocultava raízes profundas e complexas. A sua gente, marcada pela cor da madeira seca, ostentava uma elegância natural, uma resiliência que só poderia ser moldada pelo deserto implacável. Os deuses deles não habitavam em palácios ou templos dourados, mas nas areias vermelhas, nos ventos cortantes e nas espadas que empunhavam com reverência. Para eles, cada espada era mais que uma arma; era um deus menor, um fragmento do cosmos a ser venerado. Higt, o deus das águas e da abundância, era o mais venerado, um paradoxo num reino onde a água era escassa e a vida, um luxo.

Com o reino agora sob meu domínio, a superfície mostrava calma, mas eu sabia que o silêncio é muitas vezes um manto para a tempestade. Resolvi então penetrar mais fundo, não apenas na cidade, mas na alma deste povo que, até então, eu considerava simples inimigos. Caminhei pelas ruas principais, acompanhado por dois guardas, mas sentindo-me estranhamente exposto, como se a cidade me observasse tanto quanto eu a observava. As casas, construídas de barro ou terra seca e endurecida, com telhados de madeira nas residências mais abastadas e de barro nas mais humildes, contavam uma história de sobrevivência. As colunas que sustentavam as suas estruturas eram mais que meras peças de arquitetura; eram símbolos da sua força silenciosa, da sua capacidade de suportar o peso da história e da opressão.

À medida que percorria as ruas, observando as casas de tetos retangulares, utilizadas para cozinhar, estender roupas ou para as crianças brincarem, não podia deixar de notar a dualidade que permeava a vida em Anupk. Este era um povo que vivia à beira do desespero, mas que ainda assim mantinha uma alegria vibrante, quase

desafiadora. A música, que ecoava pelos becos estreitos, era uma celebração da vida, uma resistência teimosa contra as adversidades. Os aromas de comidas exóticas, carregadas de especiarias e carnes ricamente temperadas, enchiam o ar de uma promessa de prazer que contrastava com a dureza da paisagem circundante.

Entrei por uma rua ampla, ladeada por casas coloridas em tons de amarelo, branco, vermelho e laranja. A altura das edificações oferecia sombra, criando refúgios frescos que desafiavam o sol abrasador. A orientação cuidadosa para o vento sudoeste transformava esses corredores em oásis de frescura, onde a vida parecia um pouco mais suportável. As fontes, distribuídas pelos átrios públicos, não eram meras decorações; eram símbolos da sacralidade da água, uma lembrança constante de que a vida em Anupk dependia de cada gota. As casas, tanto ricas quanto pobres, eram adornadas com afrescos, colunas, entalhes em pedra, estátuas de deuses e tecidos coloridos, como se os habitantes tentassem, através da arte, encontrar um sentido mais elevado para a sua existência.

Despedi-me dos meus guardas, que hesitaram antes de acatar a ordem. Queria estar sozinho, integrar-me com aquele povo cuja cultura remontava à grande guerra, um povo que, apesar de todas as dificuldades, mantinha uma alegria calorosa, quase inexplicável.

"Nobre Sult-ahnan, aceite uma tâmara," — ofereceu um homem ao passar, carregando dois grandes sacos.

"Obrigado," — respondi com um sorriso, surpreso pela gentileza do homem, que parecia ser de classe comum, apesar da sua idade avançada.

As suas roupas, coloridas em vermelhos vistosos, eram feitas a partir das areias e de resina, como se ele vestisse a própria terra. Ele não pediu nada em troca; apenas ofereceu a tâmara e seguiu o seu caminho. Esse gesto simples abalou algo em mim. Como podia este homem, que vivia sob a sombra da opressão e da escravidão, não nutrir rancor? O que eu via como um sinal de fraqueza, comecei a perceber como uma força misteriosa.

"Senhor, espere," — chamei enquanto me aproximava dele. — "Deixe-me ajudá-lo."

"Nobre Sult-ahnan, não posso aceitar. Não é digno de um comandante carregar algo como um homem comum. Seria indigno para mim."

"Meu amigo, como se chama?" — perguntei.

"Alu-krat, majestoso."

"Bem, Alu-krat, eu nem sempre fui um rei. Quero ajudar, mas se isso for ofensivo para ti, então eu ordeno que me deixe ajudá-lo," — insisti, sorrindo, mas sentindo o peso das minhas próprias palavras.

O homem entregou-me um dos pesados sacos, um alforge com um braço de comprimento e dois de largura, pesado até para mim. Sentia a resistência nos meus músculos, e percebi que este peso era mais que físico; era simbólico. Era o peso da responsabilidade, do poder, da vida e da morte que agora carregava. Carreguei o saco até à sua casa, uma loja modesta que vendia frutas, ervas e madeira. A esposa e a filha do idoso vieram para ajudar, surpresas ao ver-me ali, carregando um fardo que não era o meu.

"Sult-ahnan," — curvaram-se as duas. — "A que devemos a honra? Ofendemos-vos de alguma forma?"

"Não, de forma alguma. Apenas quis retribuir o gesto amável de seu marido. Ele é um homem bom."

À medida que colocava o alforge no chão, observei o gato que se aninhava entre as frutas aquecidas pelo sol, um símbolo de tranquilidade num mundo que eu começava a entender que era mais complexo do que aparentava. A filha do velho arrastava os sacos para o canto, preparando-os para os clientes, e naquele momento, senti-me como um intruso, não na sua casa, mas na sua cultura. Após completar a tarefa, preparei-me para sair, mas a gentileza da família não terminou ali.

"Sult-ahnan, nossa morada é simples, mas farta. Aceite almoçar connosco; é costume convidar para Jantar quem nos ajuda. É como expressamos nossa gratidão. Seria uma honra e um orgulho."

Olhei para a família e sorri, mas o sorriso era agora carregado de uma nova compreensão. Eles não eram o inimigo que eu tinha pintado na minha mente. Eram pessoas, complexas e com motivações que eu ainda mal compreendia.

"Aceito, ouvi dizer que os cozinheiros de Anupk são os melhores do mundo conhecido," — comentei, rindo e acariciando um cão curioso que se aproximava, mas por dentro, o riso era uma tentativa de abafar a crescente dissonância que sentia em relação à minha missão.

Naquela casa, com janelas talhadas na taipa que permitiam a entrada de luz sem o calor do dia, de cor branca por dentro com grandes aberturas para resfriar, fui convidado a sentar nas kobesh, pequenas cadeiras baixas ao redor de uma mesa também baixa. Enquanto aguardava o Jantar ao lado do velho, que se chamava Fathir, ele me presenteou com uma música tradicional. Fathir fumava um cachimbo comprido e estreito, cheio de uma mistura de ervas moídas e carvão. A música, alegre mas com uma melancolia subjacente, tocava algo em mim que eu não queria confrontar. Era como se cada acorde me desafiasse a olhar para dentro de mim, para os motivos que me trouxeram até ali.

A combinação da música, dos aromas das especiarias doces, salgadas, picantes e frescas, e da carne a grelhar, já me fazia salivar, mas também me desestabilizava. A farinha, sendo tostada na chapa enquanto a mulher preparava tortilhas de pão frito, contribuía para uma atmosfera calorosa e acolhedora, mas eu, o conquistador, sentia-me desconfortável na sua simplicidade. Quando a última música terminou, as mulheres trouxeram a comida, sempre acompanhadas por um gato, como se ele fosse o guardião deste ritual. A mesa estava repleta de iguarias ainda fumegantes, com cheiros intoxicantes. A música também servia como uma oferenda aos deuses, uma forma de oração, mas para mim, soava como um lembrete de tudo o que eu havia destruído para chegar ali.

Quando a música cessou, o homem ofereceu-me uma tortilha de pão frito, permitindo-me a honra de abrir a mesa. Escolhi entre uma variedade de iguarias: frutas secas e húmidas, mel, nozes, costelas de vaca, orelhas de porco defumadas, bolos, queijos, lombos com cogumelos e um caldo espesso com legumes desconhecidos, além de bebidas como chá, vinho e Á-gua-t, feita a partir da destilação da cana de palparte, um arbusto altamente açucarado. Mas cada mordida era

uma luta, não contra o sabor, mas contra o que cada prato simbolizava. Quando a coloquei na boca, o sabor que esperava ser rico e exótico revelou-se uma surpresa avassaladora. O calor intenso, a agressividade do tempero, não era diferente da minha própria jornada até aqui. Mesmo os meus poderes de Mikerium não foram de grande ajuda. O meu rosto ficou vermelho, senti um calor intenso e suave como se estivesse em chamas, mas continuei a comer, a engolir não só a comida, mas a minha própria arrogância.

Banqueteámo-nos com ensopados, carnes, frutas, doces e bolos salgados recheados com carne e peixe, queijos e tiras de carne defumada. Ofereceram-me um cachimbo, o que hesitei em aceitar.

"Meu Sult-ahnan, aceite um pouco de Erva da Noite. É uma mistura especial que preparei."

"Agradeço, mas confesso que nunca experimentei algo assim."

"Experimente, alegrará o seu espírito."

"Experimente, alegrará o espírito," — insistiu o homem com um tom quase cerimonial.

Era um convite, mas também um desafio. Sua persuasão, combinada com a minha confiança imperturbável como Mikerium, fez-me aceitar o convite. Após dar uma tragada do cachimbo, imediatamente fui envolvido por um efeito muito mais potente do que o ardor da comida. O aroma era uma mistura de madeira fresca com um toque de limão, e o impacto do narcótico foi profundo. Uma sensação de leveza e euforia substituiu o ardor, mas não substituiu a luta interna que estava em curso.

Ela era extraordinária. Os seus longos cabelos castanhos caíam em cascata sobre os seus ombros, e a sua pele, de um tom profundo de castanho, contrastava perfeitamente com os seus olhos verdes e vibrantes. Comecei a rir, contagiado pela atmosfera leve e pelo prazer da música, mas por dentro, sabia que esta leveza era uma ilusão, uma camada superficial sobre uma realidade que eu ainda não estava preparado para enfrentar. O velho acompanhava a dança com cânticos ancestrais, que falavam de batalhas e monstros antigos, enquanto tocava um batut, um instrumento de percussão que produzia um som oco e profundo, como se ecoasse dos próprios ossos da terra.

A jovem começou a remover as camadas de suas vestes tradicionais, conhecidas como jihun, um conjunto de roupas em cores vivas – vermelho, amarelo, roxo, verde – projetadas para proteger do sol escaldante e do frio da noite. À medida que cada peça era retirada, o seu corpo revelava-se gradualmente, como um segredo sendo lentamente desvendado. Os tecidos, que variavam do mais grosso ao mais transparente, mostravam a sua figura de maneira evocativa, mas o que me prendia não era o seu corpo, mas o que ela representava – um enigma, uma cultura, um mundo que eu ainda não compreendia.

A sua pele morena era perfeita, com uma suavidade imaculada. Os seus seios eram firmes, com mamilos delicados, e a sua cintura acentuada por uma silhueta elegante. Os seus movimentos eram graciosos, e um perfume etéreo, algo que eu nunca havia experimentado antes, envolvia o ambiente. A visão dela, quase nua, envolta nos últimos vestígios da sua roupa, e a dança que se desenrolava ao som da música e dos risos, criou uma experiência sensorial quase onírica, mas também perturbadora. Não conseguia afastar a sensação de que estava sendo seduzido não apenas pela sua beleza, mas pela própria Anupk, uma cidade que eu achava ter conquistado, mas que agora parecia estar a conquistar-me.

Com a influência das drogas, as cores pareciam derreter como tinta em água corrente. A jovem levou-me para o quarto, removendo as minhas roupas com a mesma delicadeza com que havia dançado, mas cada movimento parecia carregado de intenções ocultas. O ambiente estava fresco, com uma iluminação suave proporcionada por duas luzernas que lançavam sombras dançantes nas paredes, mas eu sentia-me como um intruso, alguém que havia ultrapassado uma fronteira invisível. O aroma de especiarias foi substituído por uma nuvem densa de incenso que queimava incessantemente, enchendo o ar com promessas e mistérios.

Ao deitar-me, fui recebendo massagens com óleos aromáticos, enquanto o efeito do cachimbo e dos perfumes me envolvia numa sensação de relaxamento profundo, mas dentro de mim, a tensão continuava a ferver. Adormeci, imerso num sono que há muito não conhecia, mas os sonhos que me visitaram não foram de paz. Quando

acordei, encontrei a jovem ao meu lado, uma bandeja com chá amargo frio e bolos leves e agradáveis ao meu alcance, mas o amargor do chá parecia uma metáfora para a amarga realidade que me aguardava.

"Acorde, meu rei," — disse ela, com um sorriso que parecia refletir a luz do amanhecer, mas eu não via mais apenas a luz; via as sombras que ela também lançava.

"Hum... que horas são?" — perguntei, acordando como se tivesse desfrutado do mais profundo dos sonhos, mas sentindo-me estranhamente vazio.

"Já é de manhã. Os seus servos estão à espera," — respondeu ela.

"Já é de manhã? Como assim?" — A minha surpresa era palpável, mas havia algo mais, uma desorientação que não era apenas física.

Ela sorriu timidamente, com uma expressão que transmitia tanto respeito quanto um toque de divertimento.

"A majestade adormeceu aqui e passou o dia e a noite. Mas não se preocupe, o palácio foi informado."

Olhei para ela com uma mistura de admiração e gratidão, mas também com um novo respeito por este povo que eu começava a entender, finalmente.

"Posso saber o teu nome?" — perguntei, curiosidade tingida de apreciação, mas também com a intenção de encontrar uma âncora na tempestade interna que começava a formar-se.

"Hagart, meu rei," — ela respondeu, com uma reverência subtil.

"É um nome lindo... Diga-me, aconteceu algo entre nós?" — inquiri, ansioso para entender o que havia realmente transpirado.

"Não, majestade. Eu nunca agiria enquanto a erva de meu pai ainda estivesse em seu corpo. Não seria digno. Apenas o massageei e o deixei descansar," — explicou ela com um olhar de tranquilidade, mas eu sentia que havia mais nas suas palavras.

"Agradeço," — respondi, tirando uma moeda de ouro para oferecer. "Pega, como reconhecimento pelo teu trabalho."

A jovem quase ficou ofendida, recusando o presente com uma firmeza que eu não esperava.

"Nobre Sult-ahnan, aceitar tal presente seria uma ofensa para a minha casa e para o meu deus familiar. Em nossa cultura, quando um

convidado adormece após comer e cantar, é porque ficou satisfeito, e o nosso deus recompensará a nossa hospitalidade."

"Entendo, e respeito a tua cultura. Posso, ao menos, comprar um pouco da erva de teu pai?"

Hagart sorriu com um toque de timidez.

"Tenho certeza de que ele ficará feliz em lhe oferecer um pouco. Mas não poderei aceitar de graça, assim como a majestade não aceitou a minha oferta, pois seria indigno."

"Muito bem, Hagart. Considerarei isso," — respondi, sentindo-me respeitosamente reconciliado com a situação, mas ao mesmo tempo, ciente de que a minha jornada por Anupk estava longe de terminar.

Deixei a casa com a erva em mãos, recebendo sorrisos calorosos da família e acompanhado por dois servos que me conduziram através do deserto em camelos de pelagem vermelha. Mas ao chegar ao palácio real, onde me esperavam as responsabilidades do dia – revisar autos, resolver disputas e julgar casos significativos como homicídios –, não pude deixar de sentir que, por mais que tentasse impor a minha vontade, Anupk estava a moldar-me de formas que eu ainda não conseguia compreender totalmente. E, em algum lugar nas profundezas da minha mente, uma voz começava a sussurrar que a verdadeira conquista não era a da cidade, mas a da minha própria alma. Ainda carregava dentro de mim o desejo ardente de vingança, uma chama que nunca se apagava, mas que agora era acompanhada por algo novo, um entendimento que corroía lentamente as certezas que antes me guiavam. Comecei a perceber que a realidade era muito mais complexa do que eu imaginara, e que nem todos os habitantes dos reinos escravagistas eram meros tiranos ou monstros sem rosto. A noção de justiça, que antes via como uma espada afiada dividindo o certo do errado, começou a desfazer-se nas sombras que permeavam cada canto desta terra.

Os dias passaram, e minhas tropas, agora um reflexo de minha própria determinação, estavam prontas. Treinadas ao extremo, com a moral elevada, eram máquinas de guerra vivas, ansiosas por conquistar em meu nome. Cada soldado era uma peça crucial no tabuleiro, movida por um código de honra que eu mesmo instilara

neles. E, no entanto, mesmo enquanto nos preparávamos para marchar, sentia uma inquietação crescer dentro de mim, um pressentimento de que a verdade estava longe de ser simples.

Um mensageiro do reino de Cervus, envolto em mantos escuros, chegou até mim, carregando palavras de negócios e acordos comerciais. Ele não sabia quem eu era; a minha aparência havia mudado. O tempo havia endurecido minhas feições, alongado meus cabelos, e minha barba crescia como uma sombra persistente. Meu lobo de estimação, outrora apenas um cão robusto, agora era uma criatura temida, um reflexo de minha própria metamorfose. O mensageiro falava de trocas e alianças, mas eu tinha outros planos em mente, algo muito mais profundo do que ele podia imaginar.

Chamei uma reunião dos meus conselheiros e generais, discutimos os tratados de aliança possíveis, mas a resposta de Cervus tardou dias, como se o próprio tempo conspirasse contra nós. Finalmente, o rei Sacury, senhor daquele reino distante, aceitou minha oferta e decidi vir ao meu território, trazendo consigo a sua corte. Eu sabia que o momento de agir estava próximo. A conquista de Cervus, uma terra desprotegida e vulnerável, se tornaria um marco no nosso caminho, minimizando os riscos para os meus homens.

Quando o rei Sacury chegou, sem atraso, acompanhado por um séquito pequeno, percebi de imediato que este não era um homem a ser subestimado. A sua comitiva, composta por concubinas e servos, era um reflexo do poder e da ordem que ele acreditava controlar. Contudo, sabia que naquele teatro de poder, os únicos verdadeiramente livres eram ele e os seus filhos. Cervus, com as suas fronteiras estratégicas e rotas comerciais vitais, era um prêmio que eu não podia ignorar, mas também um campo minado de riscos e decisões delicadas.

"Caro rei Sacury, é uma honra tê-lo aqui," disse eu, mantendo o tom formal, ocultando as correntes subterrâneas dos meus pensamentos sob uma máscara de cortesia.

"A honra é minha, nobre senhor Akharium, o Lobo. E o meu reino não se compara ao vosso império," respondeu ele, com um sorriso que não alcançava os olhos, um sinal de desconfiança e cálculo que eu reconhecia bem.

"Não subestime a sua localização estratégica," repliquei, enquanto estudava cada gesto, cada inflexão de voz. "Uma aliança entre nós poderia não apenas fortalecer ambos, mas redefinir o equilíbrio de poder nesta região."

Ele acenou com uma cautela estudada, sem se comprometer totalmente, mas evitando qualquer ofensa. "Claro, não pretendi menosprezar-vos. Mas venha, deve estar cansado da viagem," disse ele, conduzindo-me para o local de recepção.

Os servos rodearam-no com atenção zelosa, enquanto o banquete se desenrolava como um espetáculo de opulência calculada. Contudo, enquanto os outros se entregavam à extravagância, a minha mente estava em outro lugar, fixada nas engrenagens que giravam nas sombras. O tempo avançava, e a noite que parecia prestes a afundar-se na rotina da diplomacia estava prestes a tomar um rumo inesperado. Um mensageiro aproximou-se discretamente, trazendo notícias que mudariam o destino de todos naquela sala.

"Meu rei, o general Davariuns foi bem-sucedido. Cervus está sob o vosso controle, e os antigos escravos aguardam as vossas ordens."

As palavras do mensageiro eram carregadas de triunfo e de uma inevitabilidade que eu sempre soubera que chegaria. Cada peça no tabuleiro estava agora no lugar, e o próximo movimento seria decisivo.

"Excelente. Informe aos guerreiros para se prepararem," respondi com uma calma estudada, enquanto no fundo do meu ser, uma tempestade de emoções se agitava — não apenas vingança, mas algo mais profundo e inominável.

Olhei para Sacury, ainda alheio ao que estava prestes a acontecer. A escuridão que há muito cultivava dentro de mim emergiu, uma sombra que ele não poderia escapar. "Soube que serve Akstunuthá..." As palavras saíram da minha boca como veneno, cada sílaba carregada de uma ameaça velada.

"Sim, um dos muitos deuses que Cervus adora," respondeu ele, ainda sem compreender o abismo que se abria sob seus pés.

"E soube que deseja abrir a Grande Muralha?" A minha voz, agora mais incisiva, cortava o ar como uma lâmina, penetrando as defesas verbais que ele havia construído.

"Não, além da muralha existem criaturas das trevas... Mas por que tantas perguntas?" A sua voz tremia ligeiramente, mas ele ainda se agarrava à sua compostura, sem perceber que estava prestes a ser despedaçada.

A raiva, que eu havia mantido sob controle até aquele momento, explodiu num gesto rápido e violento. Agarrando-lhe o pescoço, puxei-o para perto, forçando-o a enfrentar a fúria que queimava nos meus olhos.

"Eu sou Akharium, Mikerium de sangue, o conquistador de reinos, o libertador dos escravos, o caçador de Assacranus. Eu sou um Templário! E tu cometeste o erro irreparável de matar a minha esposa... Pagarás por isso com a tua vida!" A minha voz, uma mistura de dor, raiva e uma determinação fria, ecoava no salão, cada palavra uma sentença de morte.

Sacury, agora com o pavor estampado no rosto, tentou desesperadamente justificar-se, mas as suas palavras eram meros murmúrios, incapazes de atravessar a maré de emoções que me consumia.

"Por favor... eu não tive escolha..." Ele implorou, mas para mim, a

escolha que ele havia feito era clara como cristal, e as consequências eram inevitáveis.

"Há sempre uma escolha!" gritei, deixando o peso da minha decisão cair sobre ele, sabendo que, ao final, as nossas escolhas são o que verdadeiramente nos define.

"Ela não morreu!"

Aquelas palavras atingiram-me com uma força inesperada, ecoando pelo salão como um trovão distante. O meu corpo congelou, a minha mente hesitando entre a raiva e a dúvida. Será que ele falava a verdade? Mas eu cremei-a era apenas uma mentira, uma doce e desejada notícia mas era mentira.

"MENTE!" O grito saiu de mim como um rugido, uma tempestade de raiva e desespero que há muito vinha se formando no meu peito. A ideia de que ela pudesse estar viva, nas mãos daqueles que a queriam para um sacrifício, era um peso insuportável. Mas, ao mesmo tempo, a esperança que nunca ousara admitir queimava dentro de mim, confundindo a minha fúria.

"Precisamos dela viva. Ela deve ser sacrificada no alto da muralha para que seu sangue abra o grande portão de ferro e pedra..."

As palavras dele, tão terrivelmente verdadeiras ou maquiavelicamente faladas com mentira foram uma revelação que me deixou com esperança, com amor, uma sensação boa de esperança que eu não sentia há muito tempo.

Lancei-o para o canto do salão, minha mente agora focada na única coisa que importava.

"Eu quero saber onde está minha esposa! Ou seus filhos serão mortos!"

O rei, tossindo e enquanto tentava recuperar o fôlego, tremia de

medo, mas ainda assim resistia. Ordenei que fosse crucificado, mas ele permaneceu em silêncio, mesmo enquanto a dor o dominava. Sua resistência apenas alimentava minha fúria. Ordenei que seu filho fosse enforcado, e só então ele se quebrou, revelando a localização do templo de Akstunuthá, onde minha amada estava sendo mantida.

"Ela está no templo de Akstunuthá..."

"Porquê?"

"Porque a grande batalha está próxima, o Ceptro irá liberar o poder das trevas e todos seremos escravos! Não há escapatória ao poder que será libertado!"

"Quem mais é vosso aliado?"

"Ninguém, somos todos servos de Akstunuthá."

"Quem? Que reinos?"

"Reinos, deuses, reis, sacerdotes... somos muitos e somos um só."

A minha raiva crescia com cada revelação, e o ódio que me consumia exigia um preço.

"Enforcuem o segundo filho!"

"Não! Por favor! Eu não conheço todos, mas sei de um reino, o reino das Serpentes. Foi só com essa aliança que pude capturar a tua esposa..."

O grito que soltei ecoou pelo salão, uma explosão de desespero e raiva. Caí de joelhos, exausto e devastado. O rei de Cervus chorava, o seu filho chorava, eu chorava... A dor infligida por Akstunuthá parecia interminável. Sabia que precisava de salvar o meu grande amor, mas o templo de Akstunuthá estava além da Grande Montanha, no coração das terras mortas, onde nem as criaturas da noite ousam pisar. Era

uma verdade cruel, mas eu precisava de Sacury vivo. Ordenei que o rei e o seu filho fossem aprisionados na masmorra, enquanto o filho enforcado foi retirado e escondido numa cela secreta. Eu não mataria um inocente, mesmo na minha fúria.

Voltei ao salão. Os escravos que o rei trouxera foram libertados; alguns partiram, outros decidiram ficar. Entre os que decidiram permanecer, havia um grande estrategista.

"Meu nome é Dioníhun, Senhor. Sou estrategista e cartógrafo. Posso ser-lhe útil, meu rei."

"És livre, rapaz. O que desejas em troca?"

"Servi-lo, Senhor. A minha mãe era escrava, assim como os meus antecessores. Eu nasci escravo, fui chicoteado e torturado até me tornar dócil para estar na presença de um rei. Quando me libertou, fiquei em dívida contigo. Serei leal até ao fim da minha vida. Eu servirei o rei Akharium não por medo, mas por lealdade e gratidão. A ti, juro lealdade, Rei dos Reis, libertador dos escravos, Senhor da Guerra e filho dos deuses."

"Muito bem. Conheces o reino de Midharkr?"

"Sim, majestade. Conheço bem os principais reinos do sul."

"Ótimo. Então vai para uma das casas do governo, instala-te e depois retorna com um plano de invasão."

"Sim, nobre Senhor. Às suas ordens."

Deixei um dos meus generais no comando e preparei um poderoso exército para partir nos galeões. A grande batalha estava próxima, não apenas por minha amada, mas pela sobrevivência da humanidade.

Dioníhun veio comigo, sabendo que eu precisava de alguém que conhecesse o terreno. Após uma semana navegando pelo mar,

chegámos finalmente a Cervus. A cidade, agora sob o meu controle, estava repleta de celebrações. Os ex-escravos, agora livres e radiantes, saudaram-me com entusiasmo. Cavalguei pela cidade até ao grande centro, onde o povo se aglomerava para ver o seu novo rei.

A cidade, agora sob o meu controle, estava repleta de celebrações. Os ex-escravos, agora livres e radiantes, saudavam-me com entusiasmo. Cavalguei através da cidade até ao grande centro, onde o povo se aglomerava para ver o seu novo rei.

No grande salão, os druidas aguardavam-me, preparados para o ritual de coroação. Um dos druidas mais antigos aproximou-se, carregando uma coroa majestosa que representava a fusão das coroas de Anupk e Cervus. A sua voz profunda e reverente ecoou na sala:

"Vós que conquistastes terras, libertastes escravos, e sois o Senhor da Guerra e da Paz, sois agora coroado rei de aquém e além-mar. Que esta coroa, nascida da junção das coroas de Anupk e Cervus, seja leve e fria, para que nunca esqueçais o vosso dever para com o povo e que o vosso governo seja farto e o povo leal."

"Salve, ó Rei dos Reis."

Meus novos súbditos, gratos e entusiasmados, ergueram as vozes num clamor de louvor e respeito. Levantei a mão em sinal de agradecimento e falei:

"Meu povo, pedi muito de vós, e vós me destes tudo o que pedi. Com esse poder, construímos o nosso império, libertamos os nossos irmãos e criámos a maior força dos reinos do Sul. Mas hoje, neste dia de coroação dos dois reinos num só, peço mais um pouco de vós. O dia da Grande Batalha está próximo. Estaremos no limiar do julgamento final, o dia em que ou triunfaremos ou pereceremos, o dia em que o mal poderá ser derrotado para garantir mais de dois mil anos de paz ou a humanidade sucumbirá. Um dia, partirei numa missão, posso não voltar; irei resgatar a minha amada e impedir que a

porta das trevas seja aberta. Mas, se falhar, vós sereis o último bastião a resistir na batalha. Devereis estar na Muralha Negra e enfrentar as trevas ou, se tiver sorte, eu retornarei com a minha amada."

"Sei que vós sois fortes e unidos. Com a nossa união, podemos vencer. Um dia, os nossos nomes serão lembrados como hoje são cantados os nomes dos que combateram na grande batalha. Muitos morrerão, muitos serão fragilizados, contudo, as vossas almas serão lembradas e recebidas no Céu dos Céus pelo próprio Jhan, o pai dos deuses. Eu, Akharium, Lobo, Mikerium de sangue, Senhor da Guerra e da Paz, libertador dos escravos e filho dos deuses, vos saúdo."

"Salve, ó Rei dos Reis! Por ti fomos libertados, por ti lutaremos, por ti seremos lembrados no Céu dos Céus! HAAAAAAA!!!!!!!!!!!!!!!"

A celebração foi grandiosa, com tambores e berrantes reverberando por toda a cidade. As ruas estavam repletas de uma alegria vibrante, uma maré de entusiasmo que parecia preencher cada canto e cada rosto. As paredes dos edifícios antigos vibravam com a energia das vozes e dos cânticos druídicos, enquanto os soldados, com os olhos brilhando de determinação, se moviam com um orgulho e uma esperança renovados. Muitos deles haviam sido escravos, e a batalha que se aproximava representava uma chance para redimir suas histórias e provar seu valor.

Na manhã seguinte, após a festa, levantei-me cedo, ainda sentindo a ressonância das celebrações e o peso da responsabilidade. Dirigi-me ao grande salão para uma reunião com generais e guardas, ciente de que os dias de tranquilidade haviam acabado. O salão, agora vazio e silencioso, refletia a seriedade do momento. Precisávamos traçar nossos próximos passos com precisão, cada decisão podendo ser crucial para o destino dos reinos.

Enquanto discutíamos estratégias e táticas, um dos meus Guardiões do Palácio entrou, carregando uma expressão de urgência. O olhar que lançou aos presentes revelou a importância da notícia que

estava prestes a trazer.

“Nobre rei, há uma mulher aqui que diz ser a Senhora de Filjiusn.”

A menção de Agahataia causou um murmúrio de curiosidade entre os presentes. Eu sabia que a sua chegada não era uma coincidência e que a sua presença carregava um significado maior. Com um gesto de permissão, ordenei que a deixassem entrar. A expectativa estava palpável, e eu estava ansioso para descobrir o que ela traria.

Agahataia fez a sua entrada com uma imponência que parecia quase sobrenatural. O som das pétalas de flores espalhadas no chão e o canto de um coro de sopranos criavam uma atmosfera quase mágica. Vestida com trajes de ouro e cristal, ela possuía uma aparência que era ao mesmo tempo deslumbrante e ameaçadora. O séquito que a acompanhava parecia um reflexo de seu status, e a sensação de sua importância era inconfundível.

“Senhora de Filjiusn”, saudou-me com um sorriso que misturava cordialidade e um toque de melancolia. “Akharium, meu guerreiro.”

Agahataia aproximou-se com um charme que parecia quase palpável, e seu abraço caloroso foi um alívio em meio à tensão. Seus olhos, repletos de uma sabedoria antiga e profunda, encontraram os meus, oferecendo uma compreensão que transcendeu palavras.

“A última vez que te vi, eras um Senhor da Guerra”, disse ela, com uma voz carregada de empatia. “Hoje, és coroado rei.”

“Preciso de uma rainha”, confessei, a voz tensa. “Mas o meu coração pertence a outra.”

“Sim, e eu poderia ser a tua rainha, mas sei que o teu coração é de outra. No entanto, vim oferecer-te o que posso. Não esperava ter de

intervir tanto, mas parece que alguém liberou os cães do meu irmão, Akstunuthá, e o pai não tolera desordem.”

“Como pretendes ajudar?” Perguntei, a urgência em minha voz revelando a gravidade da situação. A ajuda de Agahataia poderia ser o fator decisivo nas preparações para o que estava por vir.

“Com duas surpresas. A primeira está ali fora à tua espera, e a segunda está a caminho; ela irá juntar-se a ti e ao teu exército.”

Com um gesto de decisão, saí do salão do trono com Agahataia e os guardas. O pátio de mármore estava iluminado por uma luz suave, e foi ali que me deparei com a primeira surpresa: um dragão colossal. Seus chifres eram imensos, e a altura era comparável à de cinquenta homens em pé. O dragão possuía uma cauda em forma de leque e espigões venenosos, e suas asas, vastas e membranosas, se estendiam como sombras imensas. Suas patas traseiras, equipadas com garras afiadas, e a cor dourada da pele, com olhos verdes brilhantes, conferiam-lhe uma majestade que era ao mesmo tempo impressionante e aterrorizante.

“Este é Valkiya, o rei dos dragões”, explicou Agahataia, com um sorriso que misturava satisfação e um toque de ansiedade. “Ele será uma adição formidável ao teu exército.”

A chegada de Valkiya trouxe um misto de esperança e uma consciência aguda da responsabilidade que eu carregava. A visão imponente do dragão evocava um sentimento de grandeza e, ao mesmo tempo, um profundo reconhecimento da gravidade da luta que se aproximava. A batalha seria a mais difícil de todas, e a chegada de Valkiya era um sinal de que a nossa preparação precisava ser meticulosa.

Sabia que a vitória não estava garantida, e que mesmo com o poder de Valkiya ao meu lado, o medo do fracasso e das consequências de uma derrota iminente era uma sombra constante. A

batalha final exigiria não apenas força e estratégias, mas também coragem e determinação além dos limites.

“Há uma segunda surpresa?” Perguntei, sentindo a necessidade de mais do que uma mera demonstração de poder para enfrentar o desafio que se avizinhava.

Agahataia hesitou, o que revelou um traço de preocupação. “A segunda graça está a caminho, mas não posso revelar muito mais. O seu impacto será mais evidente quando chegar.”

Com os preparativos a todo o vapor e o desafio iminente à vista, eu sentia que cada momento estava carregado de uma tensão crescente. O horizonte estava começando a escurecer, refletindo a seriedade do que estava por vir. Minha determinação era sólida, mas misturada com um profundo senso de responsabilidade e um medo subjacente de que talvez não fosse suficiente.

A batalha estava prestes a começar, e apesar de todas as preparações e promessas, o futuro permanecia um mistério sombrio. Eu sabia que poderia morrer, mas também sabia que não podia recuar. O peso da decisão estava sobre mim, e cada passo que eu dava era uma tentativa de garantir que o destino dos reinos fosse o mais favorável possível.

Com o coração pesado e a mente focada no objetivo final, preparei-me para enfrentar o que viesse. O desafio era monumental, e a luta pela sobrevivência e pelo futuro dos reinos estava prestes a atingir seu clímax. Eu tinha de estar pronto para enfrentar o desconhecido, com coragem e uma determinação que, eu esperava, pudesse fazer a diferença.

Capítulo VIII- O reino de Midharkr.

Parti de barco com meu exército e um coração repleto de algum outro sentimento, um misto de esperança, dor, medo, ansiedade... uma tempestade de emoções que parecia engolir todo o meu ser. Cada conquista parecia gerar novas guerras, como se, a cada vitória, brotassem inimigos do solo manchado de sangue. Quando encontraria paz? Quando poderia viver a vida simples que tanto desejei na Ilha de Narak? Talvez nunca. O peso do poder e da responsabilidade tinha se tornado um fardo insuportável. Não era mais o Akharium que conhecia o prazer das batalhas sem preocupações e a simplicidade de uma vida livre; agora eu era um rei, um Senhor da Guerra, um Mikerium, um comandante e um filho dos deuses. E em cada título que carregava, sentia um fragmento da liberdade e da simplicidade que perdera. Que merda. Às vezes, no silêncio da noite, desejava ser apenas um soldado mercenário novamente, rodeado pela minha mulher, pelos meus animais, amigos, uma boa bebida e a promessa de novas aventuras. Mas os deuses haviam traçado para mim um destino diferente. O que foi outrora simples e alegre transformou-se em um jogo de sombras e decepções. Nada seria como antes, nem jamais poderia ser.

Sentado à borda do barco, com o vento cortante açoitava meu rosto, meu pensamento vagava para a Ilha de Narak. Imaginar como ela estaria agora, coberta por um tapete de flores exuberantes e coloridas, era um consolo efêmero. A imagem daquela terra, agora vibrante e selvagem, me dava um alívio fugaz, mas também uma tristeza profunda. A Ilha, com seus pastores guiando ovelhas, os forjadores criando instrumentos sob medida e a colheita de uvas negras fermentando em vinho, parecia ser um mundo à parte do caos que eu enfrentava. O comércio trazia aquilo que a ilha não produzia, um ciclo de vida que continuava, enquanto eu lutava para manter a minha própria vida e a de tantos outros.

Queria desesperadamente retornar, mas sabia que isso era impossível. O meu amor estava perdida, aprisionada numa torre ou numa masmorra, mergulhada em medo e tristeza. A responsabilidade de não falhar com ela, com a humanidade, com o mundo e com os

deuses pesava sobre meus ombros como um fardo insuportável. Cada decisão que tomava era um passo para longe da simplicidade que eu ansiava, e eu sentia a dor de minha própria humanidade sendo lentamente consumida pela necessidade de cumprir meu dever.

Após dias intermináveis de viagem em barcos velozes, enfrentando ventos fortes e intempéries, finalmente avistei Midharkr. A cidade se ergueu diante de mim como um símbolo do próximo desafio que eu teria de enfrentar, um obstáculo em minha jornada interminável.

“Senhor, atracamos no porto? “— perguntou um marujo, com a voz refletindo o cansaço e a frustração que se acumulavam dentro de mim.

“Não ainda, Senhor. Vamos dar meia-volta com metade da frota e montar um acampamento. Façam o enclave ficar sobre assédio. Eu e a outra metade do exército tentaremos tomar o castelo à noite, quando eles estiverem mais relaxados, acreditando que somos poucos.”

“Sim, Senhor.”

O som estridente dos berrantes cortou o ar, como um sinal de que a tempestade estava apenas começando. Dois dias depois, a primeira tripulação atacou a grande cidade de Midharkr, enquanto eu, com um contingente menor, cerquei a cidade e preparei meu acampamento. Cada movimento meu era uma tentativa de esconder a crescente inquietação dentro de mim. As estratégias e táticas eram os alicerces que sustentavam minha sanidade em meio ao caos.

Enquanto me reunia com meus generais, um mensageiro chegou com uma notícia crucial. A informação parecia um alívio temporário, mas também um lembrete de que cada vitória trazia consigo novas responsabilidades e desafios.

“Senhor, uma mensagem do grande exército: eles conseguiram

capturar a primeira muralha.”

“Mensageiro, envie uma mensagem ao general Tiveruns, ordene que pare as tropas. O objetivo é sitiá-lo local, não o invadir.”

“Sim, nobre rei.”

Assim que o mensageiro saiu da tenda, um dos meus generais, Odiceus, interveio com uma expressão de urgência e uma ansiedade que espelhava a minha própria. O desejo de atacar agora parecia uma chama que queimava na mente de todos, mas eu sabia que a verdadeira batalha não era apenas contra as forças de Midharkr, mas também contra o impulso de agir precipitadamente.

“Senhor, é hora de atacar.”

“Ainda não, Odiceus. És um dos meus melhores generais, mas ainda não compreendeste a importância da dominação mental?”

“Como assim, Senhor?”

“Aquela cidade abriga mais de mil soldados, armados e prontos para causar destruição. Não podemos subestimá-los. As cidades de Cervus e Anupk caíram, mas com muito mais homens para defendê-las. As cidades que conquistamos anteriormente eram de comerciantes e donos de escravos, que podiam ser usados a nosso favor. Midharkr é diferente. É um reino de homens livres, e poucos são escravos. Os que existem são fracos, desnutridos, usados para sacrifícios ou para abate.”

Esses homens de Midharkr são guerreiros por natureza, lutam entre si diariamente e ainda assim são muitos. Não podemos subestimá-los. Se a muralha foi capturada, é porque eles decidiram recuar e concentrar suas forças. Devemos ser cautelosos e seguir o plano.

“Sim, Senhor!”

Naquele momento, a tensão era palpável, como um fio prestes a romper-se sob pressão. Cada decisão, cada movimento, era um reflexo não apenas da estratégia militar, mas também do tumulto emocional e psicológico que eu carregava. A batalha não era apenas uma luta externa; era uma guerra interna contra o medo, o desespero e a responsabilidade esmagadora de liderar.

Enquanto a noite caía e a cidade se preparava para o descanso, eu me preparava para o que viria a seguir. O futuro estava cheio de incertezas e desafios, e a cada passo, eu sentia o peso das expectativas e das minhas próprias esperanças. Com um olhar firme e uma determinação endurecida pela dor e pela responsabilidade, dirigi-me para a tenda de comando, pronto para enfrentar o próximo capítulo dessa jornada incerta, que definiria não apenas o futuro de Midharkr, mas também o meu próprio destino e o de todos aqueles que dependiam de mim.

Os meus generais, com os rostos endurecidos pela guerra e o peso de anos de batalhas, saíram da tenda ao amanhecer e deram início ao segundo ataque. Com a cidade sitiada e a ponte sob nosso controle, a esperança de socorro por parte de Midharkr era uma ilusão. Não havia sinal de mensagens de socorro; se houvesse, eu, Akharium, o Lobo do Norte, conquistaria a capital e, em breve, a cidade estaria sob meu domínio absoluto. Os descendentes do rei Ititythus seriam executados, e os sacerdotes, com a mesma devotada adoração que reservavam ao ouro, me coroariam como rei. Eles veneravam a riqueza acima de qualquer divindade.

Com uma determinação fria, dei a ordem para que lançassem carcaças de animais contaminadas com a doença de Valkiun. Uma praga devastadora, cuja malignidade apodrecera as carnes, cegara os olhos e desintegrara o espírito. Era uma arma de desolação, e eu a usava como um artista usa a sua paleta. A cidade, se realmente possuía a robustez que proclamava, sucumbiria em poucas semanas. Se não possuísse essa resistência, a doença se dissiparia como fumaça de um incêndio colossal, consumindo o que restava da cidade em um

mês.

O plano se desenrolou conforme eu havia previsto. A praga espalhou-se com uma rapidez implacável. De uma distância segura, observei uma densa nuvem de fumaça negra erguendo-se, resultado dos corpos em chamas e das fogueiras alimentadas pelos habitantes desesperados. O cheiro do fogo e da morte era uma sinfonia cruel que atingia meus sentidos. Meus homens, aliviados por estarem distantes da peste, festejavam como se o sofrimento da cidade fosse uma conquista gloriosa.

O horror da guerra era agora a paisagem predominante. Esses homens de Midharkr, com seus corações endurecidos pela necessidade de sobrevivência, desejavam algo ainda mais cruel para toda a humanidade. Eu, em minha posição, não podia arriscar a vida de meus homens. A dor de saber que a única maneira de proteger meus soldados era através de tal atrocidade pesava profundamente sobre mim. Rezei para que os deuses, cujos olhares severos eu sentia, me perdoassem pelo mal que estava infligindo.

Semanas se passaram e a cidade estava em silêncio absoluto, rendida e em ruínas. Apenas alguns dias mais e eu poderia invadi-la, assegurando uma vitória sem baixas adicionais. Ao contemplar a cidade quase destruída, um sorriso sombrio se formou em meus lábios, um reflexo da cruel satisfação que o triunfo me proporcionava. Entrei na minha tenda, enquanto que tentava planejar a próxima etapa, mas fui surpreendido ao encontrar Priscillia ali, com um olhar que misturava preocupação e urgência.

“Priscillia, o que fazes aqui? — minha voz estava carregada com um misto de cansaço e um desespero contido.”

“Akharium, que bom ver-te... — A sua voz tinha uma leve tremura, como se carregasse o peso de uma verdade dolorosa.”

“Vejo que estás preocupada. O que aconteceu com a ilha?”

“Não, a ilha está segura, mas tu...”

“Como assim?”

“Manda os teus homens partir ou serás punido pelos deuses.”

“O quê? Eu realizo a vontade dos deuses, sou um servo de Jhan, um Mikerium!”

“Sim, mas ultrapassaste uma fronteira que não devias. Usaste a doença dos infernos para conquistar e punir os homens por tua vingança.”

“Eu não podia arriscar meus guerreiros!”

“E pagarás o preço. Agahataia te protegeu até agora, mas se não partires imediatamente, serás punido. A cidade está destruída, e os teus inimigos mortos. Não cedas à ira, Lobo do Norte.”

“Priscillia, agradeço por teres vindo, mas a cidade ainda pagará com sangue e ouro. Meus homens devem ser recompensados.”

“Então serás punido pelos deuses...”

Priscillia, com um olhar de tristeza e determinação, saiu da tenda e montou seu cavalo alado, desaparecendo no horizonte. Eu, dividido entre o desejo de recuar e a necessidade de concluir o que comecei, decidi refletir sobre minha próxima ação. Ordenei ao meu segundo exército que se preparasse para partir. Em nossa retirada para os galeões, o rei Ititythus apareceu na torre de menagem, a voz estava carregada com um grito de desafio e ódio.

“Fujam, covardes! Nada poderá deter-me! Akharium, o Lobo, tua puta gritou quando meus homens a levaram para a morte mais horrenda que eu poderia desejar a um inimigo!”

O grito do rei era como um rugido na tempestade. Não consegui

me conter. Com a lança erguida e a fúria queimando dentro de mim, gritei:

“GUERRA!!!!!!”

Meus homens, galvanizados pela minha voz, retornaram à carga com uma intensidade renovada. A cidade, já marcada pela destruição, foi tomada e obliterada com uma ferocidade que beirava a insanidade. O custo foi imenso. Uma parte significativa do meu exército foi consumida pelas chamas, mas a vontade de continuar avançando era inabalável.

Com uma guarda reduzida, adentrei os portões do palácio real. Cada passo que dava no mármore frio do palácio era um lembrete cruel do que estava em jogo. Meu lobo, faminto, devorava a guarda restante, enquanto o Faial lutava com a destreza letal que lhe era característica. Finalmente, alcancei a sala do trono, onde a porta estava guardada por dois guardas. Eles tremiam visivelmente, suas espadas tremeram em suas mãos.

“Partam!”

A lealdade não pôde competir com o medo. Os guardas fugiram pelos corredores. Com o caminho livre, arrombei o portão com um soco violento, encontrando dez guardas armados em posição defensiva. Eles escolheram lutar, mas eu deixei que minha guarda os destruísse. O meu único alvo era o rei.

“Finalmente estamos cara a cara, como guerreiros... — A voz do rei Ititythus era um eco de desafio e desprezo.”

O rei, um guerreiro imponente com um machado de guerra colossal, preparou-se para o combate. Ele sabia que a batalha seria um duelo de vida ou morte.

Mandei minha guarda formar um círculo ao redor, permitindo

que o confronto fosse um espetáculo de brutalidade. Ititythus atacou com seu machado pesado. Consegui desviar, usando meu escudo para criar uma abertura, mas ele rapidamente a fechou, a sua habilidade como guerreiro era formidável.

O combate transformou-se numa dança mortal entre força e agilidade. Ititythus, com sua força bruta, e eu, com minha rapidez e técnica. Cada golpe que ele desferia era um desafio direto à minha habilidade de sobrevivência. Sua técnica era brutal e direta, enquanto a minha era uma resposta ágil e calculada.

À medida que a batalha se intensificava, meu escudo quebrava-se, enviando fragmentos de madeira para o chão. O sangue escorria do meu rosto, misturado com o suor e o barro da batalha. O rei parecia infatigável, seu riso cruel era uma constante tortura para minha mente cansada.

Sem escudo, e com apenas uma lança e uma espada, preparei-me para a defesa. A desvantagem do machado tornou-se uma vantagem para mim. A agilidade e a variedade de armas eram minhas aliadas.

Com renovada ferocidade, ataquei com minha lança. Ititythus desviou-se, protegendo-se com seu escudo e contra-atacando com seu machado, atingindo meu flanco e fazendo-me cair. Naquele momento de crise, abandonei a lança e usei a espada para bloquear um ataque final, o impacto reverberando através do meu corpo.

A batalha, uma luta de sobrevivência e poder, estava longe de terminar. O sangue e a dor eram constantes, mas eu não poderia recuar. A vitória seria minha, custasse o que custasse.

O rei Ititythus, um colosso de aço e determinação, estava diante de mim com uma presença imponente. Seu machado de guerra, brilhando com uma fúria inextinguível, parecia prometer a ruína para quem se atrevesse a cruzar seu caminho. Ele sabia que este combate não era apenas uma batalha, mas um confronto entre a vida e a morte,

um confronto que definiria o destino de ambos.

Ao perceber a intensidade da sua intenção, ordenei a meus homens que formassem um círculo ao nosso redor, uma fortaleza de aço e coragem. Meu lobo, com seu olhar de predador e a experiência de inúmeras caçadas, foi mandado repousar. Os guerreiros formaram uma plateia ansiosa, o som de escudos batendo ecoando como um rugido primordial, aumentando a tensão no ar.

Ititythus avançou com uma fúria que parecia imitar a força das tempestades. Seu machado desceu com uma força avassaladora, e eu, com a agilidade de um caçador, desviei-me dos golpes com movimentos calculados e precisos. Meu escudo, uma extensão do meu próprio ser, tentou flanqueá-lo, mas ele se contorcia com uma rapidez surpreendente, fechando cada brecha que eu tentava criar.

Nós dois girávamos numa dança mortal, medindo a força um do outro. Ele era um titã de força bruta, enquanto eu confiava em minha agilidade e técnica refinada. Este duelo não era apenas uma simples luta física; era uma batalha de habilidades, um teste de técnica entre um Templário metódico e um guerreiro serpente ágil.

Os ataques de Ititythus eram incessantes e brutais. Cada golpe seu era uma onda de fúria e ferro. Eu não buscava contra-atacar diretamente, mas sim suportar seus ataques, permitindo que seu vigor se esgotasse. O impacto constante quebrou meu escudo, ferindo meu rosto com estilhaços de madeira e metal. O rei, imperturbável, continuava a lutar com uma força cruel, rindo enquanto o sangue escorria pelo meu rosto.

O campo de batalha estava envolto numa aura de tensão e expectativa. Meus homens observavam com apreensão, certos de que o desfecho era incerto. Em um momento de pura necessidade, dei uma cabeçada, surpreendendo Ititythus e fazendo-o perder a concentração. Com um soco firme no maxilar, consegui jogá-lo para o lado e aproveitar a chance de me levantar.

Ititythus, mesmo atordado, rapidamente se recompôs. Limpou o suor e o sangue do rosto, e com uma expressão endurecida de determinação, retornou ao ataque. Eu consegui desviar-me e, com um golpe preciso, cortei a lateral do seu corpo. Apesar da cota de malha que protegia a ferida, o golpe fez o rei vacilar, revelando a exaustão que começava a pesar sobre ele.

A luta continuava, com Ititythus forçando-me a defender e, com um golpe brutal de seu escudo, derrubou-me no chão. Ele se lançou sobre mim, esmagando minha mão e impedindo-me de usar minha cimitarra. Com uma mão livre, agarrei a perna dele e, apertando um nervo crítico, consegui fazê-lo cair.

Aproveitei a oportunidade com ferocidade. Saltei sobre ele, batendo com a cabeça e os punhos, enquanto que tentava arrancar-lhe os olhos numa tentativa desesperada. Sua experiência e força permitiram-lhe reverter a situação, e eu fui empurrado de volta para baixo, com meu pescoço preso entre suas pernas.

A pressão era quase insuportável. Sufocando, eu sabia que precisava agir rapidamente. Concentrei todas as minhas forças restantes e, em um golpe desesperado, ataquei o rosto do rei com o escudo que ainda conseguia alcançar. O impacto fez Ititythus se afastar, mas eu estava fraco, quase sem ar.

Vendo a oportunidade, Ititythus atacou com seu machado. Defendi-me com o braço esquerdo, bloqueando o golpe com o cabo da arma. Em um esforço final, usei minha mão direita para socar a lateral ferida do rei, os dedos firmemente cravados, e desferi uma cabeçada com toda a força que me restava. O impacto foi como um trovão em um céu tempestuoso, fazendo o rei sangrar e vacilar.

No entanto, a vantagem foi efêmera. Uma das patadas de Ititythus fez-me cair novamente, a terra fria e dura acolhendo meu corpo ferido. O rei, com uma expressão de triunfo cruel, levantou seu machado, preparado para desferir o golpe final. A ameaça de morte

era palpável, uma sombra que se aproximava com cada batida de meu coração.

Meu corpo estava exausto, e a pressão nos meus pulmões era intensa, quase insuportável. O frio do metal do machado parecia fazer o ar ao redor congelar. Eu sabia que a batalha estava se aproximando do clímax e que a derrota era iminente, a menos que eu conseguisse encontrar uma centelha de força dentro de mim. Era uma luta não apenas pela sobrevivência, mas pela redenção e pela honra. Com um esforço quase sobrenatural, alcancei a lateral do machado de Ititythus e, em um golpe desesperado, usei o escudo para atacar seu rosto. O golpe foi um grito de fúria e determinação, uma última tentativa de reverter o destino.

O impacto fez Ititythus recuar, a sua expressão uma mistura de surpresa e dor. Mesmo assim, ele não se deu por vencido e, com um rugido de fúria, avançou novamente. Com um braço machucado e uma mente turva pela dor, eu levantei-me, determinado a enfrentar o rei com tudo o que me restava.

Os homens ao redor, antes meros espectadores da batalha, agora estavam em êxtase, suas vozes ecoando pelo campo de batalha como um coro de fé e expectativa. O choque de aço e o som de respiração pesada eram os únicos testemunhos da brutalidade do combate.

A batalha, agora uma dança frenética de ataques e defesas, tornou-se uma sinfonia de dor e coragem. O machado de Ititythus cortava o ar com um rugido de fúria, e eu, com uma agilidade quase sobrenatural, esquivava-me e contra-atacava com minha lança e espada. Cada movimento era um jogo mortal, onde um erro significava a morte.

Com a visão turva e o corpo debilitado pela exaustão e dor, eu sabia que a batalha estava no seu clímax. A morte parecia uma sombra constante, e o medo era um fardo que carregava em cada passo. A tensão no ar era palpável, e o terreno ao redor do campo de batalha

estava coberto de corpos caídos e o cheiro de ferro e suor misturava-se com a fumaça das fogueiras.

Ititythus, o rei serpente, com seu machado de guerra imponente, aproximou-se com passos pesados. Seus olhos, frios e calculistas, encontraram os meus com uma intensidade cruel, como se soubesse que aquele seria o momento decisivo. Sabia que se ele conseguisse acertar o golpe final, a minha vida acabaria ali, e com ela, todos os meus sonhos e esperanças.

No instante em que ele atacou, minha mente acelerou, avaliando cada movimento com uma clareza dolorosa. Em um gesto desesperado, usei meu braço esquerdo como escudo, sentindo a lâmina penetrar através da carne e rasgar o músculo até o osso. A dor era uma chama que queimava profundamente, mas o sacrifício era necessário. O sangue que jorrava em abundância permitiu-me, com um esforço sobre-humano, agarrar o machado do rei, que agora estava preso ao meu antebraço ensanguentado.

Eu estava com um braço rasgado e uma cimitarra como única arma. O rei, sem seu escudo, empunhava o machado com ambas as mãos. A luta estava se tornando uma batalha de desgaste. Cada movimento era um teste de resistência. Minha mente estava embotada pela dor, e a visão de meus homens e mulheres assistindo com uma mistura de temor e esperança se misturava com a minha percepção da batalha. Sentia que eles acreditavam que eu estava à beira da morte, e essa percepção era um peso cruel.

Com o braço direito ainda funcional, eu ataquei com toda a força que restava em mim. Meus golpes eram rápidos e precisos, destinados a pressionar Ititythus e mantê-lo afastado do machado preso ao meu antebraço. O esforço era colossal, e a sensação de minhas energias sendo drenadas a cada golpe era uma lembrança constante de que a vitória estava ao alcance, mas também um passo mais perto da derrota.

Enquanto me concentrava em manter a vantagem, o rei, com uma astúcia implacável, defendeu-se e usou o momento para abrir minha guarda. O soco que ele desferiu foi brutal, e a sensação de minha força sendo arrancada me fez tombar. A perda de sangue estava me enfraquecendo rapidamente, e a visão de minha própria fragilidade foi um golpe psicológico profundo. Sentia que estava à beira da morte, uma sensação de impotência envolvia minha mente. O choque e a dor eram quase paralisantes.

Ititythus, embora visivelmente cansado, estava determinado a terminar a batalha. Ele usou seu pé para girar meu corpo, expondo-me para o golpe final. Meus guerreiros, respeitando o código de honra, permaneceram inertes, sabendo que a intervenção seria uma ofensa ao combate digno entre reis. O peso de suas expectativas e a consciência do código de honra adicionavam uma camada extra de pressão.

Com uma última tentativa de sobrevivência, percebi que o escudo de Ititythus havia sido abandonado. Ele agora empunhava apenas o machado, com as duas mãos firmemente colocadas no cabo. Eu estava sem escudo e a cimitarra estava longe, a única arma disponível. Sentia o meu coração pulsar como um tambor de guerra, minha respiração era irregular e as forças estavam quase esgotadas. Cada batida do meu coração parecia uma contagem regressiva para a minha própria destruição.

Neste estado crítico, meus pensamentos estavam numa cacofonia de medo e determinação. A sensação de estar à beira do abismo era esmagadora. Com cada golpe que trocávamos, a dor e o cansaço eram um lembrete constante do custo da batalha. A batalha, que antes parecia uma luta pela sobrevivência, agora era um confronto entre a desesperança e a vontade inabalável de prevalecer.

Ititythus avançou novamente, com uma fúria renovada. Cada golpe de seu machado parecia um trovão que sacudia a terra, e eu, com uma força quase sobrenatural, tentei bloquear e defender. A batalha tornou-se uma dança brutal de ataque e defesa, onde cada

movimento podia ser o último. A dor em meu braço rasgado era um lembrete constante da fragilidade da vida e da certeza da morte.

No final, com um golpe desesperado, concentrei todas as minhas forças restantes em um ataque final. O impacto contra o rosto do rei foi um esforço hercúleo, e eu sabia que esse seria o momento decisivo. A batalha estava chegando ao seu clímax, e eu precisava encontrar uma última reserva de força para enfrentar o destino que parecia iminente.

A dor era uma constante feroz, uma chama que consumia cada pensamento racional, substituindo-o por uma vontade primitiva de cessar o sofrimento. Cada onda de agonia que percorria meu corpo parecia um castigo imposto pelos deuses para testar minha resistência. No entanto, naquelas últimas, desesperadas frações de segundo, uma ideia de sobrevivência ainda pulsava dentro de mim.

Com uma explosão de força e determinação, arranquei o machado cravado em meu braço. O sangue jorrou como um rio impetuoso, manchando o rosto do rei Ititythus e temporariamente cegando-o. O momento de distração foi o que eu precisava. Empunhando o remanescente da minha força, desferi um golpe com a ponta afiada da minha cimitarra, atingindo a coxa de Ititythus. A lâmina encontrou carne e nervos, e o grito do rei ecoou como um lamento sombrio enquanto ele tombava sob seu próprio peso, a dor visível em cada movimento.

O sangue, que escorria e pulsava em um ritmo frenético, precisava ser estancado. Rasguei um pedaço das minhas vestes, improvisando um curativo apressado para a ferida aberta. Era uma solução temporária, mas me dava uma chance de sobrevivência. O rei, em um estado de desespero, agarrava a própria perna, enquanto que tentava estancar o fluxo de sangue.

Vanakh, o fiel lobo que havia testemunhado e compartilhado cada momento de violência, aproximou-se do rei com uma feroz determinação. O medo havia substituído qualquer resquício de

arrogância no rei Ititythus, enquanto ele tentava desesperadamente salvar a própria vida. Vanakh, com um rugido selvagem, atacou. A fera rasgou o rosto de Ititythus com garras e dentes, realizando um trabalho horrendo e final. O lobo, em um ato de brutalidade implacável, fez o que eu não pude, enquanto meus guerreiros, horrorizados, desviavam o olhar. Eu caí ao chão, quase inconsciente.

Acordei mais tarde em um aposento luxuoso, o contraste absoluto com a cena brutal da batalha. O quarto estava adornado com runas antigas e figuras serpenteantes, uma ode a uma estética esquecida e misteriosa. A luz suave da Janela preenchia o espaço, criando um ambiente quase surreal. Meu corpo estava envolto em bandagens e tratamentos, e os ferimentos tinham sido curados com habilidade. No entanto, a cicatriz mal cicatrizada em meu braço era um lembrete constante do que havia passado, uma marca permanente de um combate onde a linha entre sobrevivência e morte havia sido tão ténue.

Enquanto repousava, uma sensação de inquietação e dúvida assaltava minha mente. A batalha havia sido mais do que uma simples luta pela sobrevivência. Ela tinha revelado a crueldade e o preço da liderança, o peso da responsabilidade e a frieza necessária para vencer. A vitória, conquistada através da dor e do sacrifício, carregava um custo pessoal que ainda não estava totalmente claro para mim. O reinado e a glória pareciam um reflexo sombrio, distantes da paz e da simplicidade que eu tanto ansiava.

A dor era uma sombra constante, arrastando-me com ela a cada movimento. Meu lobo, que parecia compartilhar da minha aflição, estava ao meu lado, seu calor e presença oferecendo uma forma de consolo. Contudo, um cheiro ácido de queimado pairava no ar, e a confusão dos gemidos e vozes tornava o ambiente opressor e pesado, como se o próprio ar estivesse sufocado pelo peso das tragédias que aconteciam.

Mesmo fraco e cambaleante, apoiei-me no meu leal companheiro e forcei-me a levantar da cama. Cada passo era uma batalha contra o

exaustão e a dor, mas a necessidade de entender a extensão do desastre me impulsionava. Apoiado no lobo, caminhei até uma Janela. O que vi além dela era um panorama devastador: o campo de batalha transformado em um cenário de destruição imensa. Guerreiros feridos eram transportados em cadeiras improvisadas, e o hospital de campanha fervilhava com um movimento frenético de médicos e enfermeiras, todos enquanto que tentava lidar com o número crescente de feridos.

Perdido em meio à confusão, chamei um servo, mas foi uma jovem médica quem se aproximou, interrompendo seu caminho para meu tratamento diário. Seu semblante era de uma beleza serena e uma força tranquila. Ela, de rosto gentil e sorriso encorajador, parecia uma âncora em meio à tempestade.

“Majestade, não pode estar a pé. Venha, precisa de descansar. Perdeu muito sangue e o seu corpo ainda não se recuperou.”

A jovem, que se apresentou como Krian, demonstrou um cuidado meticuloso enquanto ajudava-me a deitar novamente. As mãos dela eram suaves, mas firmes, e seu olhar refletia uma combinação de empatia e profissionalismo. Ela ajustou minhas cobertas e iniciou os tratamentos necessários com uma precisão quase ritualística.

“Como te chamas?” perguntei, enquanto que tentava focar em algo que distraísse da dor.

“Krian, meu Senhor.”

“Krian, nome bonito, mas raro. Não és de Narak?”

“Não,” respondeu a jovem com um sorriso amável. “Sou uma das escravas que libertou.”

O reconhecimento e a conexão foram breves, mas Krian rapidamente desfez qualquer dúvida que eu pudesse ter sobre suas

intenções. Sua voz era calmante, e suas palavras mostravam uma gratidão sincera.

“Lamento, mas não estou a recordar-me do teu rosto...”

“É natural, Senhor,” disse Krian com um sorriso encorajador. “Eu não sou uma guerreira, sou médica. Eu trabalho mais no hospital, é natural que não me conheça. Mas olhe que a sua fama o precede, é um dos poucos guerreiros que eu nunca tinha cuidado, e soube que venceu uma luta contra um rei serpente...”

“Conheces este povo?” perguntei, meu interesse aguçado pela menção ao rei serpente.

“Sim, eu sou uma serpente,” revelou ela com uma sinceridade que quase me deixou inquieto.

Um calafrio percorreu minha espinha. A revelação da sua origem como serpente poderia ter sido motivo de preocupação, mas a calma e a natureza reconfortante da sua presença logo dissiparam as minhas dúvidas. Ela continuou, e o tom da sua voz tinha um peso de experiência e dor.

“Calma, majestade, não lhe desejo mal. Eu sou uma serpente, mas fui vendida quando tinha dezoito anos. Vivi como escrava por mais cinco, fui violada, espancada e humilhada. Quando chegou à cidade-estado pirata, um dos seus guerreiros salvou-me. Eu sou-lhe leal, tenho uma dívida de gratidão para consigo e ter morto aquele filho da puta foi mais um presente que nunca lhe poderei pagar...”

Sorri, um sorriso cansado e meio-surpreso. A vida tinha me presenteado com uma bela e doce mulher que, apesar das suas origens e passagens traumáticas, demonstrava um cuidado genuíno. Sua lealdade não apenas me oferecia conforto, mas também uma perspectiva mais profunda sobre as complexidades do mundo ao meu redor.

“Diz-me, sabes o que se passa lá fora? Vejo tantos guerreiros mortos ou moribundos... fomos atacados?”

A pergunta era carregada de uma ansiedade crescente, e Krian, com um olhar sério, começou a explicar o caos que havia se instalado após a batalha. Cada palavra dela não era apenas uma descrição dos eventos, mas uma janela para a magnitude das consequências que agora pairavam sobre mim e sobre o campo de batalha devastado.

A jovem médica, com um semblante tranquilizante, tentou minimizar a gravidade da situação, alegando que poderia ser apenas uma ilusão causada pela minha condição. No entanto, ao insistir por uma explicação mais detalhada, ela revelou a dura verdade: meu exército, uma força de conquistas e glória, havia perdido vinte por cento de suas tropas. Este flagelo foi o resultado tanto da peste que lancei contra os adoradores das serpentes quanto do incêndio devastador que consumiu uma fração colossal da cidade. A magnitude do desastre era mais do que eu podia suportar.

Fiquei em estado de choque, o peso da revelação e a fraqueza física foram demais para meu corpo e mente. Desmaiei, e quando recobrei a consciência, a realidade que encontrei era desoladora. Dias se passaram e, apesar de minha recuperação, a cidade não teve tanta sorte. O que antes era um sinistro manto de fumaça negra, agora se transformava em um crematório para os corpos dos meus homens, mortos pela peste e pelas chamas.

Com um sentimento de derrota, fui até a sala do trono, onde uma onda de arrependimento e desespero me envolveu. Desejei que minha existência cessasse, consumido pela culpa e pela fúria que me levaram a esta catástrofe. Felizmente, a lealdade dos soldados sobreviventes permaneceu intacta, e o reino, enriquecido com a vasta quantidade de ouro da cidade de Midharkr, foi um consolo. O rei Ititythus, cético em relação à lealdade de seus homens, mantinha toda a sua riqueza na mesma fortaleza impenetrável – a cidade de Midharkr.

O tempo passou e a doença finalmente deu lugar a uma breve

paz. O céu era claro e o dia prometia um merecido descanso. Mas, a tranquilidade foi interrompida quando, enquanto estava no meu trono, ouvindo as súplicas do meu povo e gerindo as demandas de um rei, um mensageiro irrompeu na sala, ofegante.

“Majestade, um poderoso exército aproxima-se. São os servos de Akstunuthá com o exército aliado de Ititythus. O que fazemos? Quais são as suas ordens?”

“Saia! Todos! Preciso de um momento sozinho, preciso pensar!” A minha voz ecoou com uma urgência imposta pela tensão.

“Sim, majestade,” o mensageiro respondeu, recuando rapidamente.

Na solidão da sala de planos, um espaço onde a estratégia e o comando deveriam reinar, ouvi a porta se abrir novamente.

“Não disse que quero estar sozinho?!” O tom de irritação foi quase visceral.

“Isso são modos de tratar a tua deusa?” A voz era penetrante e inflexível, trazendo uma sensação de ameaça.

“Agataiha, vieste punir-me ainda mais?” O medo e a raiva misturavam-se em minha voz, uma luta interna manifestada em palavras.

“Seu tolo, não percebes que estou aqui para te ajudar? Eu tentei avisar-te. Podes conquistar com honra ou ser punido pelos deuses.”

“Como puniram os meus inimigos? Os servos de Akstunuthá?” O peso das palavras soou como uma demanda desesperada por justiça. “Deuses? Tu apareces esporadicamente e ainda ajudas, mas e o resto? Akstunuthá busca exterminar todas as raças que lhe fizeram frente, e a tua irmã tentou escravizar-me sexualmente! Conquistei os reinos com o esforço e coragem dos meus homens, e agora tu ainda me ameaças

por usar as táticas dos deuses?!”

“Eu avisei-te. Se seguires-me, obterás o que procuras, mas não podes trair os deuses!”

“Eu preciso sair agora! Tenho uma cidade para defender!”

“Sentai-te!” A voz de Agahataia, agora carregada de uma autoridade divina, tornou-se um trovão que parecia escurecer o céu e congelar o ar. “Eu sou uma deusa e tu, filho dos deuses, és um mortal! Aceita o teu destino ou morre!”

“Eu não aceito o destino dos deuses!” A fúria e a desesperança misturavam-se em minha voz. “Os deuses abandonaram-me. Metade quer destruir-me, e a outra metade manda-me lutar com honra contra desonrados! Lutarei contigo se for preciso, Agahataia, mas defenderei esta cidade e meus homens.”

Agahataia suavizou seu semblante, retornando à sua forma de deusa bela e carinhosa. “Akharium, tu vais morrer assim!”

“Eu já estou morto!” Eu gritei, minha voz imbuída de uma determinação feroz.

Saí da sala, sentindo o peso da responsabilidade e da culpa sobre meus ombros. Dirigi-me para as muralhas, colocando meu elmo e empunhando minha lança com um propósito renovado.

“Homens de Anupk, hoje conquistamos esta terra de desonrados, e os seus aliados vêm para nos destruir. Nós somos homens de honra! Eu lutei convosco em todas as batalhas até aqui. Juntos, derrotamos a Ilha Sereia, Sentinelin, o reino de Cervus, o reino de Anupk e todas as cidades ao redor. Somos os servidores de Jhan, e hoje venceremos! Hoje lutaremos com honra. Não fujam, pois isso será a vossa sentença de morte e a de vossos irmãos. Lutem como soldados de Anupk, como meus homens de honra, e venceremos esta batalha! Defenderemos A

O grito de guerra ressoou com uma intensidade que parecia galvanizar todos os presentes. A infantaria e os arqueiros assumiram suas posições nas muralhas, e os oblitas prepararam-se para defender a entrada. Óleo e fogo foram preparados com uma urgência frenética, e os arqueiros lançaram flechas incendiárias contra as torres de assédio.

O som dos tambores de guerra e os gritos de batalha preenchiem o ar, uma cacofonia de terror e determinação que reverberava ao longo das muralhas. O rufar incessante dos tambores continuava noite adentro, uma tortura psicológica tanto quanto física. Mas, com tampões de cera nos ouvidos, os soldados conseguiram dormir por turnos, mantendo-se prontos para o próximo confronto.

Ao amanhecer, um novo som de tambores, distinto e imponente, acompanhado pelo estrondo de berrantes, fez a terra tremer. Era o sinal do ataque iminente. Criaturas gigantes, do tamanho de elefantes, mas humanoides, carregavam enormes catapultas que disparavam pesadas bolas de pedra contra as muralhas.

Os disparos das flechas não conseguiam alcançar os invasores, então dei a ordem para que as armas de cerco tomassem a frente.

“Homens, carreguem os escorpiões e utilizem virotes envenenados. Arqueiros, preparem os onagros e miram nas torres de assédio. Lanceiros, foquem nas cabeças das bestas. Oblitas, mantenham a posição!”

Na primeira investida do inimigo, uma parte do portão foi destruída, e os invasores, como feras famintas, avançaram furiosamente em direção aos meus guerreiros que guardavam a entrada.

“Arqueiros, para o portão!”

Meus soldados conseguiram segurar a posição. Os servos de Akstunuthá lutavam para adentrar a muralha, mas as torres de assédio estavam sendo dizimadas pelas minhas armas de cerco, e as tropas nas muralhas mantinham a defesa firme. Contudo, um general inimigo, com um rugido de fúria, ordenou um segundo ataque com elefantes de guerra, fazendo os meus homens tombarem sob o impacto.

“Besteiros, abatam os elefantes! Óleo nas cabeças das bestas! Oblitas, reagrupem-se!”

Montado em meu cavalo, tentava manter a ordem, ditando comandos a vários grupos. Entretanto, uma horda de guerreiros inimigos atacou ferozmente, forçando-me a intervir diretamente. Com meu lobo ao meu lado, meu açor e um imenso machado de guerra em mãos, desmontei e juntei-me à linha de frente para deter os bárbaros. Com cada golpe do meu machado, as criaturas negras e os humanos armados caíam como folhas ao vento. Rajadas de flechas ceifavam os inimigos e os oblitas, agora reagrupados, desferiam lanças de dois metros com precisão mortal.

“Tragam madeira, fechem o portão!”

Com os inimigos sendo varridos por flechas, espadas e lanças, conseguimos finalmente fechar o portão da muralha. As torres de assédio e as escadas haviam sido destruídas, e os exércitos de Akstunuthá, derrotados, se retiraram. Seus monstros estavam mortos ou gravemente feridos, mas isso era apenas o começo.

Ao som de uma trombeta, os inimigos começaram a usar novamente as catapultas para lançar fogo sobre nossas cabeças. Gritei para que se protegessem e ordenei que carregassem o Onagro Titã, uma máquina de guerra colossal, do tamanho de uma torre. Imóvel e apenas direcionável por alavancas, a besta exigia o dobro do número de soldados para operá-la, além de uma equipe dedicada apenas para a sua movimentação. Neste momento, era nossa arma mais poderosa e nossa grande esperança.

A máquina possuía o poder de lançar dez bolas de vinte quilos cada. Ordenei que fossem carregadas bolas de barro misturadas com fogo divino, uma mistura altamente inflamável de óleo, alcatrão, petróleo, excrementos de morcego e resina de pinheiro. Esta combinação tornava o fogo impossível de apagar com água, e a resina fazia com que as chamas grudassem nas superfícies.

Com a ordem dada, os Onagros lançaram suas primeiras bolas de fogo, que caíam sobre os inimigos, semeando o caos. As bestas humanoides fugiam em pânico, e os homens gritavam desesperados. As catapultas inimigas ardiam, e a cavalaria lutava para controlar seus cavalos aterrorizados.

Em poucas horas, o exército inimigo recuou, mas apenas para uma distância segura. Eles não tinham como entrar na cidade, e nós, da mesma forma, estávamos presos dentro dela. A fome começou a se instalar, a água era escassa e a morte parecia iminente. O único consolo era que os inimigos estavam tão enfraquecidos quanto nós, se não mais.

Enquanto estava no meu trono, exausto e sem forças, um mensageiro entrou, com um sorriso aliviado no rosto.

“Senhor, o seu exército está combatendo os inimigos com bravura.”

Corri até a torre de menagem, onde avistei o restante do meu exército e meu dragão obrigando os inimigos a recuar, morrer, queimar e se render. A alegria inundou o nosso coração ao vermos a vitória ao alcance. Abri as portas da cidade e meu exército entrou triunfante. Era Khlaus, meu fiel general.

“Que bom ver-te.”

“Senhor, trouxe algumas tropas de reforço, mas a cidade de Cervus está bem defendida.”

“Eu sei, confio em ti. Mas como soubeste da situação?”

“Uma dama da ilha de Sentinelin, chamada Priscillia, veio nos informar.”

“Obrigado pela tua lealdade, amigo.”

Voltei para dentro com meu general, e o banquete que nos aguardava era digno de um rei. Desfrutamos de uma refeição suntuosa, a mesa repleta de iguarias e o aroma de carnes assadas e vinhos exóticos perfumava o ambiente. O exército de apoio, após semanas de suplício, trouxe consigo dois galeões carregados com uma abundância de alimentos e suprimentos. Com isso, a água foi finalmente reencaminhada para a cidade, aliviando a sede de nossos habitantes e fortalecendo nossa posição.

A oportunidade estava à nossa frente, e a fraqueza do inimigo era palpável. Era o momento de atacar. Sabia que a tarefa seria longa e árdua, e por isso ordenei a Khlaus que tomasse as cidades-chave do reino de Midharkr. Compreendia que essa campanha poderia consumir meses de esforços, mas garantir a proteção desta cidade e conquistar o reino era imperativo para evitar um cenário perigoso na Grande Guerra.

Decidi que Khlaus, com a maior parte do meu exército, partiria para dominar o restante do reino de Midharkr. Mas antes, após o grandioso banquete e uma noite reparadora, era necessário reabastecer forças.

Enquanto celebrávamos, a sala foi subitamente silenciada pela entrada de uma figura divina. Uma mulher, de beleza inigualável e presença imponente, entrou e todos os olhos se voltaram para ela. Era a deusa Agahataia, conhecida por sua aura de amor e proteção.

“Seja bem-vinda, Senhora de Filjiusn” — disse eu, inclinando a cabeça em respeito.

“Obrigada” — respondeu ela, com um sorriso enigmático que parecia conter mistérios profundos.

Após Agahataia tomar seu lugar, a celebração retomou seu curso, mas a atmosfera estava agora impregnada por uma aura de reverência. A presença da deusa parecia enfeitiçar a sala, tornando cada risada e canto um eco reverente ao seu redor.

“Akharium, hoje tiveste sorte. Contudo, não te esqueças que foi graças a mim que sobreviveste. Um pouco mais de respeito seria adequado. Eu gosto de ti, mas não forces os limites. Sou ainda uma deusa” — advertiu Agahataia, a sua voz carregada de autoridade e um leve tom de advertência.

“Agahataia, não tenho nada contra ti. Muito pelo contrário. No entanto, não posso curvar-me aos deuses que exigem honra quando meus inimigos se mostram desprovidos dela” — respondi com sinceridade, mantendo o olhar firme.

“O que te levou a atacar foi a provocação do rei morto de Midharkr” — observou a deusa, com um olhar perspicaz.

“E o que poderia eu fazer?” — perguntei, a dúvida evidente em minha voz.

“Retornar para os teus navios” — sugeriu ela, com uma calma imperturbável.

“E ser abatido na grande batalha?” — repliquei, surpreso com a sugestão.

“O rei Ititythus era tolo, mas não ao ponto de arriscar a sua vida numa guerra sem garantias. Ele havia feito um pacto com os servos de Akstunuthá, mas o dinheiro jamais o faria lutar na Grande Guerra. Tu vieste a este reino não por homens, terras ou riquezas, mas movido por ódio e vingança” — explicou Agahataia, seu tom revelador e

incisivo.

“Minha querida Agahataia, prometo ser mais magnânimo no futuro” — afirmei, com uma determinação renovada.

“Então, não ataques mais as cidades do reino de Midharkr. Já conquistaste a capital e tens uma fortaleza que impedirá o exército inimigo de apoiar Akstunuthá na Grande Guerra. Dirige-te para os reinos do Norte” — aconselhou a deusa, a sua voz suave, mas imperativa.

“Não posso deixar a cidade desprotegida, nem abandonar minha força aqui” — protestei, preocupado.

“A tua cidade estará protegida por mim, assim como todo o teu reino. Confia em mim” — assegurou Agahataia, com um olhar sereno e confiante.

“Confiarei em ti. Dormirás aqui?” — perguntei, curioso.

“Sim, poderia até dormir contigo... começo a achar que não me consideras bela” — respondeu ela, com um olhar brincalhão e um tom sedutor.

“És bela e perfeita, mas meu coração pertence a outra pessoa” — revelei, com honestidade.

“Eu sei, mas, ainda assim, não posso ignorar os rumores...” — disse Agahataia, com um olhar que misturava interesse e desdém.

“O que queres dizer?” — questionei, intrigado.

“Fodeste com a serva da minha irmã... e com a minha serva, Priscillia” — confessou ela, com uma pitada de frustração.

“Achei que minha mulher estava morta” — expliquei, com um tom de pesar.

“Sou a deusa do amor e não consigo o amor de um homem...” — admitiu Agahataia, com um traço de tristeza em sua voz etérea.

“Tens o amor desta sala inteira” — disse eu, enquanto tentava consolar a deusa.

“E ainda assim, apenas um aqui me interessa. Contudo, acho que vou me divertir com teu general” — afirmou Agahataia, levantando-se com um olhar decidido.

Tiveruns, meu general, seguiu-a sem a necessidade de convite, e curiosamente, metade dos presentes na mesa também a acompanharam. Fiquei quase sozinho, com Priscillia ao meu lado, que parecia desfrutar da solidão repentina.

“Tive saudades de ti, Akharium, Lobo do Norte” — disse ela, com um olhar carinhoso e um sorriso malicioso.

“Priscillia, és bela e delicada. Um dia encontrarás o amor” — respondi, tocando seu rosto com afeto.

“Não procuro amor, procuro apenas prazer. Poderíamos nos divertir esta noite...” — sugeriu Priscillia, com um tom provocador.

“Lamento, mas por que não te divertes com as minhas guerreiras?” — perguntei, rindo.

“E o que achas que me espera no quarto?” — provocou ela, com um sorriso travesso.

“Quem olha para ti vê a doçura das mulheres...” — disse eu, com um sorriso.

“E a mais tarada das mortais” — completou Priscillia, soltando uma risada contagiante.

A mesa estava agora vazia, e os músicos haviam se retirado.

Voltei ao meu quarto com uma garrafa de hidromel, enquanto tentava dissipar a tensão acumulada. Ao deitar-me, senti um braço ao meu redor e, sem pensar muito, saquei meu punhal e o coloquei no pescoço da figura ao meu lado.

“Quem és tu?” — perguntei, alarmado, a voz tremendo com a surpresa.

“Não me reconheces? Sou Athena” — respondeu a figura, com uma voz sedutora e um olhar desafiador.

Meu coração quase parou. A luz da lamparina revelou que era, na verdade, Agahataia, nua e com um olhar provocante e intrigante.

“Quem realmente és tu?” — perguntei, perplexo, a confusão clara em meus olhos.

A deusa revelou a sua verdadeira forma, com um sorriso que misturava desafio e divertimento.

“Não te deixas enganar?” — indagou Agahataia, carregada de ironia.

“Se o fizesse, estaria morto. Não foste seduzir metade dos meus generais?” — desafiei-a, com um tom de incredulidade.

“Eles caíram exaustos em pouco tempo. Já tu, soube que aguentas uma noite... um dia, uma tarde, uma manhã” — respondeu Agahataia, com um sorriso enigmático.

“Não entendo tua fixação por mim” — disse eu, desorientado, enquanto tentava compreender a complexidade da deusa.

“De todos os milhares de homens que conheci, tu foste o único que não quis estar comigo. Casados, solteiros, prometidos e viúvos, todos desejaram estar na minha cama. Mas tu, filho de deuses, pareces imune aos meus encantos” — explicou a deusa, com uma mistura de

frustração e admiração.

“Não, minha querida deusa. Apenas tenho outras motivações” — esclareci, com sinceridade.

“O teu corpo não acha isso, é belo material. Mas não te incomode mais. Vou voltar para os teus generais. Talvez eles estejam prontos para mais dez minutos de diversão” — disse Agahataia, levantando-se e preparando-se para deixar o quarto.

“Boa noite, Agahataia” — despedi-me, exausto.

“Boa noite, Lobo do Norte” — respondeu ela, com um sorriso enigmático.

Caí no sono rapidamente, ainda refletindo sobre a persistente deusa, que apesar de tudo, era uma amiga valiosa. No dia seguinte, acordei com o rabo do meu lobo na boca.

“Vanakh... ah, sai” — exclamei, espantado, enquanto tentava afastar o atrevido lobo que havia dormido sobre mim.

Comi pelos a noite toda sem perceber, e às vezes achava que ele fazia isso de propósito. Era impossível que essa fosse uma posição confortável para um lobo.

Levantei-me, vestindo minhas melhores armaduras de guerreiro, munido de minhas armas e armaduras. Ordenei que meu exército retornasse aos galeões, deixando apenas um contingente para proteger a cidade. Mande destruír a estátua do deus serpente e construir uma estátua e um templo em honra a Agahataia.

Retornei ao reino de Cervus, acompanhado pelo meu dragão pelos ares. A recepção foi grandiosa, com louvores e celebrações que exaltavam nossa vitória. Os galeões, carregados com ouro e bens preciosos, sinalizavam o triunfo de nossa campanha.

Dirigi-me à sala de estratégia para planejar os próximos passos e verificar o estado da cidade e do reino.

“A província de Anupk está estável, mas carece de uma fé vigorosa. O culto antigo de Septhus está em declínio, os templos estão abandonados e as riquezas pertencem-lhe, majestade” — relatou um conselheiro.

“Construam um templo em honra de Yunthus, senhor do deserto” — ordenei, com um tom resolutivo.

“Sim, Senhor” — respondeu o conselheiro.

“E as demais províncias?” — perguntei, interessado.

“As Ilhas Sereia e Sentinelin estão estáveis, com um comércio robusto e uma agricultura suficiente para a autossuficiência. O reino de Cervus prospera com o comércio, mas a manutenção das tropas ocupa um espaço significativo, limitando o potencial comercial” — informou ele.

“Construam um grande fórum, um bazar, alguns templos e estátuas de Agahataia em todas as províncias. Quero também colunas comemorativas para todas as minhas batalhas e edifícios públicos, como anfiteatros, teatros, campos de montaria e instalações hídricas para abastecimento de água e esgotos” — finalizei, com um tom resolutivo e visão estratégica.

“Sim Senhor.”

O reino encontrava-se em plena ascensão; cada nova construção e estrutura refletia não apenas as nossas vitórias, mas também a visão grandiosa de um império em expansão. Com a cidade e o reino seguros, o nosso foco voltava-se para os desafios futuros e para a preservação do legado que começávamos a construir. Voltei-me para os meus generais, exigindo planos de batalha detalhados, mapas

precisos e espíões espalhados por todas as nossas fronteiras.

"Exijo torres de vigia em todas as fronteiras e pirâmides de fogo para comunicação em caso de invasão."

"Sim, Senhor. E quanto aos reinos de Akstunuthá? Não seria prudente colocar as nossas forças numa barricada nesta ponte, cortando assim o caminho entre a Grande Muralha e o nosso reino?"

"Não. Se o fizermos, estaremos a enviar tropas para a morte. Temos de atacar todos juntos, como uma só força. Mas ordenem a destruição da ponte e coloquem vigias. Quero ser informado se algum exército tentar reconstruí-la e atravessar o Rio Vermelho."

"Sim, Senhor!"

Com os afazeres militares resolvidos, pude finalmente descansar no Jardim da Contemplação, um refúgio de serenidade onde a enorme pirâmide de vidro, lugar de culto e aprendizagem, dominava a paisagem. Piscinas naturais, riachos límpidos e árvores imensas completavam a beleza do local, enquanto uma brisa fresca acariciava o meu rosto. Deitei-me na relva, sentindo uma presença próxima. Não temi, pois o meu lobo não reagiu negativamente.

"Olá, Akharium."

"Priscillia?! Pensei que tinhas voltado para a tua ilha natal."

"Não, quis conhecer Cervus. Sempre quis ver a cidade dos jogos e do dia eterno."

"Hoje haverá um espetáculo de touros. Podemos ir ver..."

"Adoraria. Mas o que é um espetáculo de touros?"

"É uma arena onde homens e mulheres tentam saltar sobre touros bravos, fintá-los, toureá-los e até agarrá-los e imobilizá-los."

"Parece perigoso..."

"Sim, mas são treinados. Participam por gosto e são bem remunerados."

"Acho que deve ser divertido. Vamos ver."

"Ótimo, saímos depois do jantar."

"Então tenho de ir embora preparar-me."

"Já? Ainda é o início da tarde..."

"Sim, mas não irei com o rei dos reinos do Sul para um evento público como uma empregada de esgotos. Tenho de preparar o meu cabelo, a minha roupa, a minha pele, a minha maquilhagem e os meus perfumes..."

"Vamos ver um espetáculo de touros, não vais casar-te..."

"Eu sei" — disse Priscillia sorrindo.

Eu sabia que ela queria seduzir-me, mas não poderia ceder. Ainda assim, não a trataria mal, afinal, sempre fora leal e isso deveria ser valorizado. Contudo, teria de lhe arranjar um par. Talvez Khlaus fosse perfeito para ela. Todavia, isso era algo a ser pensado a longo prazo. Agora, teria uma noite agradável com uma amiga, algo que me faria bem para descansar da guerra e da governação.

A noite caiu e, ao final do jantar, estava pronto para sair.

"Vamos?"

"Meu Senhor, Rei dos reis, não estou vestida adequadamente e tu também não."

"Estou vestido."

"Como um guerreiro, mas nós não vamos lutar. Por que não vestes algo mais informal?"

Um pouco cansado e sem grande vontade de mudar de roupa, mas sem querer incomodar-me com isso, decidi arranjar-me. Vestia algo mais confortável e fui para a sala. Lá, vi a mulher mais bela que vira nos últimos tempos. Priscillia, que já era bela, agora estava radiante. Nada na sua aparência era negligenciado. O seu rosto maquilhado, as suas orelhas adornadas com correntes e brincos, os seus cabelos loiros platinados, trançados com correntes de ouro e gotas de rubi. As suas vestes assentavam no corpo como uma teia de seda pura, e as listras de ouro tecidas formavam um padrão simples, mas que cortavam a brancura da seda. Priscillia estava quase nua, era possível ver o seu majestoso corpo, contudo, naquele momento, o foco eram os seus olhos, azuis como o mar de verão, com um risco preto. Aquela mulher era uma verdadeira ninfa.

"Estás deslumbrante."

"Tu também não estás mal."

"Não estou mal?!"

"Não, mas podias estar melhor. És um rei e não vestes as vestes de rei. Andas como um guerreiro, de capa e armadura, até as armas tens contigo."

"Eu não saio sem elas..."

"Ficavam-te tão bem as roupas senatoriais..."

"Eu não sou um burocrata..."

"Eu sei" — rindo-se — "Apenas estava a brincar contigo. Vamos."

Montámos os nossos cavalos e fomos para o centro, seguidos por quatro guardas, dois à frente e dois atrás. Entrámos na arena e o povo

levantou-se em delírio.

"Salve, Rei dos reis."

Levantei um braço com a minha lança e, após gritos e aplausos, sentei-me. Os desafiante entraram sendo aplaudidos. Os desafios eram arriscados e os feridos eram muitos, mas, no final, os que sobreviveram sem grandes marcas foram aplaudidos. Uma coroa de flores foi entregue ao campeão da noite. Ele ainda teria muitos combates e desafios pela frente. Contudo, se vencesse o grande prémio, seria visto como herói e o seu nome e história seriam marcados na pedra junto da arena para que todos o lembrassem.

A noite estava quente e limpa, por isso decidimos passear um pouco. Mande os guardas partirem e fomos beber nas cervejarias, cantar e festejar pela noite dentro. Quando amanheceu, eu estava a carregar Priscillia no meu cavalo, uma vez que ela mal se aguentava em pé por causa da bebedeira.

"Tu nunca ficas bêbado? Nem ressaca?!"

"Não, é a parte boa de ser um Mikerium."

"Sortudo, tenho a maquilhagem desfeita e uma dor de cabeça enorme."

"Quando chegarmos ao palácio, tomas um tónico e vais melhorar."

"És tão querido. Quero estar contigo como na ilha."

"Priscillia..."

"Eu sei, eu sei, mas continuo a querer estar contigo... pelo menos as tuas guerreiras são boas..."

"Estás bêbada..."

"Sim, mas elas são boas..."

Sorri brevemente enquanto regressava ao palácio. Ali, preparei um tônico para Priscillia, acomodei-a na cama e instruí os serviços a vigiá-la, antes de me dedicar à planificação de uma invasão.

Com a cidade e o reino a desfrutarem de uma paz efêmera, foquei-me no próximo passo. A noite anterior de celebrações deu lugar a um novo dia repleto de estratégia. Convoquei os meus conselheiros e generais para delinear os próximos movimentos.

"É imperativo reforçar as nossas defesas nas fronteiras. Edifiquem torres de vigia em intervalos regulares e instalem pirâmides de fogo para comunicação rápida em caso de invasão," ordenei.

"Sim, Senhor. E em relação aos reinos de Akstunuthá? Não seria prudente estabelecer uma barricada naquela ponte, isolando o caminho entre a Grande Muralha e o nosso território?" questionou um dos generais.

"Não. Enviar tropas para esse local seria um desperdício de recursos valiosos. Precisamos atuar como uma única força coesa. Ordeno a destruição da ponte e a colocação de vigias. Exijo ser informado imediatamente caso algum exército tente reconstruí-la ou atravessar o Rio Vermelho," respondi firmemente.

Após emitir as ordens, retirei-me para o Jardim da Contemplação. A calma do local servia como um bálsamo necessário. A pirâmide de vidro, cintilante sob o sol e ladeada por piscinas naturais e riachos que murmuravam suas melodias líquidas, proporcionava um cenário de pura tranquilidade. Deitei-me na relva, absorvendo a paz do ambiente. Percebi uma presença próxima, mas mantive a calma, pois Vanakh, a minha fiel loba, não mostrou sinais de alerta.

"Olá, Akharium."

"Priscillia?! Pensei que tinhas regressado à tua ilha natal."

"Não, desejei conhecer Cervus. Há muito que ambicionava ver a cidade dos jogos e do dia eterno."

"Hoje realizar-se-á um espetáculo de touros. Gostarias de assistir?"

"Com prazer. Mas o que exatamente é um espetáculo de touros?"

"Trata-se de uma arena onde homens e mulheres desafiam touros bravos, procurando saltar sobre eles, fintá-los, toureá-los e até capturá-los," expliquei.

"Isso soa perigoso..."

"É verdade, mas são treinados e participam voluntariamente, sendo bem remunerados por suas proezas."

"Deve ser um espetáculo intrigante. Vamos, então."

"Excelente, partiremos após o jantar."

"Então, vou preparar-me."

"Já? Mas ainda é o início da tarde..."

"Sim, mas não acompanharei o rei dos reinos do Sul a um evento público com o traje de uma empregada. Preciso preparar o meu cabelo, a minha indumentária, a minha pele, a minha maquilhagem e os meus perfumes..."

"Estamos apenas a assistir a um espetáculo de touros, não é um casamento..."

"Bem sei," respondeu Priscillia, sorrindo.

Eu sabia do seu desejo de me seduzir, mas não poderia ceder. No

entanto, não a trataria com desdém; sempre demonstrara lealdade, um valor que não poderia ser ignorado. Contudo, seria prudente encontrar-lhe uma parceira adequada, talvez Khlaus... Sim, ela seria perfeita para ela. Ainda assim, essa era uma consideração para mais tarde. Por agora, antecipava uma noite agradável na companhia de uma amiga, algo que seria um alívio bem-vindo após os desafios da guerra e da governação.

Ao cair da noite, e depois do jantar, estava pronto para partir.

"Vamos?"

"Meu Senhor, Rei dos Reis, não estou adequadamente vestida, e tu também não."

"Estou vestido."

"Como um guerreiro, mas não vamos combater. Por que não vestes algo mais informal?"

Cansado e sem grande vontade de mudar, mas sem querer preocupar-me com isso, decidi arranjar-me. Optei por algo mais confortável e dirigi-me à sala. Lá, deparei-me com a mais bela visão dos últimos tempos: Priscillia. Já de si bela, estava agora radiante. Nada na sua aparência era negligenciado; desde o rosto meticulosamente maquilhado até aos cabelos loiros platinados entrelaçados com correntes de ouro e gotas de rubi. As suas vestes, que mais pareciam uma teia de seda pura com listras de ouro tecidas, moldavam-se ao seu corpo, destacando a sua forma quase nua. Contudo, o que realmente captava a atenção eram os seus olhos, azuis como o mar de verão, enaltecidos por um risco preto. Uma verdadeira ninfa em carne e osso.

"Estás deslumbrante."

"Tu também não estás mal."

"Não estou mal?!"

"Não, mas podias estar melhor. És um rei e deverias vestir as vestes de rei, não apenas de guerreiro, mesmo que as armas nunca te abandonem."

"Não saio sem elas..."

"As vestes senatoriais ficar-te-iam tão bem..."

"Não sou um burocrata..."

"Eu sei," ela riu-se, "estava apenas a brincar contigo. Vamos."

Montámos os nossos cavalos e rumámos ao centro, escoltados por quatro guardas, dois à frente e dois atrás. Ao entrarmos na arena, o povo levantou-se num delírio de aclamações.

"Salve, Rei dos Reis!"

Levantei um braço, empunhando a minha lança, e após uma ovação, sentei-me. Os competidores entraram sob aplausos fervorosos. Os desafios eram arriscados, e muitos foram os feridos, mas, no final, aqueles que sobreviveram sem grandes danos foram aclamados como heróis. Uma coroa de flores foi entregue ao campeão da noite, que ainda enfrentaria muitos desafios pela frente. Contudo, se conquistasse o grande prémio, seria visto como um herói, e o seu nome e história seriam eternizados na pedra junto à arena, para que todos os recordassem.

A noite estava quente e clara, convidando a um passeio. Mandei os guardas dispersarem e fomos celebrar nas cervejarias locais, cantando e festejando até ao amanhecer. Quando o sol nasceu, encontrava-me a transportar Priscillia no meu cavalo, pois ela mal conseguia manter-se de pé devido à embriaguez.

"Nunca ficas bêbado? Nem ressacas?"

"Não, é uma das vantagens de ser um Mikerium."

"Sortudo. Estou desfeita, com a maquilhagem borrada e uma dor de cabeça terrível."

"Quando chegarmos ao palácio, tomas um tónico e vais sentir-te melhor."

"És tão atencioso. Gostaria de estar contigo como naquela vez na ilha."

"Priscillia..."

"Eu sei, eu sei, mas continuo a desejar-te... Afinal, as tuas guerreiras são competentes..."

"Estás bêbada..."

"Sim, mas elas são competentes..."

Sorri brevemente no caminho até ao palácio. Uma vez lá, preparei-lhe um tónico, deitei-a na cama e pedi a alguns empregados que cuidassem dela enquanto me dedicava aos assuntos de estado. Tinha uma invasão para planear.

Capítulo IX- O último dos grande reinos do Sul, Gahiuntys

Com o Sul quase conquistado, parti para a minha última e decisiva conquista: o reino de Gahiuntys, um lugar de deuses e mitos, onde um oráculo servia Akstunuthá. Ele escondia algo, guiando-me por caminhos certos, mas duvidosos. Iria conquistar aquele reino por vingança, por ódio, pela minha missão e pelos escravos que ali eram usados e abusados.

Com os meus galeões, velejei para o grande reino do Sul, onde o antigo e o novo coabitavam. Lá, o maior e mais belo templo se erguia, e a maior e mais sangrenta arena tingia o chão de vermelho com o sangue de prisioneiros de guerra e escravos. Eu e os meus homens desembarcámos no reino e começámos um reinado de terror. Matámos tudo o que víamos pela frente e libertávamos cada escravo que parecesse forte para lutar. Os canhões de tendões dos meus navios lançaram uma rajada de fogo que cobriu os céus, e a população fugia em terror. O fogo, iniciado no porto, alastrou-se até aos portões da acrópole. Tudo foi varrido pelo fogo, pela espada ou pelo medo, mas os portões resistiam.

"Senhor, estão barricados lá dentro. O que fazemos?" "Deitem-nos abaixo! Tragam o aríete, as escadas, as torres. Quero este reino caído até ao final do dia!"

Apesar do meu número de homens e da minha motivação, os intentos eram em vão. Todos morriam quando chegavam perto da cidade interior, e não podíamos manter um cerco por muito tempo, ou as vilas e cidades das redondezas teriam tempo para nos destruir. Teríamos de ser rápidos e eficientes, mas como?

Resolvi montar um cavalo e rodeei o enclave, que era claramente intransponível. Voltei para o meu acampamento e tentei criar um plano. Não partiria sem aquele reino ser meu. Quando me reunia com os meus generais, um batedor chegou com medo nos olhos.

"Senhor, um exército de cinco mil homens está a um dia de viagem daqui." "Obrigado, podes ir." "Sim, senhor."

Olhei para os meus generais, que perguntaram: "E agora, senhor? Partimos?" "Lutamos!" "Mas, senhor, na cidade estão perto de dois mil guerreiros, e milhares estão a chegar. Se as forças se combinarem, será um risco para o nosso exército. Mesmo superiores em número, podemos ter baixas significativas..." "Apenas se a cidade souber da ajuda. Eles não receberam nenhuma carta. Podemos usar isso contra eles." "Mas como? Eles veriam o nosso exército a partir." "Não, eles verão o que nós quisermos. Preparem os homens para a batalha; quero-os prontos para partir numa hora e deixem alguns construtores. Eles construirão soldados de madeira." "Soldados?" "Sim, temos uma cidade distante. Eles não sabem se somos humanos ou não, apenas deduzem. Construam um exército de soldados de madeira, um por cada um dos que irão partir, e vistam-nos com cotas de malha e espadas." "Mas, senhor, e como combateremos? Sem armas, sem armaduras..." "Com o medo! Eles estão a um dia de viagem. Se são muitos, são lentos. Partiremos numa hora. Ao chegar a uma colina, montaremos barreiras e tocas de lobo, e esconderemos o exército nas árvores com arcos e flechas. Tragam o máximo de destilados que encontrarem no acampamento; tenho um plano." "Sim, senhor."

Os soldados de madeira foram construídos e colocados estrategicamente. Alguns homens foram deixados para cantar e festejar, provocando assim medo no inimigo, uma guerra psicológica. Com 80% do meu exército no acampamento principal, parti com uma pequena mas coesa força para a colina, onde montámos algumas armadilhas. De seguida, chamei os homens para a floresta, criámos um círculo de forma a rodear o inimigo e esperámos.

"Tivanus, corta as árvores perto do caminho, mas prende-as com cordas. Ao meu sinal, fá-las cair." "Sim, senhor."

A noite caiu, e os inimigos foram vistos a morrerem nas armadilhas. Com medo, recuaram pelo caminho da floresta, algo crucial para o meu plano. Assim que foram vistos a entrarem, um batedor avisou-me.

"Senhor, eles chegaram." "Vai avisar as tropas." "Sim, senhor."

Olhei para os meus generais.

"Senhores, está na hora. Ao meu sinal, soltem o fogo do inferno."

"Sim, majestade."

Os generais partiram silenciosamente a cavalo para os seus lugares. Eu, por outro lado, fiquei com os meus homens e mulheres escondidos numa das extremidades. Vendo o exército inimigo ao longe, fiz sinal e uma flecha de fogo foi lançada. Em pouco tempo, a noite iluminou-se com tanto fogo no ar vindo das flechas, e a floresta ardeu como se fosse o coração de um vulcão. O círculo de homens fez com que o fogo fosse controlado, e o combustível garantiu que o fogo fosse imenso e forte.

"Fujam, homens, vamos para as colinas."

Ao ouvirem a minha voz, os meus homens fugiram para as colinas, longe do fogo. Ao longe, pudemos ver um bosque inteiro a arder e milhares de homens a gritarem, alguns fugindo em chamas. A mortandade foi imensa, porém não houve nenhuma baixa no meu exército. Assim que o fogo apagou, fui com o meu exército ao local. Os inimigos estavam todos carbonizados, mas ainda assim eram úteis. Mandei trazer os cadáveres e, ao chegar à cidade, mandei-os empalar.

"Cidade de Gahiuntys, podem juntar-se aos vossos aliados ou abandonar a cidade. Deixem os escravos, as armas, a comida e a bebida e partam. Escolham!"

A cidade, ao ver tantos mortos e sem esperança, rendeu-se incondicionalmente. O rei deles foi morto, e os escravos libertados. O seu exército de dois mil homens foi desarmado e mandado para os campos. Seus generais juraram-me lealdade ou suicidaram-se, e a cidade-estado ficou sob o meu total controle.

Ao entrar na cidade, fomos recebidos com louvores por todos os escravos. Fomos guiados até ao templo e ao palácio por um corredor de pessoas. Pobres coitados, uns quase mortos, outros com armas, eram gladiadores, mas todos gritavam o meu nome.

"Salve, rei Akharium, salve o Rei dos reis. Salve, rei Akharium, salve o Rei dos reis. Salve, rei Akharium, salve o Rei dos reis. Salve, rei Akharium, salve o Rei dos reis."

Eu e os meus homens festejávamos e sorríamos. O caminho estava cheio de pétalas, e as mulheres desejavam o meu exército. Homens e mulheres queriam juntar-se a nós e, antes mesmo de chegar ao palácio, um grupo de antigos escravos levou-me nos ombros até ao grande mirante para que eu pudesse falar ao povo.

"Povo de Gahiuntys, fostes negligenciados como seres humanos, espancados e muitos dos vossos amigos e familiares foram mortos para prazer dos vossos mestres, dos vossos donos. Eu sou Akháríum o, o Lobo, Senhor das Terras do Sul, e com toda a minha força vos digo e prometo: nunca mais sereis escravos, nunca mais sereis animais de estimação ou usados para deleite dos vossos donos. De hoje em diante, sois homens e mulheres de Gahiuntys, homens e mulheres livres para partir ou jurar-me lealdade. Vós que antes fostes escravos, hoje sois senhores das vossas vidas e almas."

Os escravos estavam em delírio. Mulheres desmaiavam nas ruas, homens berravam com toda a força e todos, numa só voz, fizeram o juramento.

"Nossas vidas são vossas, ó Rei dos reis, rei do Sul, Senhor da Guerra, libertador dos escravos e filho de deuses." "Eu, Akháríum o, o Lobo, vos juro ser justo, honrado e nunca vos escravizar nem deixar que o façam. Juro-vos ser um rei digno do vosso juramento e que tudo farei para que nunca vos falte pão e circo." "Salve, salve o Rei dos reis."

Gritou o Druida, e todos o acompanharam.

"Salve, o Rei dos reis. Salve, o Rei dos reis. Salve, o Rei dos reis. Salve, o Rei dos reis."

Parti para o palácio enquanto o povo e os soldados festejavam pela noite dentro. Dentro do palácio, vi coisas das quais nunca mais irei esquecer: um harém de mulheres nuas e belas como ninfas que desejavam servir o seu Senhor e, mesmo após a liberdade, queriam foder com os meus generais. No caminho para o trono, vi algo muito pior: cabeças de escravos penduradas como troféus. Que monstros são capazes de fazer isto à sua própria espécie?!

Mandei retirar as cabeças e lançá-las ao fogo, num funeral digno. Quanto aos instrumentos de escravatura, estes foram também destruídos, consumidos numa pira no centro da cidade, juntamente com todos os chicotes e correntes de escravos. Gahiuntys era um reino pequeno, uma cidade-estado com ramificações, mas era rica pelos seus escravos. Criavam e vendiam seres humanos, inclusive, matavam-nos e comiam a sua carne como se fossem animais...

Assim que me sentei no trono, pude sentir o peso dos reinos do Sul. Os meus ossos estavam cansados, a minha pele dura, os meus olhos profundos e a minha respiração ofegante. O frio da pedra do trono fazia-me lembrar que ainda estava vivo, ainda estava... mas, às vezes, sentia que não. A minha missão, a minha vingança, o peso do combate e da governação eram... eram algo que consumia todas as minhas forças. No entanto, tinha um dever, uma missão. Eu seria rei do Norte e do Sul, Senhor dos cinco reinos e das ilhas aliadas. Governaria com sabedoria e acabaria com a escravatura e, principalmente, combateria os exércitos de Akstunuthá, e no final eu poderei descansar a contemplar tudo o que conquistei.

Ao ver-me tão cansado, uma das antigas concubinas do rei, uma mulher de cabelos castanhos, seios duros, rabo perfeito, pele imaculada e olhos azuis, detentora de uma enorme beleza e rosto

delicado, aproximou-se de mim, quase nua.

"Meu Senhor, venha, preparei-lhe um banho."

"Não és escrava, podes partir." "A minha vida é servir o meu rei. Sou livre, mas sou-lhe leal."

"Se assim o queres, garantir-te-ei um salário como funcionária do estado."

"Obrigada, meu rei. Agora venha, parece muito cansado e tem terra nas suas roupas e cinza no rosto."

Fui para o banho acompanhado por aquela mulher, que me despiu a cota de malha, o couro, o manto, as botas, as armas e soltou-me os cabelos. Deitei-me na grande piscina da casa de banhos interior e olhei para cima, vendo o céu pelo imenso teto aberto. A água estava quente, mas não de uma forma desconfortável, e o céu noturno era belo, cheio de estrelas. Estrelas que não sabiam o que estava a acontecer, que brilhavam com a sua beleza sobre o bem e o mal. A lua iluminava a noite de todos e o sol fazia crescer as plantas mais selvagens do campo e as mais domésticas dos jardins. Fossem reinos ou tribos, o céu, o mar, o vento e a terra eram os mesmos. As mortes que eu tinha na minha alma, o sangue da batalha que não saía do meu corpo lavado, os gritos, os choros... Eu sabia que lutava pela paz, sabia que lutava pela união e pela libertação da escravatura, do ódio, da pobreza e da invasão de Akstunuthá. Lutava pela minha mulher e por mim, mas lutava, sempre lutava.

Lutei a minha vida toda, lutei contra tudo e contra todos. E, quando confiava e amava alguém, algo acabava com tudo. Adotei uma postura de guerreiro, algo charmoso para as mulheres, admirado pelos guerreiros, desejado pelos escravos e temido pelos meus inimigos, mas estava tão cansado, tão acabado... O banho soube-me bem. A mulher que lavava o meu corpo e os meus cabelos entrou na água comigo, saltando para cima de mim. Senti o meu pénis crescer e endurecer.

Queria estar com ela... O seu corpo tocava no meu tronco duro e enrijado pela batalha, a sua pele doce e perfeita fazia-me ter uma calma e um prazer imensos ao tocá-la, mas não podia... não podia trair a minha mulher ou não seria de confiança. Por isso, tirei-a de perto de mim e ela olhou-me de forma triste.

"Não o estava a agradar, nobre Senhor?" "Estavas e muito, mas tenho alguém. Não a posso trair." "Meu Senhor, ter concubinas é algo que todos os reis têm..." aproximando-se novamente de mim. "Está cansado e tenso, precisa de relaxar, sinta o prazer, descanse..."

Eu queria foder, queria muito, mas não podia fazer isso. Então, num só gesto, levantei-a e tirei-a da piscina real.

"Vai!"

A concubina começou a rir, voltando para a piscina enquanto a sua forma mudava, ficando na forma de Hanunk.

"Mas que merda!!" "Meu querido Mikerium, estava a saber tão bem." "Hanunk, qual é o raio do teu problema?" "Quero foder contigo. Sou uma deusa, não posso evitar ter o que quero quando quero. Estavas tão divertido na ilha da minha serva." "Doida!" "Mikerium, a minha irmã tem boas intenções, mas não sabe como cuidar de um Mikerium... eu sei! Podes servir-me, terás riquezas e sexo...."

Agarrando Hanunk pelo pescoço:

"Nunca serei teu escravo!"

Hanunk soltou-se como se fosse feita de fumo. Saiu do banho, nua e bela, e olhou para mim, rindo-se.

"O que eu faria com esse teu corpinho." "Sai daqui ou irei adicionar cabeças de deuses aos meus troféus!"

Hanunk partiu com um riso calmo, de troça, e eu simplesmente

adormeci nas águas, cansado, quase exausto da guerra e de tudo o que perturbava a minha paz. Acordei mais tarde com um dos meus empregados, um pouco preocupado.

"Senhor, adormeceu nas águas?"

Entregando-me uma toalha.

"Meu Senhor, é perigoso ficar tanto tempo na água, veja, a sua pele está a escamar." "Obrigado, sim, talvez seja melhor sair da água."

Saí da casa de banhos, fui para o quarto, vesti alguma roupa, a minha cota de couro, capa e uma espada. Ao sair do quarto, um general veio ter comigo, um pouco preocupado.

"Senhor, um exército de algumas dezenas aproxima-se. Podemos mandar o nosso exército e emboscá-lo ou devemos esperar?" "Manda um mensageiro, vê o que raio eles querem." "Já mandei, senhor, mas ainda não chegou. Temo o pior para ele."

Ao dizer isto, um homem entrou a correr com um papel nas mãos.

"Majestade, uma carta do capitão do exército que foi avistado." "O que diz a carta?" "Ele pede salvo-conduto para o porto, não deseja guerrear, só partir." "Diz-lhe que pode passar, mas pergunta-lhe por que raio está a fugir das terras férteis." "Sim, senhor."

Era algo muito estranho. Umas poucas dezenas de homens e mulheres pouco armados fugiam das terras férteis, não combatiam e não tinham armas para serem ladrões. Não desejavam ficar na cidade, queriam apenas partir para longe. O que raio estava a passar-se?

Assim que a manhã chegou perto do meio-dia, o mensageiro voltou.

"Fala, homem." "Senhor, ele agradece o salvo-conduto. Disse que as terras férteis foram saqueadas e queimadas, os seus familiares

mortos ou escravizados. Eles são tudo o que resta." "Vai já no cavalo mais rápido e oferece a minha ajuda." "Sim, senhor."

Corri do palácio até à Casa dos Generais, um local onde o exército e alguns generais habitavam, mas não um quartel, por ser algo luxuoso. Assim que cheguei à Casa dos Generais, mandei uma tropa a cavalo para auxiliar aquele povo que tinha sido capturado, enquanto a força maior se preparava. Mal os meus homens estavam prontos, saí das muralhas à frente de um pequeno contingente. Não poderia usar toda a minha força, por isso levei os melhores dos melhores, inclusive cães de guerra.

Saí da cidade com a tropa de elite e encontrei-me com aqueles homens e mulheres que fugiam. Ao ver-me aproximar dele, o capitão veio ao meu encontro.

"Soube que é o novo rei de Gahiuntys." "Sim, e vocês, o povo das terras férteis, o que faz de mim vosso rei." "Senhor, nós não temos rei. O último não fez nada para impedir a entrada dos bárbaros e agora temos de partir." "Eu não sou o rei caído. Irei com a minha tropa resgatar as vossas famílias." "Senhor, é um perigo desnecessário para os seus exércitos. Somos apenas plebeus..." "Sois o povo de Gahiuntys, o meu povo, eu irei proteger-vos!"

O capitão e todos que o seguiam demonstraram um pouco de esperança, mas ainda assim com dúvidas.

"Obrigado, meu rei, os meus homens irão lutar então!"

Partimos para as terras férteis, um lugar onde os rios transbordam no inverno e fertilizam as terras circundantes, um lugar onde o trigo cresce duas vezes maior e os frutos duas vezes mais rápido. São terras tão férteis que dizem serem abençoadas pelos deuses da gula e da agricultura. Assim que chegámos, vimos um acampamento inimigo.

Assim que chegámos, vimos um acampamento inimigo. Os meus

batedores, enviados à frente, voltaram com detalhes. Eram duas centenas de bárbaros a pé. Preparei o ataque de cavalaria, algo que nos daria vantagem por estarmos a cavalo, mas não sabia quão fortes eles poderiam ser como guerreiros.

Mandei o meu contingente rodeá-los e aplicar a tática das flechas cruzadas. A tática das flechas cruzadas é uma técnica na qual os cavaleiros avançam em frente, levando consigo tudo o que estiver no caminho. Por ser de forma cruzada, como o nome indica, existem cavaleiros em todas as direções, criando uma desorganização organizada. O inimigo, ao ser atacado assim, não sabe por onde se defender, sendo rapidamente derrotado. Quanto aos homens e mulheres que se tinham juntado a mim, usei-os para atacarem por entre a cavalaria, como tubarões quando atacam um cardume juntamente com golfinhos, aves e outros peixes.

Assim que comecei o ataque, percebi que a batalha seria mais complicada do que esperava. Os inimigos tinham uma capacidade militar notável. Os seus machados cortavam os meus cavalos e matavam os meus cavaleiros, forçando-me a intervir com a cavalaria auxiliar. O calor do dia, o pó da batalha sangrenta e o sangue no meu rosto faziam-me perder o sentido, tal como a todos os meus homens e aos homens dos meus inimigos. Amigos lutavam contra amigos, inimigos lutavam contra inimigos.

"Recuar!" gritei.

Enquanto recuava o meu exército, fiz soar o berrante de ataque que chamou o exército de plebeus.

"Há carga!"

Gritavam todos os homens, mulheres, velhos e novos do exército plebeu. Não lutavam por ouro, nem por lealdade a um rei. Lutavam com uma ferocidade e um desprezo pela morte que só um pai e uma mãe podem ter ao defender um filho. Aquele exército mal treinado foi

fulcral para mudar o rumo da batalha. Com os meus homens longe, os bárbaros a serem atacados e o tempo a encurtar, percebi que não poderíamos demorar a terminar a batalha. Dentro de pouco tempo, a noite cairia e teríamos de lutar no escuro, num campo de batalha que não conhecíamos.

Já no cimo de uma colina, vi o exército plebeu a ser fustigado. Contudo, isso não prejudicava a nossa vitória; a ajuda deles foi útil para retirar as minhas tropas. Com um berrante, mandei o exército aliado fugir. Os bárbaros, feridos e cansados, preferiram não os perseguir e gritavam de alegria, achando que tinham vencido a batalha. Contudo, a retirada era algo estratégico. Eu não iria abandonar os inocentes. Com um hastear de bandeira, a cavalaria reorganizou-se. Com os seus arcos, iluminaram o céu, e uma chuva de flechas de fogo caiu sobre os inimigos. De seguida, mais uma, e outra, e outra. O chão ficou coberto de fogo. Os bárbaros pegavam em escudos e corpos de mortos para se defenderem.

Com o tempo, perceberam a ordem de cada ataque e ripostaram. Lanças, pedras e flechas eram atiradas contra o meu exército, provocando algumas baixas. Com uma nova ordem, os meus arqueiros lançaram uma chuva de flechas de fogo, seguida de uma segunda onda de flechas apagadas. Isto fez com que os bárbaros se protegessem do primeiro ataque e ficassem vulneráveis ao segundo, pensando que não havia grande perigo e usando esse tempo para contra-atacarem.

Com este meu último ataque, aquela horda foi fustigada com flechas, abrindo-nos brechas de ataque. Antes que se reagrupassem, ao meu sinal, um exército de cães de guerra foi lançado sobre o inimigo, deixando-os em alvoroço. De seguida, os plebeus avançaram e, por fim, a força esmagadora da cavalaria acabou com todos os bárbaros que ainda estavam de pé.

Após mais de quatro horas de combate, os bárbaros tinham sido derrotados e o seu líder capturado. Mandei prender o líder bárbaro e levá-lo para a capital. Soltámos o povo que estava preso. Filhos, mães,

amores e amigos voltaram para os seus familiares, com choros e alegrias de ambos os lados.

"Meu rei, nem sabemos como lhe agradecer. Estamos em dívida para consigo e pagaremos com lealdade. Começaremos já a trabalhar. A colheita será vasta." "Sois o meu povo e eu o vosso rei. É meu dever proteger-vos. Deixarei aqui alguma cavalaria, mas mais tarde virá uma tropa auxiliar." "Obrigado, majestade."

Voltei com alguns cavaleiros para a capital, levando um saque de carros com ouro, prata e bens preciosos como peles. Sabia que seria bem recebido. Contudo, para meu espanto, o povo ficou novamente em delírio. Inclusive, um homem veio ao meu pé gritando:

"Libertador de escravos, rei de Gahiuntys. Salve o rei Akhárium o, o único que nos libertou do Demónio Vermelho."

Eu não entendia o que se estava a passar e questionei um dos meus cidadãos, que me respondeu dizendo que o homem que eu tinha capturado há muito andava a atacar o povo, escravos ou livres. Comia crianças, cozinhava-as à frente dos seus pais e atirava os ossos para os cães roerem. O ódio a esse homem era imenso e eu próprio já o odiava só de ouvir falar dos seus ataques. Com esse conhecimento, tive uma solução para nivelar a balança do ódio e da justiça. Subi ao alto do penhasco, o mirante, e falei:

"Meu povo, parti para proteger as terras férteis e trouxe este líder bárbaro. Eu entrego este homem nas vossas mãos."

Levantando-o no ar, lancei-o do penhasco, fazendo-o cair e morrer instantaneamente. Não sendo o suficiente, o povo agarrou o seu corpo, despedaçou-o, pendurou o que restava numa enorme vara e pegou-lhe fogo. Eu não era a favor da morte, tinha acabado com a pena capital em todos os reinos conquistados por mim. Mas, neste caso, o povo não permitiria que ele vivesse e a morte rápida era mais humana para ele, já que, se o povo o apanhasse, ou melhor, quando o apanhasse, iriam

torturá-lo por meses até que ele conseguisse suicidar-se ou morresse da tortura. Voltei para dentro, com a consciência de que o povo, que já estava em festa, estava agora mais leal a mim, algo essencial para a manutenção da ordem.

Mandei alguns generais treinarem os homens e mulheres do reino e formarem um exército. Pedi que enviassem uma carta ao exército, que estava à minha espera em Midharkr, para que partissem para o norte e esperassem por mim no primeiro reino, o reino mais a sul. Após meses de treino e de preparação, pude partir com um exército de vinte mil homens de infantaria, armados para o combate. Tinha ainda perto de mil armas de cerco e de tiro, cinco mil cavaleiros, dois mil carros de combate, assim como vários carros de bois com alimentos, água, armas, materiais de construção e vinho.

Tinha perfeita noção de que um exército assim seria lento, mas precisava de todos se queria conquistar os reinos a norte. Esperava que o resto do meu exército tivesse um acampamento preparado e estivesse em segurança, mas não sabia se iria para uma armadilha ou para uma conquista.

Capítulo X- Os reinos do norte

Meses após a conquista de Cervus, Gahiuntys e Midharkr, preparei-me para a grande empreitada nos reinos do norte. Esta região, dividida em quatro vastos reinos, é governada cada qual por um rei e um druida auxiliar. Diferente dos reinos do sul, compostos por grandes tribos que dominam tribos menores, os reinos do norte são fortalezas unidas, capazes de lançar contra-ataques devastadores a qualquer momento. As suas cidades são bastiões imponentes, lembrando aos viajantes de conquistas ancestrais. Apenas duas vezes na história alguém ousou conquistar estas terras.

Para obter sucesso no norte, não bastava apenas conquistar vilas e cidades; era necessário derrubar fortalezas e quebrar alianças antigas. As suas forças de combate eram renomeadas e temíveis. Assim, preferi inicialmente uma abordagem pacífica. Sabia que um cerco prolongado a uma única cidade poderia demorar meses e resultar em grandes perdas.

Decidi começar pelo reino de Agtijun, uma terra antiga, rica em histórias e mitos desde os tempos da Grande Batalha. Com meu dragão ao meu lado, as lendas locais poderiam ser a chave para convencê-los a se aliarem. Ao cruzar a fronteira do rio Aranto, observei que meus exércitos estavam saudáveis e prontos para a batalha. Chegando ao forte, montei um acampamento às portas de Agtijun, unindo as forças e formando um exército de cem mil homens.

Marchámos em direção à capital de Agtijun, encontrando pelo caminho um reino devastado. Cidades ardiam em chamas, pilhadas por exércitos de vândalos que deixavam um rastro de morte e destruição. Em cada cidade, tratei os feridos, reconstruí casas e expulsei invasores, mas parecia uma tarefa interminável. Após semanas de viagem, finalmente avistei a capital, o último reduto que ainda resistia aos saqueadores.

Ao aproximar-me, enviei um mensageiro, e o rei, ao perceber minha intenção aliada, permitiu minha entrada. Deixei minhas tropas

a protegerem a cidade do lado de fora e entrei com meu dragão e uma guarda pessoal. O rei, cansado e abatido, recebeu-me no salão, onde a esperança e a tristeza se mesclavam em seu olhar.

"Sei porque veio, mas lamento não o poder ajudar...", disse ele, com voz pesada.

"O que se passou com o seu reino? Era forte e digno...", perguntei, enquanto tentava entender.

"Passado, apenas isso... Os reinos do norte são como irmãos, mas todos se odeiam. Eles permitem a entrada dos vândalos desde que estes partam para o reino seguinte sem os saquearem. Este é o último reino. Os vândalos reúnem-se aqui, fazem a festa, colhem as almas e partem. Eu já não tenho exército, não tenho filhos, apenas minha filha escapou, mas até ela foi capturada. Não sei se fico feliz por ela estar viva ou choro por ela ser escrava."

"Não se preocupe, irei resgatar os seus homens. As suas cidades estão seguras e o reino de Agtijun será meu protegido!"

"Agradeço a intenção, mas eles estão longe, já devem estar em alto mar..."

"Voltarei com seus homens, mulheres, crianças e sua filha, prometo!"

Saí do salão, deixei minha guarda, montei meu dragão e voei a toda a velocidade para o mar aberto. Sabia que os vândalos rumavam à antiga Ilha dos Piratas, agora minha província. Com algumas horas de voo, ultrapassei os navios, vendo os marujos em pânico. Alguns saltavam para a água, outros disparavam flechas, mas sem sucesso.

Percebendo que não se renderiam, mandei meu dragão cuspir fogo nas velas, incendiando os barcos e forçando os homens a saltarem para a água, onde eram queimados ou devorados por tubarões. Ouvi

os gritos dos cativos e sabia que precisava apagar as chamas. Com uma investida na água, criei uma onda gigante que apagou os incêndios. Entrei em cada barco, libertando os reféns e perguntando sempre pela princesa.

Finalmente, no último navio, encontrei uma mulher tão bela quanto Priscillia, com a delicadeza de uma teia de aranha.

"Eu sou Drussilia, Senhora de Agtijun."

"Encantado – disse, ajudando-a a levantar-se – Sou Akhárium, rei do Sul. Vim para vos salvar. Drussilia, seu pai aguarda-a."

Drussilia abraçou-me e beijou-me. Surpreso, percebi que era uma brincadeira de Agahataia, a deusa do amor.

"Lamento, mas eu tenho alguém à minha espera."

"Claro, desculpe, foi a emoção..."

"É melhor irmos, o seu pai espera-a."

Sáímos do convés, e a princesa, assim como os reféns, maravilharam-se ao ver meu dragão. Amarrei correntes ao navio e ao dragão, ordenando que voasse. Estava feliz, relaxando junto à princesa e aguardando a chegada ao destino. Quando o sol se pôs e a noite nasceu, avistei a costa iluminada e repleta de pessoas.

Ao chegarmos à costa, fomos recebidos com pétalas de flores, festejos e música. A multidão pegou-me aos ombros e levou-me ao palácio como um herói. O rei, comovido e em dívida, abraçou a sua filha.

"Rei Amenesis II, agora podemos fazer uma aliança?"

"Sim, mas não sei como poderei ajudar. O meu povo está fraco, demorarei meses a reconstruir um exército..."

"Meses é o tempo que a humanidade tem se não lutarmos juntos. Akstunuthá está próximo e a sua força cresce a cada dia. O reino de Agtijun vai fugir ou lutar?"

"Lutaremos, Mikerium. No dia da batalha, terás as nossas forças."

Parti com minhas tropas, deixando uma pequena força para auxiliar e treinar o reino. Meu próximo destino era Advitiru, um reino belo e próspero, conhecido por suas torres de vidro, pirâmides de cristal e jardins suspensos. Ao nos aproximarmos, um mensageiro veio ao nosso encontro com um ultimato.

"Partam com estes presentes. Não são bem-vindos aqui."

"Eu sou Akhárium o Lobo, rei de..."

"Eu sei quem tu és, rei dos bárbaros do sul. Manda a tua tropa recuar ou enfrentaremos o vosso exército."

Recusei o ouro e ordenei que montássemos um acampamento longe dos olhos de Advitiru. Reuni-me com meus generais e tracei um plano.

"Advitiru não nos permite entrar, suas forças são grandes. Não podemos lutar de frente. Iremos surpreendê-los. Mandem parte das tropas esconder-se no rio Danunuki. Uma equipa de mergulhadores abrirá os portões que ficam virados para o rio. Eu atacarei pelo norte com meu dragão, distraindo as tropas."

Os generais relutaram, mas concordaram. Durante a noite, iniciámos a invasão. As tropas esconderam-se no rio, aguardando o sinal. Com meu dragão, fiz uma pequena investida pelo norte, concentrando as forças de Advitiru. Quando os portões foram abertos, nossas tropas entraram, pegando o inimigo de surpresa. A batalha foi intensa, mas a estratégia funcionou. Advitiru caiu, e o reino, antes impenetrável, estava agora sob nosso controle.

Essa conquista, porém, era apenas o começo. Akstunuthá, o Senhor das Trevas, aproximava-se, e a união de todos os reinos seria necessária para enfrentá-lo. A batalha final estava por vir, e eu, Akhárium, o rei do Sul, estava determinado a liderar essa luta até o fim.

partimos para um local abrigado, longe dos olhares vigilantes de Advitiru. Mandeí montar um acampamento e reuni-me com os meus generais para delinear um plano de ataque.

"O reino de Advitiru não nos permite entrar, e suas forças são demasiadamente grandes para os derrotarmos em campo aberto," disse eu, observando cada rosto ao meu redor, sentindo o peso da responsabilidade.

"Então, devemos partir?" perguntou Yhtus, a voz carregada de incerteza.

"Não, Yhtus. Não podemos partir sem as forças deles. Há algo de muito estranho. Eles não nos recebem, mas não sei até que ponto estão metidos com Akstunuthá," repliquei, a mente fervilhando de possibilidades.

"Nobre Senhor, as nossas forças serão aniquiladas só na muralha. Não podemos lutar contra eles. Mesmo que vencamos, o apoio não tardaria a chegar..." disse outro general, a preocupação evidente no seu tom, como se cada palavra fosse um peso na balança da decisão.

"Não temas! Eu conquistei mais reinos do que o número de reinos do norte. Eles são fortes, mas não invencíveis. Vim aqui para negociar uma aliança ou para conquistar a região. Eles fizeram a escolha deles," disse eu, enquanto tentava infundir coragem nos meus homens, como um farol na escuridão.

"Estamos às suas ordens!" responderam os generais em uníssono, o som ecoando como um juramento de lealdade.

"Obrigado. Eu tenho um plano. Parte das nossas tropas esperará atrás no rio Danunuki, aguardando o meu sinal. Uma equipa de mergulhadores irá até ao final do rio que passa por dentro da cidade e abrirá os portões virados para o rio. Eu irei para o lado norte com o meu dragão e um punhado de homens. Farei uma pequena investida lá, para concentrar as suas tropas num só lugar. Assim, poderemos surpreendê-los e, com sorte, vencê-los."

"Majestade, mas é um risco desnecessário pôr-se na frente da batalha. Deixe-me invadir com uma tropa de caçadores," sugeriu um dos generais, a preocupação evidente em seu olhar.

"Este reino é formado por uma tropa de elite, tão ou mais fortes que muitos de nós. Se queremos vencê-los, temos de parecer desesperados," respondi, sentindo a verdade dessas palavras no fundo do meu ser.

"Senhor, ainda assim, não é um risco enorme? Se morrer, não haverá hipótese para o nosso reino jovem. Não seria melhor deixar este reino e conquistá-lo noutra altura?" perguntou Kratonium, sempre cauteloso, mas com razão.

"Meu general Kratonium, sempre com medo e com pouca fé. Nós não podemos falhar esta conquista ou teremos um reino armado e pronto para nos combater. Nunca poderemos combater em duas frentes ou, na melhor das hipóteses, eles atacarão o reino vizinho que temos como protetorado," expliquei, enquanto tentava dissipar suas dúvidas com a lógica implacável da necessidade.

"Entendo, Senhor. Tratarei da invasão a sul," disse Kratonium, resignado mas determinado.

"Obrigado. Estão dispensados. Invadiremos esta noite. Ponham vigias e matem todos os batedores inimigos," ordenei, o tom final e inabalável, como o toque de um sino anunciando o destino.

"Sim, Senhor!" responderam em coro, retirando-se para preparar as tropas e executar o plano com uma precisão que só a urgência do momento poderia proporcionar.

Capítulo XI- A invasão a Advitiru

Tudo estava preparado. A noite havia descido como um manto de veludo escuro, e a lua nova mal se vislumbraava entre as nuvens densas que se estendiam pelo céu, como uma tela de sombras. O nevoeiro, espesso e traiçoeiro, escondia nossas formas, mergulhando-nos numa obscuridade quase palpável. Os cavalos permaneciam no acampamento, e a ausência de armaduras de metal, substituídas por couro negro, impedia qualquer reflexo de luz, mesmo que fosse o mais ínfimo.

O risco era colossal. O aroma da erva molhada, misturado com o som distante dos veados das neves, criava uma atmosfera carregada de tensão. A cada respiração, um bafo quente de vapor se misturava com o ar gelado, intensificando o pavor do momento. O medo era palpável nos olhos dos homens e mulheres — não o medo da guerra em si, mas do desconhecido. As formas indistintas no nevoeiro poderiam ser veados, amigos, Assacranus ou soldados inimigos, prontos para emboscar e exterminar-nos. Não podíamos atacar, pois isso nos revelaria; não podíamos reagir, apenas esperar. Muitas vezes eram apenas veados, raposas ou aves da noite, como mochos e corujas, mas a sensação de que algo pior estava por vir persistia.

Com um gesto meu, um grupo de caçadores avançou para a água fria e veloz. Sabiam que a morte era uma possibilidade real, que poderiam ser arrastados pela corrente se a corda rompesse, e que não poderiam emitir um som sequer enquanto se afogavam. Não podiam pedir ajuda ou se render ao instinto primal de emitir um único “ai”, ou todos os seus irmãos de armas seriam condenados.

Em formação, os caçadores entraram na água e nadaram em apneia em direção às muralhas. Muitos não emergiriam. Era uma travessia longa sem oxigênio externo, e para evitar que seus corpos fossem detectados boiando, todos usavam coletes pesados de pedras envoltos em tecidos que amorteciam o som dos pesos a quase zero.

“Assim que eles entrarem, quero os soldados prontos para atacar o lado sul.”

“Sim, senhor!”

Eu sentia um medo profundo. Como poderia não sentir? Os reinos do Norte eram terras distintas, habitadas por guerreiros robustos que encaravam a morte com a fúria de touros enfurecidos. Eram diferentes dos reinos do Sul, pequenos e muitas vezes reduzidos a cidades-estado com vilas sob seu domínio. Os reinos do Norte dependiam de tropas bem treinadas e armadas para defender e saquear, sem a presença de escravos que pudessem ser usados a meu favor. Por nossa parte, contávamos apenas com a vantagem da surpresa e a superioridade numérica de cinco para um.

Para conquistar este reino, precisaria subjugar pelo menos cinco grandes cidades; somente assim poderia sufocar as vilas menores, que, embora pequenas, possuíam exércitos consideráveis. Após cerca de vinte minutos, uma pequena luz surgiu no alto de uma torre — era o sinal que eu esperava. Era hora de atacar. Com uma cacofonia de tambores, trombetas, berros e gritos, avancei pelo norte. Meu dragão incendiou a parte norte da cidade, enquanto meus homens e mulheres desviavam a atenção das muralhas do sul.

“Rápido! Quero escadas de assédio em frente! Torres de assédio também! Avancem, homens!”

“Arqueiros, disparem fogo! Artilharia, não parem de disparar. Valkiya, ataque a artilharia inimiga!”

A guerra era um tumulto de sangue, dor, fogo e gritos. Nada parecia correto, mas era essencial. As minhas forças eram insuficientes para enfrentar as defesas ancestrais da capital. Nada parecia dar-me vantagem, nem mesmo o dragão. Eu estava sendo dizimado; minhas tropas mal conseguiam posicionar as escadas de assédio, e meu dragão era alvo de escorpiões, bestas com virotes do tamanho de homens. Ainda assim, era um risco que precisava correr. Eu tinha de colocar meu exército dentro das muralhas e cercá-los.

Com meu ataque prestes a ser retirado, avistei ao longe uma tropa que atacava o exército defensor por dentro. Sorri; a perda de uma parte das minhas forças no norte foi compensada com a entrada do meu exército no sul. Rapidamente, deixamos a primeira muralha em ruínas, mas ainda havia a grande muralha interna da cidade, uma fortaleza dentro da fortaleza, onde as tropas haviam se reunido e onde a entrada era quase impossível. Só havia uma solução: entrar escondido ou esperar que morressem de fome.

Retirei-me para minha tenda no acampamento e reuni-me com os generais.

“Senhores, os caçadores ainda são uma solução?”

“Lamento, majestade, mas as forças estão muito reduzidas. A maioria morreu no assalto...”

“Então, sitiamos e esperamos.”

“Mas podemos ser surpreendidos por um exército aliado.”

“Eu sei...”

“Tenho um plano, Akháríum — falou apressadamente Moira, estendendo um mapa do castelo. — E se fizermos uma perfuração na muralha? Por baixo, ela desmoronará, permitindo-nos invadir o que resta da cidade capital e eliminar aquele filho da...”

“Será um perigo para as nossas tropas — defendeu Tivanus.”

“Sim, mas não temos outra opção — insistiu Moira, convicção evidente em sua voz.”

Olhei para o mapa. De facto, parecia ser a melhor solução, apesar de não ser a ideal.

“Façam isso.”

“Sim, meu senhor!”

A batalha era feroz, desenrolando-se nas profundezas do palácio, onde o som do aço a colidir ecoava pelas paredes antigas, e o sangue dos guerreiros empapava as pedras. Após meses de uma campanha exaustiva, finalmente conseguimos derrubar a muralha que nos impedia de avançar. O nosso ataque foi desesperado, quase suicida, mas conseguimos tomar a última barreira e penetrar no palácio real. Ali, lutámos com a ferocidade de animais encurralados, cada movimento era uma luta pela sobrevivência. A minha lança atravessava o que a espada deixava escapar, enquanto os meus homens, exaustos, enfrentavam inimigos muito mais fortes.

No coração palpitante do palácio, enquanto os gritos de batalha ecoavam pelas robustas paredes, enfrentei o rei. O homem, que tanto tempo se ocultara atrás de seus leais guardas, revelou-se não como o estrategista temido, mas como o monarca hesitante que sempre soube ser. Naquele instante crítico, um lapso na defesa real se apresentou — não por mera sorte, mas como fruto de uma estratégia longamente cultivada. Exausto, porém resoluto, lancei a minha arma com uma precisão mortal. O impacto foi tal que o seu corpo desabou, inerte, a cabeça tombando de forma macabra contra o mármore frio da parede. Ainda assim, a vitória não trouxe pausa; o assalto adversário não conhecia fim.

Ao meu lado, na tempestade de ferro e fogo, Moira permanecia. A sua presença não era apenas a de uma guerreira, mas um farol de resolução. Contudo, o peso da contenda começava a nos oprimir. O general inimigo, inflamado pela visão de seu rei caído, avançou com uma ferocidade selvagem. Os meus homens, embora valentes, sucumbiam um a um ao avanço implacável. O desespero, então, começou a tomar forma, visível e palpável.

No ápice do caos, o general fixou o seu olhar letal em mim, lançando a sua espada envenenada com a intenção de encerrar a disputa. Foi quando Moira, com a resolução que só os verdadeiramente leais possuem, se interpôs. A lâmina a atingiu com

força brutal, num ato de sacrifício que se desenrolou numa agonia lenta e envenenada diante dos meus olhos.

“Moira!” gritei, amparando o seu corpo em queda. A sua respiração era fraca, os seus olhos, no entanto, ardiam com uma determinação que desafiava a sombra da morte. “Akhárium...” ela murmurou com urgência, “cumpra o seu dever... finalize a nossa missão.”

Não houve tempo para lamentos grandiosos; Moira, no seu último suspiro, foi a personificação da guerreira, entregando a sua vida em nome da lealdade e da honra. A sua morte não apenas selou o seu destino, mas também reforçou a minha resolução.

Enquanto o silêncio sufocante se abatia sobre nós, a culpa pela sua perda tornava-se um fardo insuportável. Sabia, dolorosamente, que a minha precipitação tinha sido a causa da sua morte. E, ainda assim, era claro que Moira jamais teria escolhido outro fim senão aquele, a lutar corajosamente até ao seu último alento.

Mas a guerra ainda se desenrolava, cada novo ataque inimigo um lembrete cruel de que o sacrifício de Moira exigia justiça, não por glória, mas pela causa que ela bravamente defendeu. Agora, com um peso renovado sobre os meus ombros, tinha de persistir.

Conforme os adversários avançavam, um velho druida emergiu das sombras, a sua voz ecoando com autoridade: “Parem!” A batalha hesitou, mas a tensão permaneceu palpável.

“Este homem é Akhárium Lobo, filho de Gilmeria e de Trartho,” anunciou o druida, enquanto os cavaleiros observavam, incrédulos.

As acusações do general inimigo não tardaram: “Como pode este invasor ser o nosso rei legítimo? Ele morreu antes de nascer, um mero bárbaro!”

“Ele tem a marca do lobo. Apenas um legítimo descendente do primeiro rei, D. Ashmard, pode controlar e domar um lobo-dentes-de-sabre, um lobo do Norte! Este homem é o nosso rei.”

Convencidos pela evidência irrefutável, os generais ajoelharam-se, a sua rendição transformando instantaneamente o campo de batalha.

A minha coroação, embora precipitada, marcou o início de uma nova era, simbolizada pela cunhagem do meu rosto nas moedas do reino.

Os homens que desejavam matar-me também se ajoelharam, e o reino caiu sob meu domínio. A coroação foi rápida; meu rosto foi cunhado nas novas moedas e mensagens foram enviadas por todo o reino. Eu, ao contrário do meu meio-irmão morto, podia portar um lobo-dentes-de-sabre, o que conferia a legitimidade que um desconhecido no trono nunca teria.

No entanto, estranhei o fato de meu meio-irmão não poder controlar um lobo. Seria um poder que passava apenas de mãe para filho? Resolvi questionar o druida, que rapidamente me explicou a história de Advitiru.

“Havia muito tempo, quando os reinos do Norte eram apenas tribos isoladas, um homem, D. Ashmard, reuniu as forças de todas as grandes tribos e lutou contra os vândalos que desciam das Montanhas de Neve Cinzenta. Apesar da ferocidade e valentia, estavam a sucumbir; suas forças estavam esgotadas e poucos soldados se mantinham de pé. Foi então que uma matilha de lobos-dentes-de-sabre atacou os vândalos e os derrotou. A vitória teve um enorme significado para todas as tribos e ele foi coroado rei, e seu nome deu origem ao novo reino que mais tarde ficou conhecido como Asghardan. Ninguém sabe por que a matilha de lobos os protegeu, mas, no funeral do rei, a matilha voltou a aparecer e transportou o corpo com ela. O que é certo é que, apesar das lendas de que o rei era uma daquelas criaturas que veio ajudar-nos em forma de homem, todos os seus descendentes conseguem criar e domar um lobo do Norte e usá-lo para defesa e para marcar a sua posição como legítimos reis. Teu pai não era um descendente, apenas um nobre; já tua mãe era a verdadeira descendente do primeiro rei. Contudo, por motivos políticos, não pôde assumir o trono e foi a linhagem do teu pai que permaneceu na história mais recente deste reino. Para legitimar-se, pai e filho colocaram parte do nome do reino nos seus segundos nomes, mas isso não os fazia portadores do lobo do Norte, apesar das

várias tentativas sem sucesso.”

“Eu não entendo; nunca soube de nada disto.”

“Compreendo, meu rei. Não sabia da sua história e pensei que estava morto. Contudo, ao vê-lo a comandar um dos lobos, percebi quem era e que tinha retornado. Pensei que procurava conquistar seu trono pela força, mas depois percebi que, durante todos estes anos, viveu na ignorância e não sabia quem realmente era. Se desejava este reino, bem, agora já o tem. Qual é a sua próxima ordem?”

“Preciso saber o estado económico e social deste reino, recuperar e treinar o máximo número de homens e fortificar minha posição como rei.”

O estado económico e social do reino era, segundo os conselheiros, robusto, quase próspero. As cidades, que durante anos haviam conhecido o peso da incerteza, começavam a respirar novamente, impulsionadas por um comércio florescente e por uma esperança recém-descoberta no futuro. O povo, habituado à inconstância dos tempos, via-me como um rei redentor, uma figura mítica que surgira das brumas da confusão para reclamar o trono que, por direito, me pertencia. Contudo, eu sabia que estas percepções eram frágeis, como o nevoeiro da manhã que se dissipa com o primeiro toque do sol. A minha ascensão ao trono fora rápida, inesperada, e tal rapidez deixava cicatrizes invisíveis, fendas nas fundações do meu reinado que apenas eu parecia ver.

"O reino prospera sob a sua liderança, meu senhor," disse o druida, com a gravidade de quem conhece os segredos do tempo. "O povo, libertado do jugo dos ilegítimos, vê em si um salvador, um rei há muito esperado. As forças armadas estão estáveis, apesar das perdas inevitáveis. A sua legitimação, assegurada pelo sangue e pela tradição, está consolidada. Não há mais nada que precise de fazer para garantir o seu lugar no trono."

Essas palavras, ditas com uma serenidade que eu invejava, deveriam tranquilizar-me. No entanto, ao ouvir o druida, sentia uma

inquietação persistente, como se algo estivesse fora de lugar, algo que escapava à minha compreensão imediata. A simplicidade com que o druida falava sobre o poder e a legitimidade parecia ignorar as complexidades que eu enfrentava. O poder nunca estava seguro; mesmo os reis mais venerados, como o meu antecessor lendário, Ashmard, tinham aprendido que o trono era um lugar de vigilância constante, de olhos sempre abertos para os perigos que espreitavam nas sombras.

"Mas há algo que deve saber," continuou o druida, interrompendo os meus pensamentos. Aproximou-se de mim com um movimento lento e deliberado, estendendo-me um anel de ouro adornado com um brasão em ouro branco. "Este anel pertenceu aos seus antecessores. Desde a morte da sua mãe, tenho-o guardado, à espera do momento em que o legítimo herdeiro regressasse. Pegue, talvez lhe traga conforto, ou pelo menos um sentido de continuidade. Pode ser que seja o rei destinado a unir o Norte e o Sul num único reino, tal como o seu antecessor Ashmard fez no seu tempo. Mas lembre-se, meu senhor: não confie em ninguém. Aqui, muitos ainda não o respeitam verdadeiramente e podem tentar matá-lo antes que o trono se torne realmente seu."

Aceitei o anel com uma mão que parecia, de repente, pesada. As palavras do druida, embora calmamente pronunciadas, carregavam o peso de uma advertência que não podia ignorar. O poder, aquele poder que agora se manifestava em mim, ainda era frágil, como um vidro que poderia estilhaçar-se ao menor impacto. Ao observar o anel, as marcas e runas gravadas no ouro reluziam com uma história antiga, uma narrativa de reis e rainhas, de conquistas e perdas. Senti uma estranha conexão com a minha mãe, a rainha que eu nunca conhecera, mas que parecia agora tão próxima, como uma sombra constante na periferia do meu pensamento.

Com o anel seguro na minha mão, dirigi-me lentamente para o trono. Cada passo reverberava no vasto salão, como se o próprio espaço estivesse a reconhecer a minha presença. A solidão da realeza começava a manifestar-se, não como uma ausência física de companhia, mas como uma consciência crescente do peso do poder,

do isolamento que vem com a responsabilidade de um reino. Era rei de um dos reinos do Norte, tinha outro como protetorado, e governava as terras do Sul. Mas essa ascensão, ocorrida com uma rapidez quase sobrenatural, deixava-me desconfortável. Não havia tempo para a transição, para a aceitação gradual do poder; ele caíra sobre mim como uma avalanche, e agora eu estava preso sob o seu peso.

Refleti sobre como havia chegado até ali. Há pouco tempo, não passava de um comandante de homens, envolvido na confusão de batalhas e campanhas, desconhecendo a verdadeira extensão da minha linhagem. A revelação da minha herança, o facto de ser o herdeiro legítimo de um trono antigo, atingira-me como uma lâmina afiada. Matara o meu meio-irmão, o usurpador ilegítimo, sem saber que a sua morte abriria o caminho para a minha coroação. Tudo acontecera tão depressa, como se o destino estivesse a desenrolar-se à minha frente sem que eu tivesse qualquer controlo sobre os seus desígnios.

Ao chegar ao trono, sentei-me, mas o assento real, embora confortável, parecia estranho sob o meu corpo. Não conseguia escapar à sensação de que algo estava errado, de que o equilíbrio entre o destino e a realidade havia sido perturbado. Observei o salão à minha volta, as bandeiras que pendiam das paredes, as armas antigas que adornavam os suportes — símbolos de um poder conquistado, não dado. Mas o que significava este poder, agora que estava nas minhas mãos? Será que eu, realmente, o possuía, ou era ele que me possuía?

Os pensamentos rodopiavam na minha mente, confusos, enquanto olhava para o anel. A imagem de um lobo e de uma árvore gravada no metal parecia olhar para mim, como se me julgasse. Havia um peso simbólico naquele anel, um fardo transmitido ao longo das gerações. O lobo, um símbolo de força e liderança, e a árvore, representando a estabilidade e a ligação à terra — ambos eram componentes da minha herança, mas também lembretes do que poderia perder se falhasse.

Fui interrompido por uma batida na porta do salão. Um dos meus generais entrou, o rosto marcado pela tensão. "Meu rei," disse ele, curvando-se ligeiramente, "os nobres e conselheiros estão reunidos. Estão prontos para a audiência."

Assenti, levantando-me com uma lentidão deliberada. Estava na

hora de enfrentar o conselho, a hora de testar a minha autoridade perante aqueles que poderiam ser tanto aliados como inimigos. Atravessando o corredor, senti o peso de cada olhar sobre mim, um escrutínio silencioso que parecia avaliar cada movimento, cada gesto. Eles esperavam que eu falasse, que declarasse a minha intenção, mas o que poderiam saber do fardo que carregava? Como poderiam entender as dúvidas que me assaltavam, o medo de que, apesar de todo o poder que parecia estar ao meu alcance, eu não estivesse realmente no controle?

Entrei na sala do conselho e fui imediatamente envolvido por um silêncio carregado de antecipação. As figuras à minha volta eram um misto de familiaridade e estranheza. Havia rostos conhecidos, homens que lutaram ao meu lado, e outros que só conhecia de nome, nobres cujas lealdades eram incertas. O ambiente estava tenso, e embora não houvesse sinais explícitos de desconfiança, eu sabia que muitos dos presentes aguardavam qualquer sinal de fraqueza para questionar a minha autoridade.

"Homens livres de Advitiru," comecei, a minha voz ressoando nas paredes de pedra, "você não me conhecem, nem eu a vós, e isso, reconheço, pode ser complicado. Sei que cada um de vós tem desejos e ambições, e que o reino está num momento de transição, o que pode gerar incerteza."

Pausando, observei os seus rostos, enquanto tentava ler as emoções que escondiam. Muitos mantinham uma máscara de indiferença, mas havia alguns cuja atenção estava focada em mim com uma intensidade que beirava a hostilidade. O ambiente estava carregado, como se cada palavra minha pudesse desencadear uma reação.

"Venho oferecer algo a todos vós," continuei, "algo que pode garantir a prosperidade do reino e de cada um dos vossos domínios. Pretendo implementar políticas de desenvolvimento de comércio com os meus reinos do Sul. Assim, o reino será mais rico e poderoso. Sei que muitos de vós valorizam a tradição, e embora eu não seja um homem particularmente tradicional, sou um descendente direto da linhagem real, e isso valida o meu lugar aqui. Quanto aos que

apoiam o rei caído, saibam que o vosso apoio foi em vão. A história está contra vós, e a linhagem que defendo é a única que pode trazer estabilidade a este reino."

Os olhos dos conselheiros fixaram-se em mim. Alguns franziram o sobrolho, outros mantinham uma expressão neutra. O clima era de incerteza, mas também de curiosidade. Estavam à espera de algo mais, algo que fosse além das promessas de riqueza e estabilidade. Eles precisavam de acreditar em mim, mas também de temer o que poderia acontecer se não o fizessem.

"Por último," disse, inclinando-me ligeiramente para a frente, "sei que os generais entre vós desejam provar o seu valor no campo de batalha. Do lado de fora, tenho um exército de cerca de cem mil homens armados e treinados, e um território que pode formar mais vinte mil num ano. Podem juntar-se a nós, vencer batalhas, ganhar glória e fama. Prometo ser um rei guerreiro, expandir os nossos territórios e influências além do horizonte, e haverá terras e ouro para todos os que lutarem ao meu lado. Mas saibam disto: a minha mão será firme contra os que se opuserem a mim."

Nesse momento, algo mudou na sala. Os generais de Advitiru aproximaram-se, um a um, até que cortaram as suas mãos e deitaram o sangue na taça de fogo, fazendo o mais sagrado juramento, o juramento de morte ou honra, também conhecido como o Juramento de Fogo. Este era um ato de compromisso que raramente era visto, mas quando acontecia, era inquebrável. Sabia o que significava, mas também conhecia as histórias de homens que arderam em plena multidão por quebrarem o juramento. Não havia volta atrás para eles, assim como não havia para mim.

Mas a complexidade deste momento não me escapava. Estes homens não eram burocratas ou administradores; eram guerreiros, forjados no calor da batalha, homens que respeitavam a força acima de tudo. Eles viam em mim um líder, mas também uma oportunidade. E eu, em contrapartida, precisava deles para consolidar o meu reinado. Sabia que o verdadeiro desafio não seria apenas travar batalhas externas, mas também gerir estas alianças frágeis, onde a lealdade era tantas vezes uma questão de conveniência.

O clima na sala tornou-se ainda mais carregado quando os generais se afastaram, deixando a taça de fogo a arder com o sangue dos seus compromissos. A tensão era palpável, e eu podia sentir os olhares a seguir-me, esperando o próximo passo. Levantei-me do trono e aproximei-me da janela, olhando para a paisagem que se estendia além das muralhas do castelo. A terra que estava sob o meu comando, o reino que me cabia proteger. Mas por quanto tempo conseguiria manter este controle?

Os nobres esperavam, talvez ansiosos, talvez receosos, do que viria a seguir. E, enquanto observava a vastidão do meu reino, uma sensação de solidão profunda instalou-se em mim. A solidão do poder, que separa o líder de todos os outros, que impõe decisões que nunca podem ser plenamente compreendidas pelos que não as tomam.

"Há muito trabalho a fazer," disse, virando-me de novo para o conselho. "Os tempos que se avizinham não serão fáceis. A Grande Muralha deve ser defendida, as forças inimigas estão a aproximar-se, e nós precisamos de nos preparar. Este é um reino forjado na adversidade, e só a adversidade poderá garantir a sua continuidade. Que cada um de vós faça o que é necessário. Reuniões futuras determinarão o nosso curso, mas, por agora, que todos saibam: não hesitarei em fazer o que for preciso para proteger este reino e manter o meu trono."

As palavras saíram com uma força que me surpreendeu, mas sabia que era necessário. Estes homens, estes nobres e generais, precisavam de um líder forte, alguém que não mostrasse fraqueza. E, no entanto, dentro de mim, a incerteza persistia. A incerteza do que o futuro traria, das decisões que teria de tomar, dos sacrifícios que teria de exigir — a mim mesmo e aos outros.

A reunião terminou, mas as preocupações que me assaltavam não cessaram. Eu estava agora no centro de um jogo de poder, um jogo onde não havia vencedores garantidos, apenas sobreviventes. E, enquanto o conselho dispersava, fiquei sozinho no salão, com o anel ainda apertado na minha mão, uma lembrança do que estava em jogo e do que estava por vir.

Meses de treino e preparação transformaram o meu exército de

cem mil homens em quinhentos mil homens, bestas, animais e um dragão prontos para a batalha. Contudo, ainda éramos poucos para defender a Grande Muralha. Precisaria de todos os reinos na Grande Guerra. Para isso, organizei um grande banquete, reuni os reis do norte e fiz-lhes uma proposta: tornarem-se meus aliados na grande batalha e casarem suas filhas com os meus generais, ou tornarem-se meus inimigos e enfrentarem o maior exército que o norte e o sul já viram.

Os reis retornaram para casa com um prazo de resposta. Eu, por outro lado, preparei as minhas forças para a invasão e tratei dos assuntos de estado. Semanas depois, sem resposta dos reis, percebi que escolheram a guerra. Saí com os meus homens, duzentos e cinquenta mil soldados de armas em punho, acompanhados por cem mil cavaleiros, deixando cinquenta mil para proteger as cidades e vilas do reino. Enquanto marchávamos, o peso da responsabilidade crescia dentro de mim. Cada passo que os meus soldados davam parecia ressoar como um tambor de guerra no meu coração. Não era apenas a vitória que estava em jogo, mas o futuro do reino, a segurança do meu povo, e o legado que deixaria para as gerações futuras.

Após vários dias de marcha, o horizonte revelou finalmente o local onde o destino nos aguardava. Um vasto campo aberto, verdejante, pontuado por árvores distantes e flores selvagens que pareciam ignorar a chegada iminente da destruição. Alguns animais pastavam tranquilamente, alheios ao tumulto que se aproximava. Do outro lado do vale, vislumbrava-se o exército inimigo, uma força poderosa de duzentos mil homens, preparados para transformar aquele solo fértil num campo de morte. O cenário estava montado, o palco preparado para o que seria um confronto decisivo, o tipo de batalha que define eras e molda impérios.

Ao observar o campo, a minha mente enveredou-se por uma análise fria e calculada. Sabia que, para vencer, não poderia confiar apenas na superioridade numérica. Havia que pensar estrategicamente, antecipando os movimentos do inimigo, explorando as suas fraquezas e utilizando o terreno a nosso favor. Chegámos antes

deles, e essa vantagem não poderia ser desperdiçada. Ordenei que se iniciassem imediatamente os preparativos. As árvores foram cortadas, os troncos espalhados pelo campo de forma estratégica, criando barreiras em forma de X que dificultariam a progressão da cavalaria inimiga. Sabia que a força dos seus cavaleiros poderia ser devastadora se lhes fosse permitido avançar livremente. Com as barreiras, obrigá-los-íamos a desmontar, expondo-os à nossa artilharia e aos nossos arqueiros.

Mas isso não seria suficiente. Era preciso preparar o terreno para tornar cada passo inimigo uma armadilha mortal. Ordenei que se escavassem tocas de lobo, camufladas sob uma camada de folhas e terra, armadilhas perfurantes que transformariam qualquer avanço imprudente num desastre. Para agravar a situação, espalhámos óleo e gordura de lanke, a gigantesca vaca do norte, sobre os troncos e o solo. Sabia que, uma vez acesas, essas substâncias transformariam o campo numa verdadeira fornalha, consumindo os soldados inimigos e quebrando o seu moral.

A artilharia foi disposta de forma engenhosa entre as árvores restantes, camuflada, mas pronta para disparar a qualquer momento. Os meus arqueiros, homens hábeis e experimentados, prepararam-se em silêncio, já com as cordas dos arcos esticadas. O silêncio entre eles era pesado, carregado com a expectativa do que estava para vir. Sabia que cada um daqueles homens compreendia a gravidade da situação. Nesta batalha, cada flecha disparada poderia significar a diferença entre a vida e a morte, não só para eles, mas para todo o reino.

Os oblitas, com as suas imensas lanças de quase dois metros, formaram a linha de frente. Estes homens robustos, formados no calor da batalha e na dureza do treino, seriam a muralha que protegeria o núcleo do meu exército. As suas lanças, afiadas e prontas, aguardavam o avanço do inimigo. Esta era a última linha de defesa antes que o inimigo pudesse alcançar o coração do nosso exército, e eu confiava que eles não cederiam.

Quando o inimigo finalmente chegou, enviei um mensageiro até às suas fileiras com uma oferta de retirada pacífica. Não era um gesto de fraqueza, mas uma estratégia calculada. Sabia que se recusassem,

como provavelmente fariam, mostrariam ao seu próprio exército a ausência de compaixão e sensatez dos seus líderes. Mas mesmo conhecendo a probabilidade, quando o mensageiro voltou morto, senti uma onda de raiva percorrer-me. Os desonrados que matam um emissário de paz não merecem clemência. Esta ação confirmou que não havia como evitar o derramamento de sangue.

Preparei os meus homens para o confronto. As tensões eram palpáveis, o ar estava carregado com a antecipação da violência que se aproximava. Estava ciente de que este seria um dia sangrento, onde cada vida perdida representaria um golpe no futuro do nosso povo.

Posicionei-me à frente do exército, deixando que os meus olhos percorressem as fileiras de homens que confiaram em mim com as suas vidas. Muitos destes homens tinham sido escravos, libertados pela minha mão, e agora encontravam-se prontos para morrer por uma causa maior. Isso não passava despercebido em mim; sentia a imensa responsabilidade de liderá-los corretamente.

“Homens livres do Norte e do Sul,” comecei, a minha voz ressoando pelo campo, numa tentativa de alcançar os corações dos soldados. “Hoje, batalharemos contra traidores da raça humana. Hoje, provaremos o nosso valor. Muitos de vós foram outrora escravos; eu dei-vos liberdade, e vós, com essa liberdade, escolheram estar aqui. Por esse motivo, eu vos respeito e vos saúdo.”

Os murmúrios de aprovação percorreram as fileiras, mas sabia que apenas palavras não seriam suficientes. Era preciso incutir neles o espírito da luta, o desejo de lutar não apenas pela sobrevivência, mas por algo maior, algo que transcende o indivíduo e se estende ao próprio tecido da humanidade.

“Homens do reino de Asghardan,” continuei, “em nome dos deuses, em nome do amor, em nome da esperança, em nome da honra, em nome da lealdade, Homens do reino de Asghardan, hoje é a nossa hora!”

O grito que se ergueu das fileiras foi um rugido, profundo e primitivo, que ecoou pelo vale. Sabia que, naquele momento, os nossos corações batiam em uníssono, alimentados pela mesma determinação, pela mesma coragem.

“Homens livres, gente de honra, esta é apenas uma barreira, um teste antes da Grande Batalha, e eu sei que venceremos. Sei que muitos poderão morrer, mas os vossos nomes serão cantados por todos os reinos.”

Novamente, o grito de assentimento. A ideia de imortalidade através do sacrifício era uma força poderosa, uma ideia que já havia conduzido incontáveis guerreiros à vitória ou à morte com a certeza de que seriam lembrados. A história era escrita pelos vitoriosos, mas era também moldada pelos que morreram com honra.

“Cantarão que Homens livres lutaram para garantir um amanhã para a humanidade. Cantarão que Homens livres que nasceram escravos morreram como os mais honrados filhos de Jhan. Hoje venceremos estes traidores e provaremos que somos um só exército...”

Mais uma vez, o rugido das vozes. A cada palavra, sentia a determinação dos meus homens fortalecer-se, o medo e a incerteza substituídos por uma convicção feroz.

“Que somos um só povo!”

“AHHHH!”

“Uma só nação!”

“AAHHHHH!”

“E UMA SÓ FORÇA!!!!!! HOMENS DE ASGHARDAN, A VITÓRIA SERÁ NOSSA!!!!!!”

Com a moral elevada ao máximo, dei o sinal para o início do ataque. Uma onda de flechas e artilharia disparada por duzentos mil soldados precipitou-se sobre os inimigos da humanidade. O som dos projéteis cortando o ar foi ensurdecedor, mas nada comparado ao caos que se seguiu. As primeiras fileiras inimigas foram devastadas num instante, transformadas em nada mais do que corpos mutilados e poeira.

No entanto, o inimigo reagiu rapidamente. Eram guerreiros experientes, endurecidos por inúmeras batalhas. Tentaram retaliar com os seus próprios arqueiros, mas o terreno elevado em que nos encontrávamos deu-nos uma vantagem significativa. As suas flechas caíam inofensivamente antes de alcançar as nossas posições, enquanto as nossas encontravam os seus alvos com precisão letal. Os troncos, as

armadilhas e as flechas faziam os inimigos cair como peixes apanhados fora de água, debatendo-se em vão antes de serem engolidos pela morte.

A cavalaria inimiga tentou avançar, mas as barreiras que erguemos obrigaram-nos a desmontar, expondo-os aos nossos arqueiros e oblitas. A infantaria pesada, que constituía a força principal do inimigo, encontrou dificuldades insuperáveis ao tentar subir os troncos, enquanto os seus arqueiros eram rapidamente suprimidos pela nossa superioridade tática.

Apesar do massacre inicial, optei por esperar antes de ordenar o avanço final. Sabia que o verdadeiro teste estava por vir. O inimigo ainda era numeroso e determinado. Era vital esperar que se aproximassem o suficiente para que os nossos arqueiros pudessem causar o máximo de dano antes que ordenássemos o avanço da cavalaria. Quando percebi que o exército inimigo estava finalmente na posição que eu desejava, levantei a minha lança, o sinal para o próximo estágio da nossa ofensiva.

“Disparar flechas de fogo!” — gritou o sargento da artilharia, com uma voz firme que ressoou por todo o campo de batalha.

Uma chuva de centenas de flechas e bolas de fogo iluminou o céu, caindo sobre as forças inimigas. O impacto foi devastador. As flechas incendiárias encontraram os seus alvos, e logo o óleo e a gordura que havíamos espalhado pelo campo se incendiaram. O calor aumentou rapidamente, e o cheiro de carne queimada e fumo começou a preencher o ar. Os soldados inimigos, apanhados de surpresa, começaram a gritar, primeiro de pânico, depois de dor, à medida que o fogo os consumia. O campo de batalha, outrora verde e pacífico, transformou-se num cenário infernal, onde cada movimento podia significar morte certa.

Embora o fogo estivesse a causar um número considerável de baixas no exército inimigo, sabia que este era apenas o início do verdadeiro confronto. O meu plano era simples, mas letal: usar o fogo para desmoralizar o inimigo, quebrando as suas formações e espalhando o caos entre as suas fileiras. E, num primeiro momento, funcionou. A desordem instalou-se rapidamente, com os soldados

inimigos a correrem descontroladamente, enquanto tentava escapar das chamas ou apagar as roupas incendiadas. A confusão era tal que muitos começaram a pisotear os próprios companheiros, numa tentativa desesperada de se salvar. Entretanto, ordenei que a nossa artilharia mantivesse a pressão, disparando sem cessar para impedir que o inimigo se reorganizasse. A nossa cavalaria, até então escondida, aguardava o momento certo para entrar em ação. Com um hastear da bandeira, sinalizei para os cinquenta mil cavaleiros que mantínhamos em reserva avançarem. Eles investiram como uma onda implacável, flanqueando os inimigos que tentavam fugir das chamas. O impacto da carga foi brutal: as lanças perfuravam a carne com precisão, enquanto as patas dos cavalos esmagavam tudo no seu caminho. Os poucos que ainda resistiam foram rapidamente abatidos. No entanto, o verdadeiro horror estava apenas a começar. Subitamente, metade dos meus homens do norte, aqueles em quem eu confiava, rebelaram-se. Eram traidores, que secretamente haviam se aliado ao inimigo. O choque da traição foi devastador. Nortenhos revoltosos atacavam sem piedade os seus próprios irmãos de armas, aqueles que ainda me eram leais. Os golpes eram profundos, mortais, e o sangue manchava a terra. Os do sul, ferozes e enraivecidos, retaliavam com uma fúria indescritível. Pareciam todos irmãos de armas de longa data, mas agora estavam condenados a matar-se mutuamente. No meio da carnificina, montei o meu cavalo e, tomado por um pânico crescente, gritei com todas as minhas forças: "Fechem as fileiras, fechem a merda das fileiras!" O meu coração batia descontroladamente enquanto tentava, desesperadamente, alinhar as tropas e manter algum tipo de ordem. Mas o caos era demasiado grande. O inimigo, aproveitando a confusão, lançou uma carga brutal contra nós. Senti que estávamos prestes a ser esmagados.

“Fechem as fileiras” – gritava - “Fechem a merda das fileiras “

Estava assustado, se os homens do norte, com os seus escudos médios de ferro, as armaduras pesadas e as espadas longas, conseguissem passaram, não seríamos capaz de manter a formação e, uma vez que estávamos no topo de uma colina, seria o princípio do

fim.

Decidi, então, desmontar do cavalo e, num impulso desesperado, mandei-me contra as linhas nortenhas traidoras que se encontravam atrás do meu exército. Estava acompanhado por Vanakh, enquanto brandia o meu machado de guerra com uma fúria selvagem. Tomávamos os traidores um a um, as nossas lâminas abrindo caminho com golpes profundos e decisivos. No entanto, a luta era feroz, e alguns dos rebeldes conseguiram ferir-me, mas a dor só alimentava a minha determinação.

Conseguimos, a muito custo, fechar as fileiras e restabelecer algum controlo sobre a situação. Os oblitos pesados do oeste, com as suas longas lanças, abriram caminho, permitindo que os homens do sul recuassem e se reagrupassem. Criámos um centro defensivo, um círculo de ferro e morte, onde cada metro era disputado com sangue e suor.

A nossa vantagem inicial transformou-se numa armadilha mortal. Estávamos agora cercados, não só pelos soldados inimigos, mas também pelos que, até há pouco tempo, eram nossos aliados. O campo de batalha tornara-se um inferno, onde a lealdade era uma palavra vazia e a sobrevivência dependia da força bruta e da determinação de cada homem. O meu corpo doía dos ferimentos, mas a minha mente estava afiada, focada na única coisa que importava: sobreviver e vencer.

Estávamos num beco sem saída, mas, contra todas as probabilidades, lutávamos com a ferocidade de quem não tem nada a perder. Naquele momento, compreendi que o único caminho para a vitória era continuar a lutar, mesmo que isso significasse sacrificar tudo. As minhas ordens eram claras, e os meus homens sabiam que não havia outra opção senão resistir até ao fim. O campo de batalha era agora uma arena de morte, onde apenas os mais fortes sobreviveriam. E, contra todas as adversidades, estávamos determinados a ser esses sobreviventes.

Ordenei à minha guarda pessoal que se preparasse para a carga.

Sabíamos que seria um risco enorme, mas estávamos prontos para enfrentar o desafio. As nossas lanças foram baixadas, os escudos firmemente segurados, e os cavalos nervosos, como se sentissem a tensão no ar. Com um grito, lancei-me à frente, seguido de perto pelos meus melhores homens. O nosso avanço foi rápido, letal, como um raio a cortar o céu escuro.

A princípio, o impacto da nossa carga foi devastador. Rasgámos as fileiras inimigas, abatendo qualquer um que se colocasse no nosso caminho. Mas à medida que nos aproximávamos dos reis, a resistência intensificou-se. Os guardas de elite eram formidáveis, a lutar com uma ferocidade que rivalizava com a nossa. Cada golpe que desferíamos era respondido com igual intensidade, e os nossos números começaram a diminuir. Os gritos de guerra e o som do metal a chocar contra metal preenchiam o ar, enquanto o chão sob os nossos pés se tornava escorregadio com sangue.

Apesar das perdas, mantivemos o avanço. Cada metro conquistado era pago com sangue, mas estávamos decididos a completar a missão. Por fim, avistei os dois reis, vestidos com as suas armaduras ornamentadas, mas visivelmente nervosos ao verem as suas defesas serem lentamente destruídas. Eles sabiam que o fim estava próximo.

Com um último esforço, lançámo-nos contra os seus guardas restantes. Num ataque rápido e decisivo, conseguimos romper a última linha de defesa. Matei os generais que tentavam proteger os reis, eliminando assim os líderes militares que poderiam reverter a situação. A minha lança perfurou o peito do primeiro rei, e com um movimento rápido, puxei a arma de volta e desferi um golpe mortal ao segundo com a minha espada. Ambos caíram, os seus corpos a colapsarem sob o peso das armaduras e o fardo da derrota iminente.

Vendo os seus líderes mortos, os soldados inimigos começaram a vacilar. A notícia espalhou-se rapidamente pelas fileiras inimigas, e o impacto foi devastador. A moral, que já estava a ser severamente testada, desmoronou por completo. Muitos soldados começaram a largar as armas, a fugir em todas as direções, procurando desesperadamente escapar ao destino que os aguardava.

Mas eu sabia que, apesar da vitória iminente, não podia permitir que o inimigo se reorganizasse ou voltasse a lutar num outro dia. Resolvi fazer-lhes uma oferta irrecusável: aqueles que se rendessem e jurassem lealdade a mim seriam poupados; os que recusassem enfrentariam a morte. Sem ver outra alternativa, a maioria dos homens restantes aceitou a minha oferta. Ao longo do campo de batalha, armas foram largadas, e os soldados inimigos ajoelharam-se em submissão.

No mesmo dia, entrei nos reinos de Vlakium e Tivyseram como conquistador. Embora o seu povo me recebesse com medo e desconfiança, os exércitos, que ainda permaneciam nas cidades, não ousaram lutar. Ao verem as cabeças dos seus reis caídos, perderam qualquer vontade de resistência e também se renderam.

Contudo, a conquista destes reinos não foi fácil. Os senhores feudais, aliados de Akstunuthá, recusaram-se a aceitar a derrota. Durante meses, enfrentei guerrilhas e emboscadas, enquanto os rebeldes tentavam recuperar o controlo das suas terras. As batalhas foram ferozes, mas a determinação do meu exército não vacilou. Com a ajuda do nobre povo do norte, que nunca esteve verdadeiramente leal aos aliados de Akstunuthá, conseguimos derrotar os traidores e consolidar o nosso domínio. Os reinos tornaram-se parte integrante do grande reino de Asghardan.

Cinco anos após o rapto da minha amada, após cinco anos de batalhas e mortes, medos e frustrações, risos e alegrias, encontrei-me a refletir sobre o caminho que tinha percorrido. Há alguns anos, eu não era mais do que um soldado mercenário, a lutar por ouro e pela sobrevivência. Hoje, era o rei do norte e do sul, o Senhor dos Mares, o rei de Asghardan. Era o líder de um povo que antes se encontrava dividido, mas que agora se unia sob uma única bandeira.

No dia da fundação da nação, nas vésperas do eclipse da lua amarela, dirigi-me ao meu povo. Tinha enviado cartas explícitas aos governantes das províncias, instruindo-os a falar ao mesmo tempo que eu, a mesma hora, exatamente as mesmas palavras que eu proferiria no meu discurso.

“Homens livres de Asghardan,” comecei, a minha voz cheia de

emoção, “vós sois Asghardanianos, e eu sou o vosso rei. Comecei esta jornada como um simples soldado mercenário, um jovem que trabalhava numa pequena ilha a sudeste daqui, onde conheci o amor e o perdi para Akstunuthá. Movido por esse amor, reuni uma força para resgatar a minha esposa, mas à medida que avançava, percebi que a minha missão crescia para algo muito maior. Compreendi que tinha um dever não só para com ela, mas para com todos vós: acabar com a tirania, a escravidão, a dor, a fome e o perigo que Akstunuthá representa. Só ao derrotar o deus da noite poderei voltar a ver a minha doce Athena.

Sabia que não poderia simplesmente regressar à vida de jovem soldado mercenário numa ilha isolada do reino. Tinha de me tornar algo mais. Tinha de reunir um exército, libertar os escravos e unir os povos sob um só estandarte. Tentei inicialmente fazê-lo pela paz e através de alianças, mas em cada reino que visitei, encontrei apenas maldade, ódio, mortes, canibalismo, escravidão, violações, tirania e selvajaria. Homens, mulheres e crianças eram lançados às arenas para serem devorados vivos, enquanto outros observavam e festejavam tal atrocidade. Vi homens bons a serem consumidos pelo mal e homens cruéis a exercerem brutalidade sobre os seus próprios governados. Por tudo isso, as minhas alianças foram poucas. Não podia reunir um exército apenas para salvar a minha esposa; tinha de libertar a humanidade!

Foi com esta missão em mente que percorri todos estes anos, de busca em busca, de conquista em conquista, de juramento em juramento, de cidade em cidade, de reino em reino. Eu, Akharium, o Lobo do Norte, tornei-me o Rei dos Reis, Senhor da Guerra, Libertador dos Escravos, Filho dos Deuses, Senhor do Norte e do Sul, e Rei de Asghardan. O peso destes títulos não reside apenas no trabalho de governar toda esta terra, mas na responsabilidade que eles acarretam. Como vosso rei, é meu dever cumprir e fazer cumprir o meu juramento real: proteger-vos, proteger o reino, ser um rei digno e merecer os vossos juramentos de lealdade.

Hoje, neste dia de paz, peço-vos que entremos em guerra novamente. Não numa guerra por ouro ou por terras, mas por todos

nós, pelos nossos filhos, pelas nossas mulheres, pelos nossos homens, pelos nossos irmãos, pelos nossos amigos, pelos nossos antepassados e pelo nosso futuro. Peço-vos hoje um novo esforço, maior do que aquele que nos trouxe do sul ao norte. Será uma batalha sem recuo, um esforço que definirá quem nós somos e se teremos um amanhã. Amanhã partiremos para a Muralha Negra e enfrentaremos o maior e mais poderoso exército que o mundo já viu, um exército de escravos e de Assacranus, uma horda sem salvação, que nos deseja aniquilar até não restar uma única alma viva. Meu povo, não temais a batalha. Eu não temo, pois sei que, quando olhar para o horizonte e ver a luz do sol a iluminar os nossos rostos, quando ver os pássaros a voar e as flores a brotar sem serem pisadas por tropas infernais, saberei que estarei morto no céu, junto com todos os que caíram comigo, ou que teremos vencido e teremos pela frente dois mil anos de paz e prosperidade.

Homens de Asghardan, hoje comeremos e beberemos, abraçaremos os nossos filhos, choraremos os nossos amores, despedir-nos-emos dos nossos familiares e honraremos os nossos mortos. Amanhã partiremos com uma força de quinhentos mil guerreiros, livres, que lutam por uma causa e por um futuro. **POR ASGHARDAN! PELA HUMANIDADE! NÓS VENCEREMOS AS FORÇAS DE AKSTUNUTHÁ!”**

Ao ouvir estas palavras, o moral dos homens elevou-se, e eles gritaram em uníssono:

“POR ASGHARDAN! PELA HUMANIDADE!”

Ao ver aquele corpo de gente forte e decidida, até as crianças mais pequenas estavam confiantes, e os homens mais velhos sorriam com um renovado sopro de vida. Gritei então com toda a força que me restava:

“HOMENS DE ASGHARDAN, AMANHÃ PARTIREMOS PARA A BATALHA E AMANHÃ ESTAREMOS A FESTEJAR A VITÓRIA OU A CEAR NO SALÃO DOS DEUSES!”

Todos gritaram de alegria e festejaram durante a noite. No dia seguinte, parti com uma força tão grande que, mesmo ao deixar as terras de Asghardan, ainda havia homens a sair dos reinos e dos

acampamentos circundantes para se juntarem a nós. Quando finalmente chegámos à Muralha Negra, o que se apresentava diante de nós era imponente e assustador. Todos podiam ver a tempestade ao longe e uma muralha colossal como nunca se havia visto. Muitos diziam que era uma montanha, mas, na verdade, aquela montanha era uma muralha intransponível, com portas de ferro negro e pedras manchadas de sangue e dor, caminhos antigos e árvores mortas que pareciam guardar os segredos sombrios do passado.

Olhei para o céu; o sol estava alto, mas a noite aproximava-se. A lua, de um amarelo-pálido, começava a erguer-se no horizonte, pressagiando a batalha que estava para vir. Sabia que não havia tempo a perder. Virei-me para o meu exército e dei as ordens com a determinação de quem sabe que a sobrevivência de todos está em jogo:

“Homens de Asghardan, esta noite batalharemos pelas nossas vidas. Esta noite, venceremos ou as nossas famílias estarão perdidas. Vós sois meus irmãos de armas e de pátria. Não falhem com os vossos irmãos. Juntos, podemos vencer. Sois o contingente de todos os reinos unidos, a maior força que a humanidade já reuniu. Sei que estamos em desvantagem, de pouco menos de dois para um, contudo, esta montanha é a nossa proteção. De nada serve um milhão de soldados se apenas algumas centenas puderem passar de cada vez. Quero os oblitas em frente à única entrada da muralha. As suas lanças imensas impedirão que o inimigo passe em grande número. Quero os arqueiros e Onagros preparados para disparar sobre as primeiras linhas e nas máquinas de tiro inimigas. Quero a cavalaria pronta para percorrer as montanhas. Uma pequena força de oblitas irá fechar todos os caminhos assim que partirmos. Não há volta atrás, temos de marchar em frente. Eu próprio estarei nas linhas inimigas ao anoitecer. Se tiver sorte, libertarei a minha amada e impedirei que as portas se abram. Se não conseguir, defendam esta posição com todas as vossas forças. Não fujam, não temam, pois se fugirem e cederem ao medo, não haverá esperança para o futuro de todos nós. Homens de Asghardan, guerreiros de honra com quem lutei lado a lado, estais comigo?”

“Sim, Senhor!”

“ESTAIS COMIGO?” repeti, a voz a ressoar com a urgência do momento.

“SIM, SENHOR!!!!” foi a resposta, ainda mais forte, reverberando pelo campo.

“ESTAIS COMIGO?” gritei uma última vez, com toda a força e esperança.

“SIM, SENHOR!!!!!!!!!”

“HOMENS DE ASGHARDAN, ESTA É A NOSSA GRANDE BATALHA! HOJE TRIUNFAREMOS OU LEVAREMOS MILHARES DELES CONNOSCO PARA QUE SEJAM ATIRADOS AO INFERNO MAIS PROFUNDO!”

O som das armas a bater contra os escudos, dos berrantes e dos trompetes, formou uma sinfonia de guerra que me deu o ânimo final necessário para cavalgar pelos antigos caminhos da Montanha Negra e entrar na Floresta dos Que Nunca Voltaram.

Assim que adentrei na vasta e opressiva Floresta Negra, o sol, antes uma fonte de luz e calor, foi obscurecido pelo denso fumo que emanava de um vulcão colossal, transformando o mundo ao nosso redor num cenário de desolação. Era um domínio sombrio, uma terra apartada das alegrias da vida, onde a presença da morte se sentia a cada passo.

Os caminhos estavam cobertos por uma espessa camada de cinza, entremeada com corpos de todas as raças, há muito em decomposição. Esqueletos de guerreiros, ainda armados com relíquias de batalhas passadas, repousavam ao lado de monges cujas vestes há muito se desfizeram, de pobres e ricos cujas existências foram apagadas pela cruel mão do destino. Todos pereceram naquela montanha infernal, transformando-a num cemitério vasto e inóspito.

Após dez minutos de cavalgada, o céu, que antes era uma vasta mancha de negro, adquiriu uma tonalidade venenosa. O ar tornara-se tóxico, quase irrespirável, e os cavalos, agitados e atormentados pela dor, relinchavam com desespero. A cada respiração, os nossos pulmões eram atingidos como se cortados por lâminas invisíveis, e as nossas mentes, atormentadas pela falta de oxigénio, vislumbravam alucinações aterradoras.

Nas implacáveis condições dessa terra amaldiçoada, muitos dos nossos homens, vencidos pela desesperança e ilusão, saltaram para a morte com trágica imprudência. Os seus olhos, cegos pelo terror, avistavam visões que os impeliam a precipitar-se para o abismo sem hesitação. Não podíamos parar por nada nem por ninguém, nem pela dor, nem pelo medo que nos envolvia. Ali não havia retorno; ou avançávamos pela montanha ou perecíamos na tentativa.

Ao fim de vinte minutos de cavalgada, o ácido do ar cortava a nossa pele e a dos nossos cavalos com uma ferocidade cruel. A dor era tão intensa que parecia consumir cada fibra do nosso ser, e o sangue jorrava como um rio vermelho, tingindo o solo cinzento. Os cavalos, vítimas de uma morte rápida e cruel, caíam sob nós, arrastando os cavaleiros para uma queda fatal. Uma nuvem de gás tóxico e ácido pairava como um nevoeiro espesso, envolvendo os nossos caminhos com uma ameaça constante; quem caísse naquela névoa mortal

encontraria uma morte horrenda e inevitável.

Finalmente, ao avistarmos ao longe o grande exército de Akstunuthá, a perspectiva de confronto tornou-se inescapável. Ordenei aos meus homens que avançassem para a planície diante de nós, um lugar árido e desolado, onde a terra, as pedras e o cinza se entrelaçavam numa tapeçaria de medo. À medida que descíamos, um fedor insuportável de morte pairava no ar. Corpos em decomposição e aqueles que ainda vagueavam na penumbra entre a vida e a morte tentavam agarrar-nos com garras espectrais, desafiando as nossas espadas, que pareciam pouco mais do que meras extensões da nossa desesperança.

Apesar das dificuldades e do terror que nos cercava, conseguimos atravessar um rio de almas agonizantes. Com os meus homens posicionados e escondidos, encaminhei-me para o templo de Akstunuthá, um bastião sombrio e imponente de pedra negra, guardado por cavaleiros de aspecto infernal, cujas espadas de fogo e enxofre brilhavam com um brilho maligno. Os seus cavalos negros, com olhos incandescentes de um vermelho profundo, e as suas mãos, adornadas com garras de sangue, completavam o quadro de um lugar destinado à destruição.

Sabia, com uma certeza quase profética, que a minha missão era de fato suicida; a probabilidade de retorno era nula, e a perda do meu lobo era igualmente certa. Ao aproximar-me do templo, os cavaleiros avançaram em minha direção com uma determinação sinistra. Com um golpe decisivo, cortei as cabeças dessas bestas infernais, e os seus corpos rolaram pelo caminho em direção ao abismo.

Um grito imenso e aterrador ecoou, fazendo o meu coração tremer com um medo primordial, mas o meu espírito permaneceu firme. Enfrentei dois cães do inferno, atropelando-os com o meu cavalo, e, finalmente, confrontei os vinte soldados que defendiam o templo. Sabia que a vitória sobre eles era uma ilusão, por isso cavalguei contra eles, lançando o meu cavalo para a frente e projetando o meu corpo para dentro do templo.

Enquanto o meu lobo lutava desesperadamente contra aqueles seres das trevas, temi pela sua vida, assim como já vislumbrava a

minha própria morte. No entanto, não permitiria que isso ocorresse antes de salvar a minha amada e garantir a sobrevivência da humanidade.

Dentro do templo, fechei as portas e corri pelos corredores, adornados com névoas e crânios de crianças, corpos de bestas e estátuas de Assacranus. O templo era um local abominável, que ninguém desejaria visitar. Ao atravessar o grande corredor, ouvi uma voz ao longe recitando uma cerimónia.

"Akstunuthá, deus dos mortos, deus supremo dos infernos, aceita este sacrifício e abre os portões para que o teu exército possa passar!"

Ao ouvir o encantamento, corri para a sala e, armado com a minha lança, preparei-me para enfrentar os mais de duzentos fanáticos que participavam da cerimónia. Com o meu alvo visado, avancei em sua direção. Para minha surpresa, alguns soldados élficos surgiram e uniram-se a mim. A aparição deles surpreendeu-me, mas naquele momento, não havia tempo para questionar.

Com golpes letais, a minha lança perfurava corpos e cabeças dos sacerdotes enquanto tentava alcançar a minha amada. O sacerdote chefe continuava o encantamento, repetindo palavras antigas com um punhal nas mãos, prestes a perfurar o corpo de Athena, que já estava deitada numa mesa sacrificial. Vendo que não conseguiria alcançá-la a tempo, lancei a minha lança ao sacerdote chefe, que morreu instantaneamente. No entanto, a minha esposa ainda estava presa, e os acólitos tentavam recomeçar o encantamento. Sem mais armas, tentei abrir caminho entre sacerdotes e acólitos como se fossem ervas numa floresta densa. Sentia o meu corpo a ser cortado por lâminas, o sangue a escorrer e a pele a arder. Temia não conseguir salvar Athena, mas não desistiria.

Quando quase não restavam forças e os meus soldados aliados estavam em menor número, o meu lobo branco apareceu. Magnífico como nunca o tinha visto, maior do que antes, com dentes de sabre adornados com anéis de ouro e um colar dado por Agahataia. Ao ver o meu lobo, ordenei-lhe que protegesse Athena, e ele, com os seus golpes de besta do norte, passava pelos servos de Akstunuthá como se fossem feitos de papel. Os golpes de espadas e lâminas não o

afetavam; o seu pelo espesso e múltiplas camadas tornavam-no uma máquina assassina.

Com os acólitos mortos e os sacerdotes caídos, finalmente consegui libertar a minha esposa.

"Akharium, meu amor..."

Athena olhou para mim com lágrimas de alegria e esperança. As saudades dela eram intensas, mas não podíamos perder tempo. Com as forças restantes de Mikerium, libertei-a das correntes, e ela abraçou-me.

"Meu amor, pensei que nunca mais te veria, pensei que morreria nesta mesa."

"Nunca te deixaria morrer. Vamos para casa; o mundo está salvo."

"Salvo? Como assim?"

"Sim, meu amor. Eles não te mataram, e, assim, o portão não se abriu."

"Não... não entendes, eles não queriam o meu sangue; queriam o teu."

"Como assim?"

"Eles nunca conseguiram raptar-te, então raptaram-me para que viesses até mim. O teu sangue abriu os portões..."

"Maldição!"

Olhei para os soldados élficos e fiz um pedido.

"Levem a minha mulher para o reino de Agahataia. Se eu não voltar, protejam-na."

Os soldados, claramente enviados por Agahataia, levaram a minha esposa. Montei o meu lobo, e juntos atravessámos o vale dos mortos, pelas areias negras, onde me reuni aos meus cavaleiros.

Chegámos ao momento em que o grande portão começou a abrir-se. Sabia que não havia volta; sabíamos que venceríamos ou estaríamos condenados. O meu dragão voava pelos céus, protegendo os meus guerreiros.

"Homens de Asghardan, cavalguemos hoje novamente e, se esta for a nossa última batalha, que seja memorável!"

Ao som dos bramidos de guerra e gritos de batalha, avançámos contra mais de dois milhões de Assacranus. Do oeste, o meu exército, com o apoio de Agahataia e dos seus homens, impedia que os monstros avançassem, enquanto do leste, cem mil cavaleiros cortavam as linhas inimigas como lâminas na carne fresca. Eu cavalgava à frente dessa força.

Com uma só voz e com uma só lança, nós, os Cavaleiros do Norte e do Sul, cortámos as linhas traseiras inimigas, forçando-os a lutar em duas frentes e diminuindo a sua força concentrada. Com esse apoio, as minhas forças a oeste conseguiram penetrar mais nas muralhas, e o meu dragão continuou a atacar e a queimar as bestas. Via os meus cavaleiros e soldados caírem, mas também levarem consigo dezenas de monstros.

Quando estava perto do coração do exército inimigo, dei a ordem, e um exército de duzentos mil cavaleiros de Agahataia atacou. Sabia que a vitória só seria possível se os inimigos não soubessem por onde atacar. Com várias frentes e sem um comando único, eles não poderiam vencer facilmente.

No entanto, Akstunuthá tinha uma surpresa: uma horda de elefantes de guerra surgiu, desbravando caminho pelas minhas forças. Akstunuthá invocou as suas feras de guerra, escorpiões gigantes que disparavam virotes do tamanho de cavalos. A sua artilharia mirava no meu dragão, forçando-o a retirar-se, ferido demais para continuar a luta.

Mas nada disso diminuiu a nossa moral. Lutámos com honra e fúria. Com a minha lança e o meu lobo, dezenas de inimigos caíam, e o sangue tingia a terra e o ar. Os meus guerreiros não temiam a morte; lutavam pelos seus familiares, pelo futuro, pelos amores, pelos pais e filhos. Em cada rosto e pensamento daqueles bravos guerreiros, havia alguém que amavam, e nada, absolutamente nada, os impediria de vencer a guerra.

"Por Asghardan!!!!!!!"

Todos ao redor gritavam a mesma coisa.

"Por Asghardan!!!!" "Por Asghardan!!!!!!!!!" "Por Asghardan!!!!!"
"Por Asghardan!!!!!"

Mas mesmo a força dos meus homens não era suficiente. A montanha que antes nos protegia agora erguia-se como uma barreira que impedia as nossas tropas de auxiliarem. Percebendo que pereceríamos sem a cavalaria auxiliar para dividir os inimigos e assim conquistar, fixei o olhar na cabeça da serpente, no próprio Akstunuthá e nos seus generais — cavaleiros negros, com vestes negras, cavalos negros, armas negras e olhos vermelhos como sangue.

"Akstunuthá, tu és meu!!!!!"

Com o meu lobo, lancei-me contra os generais. Quando eles vieram para me derrotar, uma luz forte do sol ofuscou-os, e a minha lança atravessou um e a minha espada cortou o outro. Com dois dos seus generais mortos, mirei em Akstunuthá. O deus dos mortos, desprovido de honra, disparou flechas envenenadas que me feriram repetidamente, mas o meu corpo não caiu. Não podia, não devia cair. Com a minha espada, cortei as flechas e continuei a cavalgar em direção a Akstunuthá, levando comigo todos os que lhe eram leais.

Apesar de tudo, nem a minha coragem foi suficiente. Uma lança acertou o meu lobo, fazendo-o tombar e esmagar-me contra o chão. Fiquei preso sob o pesado corpo do meu fiel companheiro, com apenas uma espada para enfrentar os Assacranus que vinham em massa para ceifar a minha vida. Vi a morte de perto, como nunca antes, com o meu lobo ferido e imóvel e o meu corpo preso debaixo dele. Tentava defender-me, mas era apenas uma questão de tempo.

Mas, como se os deuses conspirassem a meu favor, quando a esperança já se esvaía e o meu corpo se sentia pesado, um cavaleiro apareceu, matando as feras, e outro desceu para me retirar debaixo do meu animal. Senti a terra tremer e, ao olhar com cuidado, percebi que eram cavaleiros — homens e mulheres poderosos que invadiam as forças das trevas como uma onda colossal arrasta a areia da praia.

Ver tal cena renovou as minhas forças, e os meus olhos testemunharam algo que tocou o meu coração: era o rei de Agtijun.

"Rei de Agtijun..."

"Eu disse que não lhe falharia. Quais são as suas ordens?"

"Matar todos que aparecerem pela frente e abrir-me caminho para Akstunuthá."

"Sim, meu amigo!"

Com uma tropa de cinquenta mil cavaleiros vindos de várias partes dos reinos do norte, o nosso exército recuperou a dianteira e adentrou completamente os domínios de Akstunuthá. O rei Amenesis II e a sua tropa de elite forneceram-me um cavalo e abriram o caminho. Com a minha espada em mãos, avancei diretamente para Akstunuthá. Nenhuma tropa de proteção pôde deter os Guerreiros do Norte.

A tropa da noite começava a desmoronar sob o ataque devastador dos exércitos do norte e do sul. Muitos começaram a retirar-se. Continuei a cavalgar em direção ao deus dos mortos, com fúria e coragem, eliminando tudo à minha passagem. Akstunuthá, vendo os seus generais mortos, a sua tropa auxiliar exterminada e os seus exércitos dispersos em várias frentes, deu um grito e, de forma covarde, fugiu para um lugar de sombras.

Cavalguei atrás dele, mas quando ultrapassei o campo de batalha, o meu corpo caiu e os meus sentidos perderam-se no céu. Ouvi um som distante, um grito de um ser, e senti algo a agarrar-me. Voei pelo campo de batalha enquanto via os homens destruírem os que fugiam, percebendo que estávamos a vencer e vislumbrando uma nova esperança. O sol brilhava alto, iluminando uma nova era; a era dos homens tinha sido preservada.

Ao aterrisar, ouvi a minha amada implorar ajuda a Agahataia, mas a deusa não respondia.

"Agahataia, morrerei?"

Perguntei com uma voz fraca.

"Sim, nem eu poderei retirar o veneno de Akstunuthá..."

"Diz aos meus homens que Athena é a nova rainha quando eu morrer."

Athena chorava, perdida, tinha sido salva, mas agora perderia o seu amor. Não podia permitir que ela me visse morrer. Pedi a um dos soldados que a levasse e esperei pela chegada da morte.

Estava pronto para morrer, a missão cumprida, sentia-me leve e

feliz... "Akhárium," — um som, o meu nome, vindo de algum lugar. Mas, por outro lado, uma luz branca e bela chamava por mim. — "Vem, meu querido, vem para os prados..."

"Akhárium," murmuravam os soldados, tristes e felizes, pelo seu rei e pela batalha. — "Akhárium, acorda, por favor, acorda!" —

Eu estava em paz, sem dor, sem medo, feliz. Mas o estalo forte sacudiu-me e trouxe-me de volta à realidade, e o sorriso deu lugar aos gritos de dor, comecei a sentir o meu corpo a recuperar forças, um líquido verde a escorrer das minhas feridas, e uma voz do alto bradou:

"Eu sou Jhan, o deus supremo, e tu não morrerás, não hoje."

Senti uma força e uma adrenalina sem igual. Levantei-me, e Athena abraçou-me e beijou-me como se a vida dela dependesse disso. Para minha felicidade, o meu lobo apareceu, devagar, com um olhar sério.

"Meu amigo, parece que fomos salvos."

Vanakh respondeu com um leve inclinar de cabeça. Entendi o que ele queria dizer e ele compreendeu o sacrifício da batalha. Montando o meu lobo, ergui a minha espada e gritei:

"Homens de Asghardan, hoje vencemos a Grande Guerra. Hoje demos ao mundo um novo amanhã. Hoje somos guerreiros cuja honra nunca poderá ser igualada, e amanhã os nossos feitos serão contados, e NÓS SEREMOS IMORTAIS!!!!!"

Todos gritaram e saudaram-me, em êxtase e alegria. O céu voltou a ser azul, e a montanha agora era bela. O ar pesado deu lugar a uma brisa calma e fresca, os pássaros retornaram a cantar, e pude ver o meu salvador, o meu magnífico dragão, que resgatou o meu corpo dos escombros da batalha.

Agahataia olhou para mim e perguntou:

"Qual é o teu plano? Está tudo conquistado e o mundo é seguro."

"Akstunuthá ainda está vivo por aí, e sempre haverá reinos de escravidão para libertar, reis tiranos para depor e terras para cultivar."

"Akhárium, rei guerreiro de Asghardan."

"Não desejo a guerra, mas a paz. Fazemos a paz para vivermos,

mas fazemos a guerra para que a paz possa nascer."

"Sábias palavras. Meu querido, agora estás bem e bem entregue. Está na hora de eu partir."

"Vais abandonar-me?"

"Tens a tua amada e o teu reino."

"Sempre haverá lugar para uma amiga."

"Eu sou uma deusa, tenho outros servos para amar e um mundo para ser cultuada."

"Farás falta."

"Tens sempre o meu pai. Eu ouvi o que ele disse. Quem sabe o que Jhan está a preparar para ti?"

"Adeus, Agahataia."

"Adeus, meu querido Mikerium."

Capítulo XIII- O casamento real

Após alguns meses desde a batalha contra Akstunuthá, o dia do casamento em Filjiusn finalmente chegou, e a minha inquietação atingiu o auge. Nunca imaginei que a simples ideia de um compromisso solene pudesse ser tão perturbadora, especialmente depois de todas as batalhas e desafios que enfrentei. Parecia uma ironia cruel que a preparação para este grande dia me deixasse mais nervoso do que qualquer confronto armado.

“Pronto para a cerimónia, meu rei?” perguntou Khlaus, com um sorriso que não escondia a diversão.

“Khlaus,” resmunguei, “se estivesse tão preparado para esta cerimónia quanto para uma batalha, já teria vencido esta guerra de nervos. Em combate, tudo é claro, o objetivo é direto. Não poderíamos simplesmente resolver isto com um druida e alguns amigos?”

“Já não és mais o soldado que chegou a Narak,” respondeu Davariuns com aquela paciência infinita que beirava a crueldade. “Agora és um rei, e o teu povo vive para esses eventos grandiosos. Eles celebram a grandeza através destas cerimónias.”

“Então, que o espetáculo comece,” declarei, aceitando o inevitável com a mesma resiliência que me sustentou em tantas batalhas.

Deixei o palácio montado no meu cavalo negro, com a capa a esvoaçar atrás de mim como um manto real. Ao meu lado, o meu leal lobo branco, símbolo de uma lealdade que transcende reinos. Davariuns e Khlaus formavam a guarda de honra, com olhares firmes como aço. As ruas estavam repletas de curiosos e festeiros, um mar de rostos ansiosos por testemunhar a grandiosa ocasião. Ao avistar a minha amada aproximar-se do imponente templo, senti uma mistura de ansiedade e expectativa tomar conta de mim.

O templo de Agahataia erguia-se com uma grandiosidade que parecia desafiar os limites da realidade. A luz dourada e o brilho das pedras preciosas faziam-no parecer um fragmento do céu na terra. O mármore branco e dourado irradiava uma beleza celestial, enquanto o

tapete verde e as flores multicolores transformavam o ambiente num jardim etéreo.

Ao alcançar as escadas do templo, o som de um berrante ecoou pelo ar, como se o próprio céu estivesse a celebrar. Subi os degraus, cercado por homens em posição de sentido, com as espadas erguidas como um exército de sentinelas silenciosos.

Dentro do templo, a opulência era quase esmagadora. O espaço estava imerso numa luz dourada, com paredes adornadas por ouro, prata e joias. No centro, uma árvore colossal, cujos galhos pareciam tocar o céu, conferia uma aura de reverência sagrada. Dirigi-me ao meu lugar como noivo, sentindo a ironia da situação, enquanto a ansiedade e a alegria se misturavam numa tempestade interna.

Quando as portas se abriram, o meu coração disparou. Eu, um guerreiro que enfrentara inimigos implacáveis, sentia-me um tanto deslocado em meio à elegância da cerimónia. A espada, que normalmente era uma extensão da minha vontade, agora servia como um mero adorno cerimonial.

E então ela entrou. Athena, deslumbrante, com uma beleza que desafiava qualquer descrição. O vestido de seda pura que usava, adornado com uma tiara de cristal e ouro, cintilava como se tivesse sido tecido pelas mãos dos próprios deuses. A ágata azul no centro da tiara parecia captar toda a luz do universo, enquanto as folhas de gema entrelaçadas nos seus cabelos e as pulseiras de ouro e safiras que brilhavam nos seus braços conferiam-lhe uma presença quase divina. O ramo de pequenas rosas vermelhas e as gotas de diamante que adornavam o seu corpo faziam-na parecer uma deusa encarnada.

À medida que avançava, o sorriso de Athena iluminava o ambiente com uma luz que parecia mágica. Os seus olhos verdes, profundos e brilhantes, revelavam uma intensidade que misturava amor e desejo. Agahataia, o druida, iniciou a cerimónia com uma solenidade que tornava o templo ainda mais sagrado.

“Hoje, reunimo-nos para unir um rei e uma dama,” começou Agahataia com um tom solene. “Todos aqui presentes lutaram ao lado de Akhárium e apoiaram Athena. Somos testemunhas de um amor que atravessou reinos e uniu nações.” Com um gesto grandioso, entrelaçou as nossas mãos e passou uma fita de ouro entre nós. “O que antes eram dois agora são um. Tornaram-se um só corpo, carne com carne, espírito com espírito. Um pode ser quebrado, mas dois não serão vergados. Eu, sacerdotisa do templo da deusa mais sublime, Agahataia, declaro-vos casados.”

Sorri para Athena e, num acesso de alegria irreprimível, puxei-a para fora do templo ao som de aplausos e celebrações. Montando-a no meu cavalo, partimos para os prados verdejantes que se estendiam além da cidade. Ao chegarmos a um local tranquilo, perto das águas cintilantes, olhei para a minha esposa com um amor que parecia transcender tudo.

“Meu amor,” declarei com uma sinceridade avassaladora, “por ti conquistei reinos e lutei contra legiões de criaturas infernais. Tu és o meu mundo.”

“E tu és o meu,” respondeu Athena, com uma ternura que poderia desarmar o mais endurecido dos corações. “Quero retribuir-te um dia por tudo o que fizeste por mim. Mas, por agora, serei a tua rainha fiel e leal, e nunca mais estarás sozinho.”

“Eu sei, meu amor. Tenho uma surpresa para ti.”

Apontei para um barco ancorado próximo e continuei com um sorriso maroto:

“Aquele foi o meu primeiro navio, um presente da deusa. Com ele, viajei por muitos mundos. Que tal regressarmos à ilha de Narak, como no início?”

“Não podemos fugir ao passado,” respondeu Athena com um

sorriso nostálgico. “Eu já não sou a jovem que beijou um soldado; tu já não és o simples guerreiro, mas o Rei dos Reis. Nada será como antes, mas isso não significa que seja algo mau. Vamos para a cerimónia e o banquete. O teu povo espera por nós. Temos um futuro para construir.”

“Talvez tenhas razão,” concordei, com um sorriso que refletia uma compreensão profunda. “Nada será como antes, mas isso não significa que seja algo mau.”

Com um olhar desafiador, Athena empurrou-me enquanto montava no meu cavalo.

“O que seria do Rei dos Reis se perdesse uma corrida contra uma simples mortal, logo no dia do seu casamento?”

Não resisti. Com um salto ágil, subi no meu lobo e corri como o vento para alcançá-la. No palácio, celebrámos e brindámos ao nosso casamento, enquanto a alegria e a felicidade preenchiam o ambiente, marcando o início de uma nova era.

Capítulo XIV- Um grito de esperança

Um ano após a queda de Akstunuthá, celebrava-se uma vitória que, embora distante, permanecia viva nas memórias de todos. As noites agora eram iluminadas por um céu de flechas em chamas que transformavam o escuro em dia por breves momentos intensos. O crepitar das flechas, como um coro de estrelas ardentes, dançava no ar, enquanto o som dos tambores reverberava como trovões de uma tempestade eterna.

No grande salão, a celebração ganhava forma com um entusiasmo contagiante. As paredes, adornadas com tapes de ouro e púrpura, vibravam com a música de cítaras e liras, e a luz de centenas de velas lançava sombras dançantes que encantavam o ambiente. O aroma de carnes assadas e especiarias flutuava no ar, misturando-se com o cheiro do vinho que corria como um rio rubro pelos copos dos presentes.

A risada ecoava pela sala, uma melodia de alegria sincera que preenchia cada canto do salão. Minhas mãos estavam firmes num jogo de dados com generais e amigos, a atmosfera carregada de camaradagem e diversão. Minha esposa, Athena, estava em meio a suas amigas, envolvida em conversas animadas que refletiam a paz recém-conquistada. O esplendor da noite contrastava com o pesadelo que um dia fora, agora apenas uma sombra distante.

Foi então que Khlaus, um dos meus mais leais e valentes companheiros, aproximou-se de mim com um semblante sério, algo raro em ocasiões de tal festividade. Os seus olhos, normalmente vibrantes e cheios de vida, estavam agora imersos numa profundidade que refletia tanto a própria inquietação quanto seu respeito.

“Está tudo bem?” perguntei, notando a mudança repentina na aura ao seu redor.

“Sim, meu rei,” respondeu Khlaus, com um tom de solenidade que contrastava com a leveza do ambiente. “Queria apenas pedir-lhe um favor.”

“Claro, fala,” incentivei, minha curiosidade aguçada pelo seu tom.

Khlaus hesitou por um breve momento, os pensamentos claramente pesando sobre suas palavras. Finalmente, ele falou com um tom de solenidade que fazia o ambiente parecer mais silencioso.

“Eu quero que seja o padrinho do meu casamento com Priscillia.”

O pedido, embora inesperado, trouxe-me uma onda de alegria e um sentimento de lisonja. O pensamento de Khlaus, que havia enfrentado inúmeras adversidades ao meu lado, agora pedindo minha presença num momento tão pessoal e significativo, tocou-me profundamente. Sorri amplamente, sentindo um calor de felicidade e orgulho por ele.

“Claro, meu amigo,” respondi, a sinceridade em minha voz destacando a importância do momento. “Vamos festejar como nunca antes!”

Com um gesto exuberante, dirigimo-nos de volta ao grande salão, onde os sons e risos continuavam a preencher o espaço com uma energia contagiante. Levantei um copo e, com uma expressão de alegria genuína, dei a conhecer as boas novas a todos os presentes.

“Meus Senhores,” comecei, a voz ecoando com um timbre de autoridade e calor, “hoje não celebramos apenas a gloriosa vitória que conquistamos na Grande Guerra, mas também a união de dois corações valentes. Bebamos em honra do casamento do meu grande amigo Khlaus.”

A sala ficou silenciosa por um momento, e todos os olhares se voltaram para mim e para o bravo Khlaus. Com um sorriso que refletia tanto a alegria quanto o respeito profundo, continuei a falar.

“Ele enfrentou a morte com coragem inabalável, e hoje, como o destino lhe sorriu, está prestes a dar um passo importante na sua vida, unindo-se à sua amada Priscillia. Brindemos aos noivos! Que a sorte e a felicidade os acompanhem em cada passo da jornada que agora começam juntos!”

O ambiente, uma mistura de espanto e regozijo, explodiu em aplausos e vivas. As vozes dos convidados se elevaram em uníssono, o calor da celebração inundando o salão. As risadas e os brados de “Aos noivos!” ecoaram como um hino de vitória e esperança.

No entanto, por trás da alegria visível, havia uma tapeçaria de emoções complexas tecida em cada rosto. Eu podia sentir a sombra das nossas batalhas passadas ainda presente, como um lembrete constante da fragilidade da paz. Cada sorriso, cada brinde, era um

testemunho não apenas da celebração, mas também da memória daqueles que haviam caído e da dureza das provas que enfrentamos.

Enquanto me misturava novamente com os meus generais e amigos, absorvendo a energia vibrante do salão, um pensamento profundo me assaltou. A luta, a perda e a vitória haviam moldado a todos nós de maneiras indeléveis. O caminho até aqui, embora pavimentado com triunfos, também era uma estrada marcada por cicatrizes e memórias que nunca esqueceríamos.

O olhar de Khlaus, ao se entrelaçar com o de Priscillia, refletia um futuro prometido que era, ao mesmo tempo, um sonho e uma realidade. Em meio à festividade, as emoções não eram apenas sobre a celebração do presente, mas também sobre o reconhecimento do peso que cada um carregava de um passado turbulento.

Quando a noite avançou e a música se tornou um murmúrio de fundo, cada momento parecia eternizar-se na mente de todos. O amor e a lealdade que uniam todos ali presentes eram a verdadeira força que nos havia sustentado, e a alegria da noite era uma honra àqueles que haviam lutado ao nosso lado.

Assim, sob o brilho das estrelas e a luz das velas, brindamos ao futuro e ao passado, a cada memória que nos formou e a cada sonho que ainda aguardava realização. E enquanto o salão vibrava com risos e celebrações, a esperança renovada era a chama que aquecia nossos corações, prometendo que, apesar das dificuldades passadas e futuras, a luz da união e da amizade nunca se apagaria.

Todos rimos e brindamos.

” Aos noivos!”

“Aos noivos!”

Capítulo XV- O casamento de Khlaus

Alguns meses se passaram desde que o anúncio da união foi feito, e na ilha de Sentinelin, um cenário digno das mais grandiosas crônicas épicas se desenrolava. Sentinelin, com o seu esplendor de verão, brilhava como um lugar abençoado pelos próprios deuses. A ilha, com suas paisagens exuberantes e vastos campos verdejantes, refletia a beleza e a esperança que acompanhavam o evento especial.

O céu, pintado com uma paleta de azul profundo e dourado, parecia abençoar a celebração com um sorriso celestial. As flores silvestres cobriam o solo como pequenos pedaços de arco-íris, seus tons vibrantes se espalhando por todo o terreno. A brisa suave, carregando o aroma fresco das árvores frondosas que ladeavam o caminho para o templo, sussurrava segredos antigos dos elfos, enquanto o canto distante dos pássaros criava uma sinfonia natural que elevava os espíritos dos presentes.

Eu encontrava-me ao lado de Khlaus, um dos maiores guerreiros da nossa era, enquanto ele se preparava para o dia do seu casamento. O nervosismo era palpável, e seus olhos, normalmente firmes e destemidos, agora revelavam uma inquietação que não era comum em um guerreiro da sua estatura. Khlaus, geralmente inabalável como uma muralha diante das adversidades da guerra, agora tremia como uma folha ao vento. Seus dedos trêmulos ajustavam a capa, cada movimento revelando a batalha interna entre a excitação do dia e os fantasmas das noites mal dormidas, assombrado por memórias de batalhas passadas e o peso da responsabilidade que carregava como herói.

"Estás pronto, meu amigo?" perguntei, dirigindo-me a Khlaus com uma expressão de encorajamento. A minha voz procurava transmitir a calma que eu próprio tentava manter.

"Com um aperto no peito, sinto que não devia ter bebido tanto ontem," confessou ele, a voz tingida de ansiedade, enquanto tentava ajustar a capa com mãos trêmulas.

"São apenas nervos. Relaxa, é apenas um casamento," respondi, enquanto que tentava aliviar a tensão que pairava no ar como uma sombra invisível.

Saímos da casa de Khlaus, e o caminho até o templo foi percorrido com um sentimento de solenidade que correspondia à importância do evento. O templo, uma construção grandiosa com colunas de mármore e arcos esculpidos com intrincadas figuras de deuses e heróis antigos, erguia-se majestoso contra o céu azul. Os sinos começaram a tocar, e o som ecoava como uma melodia celestial, preparando o cenário para o momento de união.

A cerimônia foi um espetáculo de beleza e solenidade. O sol, em sua plenitude, lançou uma luz dourada sobre o templo, criando uma aura de esplendor e reverência. A brisa suave acariciava os rostos dos presentes, e o calor do verão parecia ser abrandado por uma força benevolente. Cada palavra do rito parecia ecoar a gravidade do momento, e as promessas feitas entre Khlaus e Priscillia eram um símbolo de esperança para todos os que estavam presentes.

Após a cerimônia, dirigimo-nos ao palácio do governador para o banquete. O palácio, com seus salões amplos e decoração suntuosa, estava adornado com tapeçarias que narravam as grandes conquistas de Asghardan. As mesas estavam repletas de iguarias e bebidas que celebravam a vitória e a paz, um banquete digno da magnitude do evento.

Enquanto o sol começava a ocultar-se e a noite se aproximava com seu manto estrelado, preparei-me para o pronunciamento que marcaria a importância deste dia histórico. A sala de banquetes estava repleta de alegria e entusiasmo, mas eu sabia que este momento era mais do que uma simples celebração; era um símbolo do renascimento e da força renovada de Asghardan.

"Meus Homens," comecei, com a voz ressoando pela grande sala como um trovão de orgulho, "hoje celebramos o casamento de um

grande general de Asghardan. Khlaus, que emergiu do anonimato como um bravo guerreiro, agora une-se a Priscillia como um dos heróis da Grande Guerra. Que este dia seja um símbolo de inspiração e prova de que todos, sem exceção, podem ascender na vida através do trabalho árduo e da lealdade. Hoje, Khlaus assume o cargo de governador das províncias do sul de Asghardan. Brindemos a Khlaus e Priscillia!"

O brinde foi recebido com uma onda de aplausos e aclamações. As taças foram erguidas em um gesto de camaradagem e celebração, e o salão estava repleto de alegria. No entanto, a festividade foi interrompida por um acontecimento sinistro que transformou a atmosfera festiva numa cena de pânico e apreensão.

Enquanto a noite se adensava e as sombras começavam a alongar-se, um cavaleiro negro, montado num cavalo imponente, apareceu à entrada do grande salão. O som dos cascos retumbava como um presságio sinistro, e as portas abriram-se com um estrondo que cortou o ambiente de festa. A presença do cavaleiro, envolto numa armadura negra que parecia absorver toda a luz ao redor, trouxe um peso de terror e incerteza.

O cavaleiro avançou com uma aura sombria e ameaçadora, e a sua voz, ao falar, soou como um eco das profundezas infernais.

"Rei Akhárium," disse ele, "hoje festejem e bebam. Mas lembrem-se, amanhã o Senhor Akstunuthá, deus dos deuses, exigirá a vossa cabeça e a de todos que lutaram na batalha, bem como de vossos filhos e dos vossos desafortunados."

O pânico se espalhou como um incêndio nas mentes dos presentes. O rosto de Khlaus empalideceu, e um murmúrio de desespero percorreu a sala. Ordenei imediatamente que o cavaleiro fosse capturado, mas ele desapareceu tão misteriosamente quanto havia surgido, como uma sombra numa noite sem lua.

Com uma determinação renovada, convoquei o conselho de guerra para planejar o próximo passo com a gravidade que a situação exigia. O salão, agora vazio e carregado de uma atmosfera de tensão, parecia refletir a gravidade do momento.

"Senhor," começou um dos conselheiros, com uma expressão de preocupação genuína, "como podemos enfrentar Akstunuthá novamente? Nossas forças ainda estão debilitadas e nossos filhos são jovens demais para a batalha."

"Envie mensagens a Cervus," ordenei, com uma firmeza que demonstrava a importância do momento. "Que eles espalhem espiões por cada canto das regiões próximas à antiga muralha da montanha. Se um pássaro sair de lá, quero saber imediatamente!"

"Sim, Senhor!" respondeu o mensageiro, com um aceno de determinação.

"Quanto a vocês," continuei, voltando-me para os conselheiros, "retornem às vossas províncias e preparem as forças. Pode ser um embuste, uma brincadeira cruel de Akstunuthá ou de algum bruxo, mas não podemos correr o risco. Cada lugar, cada esconderijo deve ser inspecionado. Quero guardas com cães patrulhando os arredores das cidades."

"Sim, majestade," afirmaram os conselheiros, prontos para agir.

Dirigi-me ao grande salão, agora vazio, e encontrei minha esposa, que estava calmamente consolando algumas mulheres que aguardavam pelos seus maridos. A atmosfera do salão, que antes era de euforia e alegria, agora carregava um peso sombrio e inquietante. Quando as mulheres partiram, minha esposa aproximou-se de mim.

"É verdade? Partiremos para a guerra?" perguntou ela, com uma mistura de preocupação e determinação, seu olhar revelando a carga emocional que também a afetava.

"Não sei, minha querida," respondi, com um tom de firmeza e esperança. "Mas vou proteger-te, proteger o meu reino e proteger este mundo. Agora, vamos descansar. Amanhã teremos muito a fazer. Partirei para o norte para falar com nossos aliados e prepará-los para uma possível batalha."

"Meu amor, lutarei ao teu lado com as minhas soldadas. A Liga das Viúvas da Noite está pronta para a tua ordem," disse ela, com uma determinação que me dava força.

"Agradeço a tua força. Amanhã, envia-as para os reinos além da muralha da montanha. Elas serão os meus olhos lá. Mas agora, precisamos descansar. É tarde e estamos cansados para planejar guerras."

"Sim, é o melhor," concordou ela, com um olhar de compreensão que refletia a gravidade da situação.

Na manhã seguinte, fui acordado por meu escudeiro, que entrou com uma expressão urgente.

"Senhor, chegaram enviados das regiões e trazem notícias de extrema urgência."

Levantei-me rapidamente, vesti-me com a mesma determinação que tinha em combate e dirigi-me à sala de reuniões. Os enviados estavam lá, com rostos sérios e expressões de preocupação.

"Notícias, por favor," pedi, com um tom que demonstrava minha ansiedade.

"O cavaleiro negro não era um engano, Senhor," disse um dos enviados. "Recebemos relatórios confirmando a presença de Akstunuthá, e há evidências de uma crescente seita que pretende invocar a sua presença."

"Então é verdade. As palavras do cavaleiro eram um aviso real,"

disse eu, com um olhar de desolação. "Estamos em perigo real. Preparem as tropas para a batalha. O inimigo não é apenas um espectro, mas uma força de destruição real. Devemos agir com rapidez e precisão."

Os preparativos foram realizados com uma urgência desesperada. A tensão era palpável, e o sentimento de urgência preenchia o ar enquanto as tropas eram mobilizadas e os planos eram estabelecidos. Cada ação era tomada com a consciência de que estávamos enfrentando um inimigo que poderia destruir tudo pelo qual lutamos.

Com a manhã chegada e o céu ainda escuro, o som dos tambores de guerra começou a soar. Era um som de preparação e determinação, um chamado para a batalha que não poderia ser ignorado. As tropas estavam prontas, e os preparativos finais foram feitos com uma atenção meticulosa aos detalhes.

O exército marchou com uma disciplina implacável, suas armaduras brilhando sob a luz do sol nascente. Cada soldado sabia que estava a lutar não apenas pela sua própria sobrevivência, mas pela sobrevivência de tudo o que amavam. A batalha seria dura, e as perdas poderiam ser grandes, mas a determinação era inabalável.

Durante a marcha, os pensamentos de Khlaus voltavam frequentemente àquelas palavras proferidas pelo cavaleiro negro. O medo e a incerteza pairavam sobre ele, e a sensação de que estavam se preparando para enfrentar um inimigo imbatível tornava a tarefa ainda mais difícil.

As palavras de um sábio conselheiro ecoavam em sua mente: "A guerra não é apenas uma luta contra inimigos visíveis, mas uma batalha interna contra os medos e as dúvidas que assombram nossos corações. Cada vitória tem seu preço, e cada derrota pode ser um passo para a verdadeira vitória."

O campo de batalha estava agora diante deles, uma vasta

extensão de terra marcada pela iminência do confronto. As tropas de Asghardan, organizadas e preparadas, avançaram com uma determinação feroz. O som dos gritos de guerra e o estrondo das armas criavam uma sinfonia de caos e luta.

Enquanto os primeiros combates começavam, Khlaus sentiu o peso das responsabilidades e das vidas que estavam em suas mãos. Cada golpe e cada estratégia eram calculados com uma precisão que tentava equilibrar a esperança com a realidade brutal do conflito.

A batalha foi uma sequência de momentos intensos e desesperadores. As forças de Akstunuthá eram imensas e formidáveis, e a luta foi travada com uma ferocidade que desafiava a própria imaginação. As tropas de Asghardan lutavam com bravura, mas as perdas eram inevitáveis e as feridas eram profundas.

Durante um breve intervalo na luta, Khlaus encontrou-se de pé, observando o campo de batalha com uma sensação de desolação. O custo da guerra era visível em cada rosto e em cada corpo caído. O chão estava coberto de um manto de sangue e suor, e o céu parecia pesar sobre eles como uma capa de tristeza.

Os combates continuaram, e a estratégia de Khlaus começou a dar frutos. As forças de Akstunuthá estavam sendo empurradas de volta, e a esperança de uma vitória parecia se formar no horizonte. No entanto, cada avanço era acompanhado por uma perda, e o custo da batalha era evidente em cada passo.

Quando a poeira começou a assentar e a batalha se aproximava de seu clímax, Khlaus e suas tropas estavam numa posição de vantagem, mas o preço da vitória era alto. O campo de batalha estava repleto de sinais de destruição e sofrimento, e a sensação de triunfo estava misturada com um profundo sentimento de luto.

Finalmente, a vitória foi alcançada, mas não sem um custo significativo. O campo de batalha, agora silencioso, era um

testemunho das difíceis escolhas e das duras realidades da guerra. Khlaus e seus aliados estavam exaustos e abalados, mas a vitória era um sinal de esperança para o futuro.

Quando a poeira assentou-se e o sol começou a pôr-se sobre o campo devastado, Khlaus encontrou-se de pé, a olhar para a vastidão do horizonte. O peso da responsabilidade ainda estava sobre seus ombros, e as cicatrizes da batalha eram um lembrete constante das dificuldades enfrentadas.

A guerra não foi apenas uma luta contra um inimigo físico, mas uma batalha interna que testou a coragem e a força dos personagens. Cada vitória e cada derrota eram um reflexo das escolhas feitas e das lições aprendidas ao longo do caminho. O custo da vitória era uma lembrança de que a paz e a esperança eram preciosas e que a luta pela justiça e pela proteção dos que amamos era uma batalha que valia a pena.

Capítulo XVI- Uma nova era

Athena havia ido para o hospital de campanha, enquanto eu, por outro lado, permanecia no palácio, ocupado com os assuntos de estado. O dia estava envolto numa tensão silenciosa quando um dos meus generais irrompeu pelo grande salão, saudou-me apressadamente e falou com urgência:

"Majestade, lamento a entrada abrupta, mas trago notícias da Grande Muralha."

"Fala!" ordenei, sentindo um presságio inquietante no ar.

"A reconstrução da Grande Muralha está concluída, assim como as torres de menagem e as torres auxiliares. No entanto, encontrámos um problema."

"Qual?" perguntei, o coração acelerando.

"O vulcão Apokai entrou em erupção..."

"Malditos bastardos..." murmurei, o peso da responsabilidade esmagando-me os ombros. "Leva homens para a Grande Muralha. Põe os Centauros a patrulhar as torres e os Minotauros nas zonas mais frágeis da muralha. Manda espiões recolher informações e batedores para os postos avançados."

"Sim, majestade."

O meu general saiu da sala do trono e a preocupação enraizou-se profundamente em mim. Passaram-se quase cinco anos desde a grande batalha, e as seitas estavam a ser caçadas com fervor. A terra de ninguém transformara-se numa região pujante de vida, onde até mesmo centauros e minotauros conviviam em paz. No entanto, eu sabia que essa calma era apenas temporária. Akstunuthá ainda vivia, escondido nas profundezas de Asikrun, e o vulcão de Apokai era a forja infernal do seu exército.

O fato de o vulcão estar ativo após tantos anos só poderia

significar uma coisa: Akstunuthá tinha um novo aliado. O reino de Cervus fora destruído e conquistado, e o Reino de Asghardan, embora aliado de Jhan, enfrentava uma ameaça incompreensível. Quem poderia ter se aliado a Akstunuthá? Só poderiam ser as raças de bestas que nunca voltaram para Asghardan, seres recrutados pelo deus dos infernos. Desta vez, não enfrentaríamos Assacranus feitos de homens fracos, mas monstros pré-apocalípticos, criaturas gigantes e feras demoníacas de reinos além da montanha.

Histórias antigas falavam de povos para além da muralha, de monstros que habitam florestas desconhecidas. Monstros primitivos como lobisomens, elfos sombrios e magos negros, e o pior de todos, Anikruks, bestas racionais e estratégicas, mas estupidamente leais ao seu mestre, invocadas e mantidas por magos negros. Todas estas criaturas viviam separadas do meu reino pela muralha, mas agora, poderiam ser tanto nossos aliados quanto nossos inimigos.

Existiam ainda criaturas infernais cujo sangue era vermelho-fogo, dentes de feras, pele mucosa e negra, cabelos crespos e um cheiro nauseabundo de carne podre, um alimento que aprenderam a adorar nos necrotérios e pântanos após a Primeira Grande Batalha. A Segunda Grande Guerra foi vencida porque estas criaturas e raças optaram por não se juntar novamente a Akstunuthá, mas na primeira grande batalha, as suas forças foram decisivas para roubar um quinto do que hoje é Asghardan.

As histórias falam de uma vitória, mas na verdade, foi uma defesa desesperada com a política de terra queimada. As cinco raças fragmentaram-se depois do que aconteceu. Ninguém sabe o que realmente se passou, apenas que os Homens restaram no lado de cá da Muralha Negra, pelo menos até hoje.

Akstunuthá voltará, e não sei se estamos prontos para enfrentar uma terceira Grande Guerra. Contudo, talvez seja inevitável um grande combate.

Enquanto me preparava para partir, Agahataia apareceu-me, envolta em luz etérea.

"Olá, Akharium, há quanto tempo."

"Agahataia, é bom ver-te. Tenho a sensação de que trazes más notícias."

"Também as tenho. Um grande mal aproxima-se do leste."

"Sim, a forja de Akstunuthá está ativa."

"Pior que isso. Ninguém sabe, além de alguns deuses, mas a Primeira Grande Batalha quase destruiu toda a vida na Terra. Por isso, os deuses lançaram Akstunuthá para o abismo..."

"Até que ele voltou e criou a Segunda Grande Guerra."

"Sim, mas não conseguiram capturá-lo, certo? Nem uma única espada tocou nele?"

"Não... ele simplesmente desapareceu..."

"Pois, era o que eu temia. Akstunuthá não tinha voltado, era apenas uma manifestação corpórea..."

"O que queres dizer com isso?"

"Preciso ir..."

"Agahataia! Os deuses traíram as cinco raças. Tu e Jha fizeram-nos acreditar novamente nos deuses. Não mintas agora, não destruas a nossa fé e esperança."

"Meu querido Akharium, temo que a Segunda Grande Guerra tenha sido uma distração. Pensava que Akstunuthá tinha conseguido escapar, mas parece que não. Um mago, com o poder da influência de

Akstunuthá, conseguiu fazer o meu irmão aparecer e até falar, mas não o libertaram..."

"Agahataia, tenho uma nação recentemente reconstruída e milhões de vidas nas minhas mãos. O que estou a enfrentar?"

"Akstunuthá, estás a enfrentar Akstunuthá... E nada conseguirá barrar a sua marcha para o ocidente. Nem um Mikerium, nem o reino unificado de Asghardan."

"Mas a Primeira Grande Batalha..."

"Foi feito um sacrifício... O primeiro Mikerium sacrificou-se e, com o seu poder e morte, fez nascer a Grande Muralha que separou e protegeu o reino das cinco raças do reino do meu irmão. Prendemos Akstunuthá num abismo. Contudo, agora, nem tu, descendente do primeiro Mikerium, conseguirás reviver a Grande Muralha. Tens apenas uma parte do seu poder..."

"Lutaremos e venceremos mais uma vez até que os deuses nos permitam governar as cinco raças!"

"Eu entendo a tua fúria, mas agora precisas dos deuses mais do que nunca, e só há uma forma de parar o que aí vem..."

"Qual?"

"Precisarás ir ao reino de Asikrun, formar um grupo de guerreiros leais e fortes, e matar de uma vez por todas o meu irmão..."

"Mas como é possível matar um deus?"

"Tens sangue de Jhan no teu corpo e, com isto," disse Agahataia, levantando e entregando-me uma espada, "esta espada é a única que pode matar um imortal. Tens em tuas mãos a arma que poderá salvar todas as cinco raças ou acabar com os deuses. Esta espada é uma arma divina, a única coisa capaz de matar-nos e destruir a nossa influência

nesta terra. Preciso partir, não poderei ajudar-te na tua jornada, não agora que Akstunuthá está solto. Minha ajuda é necessária para defender a porta de Asikrun que separa o mundo dos infernos do nosso. Se tu falhares, lutaremos contra Akstunuthá. Se nós falharmos, todos os reinos, povos e raças morrerão."

Assim que falou, Agahataia partiu com um ar sério e desapareceu no ar. Eu sabia o que tinha de fazer: reunir os Homens e as outras raças. Preparei um concílio para o dia seguinte para decidir quem viria comigo e quem ficaria para ajudar os deuses, caso eu não derrotasse Akstunuthá.

Na manhã seguinte, com o concílio reunido, um dos meus servos veio até aos meus aposentos.

"Nobre senhor, os líderes das raças estão reunidos na Sala Branca."

"Obrigado, avisa-os que estou a caminho."

"Sim, meu Senhor."

O meu servo saiu do quarto, batendo a porta com calma, mas o som foi suficiente para que eu despertasse. Eu teria de batalhar novamente contra um deus do submundo. Pensava que a batalha estava vencida, que minha vida não estava em risco, contudo... não temeria a morte se isso salvasse o mundo!

"O rei está morto! O rei Akharium está morto!" gritou uma das servas do rei. "Socorro, alguém ajude!!"

Ao ouvir os gritos histéricos, corri em direção ao som com passos largos e com uma guarda real comigo.

"O que se passa, mulher? Por que esses gritos?"

Várias pessoas estavam reunidas à porta do quarto do rei, sangue

escorria por baixo da porta de madeira dourada.

"Abram a porta!"

"Sim, general!"

"O rei... está morto... o que será de nós?" chorava desesperada a serviçal.

"Cala-te, mulher!" ordenei, olhando para um dos guardas. "Leva-a daqui!"

A porta teimava em não abrir, as chaves não apareciam e a força dos meus homens claramente não era suficiente.

"Saiam da frente!" gritei enquanto brandia um poderoso e pesado machado contra a porta.

Com fortes estocadas, consegui abrir um rombo suficientemente grande para ver o interior do quarto, e o que vi foi avassalador. Akharium, o meu rei, o meu amigo e irmão de armas, jazia no chão, encharcado no seu próprio sangue com a sua própria espada cravada no estômago, a morte mais desonrosa para um guerreiro e para um rei.

Ao ver que ele provavelmente estava morto, ordenei que os soldados afastassem os curiosos e trouxessem uma equipa médica. Com meu machado, continuei a golpear a porta, todavia, as minhas forças Desapareceram, e eu colapsei no chão, como se o próprio peso do universo houvesse desabado sobre mim. A cena era um pesadelo de caos e confusão. Os soldados, à minha volta, pararam, estupefactos e desorientados, incapazes de compreender o horror que estava prestes a se desenrolar diante de seus olhos. O medo, o horror e o espanto tomaram conta de seus rostos quando finalmente foram confrontados com a realidade cruel.

O meu subcomandante, apesar do choque que lhe turvava o olhar,

conseguiu manter uma fachada de compostura admirável. Com uma determinação que parecia vir das profundezas da sua coragem, ordenou que a porta fosse derrubada. Eu, por outro lado, permanecia prostrado no chão, lágrimas escorrendo pelo meu rosto, enquanto o peso da dor esmagava cada fibra do meu ser. Meu coração estava em frangalhos, não só pela perda de um rei e de um irmão que me havia salvado em tantas ocasiões, mas também pela sensação devastadora de ter falhado em protegê-lo.

A entrada da equipe médica no aposento confirmou a verdade brutal que eu já sabia, e a confirmação trouxe consigo um manto de tristeza quase insuportável. Akhárium, o meu rei, o amigo de batalhas e irmão de armas, jazia no chão, a vida esvaindo-se de seu corpo. O sangue manchava o piso, e a espada, a espada que uma vez fora um símbolo de sua autoridade e bravura, estava cravada em seu coração — uma morte que manchava a honra de um guerreiro e de um rei.

O choque e o luto afundaram-me numa escuridão profunda. Ordenei aos soldados que afastassem os curiosos e trouxessem uma equipe médica, mas, apesar dos meus esforços, as minhas forças estavam esgotadas. A cena era demais para que eu pudesse suportar. Eu caí ao chão, exausto e abalado, enquanto os soldados, perplexos e atordoados, observavam a cena horrenda que eu acabara de testemunhar. O medo, o horror e o espanto, uma vez mais, tomaram conta dos seus semblantes.

O meu subcomandante, a lutar para manter uma postura que agora parecia quase frágil, conseguiu finalmente derrubar a porta. Eu, ainda prostrado, sentia a dor avassaladora que me consumia, e as lágrimas continuavam a escorrer sem controle. A perda de um rei e de um irmão que havia sido minha rocha em tantas tempestades era um fardo esmagador. A sensação de falhar em salvar aquele que me havia resgatado inúmeras vezes era um peso insuportável.

Quando a porta finalmente foi destruída e a equipe médica entrou, confirmaram a dura verdade: o rei estava morto. Mas quem

poderia ter cometido tal atrocidade contra o mais formidável dos guerreiros? A resposta era aterradora e perturbadora — só alguém em quem Akhárium havia depositado confiança, alguém cuja traição era impensável.

A princípio, minha mente buscou culpados entre aqueles que conhecia. Khlaus e Priscillia foram os primeiros a surgir em meus pensamentos. Talvez o rapto deles não tivesse sido um rapto verdadeiro, mas uma manobra traiçoeira. No entanto, se assim fosse, o rei teria sido atacado com uma arma diferente, não com a espada que Agahataia lhe concedera. Aquela espada era um artefacto sagrado, só podia ser desembainhada com o consentimento do próprio Akhárium. Era quase inconcebível que um amigo raptado pudesse ter tomado a espada e matado o rei sem uma luta feroz.

Foi então que a ideia de outra possível culpada começou a se formar na minha mente: a rainha Athena. Talvez ela tivesse sido corrompida por alguma força obscura, ou talvez nunca tivesse sido a verdadeira rainha que aparentava ser. O pensamento era angustiante e assustador.

Orientei os batedores para encontrarem a rainha, mas sem alarde. Pedi-lhes que a localizassem discretamente, para não causar pânico desnecessário. Com o crescente número de curiosos sendo barrados na escadaria em espiral, sabia que precisava agir com firmeza e discrição.

Determinei que o corpo do rei fosse cuidadosamente recolhido e levado para o templo. Durante esse processo, mandei alguns homens que me acompanhassem, sabendo que cada segundo contava.

"Nobres líderes das quatro raças de Asghardan," comecei com a voz pesada, carregada pelo luto, "lamento profundamente a demora, mas algo trágico aconteceu."

A reação foi imediata. "Trágico é a falta de respeito do rei de Asghardan!" retorquiu um dos líderes, com uma indignação palpável.

"Nunca fui tão desrespeitado. Ele pode ser o rei, mas nós somos os líderes supremos das outras quatro raças. Sem nós, ele não poderá governar com facilidade. Acreditem, lutaremos pelos nossos territórios! Se os Humanos pensam que podem nos desrespeitar e roubar o que é nosso..."

A minha paciência esgotou-se. "CALA-TE!!" gritei, a minha voz ressoando com a força de um trovão. "Como ousas falar assim do rei que te acolheu? Os centauros não têm nem força para governar um condado. Não ameaces a integridade do reino profético de Asghardan!"

O líder Tyhúpe, dos centauros, pareceu surpreso com a minha explosão, e, num gesto inesperado, inclinou a cabeça com humildade. A Senhora das Folhas Caídas, uma elfa cuja presença evocava a serenidade das árvores ancestrais, ergueu a voz com uma calma quase espiritual.

"Lamento profundamente o comportamento impetuoso do meu amigo, mas a ausência do rei é uma questão que não pode ser ignorada. O que ocorreu exatamente?"

Sua pergunta era um reflexo de um medo profundo e existencial: se o rei estava ausente, qual seria o impacto nas alianças e na segurança do reino? A Senhora das Folhas Caídas não buscava apenas respostas, mas também uma âncora de estabilidade em meio ao caos iminente.

O peso da tristeza era quase palpável quando eu me sentei no trono de Akhárium. O trono, frio e impiedoso, parecia devorar a última centelha de esperança. Meu olhar encontrou o de cada um dos presentes, e minha voz, embora firme, carregava um peso de dor e resignação.

"O rei está morto..."

Cada palavra parecia um golpe que atingia não apenas os presentes, mas a própria alma do reino. A confirmação da morte de Akhárium era uma verdade devastadora, um cataclismo que ameaçava desmoronar tudo o que conhecíamos. A tristeza e a resignação na minha voz eram uma busca desesperada por um vislumbre de conforto, uma certeza dolorosa de que nada poderia alterar o inevitável.

As palavras reverberaram na sala como o som de um sino de luto. Todos se levantaram das poltronas, e um murmúrio de incredulidade e pânico irrompeu. A discussão fervorosa sobre a segurança das suas raças e a possibilidade de uma nova ordem tornava o ambiente quase sufocante. No meio do tumulto, um dos meus homens aproximou-se com uma expressão grave, como se carregasse o peso de uma sentença irreversível.

“A rainha Athena não foi encontrada. Todos os seus pertences desapareceram, e a Liga das Viúvas da Noite está em fuga.”

A notícia do desaparecimento da rainha e da fuga da Liga foi um golpe devastador. Cada palavra do meu homem confirmava o pesadelo que eu temia. A ausência de Athena e o desaparecimento da Liga não eram apenas um mistério perturbador, mas uma ameaça direta à ordem recém-estabelecida e à estabilidade do reino.

“Envie imediatamente homens para rastreá-las. Quero a rainha viva, mas a busca deve permanecer em absoluto segredo,” ordenei, a severidade em minha voz ocultando uma ansiedade crescente.

“Sim, general.”

Minhas ordens não eram meramente uma tentativa de restaurar a ordem, mas um esforço desesperado para manter o controle em um cenário onde o medo e a incerteza dominavam. A pressão para encontrar Athena antes que pudesse causar mais danos era quase insuportável. A única esperança era garantir que a verdade não

chegasse aos ouvidos errados, o que poderia exacerbar o caos.

A sala era agora um redemoinho de vozes e olhares desconfiados. O peso da responsabilidade pelo legado de Akhárium parecia esmagar-me, um fardo que ninguém deveria carregar. A segurança e o futuro de milhões, a própria história de Asghardan, estavam agora sobre os meus ombros. A única ação que me restava era buscar justiça para a traição e proteger o legado que ela destruíra.

“Meus senhores, prestem atenção! O rei Akhárium está morto, e nada poderá trazê-lo de volta. Ele caiu pelas mãos de sua esposa, aquela por quem arriscou a vida em inúmeras batalhas. Mas ele não lutou apenas por ela; lutou também por todos nós — humanos, centauros, elfos, minotauros e magos. Este é um dia sombrio, que será lembrado como o dia negro de Asghardan. Contudo, é também o momento de tomarmos decisões!”

Ao convocar os presentes para a ação, buscava mais do que simples palavras de consolo. Minha declaração visava unir os diferentes povos em torno de um objetivo comum, apesar das profundas divisões que se formavam. Cada palavra era uma tentativa de inspirar um senso de dever e responsabilidade para com a memória do rei, enquanto tentava manter a coesão em meio ao caos.

“Akhárium foi traído por aqueles em quem confiava e por quem sacrificou tudo para salvar. Hoje, peço-vos que honrem a sua memória e não traiam também a lembrança dele!”

Este apelo não era meramente uma convocação à lealdade, mas uma tentativa desesperada de galvanizar o respeito e a honra por um legado que estava à beira de desmoronar. A dor da traição era palpável e a tarefa mais hercúlea era assegurar que a integridade e a memória do rei permanecessem vivas em corações e mentes que começavam a se desviar uns contra os outros.

“E por que deverias ser tu o rei? Até onde sei, qualquer um aqui

poderia sentar-se no trono de Asghardan,” replicou Urthor, o senhor dos magos, com um tom cortante que escondia uma inquietação profunda.

A provocação de Urthor era mais do que uma simples objeção; era uma expressão crua da sua própria ansiedade e uma reflexão das suas ambições ocultas. A pergunta desafiadora não apenas questionava a minha capacidade de liderar, mas também refletia uma inquietação sobre o futuro e sobre quem realmente deteria o poder na nova ordem que se erguia.

“Os minotauros não se curvam perante magos. Se insistirem em tal afronta, a guerra será inevitável!” minha voz ressoou com um tom ameaçador, refletindo uma ameaça latente destinada a manter a paz e evitar que as disputas internas degenerassem em conflito aberto.

O tumulto na sala reacendeu como um incêndio prestes a consumir tudo em seu caminho. Alguns, ávidos como abutres sobre um cadáver ainda quente, já se apressavam em se apropriar do legado de Akhárium. Não podia permitir que tal afronta se consumasse sob meus olhos.

“Raças de víboras, abutres que se alimentam dos despojos do falecido! Honrem aquele que vos salvou!” Exclamei, enquanto que tentava restaurar a dignidade e o respeito em um momento de desespero. As minhas palavras eram uma metáfora poderosa para descrever o que via como uma traição à memória do rei. Era um apelo emocional desesperado para que a honra prevalecesse sobre a ganância e a desordem.

“Davariuns tem razão,” afirmou a Senhora dos Elfos com uma firmeza que buscava trazer alguma ordem ao caos. “O que propões, general?”

A Senhora dos Elfos, com a sua postura majestosa e calma quase espiritual, procurava estabilidade em meio à incerteza, enquanto que

tentava encontrar uma solução que pudesse unir as diferentes facções. Sua concordância refletia não apenas um desejo de ordem, mas também um reconhecimento de que a situação exigia uma abordagem prática e unificada.

“Continuarei a ser o Visir do reino, mas sem Akhárium e sem descendência real, não haverá rei. Ninguém é digno de assumir o trono neste novo reino. Proponho, então, a criação de uma irmandade, um conselho de anciãos com um representante de cada raça. Minha função será arbitrar os interesses de todos.”

A proposta de criar uma irmandade visava estabelecer uma estrutura de governança que pudesse lidar com a complexidade do novo reino. A declaração de que ninguém era digno de assumir o trono refletia a gravidade da situação e a necessidade de uma solução inclusiva para evitar que o poder caísse em mãos erradas.

“Concordo, e vós?” perguntei, procurando na voz dos presentes um vislumbre de consenso.

“Sim, eu concordo!”

“Eu também!”

“Eu posso aceitar isso... Mas o que sucederá a seguir?”

As respostas eram um reflexo da tensão coletiva e da necessidade de se apegar a alguma forma de estabilidade. Cada concordância parecia um pacto com a incerteza, uma tentativa de encontrar uma forma de seguir em frente apesar da ausência do rei e do caos iminente.

“Declararei doze dias de luto. Não haverá festividades nem celebrações durante este período. No último dia, ele será sepultado no seu túmulo, no Panteão dos Heróis.”

A decisão de declarar doze dias de luto visava impor uma ordem e

proporcionar um período de reflexão coletiva. A ausência de festividades e a preparação para o sepultamento eram uma tentativa de garantir que o respeito pela memória de Akhárium fosse mantido, mesmo diante da confusão e mudança.

Todos concordaram, e pela primeira vez, uma humildade genuína transpareceu nas suas expressões. Choraram a morte de um rei que, embora não conhecessem pessoalmente, respeitavam com um luto que parecia transcender a mera formalidade.

“E quanto a Akstunuthá?” indagou Urthor, a sua preocupação agora uma sombra palpável.

A inquietação de Urthor refletia a crescente ansiedade sobre o futuro e as possíveis consequências da traição de Athena. Sua pergunta era um lembrete de que, enquanto lidávamos com a crise imediata, ainda havia ameaças e preocupações que precisavam ser abordadas.

“Não é o momento para discutir isso. Seja qual for o plano dele, estou certo de que não será executado tão cedo.”

“Sim,” concordou o mago supremo, a sua voz um eco de resignação.

A decisão de adiar a discussão sobre Akstunuthá era uma tentativa de focar no que era mais urgente e de evitar que o medo e a incerteza exacerbassem ainda mais a situação. A resignação de Urthor indicava um reconhecimento de que a situação era grave e exigia uma abordagem cuidadosa.

Saí da Sala Branca e dirigi-me para a Sala dos Generais. A incredulidade ainda me envolvia como uma névoa densa. Como poderia Athena, que era o símbolo do amor e da esperança de Akhárium, ter cometido tal atrocidade? Ele falava dela com uma devoção tão pura, como se visse uma deusa. Não compreendia a razão,

mas sabia que ela haveria de pagar pelo que fez.

O deslocamento para a Sala dos Generais era uma tentativa de buscar ação e clareza em meio à confusão emocional. A incredulidade e a dor pessoais eram intensificadas pela traição de Athena, cuja mudança drástica de lealdade desafiava a percepção de que ela era uma figura de pureza e devoção.

Passei pelo corredor, atravessando o claustro central, o refúgio predileto de Akhárium. A árvore Jathyup, com suas flores pequenas e rosadas, parecia chorar a perda de seu guardião. Nunca compreendi o motivo pelo qual ele se refugiava ali, mas agora via que a simplicidade e a serenidade daquele lugar eram seu escape da pesada carga que carregava.

Ao passar pelo claustro e observar a árvore Jathyup, percebia um contraste doloroso entre a serenidade do local e a agitação externa. A árvore, uma testemunha silenciosa do refúgio de Akhárium, refletia o desejo do rei por uma paz que agora parecia ainda mais distante.

Continuei o meu caminho até a Sala dos Generais, onde reuni uma pequena força e partimos a cavalo, seguindo as marcas dos cascos. Contudo, o tempo estava contra nós. A Liga já havia escapado por barco, e os homens enviados para interceptá-los foram encontrados mortos.

A decisão de partir em busca da Liga das Viúvas da Noite era uma tentativa desesperada de corrigir o erro e recuperar o controle. A notícia da fuga e da morte dos nossos homens intensificava a sensação de fracasso e a urgência de agir antes que fosse tarde demais.

Ordenei a coleta dos corpos e retornamos ao palácio. Dirigi-me rapidamente ao quarto de Akhárium. O ambiente ainda carregava o aroma de sangue e a sensação de morte. Sentia uma dor esmagadora e, ao mesmo tempo, uma necessidade urgente de entender o que se passara.

A ordem de coletar os corpos e retornar ao palácio era uma forma de restaurar algum grau de ordem e dignidade à cena do crime. O ambiente carregado de sangue e morte simbolizava a brutalidade do ato cometido e a necessidade de encontrar respostas para a traição.

Com um cristal de Jhan, que carregava na algibeira, procurei por evidências que explicassem a traição de Athena. Encontrei um pedaço de papel parcialmente queimado e algumas cartas da assassina de reis. Ao comparar as caligrafias, confirmei a maldade da rainha.

A busca por evidências com o cristal de Jhan era uma tentativa desesperada de entender a traição e a mudança no caráter de Athena. As cartas encontradas revelavam a extensão da traição e confirmavam a crueldade da rainha, aprofundando a dor e a sensação de injustiça.

O papel fazia o cristal emitir um negro profundo, como o de armas forjadas em Asikrun ou Apokai, e o conteúdo era ainda mais sombrio:

“Os dias ao lado de Akhárium tornaram-se insuportáveis. Cada noite, ao vê-lo dormir, pondero formas de acabar com meu sofrimento e tirar-lhe a vida. Tenho respeito por ele, mas não sou mais a Athena por quem ele se apaixonou. Meu amor agora é por Akstunuthá, o verdadeiro deus e Senhor do mundo, e deveria ser a sua rainha! No entanto, há uma esperança, pois Akhárium me disse que Akstunuthá ainda vive. Agahataia confirmou minhas esperanças, e poderei finalmente ir para os braços do meu verdadeiro amor. Mas há um obstáculo: Akhárium pretende matá-lo, e eu preciso matá-lo primeiro. A Liga das Viúvas da Noite está pronta para partir. Os fiéis de Akstunuthá, graças a nós, crescem em número e força a cada dia. Esta é a hora de fugir, mas não antes de fazê-lo sangrar até à morte, como um porco.”

A leitura da carta revelava a profundidade da traição e o desdém de Athena por Akhárium. Sua mudança de amor e a decisão de matá-lo para proteger Akstunuthá eram um choque devastador, uma

revelação de um plano sombrio que desafiava a percepção anterior da sua lealdade.

Fiquei horrorizado. Como poderia ela ter se apaixonado pelo seu captor e assassinado aquele que a havia salvado? Deixei o papel cair ao chão e ordenei que o quarto fosse consumido pelas chamas. Nada deveria restar de pé.

A sensação de horror e traição diante da carta levou-me a tomar a decisão de destruir o quarto e erradicar qualquer vestígio do ato cruel. A necessidade de apagar as evidências era uma tentativa de lidar com a dor e o choque, garantindo que nada restasse que pudesse prolongar o sofrimento ou a vergonha.

No décimo terceiro dia de um luto que parecia envolver o reino com um véu de tristeza interminável, o cortejo fúnebre de Akharium iniciou uma marcha pelas ruas da capital, agora imersa em um profundo pesar. O crepúsculo dourado envolvia a cidade com um brilho solene, enquanto o povo se reunia em massa para prestar o último tributo ao monarca venerado, cujas proezas e sacrifícios haviam moldado a história do reino.

O cortejo avançava com a majestade de uma procissão heroica, remanescente das celebrações que outrora homenagearam os heróis lendários das antigas eras. À frente, um esquadrão de cavaleiros montados em corcéis de pelagem prateada marchava com precisão harmoniosa, suas armaduras reluzindo com o brilho de estrelas metálicas que capturavam os últimos raios do sol poente. Os cavaleiros, com suas armaduras ricamente ornamentadas com símbolos de vitória e dignidade, conduziam o caixão real, coberto com um manto de veludo roxo profundo e adornado com filigranas de ouro. O caixão, esculpido com a mestria que lembrava os artefactos sagrados das lendas antigas, era uma obra de arte por si só, refletindo a opulência e a importância de Akharium.

À medida que o cortejo avançava, a estrada estava coberta por um tapete de pétalas de rosa e flores silvestres, que caíam como uma chuva de oferendas celestiais. Cada pétala parecia uma expressão de dor e respeito, uma homenagem floral que flutuava sobre os cavaleiros e o caixão, formando um manto etéreo que acompanhava o rei na sua última jornada. As rosas, escolhidas pela beleza e símbolo do reino, que apesar de belo é armado com densos espinhos, eram um tributo à vida e ao legado de Akharium, misturando o esplendor da natureza com a solenidade do momento.

As ruas estavam repletas de uma multidão silenciosa, composta por habitantes de todas as partes do reino e representantes das cinco raças que compunham a nação. A multidão vestia trajes de luto, muitos enfeitados com coroas de folhas de carvalho e ramos de azevinho, símbolos de longevidade e eternidade. Os rostos dos presentes estavam marcados pela tristeza e pelo respeito, cada um oferecendo uma oração silenciosa enquanto o cortejo passava.

Os cânticos que acompanhavam o cortejo eram entoados por coros de vozes angelicais e etéreas, elevando-se como uma sinfonia de lamento e veneração. As vozes das ninfas, com suas roupas de seda esvoaçantes e cabelos soltos, entrelaçavam-se em harmonias que ressoavam com a melancolia do crepúsculo. Seus cânticos, imbuídos de uma qualidade quase sobrenatural, flutuavam como preces ao céu, uma oferta de música sagrada que celebrava a grandeza de Akharium e expressava a dor do reino pela sua perda.

Em diversos pontos ao longo da rota, o cortejo era interrompido por estátuas e baixos-relevos esculpidos em pedra, retratando cenas das conquistas e dos feitos heroicos de Akharium. Estes monumentos, colocados em altares temporários ao longo do caminho, eram adornados com ramos de oliveira e tochas acesas, criando um percurso iluminado por uma luz mística que destacava a importância do evento.

A entrada da escadaria dos mil degraus, que levava ao Panteão dos Heróis, o destino final do cortejo, era guardada por estátuas imponentes e majestosas de dois centauros. Colunas esculpidas em mármore branco, adornadas com imagens de glórias antigas, flanqueavam o caminho, conferindo um aspecto digno e imponente ao local.

À medida que o cortejo avançava, os visitantes eram guiados pelas escadas monumentais, esculpidas em mármore puro. Cada degrau, meticulosamente talhado, narrava as façanhas heroicas de Akharium e os feitos gloriosos dos antigos heróis. O mármore, polido até refletir o céu e o sol poente, transformava a escadaria em um caminho luminoso que parecia flutuar entre o reino terreno e o celestial, um percurso de ascensão espiritual e respeito profundo.

Em intervalos regulares ao longo da escadaria, figuras esculpidas de elfos com arcos, posicionadas estrategicamente, pareciam vigiar o local com uma constante reverência. Elfos com arcos de longas penas e magos entrelaçados com carvalhos antigos estavam representados na decoração, evidenciando a contribuição das diversas raças para a grandiosidade do reino. Jardins exuberantes e água cristalina fluíam por canais esculpidos em mármore. O som suave da água corrente e a

presença de flores raras e plantas exóticas criavam um ambiente de serenidade e reverência. Outras decorações menores, com detalhes ricos e finos, ilustravam cenas de batalhas e triunfos, transformando a subida numa jornada através das histórias heroicas que moldaram o destino do reino.

No topo da escadaria, os visitantes deparavam-se com os magníficos portões do Panteão dos Heróis, forjados em ouro puro. Estes portões brilhavam com uma luz radiante, adornados com filigranas complexas e imagens de deuses e heróis. Flanqueando essas portas grandiosas, duas estátuas de minotauros, esculpidas com um detalhe majestoso em pedra e bronze, erguiam-se como guardiões eternos. Seus olhares severos e posturas imutáveis impunham uma sensação de reverência profunda e respeito, como se cada visitante fosse recebido por sentinelas do além.

Guardando a escadaria que conduzia ao templo, duas estátuas colossais de centauros, esculpidas em mármore com uma mestria sublime, permaneciam em posição de vigilância. Cada centauro, com armaduras detalhadas e lanças em punho, simbolizava a união de força e nobreza. Suas figuras musculosas e expressões de alerta conferiam um manto de proteção simbólica ao sagrado espaço do Panteão, como se cada passo no templo fosse guiado pela essência dos guardiões ancestrais.

Ao atravessar os portões de ouro e adentrar o Panteão, o visitante encontrava-se em um vasto salão de proporções impressionantes. O teto, que se erguia para alturas quase celestiais, era sustentado por doze colunas imensas, cada uma esculpida para representar um dos guerreiros lendários que moldaram o destino do reino. Estas colunas, adornadas com baixos-relevos minuciosos, narravam as epopeias heroicas e irradiavam uma aura de poder e reverência, como se cada coluna estivesse eternamente imortalizada na memória do reino.

No coração do salão, erguiam-se as estátuas de Akharium e seu fiel lobo, Vanakh. A estátua de Akharium, talhada em um mármore resplandecente, capturava a dignidade e a autoridade do monarca com um semblante sereno que irradiava uma majestade quase divina. Ao seu lado, a figura de Vanakh, esculpida com uma atenção meticulosa,

parecia guardar o seu senhor com uma lealdade eterna. Juntos, representavam a perfeita harmonia entre o poder e a fidelidade, a grandeza e a simplicidade.

No centro do vasto salão, sob o altar onde o corpo de Akharium repousava, uma grandiosa obra de baixo-relevo capturava a essência da eternidade. Representava um carvalho colossal, cujas raízes se entrelaçavam com o céu estrelado, criando uma rede de força e sabedoria que transcendia os limites terrenos. As estrelas, incrustadas com gemas cintilantes, emitiam um brilho etéreo que parecia expandir-se além das paredes do templo, como se o próprio firmamento se fundisse com o altar sagrado. Este carvalho, de proporções magníficas, simbolizava a interligação indissolúvel entre o mundo dos homens e os domínios celestiais, uma metáfora para o legado duradouro de Akharium.

A decoração do Panteão dos Heróis era um tributo à unidade das cinco raças que formavam o reino. Estandartes majestosos, ricamente adornados com os emblemas reais, pendiam das paredes, criando um ambiente de honra e orgulho. Erguido no topo de uma colina venerada, o Panteão possuía um significado estratégico e simbólico profundo. Sua localização elevada oferecia uma vista panorâmica do reino, enquanto a sua orientação para o ocidente permitia que o sol poente iluminasse o templo com uma luz dourada, criando uma imagem de ascensão e transcendência. O brilho refletido no pináculo de ouro do templo e nos portões dourados proporcionava um espetáculo de luz e reverência, simbolizando a conexão eterna entre o monarca e o cosmos.

O Panteão não era meramente um local de sepultamento, mas um monumento à grandeza, à unidade e à imortalidade do legado de Akharium. Sua majestade e a presença das estátuas e decorações refletiam a reverência e o respeito imensuráveis que o reino nutria por seu rei eterno. A solenidade do ambiente era palpável, como se o

próprio templo respirasse a grandeza e a importância daquele momento.

Dentro do templo, o Guarda de Armas, com a voz ecoando pelo espaço com uma autoridade reverente, ordenou: “Armas! Em sentido!”

Todos os presentes ergueram suas espadas e estandartes em um gesto de profundo respeito, enquanto o corpo de Akharium era conduzido para o interior do Panteão. A atmosfera estava carregada de uma solenidade palpável, e cada movimento carregava o peso da honra e da perda.

Quando o caixão de Akharium foi colocado sobre o altar, um druida iniciou o ritual funerário. Seu encantamento murmurante parecia vibrar através da estrutura, como se cada palavra fosse uma oração aos deuses e aos espíritos ancestrais. O ambiente estava imerso em um silêncio reverente, quebrado apenas pelo som do ritual que, na sua suavidade, parecia preencher o espaço com uma aura mística.

No entanto, quando o druida se aproximou do altar para retomar o ritual, um som estrondoso, de alarido e uivos poderosos, ecoou pelo vasto salão, reverberando nas paredes de pedra antiga. Através dos vitrais ornamentados, sombras imensas começaram a descer, preenchendo o espaço com uma sensação de iminente perigo. Lobos dentes-de-sabre, com 2,5 metros de altura, com pelagens espessas e olhos fulgurantes, cruzavam os céus noturnos como aparições ancestrais. Pela porta principal, outros tantos entraram, formando um círculo de guarda ao redor de seu Alfa, Vanakh, o lobo venerado de Akharium.

Com um gesto decidido e uma voz que parecia cortar o ar como uma lâmina de aço afiada, bradei com autoridade: “Ninguém saca as armas!”

As palavras saíram de minha boca com uma determinação inflexível, refletindo uma certeza que era tão firme quanto a vontade de ferro que sustentava o nosso reino. Um murmúrio de surpresa passou pela multidão, e um dos oficiais se aproximou, com a inquietação clara em seus olhos.

“Mas, general, esses lobos...” A sua voz tremia com a ansiedade da situação.

“Eles são lobos sagrados, e aquele ali” —apontei para Vanakh, cujos olhos dourados brilhavam com uma luz ancestral— “era o lobo do nosso rei.”

A minha voz carregava uma firmeza inabalável, refletindo uma certeza que vinha do fundo de um coração que compreendia a gravidade da situação. O oficial, a lutar para esconder a tensão em seus ombros, respondeu com um aceno resignado: “Sim, general, como forem suas ordens.”

Os lobos, com uma ferocidade contida e um respeito quase reverencial, rosnavam em alerta, mas não atacavam. Seus corpos massivos e dentes de sabre imponentes provocavam um medo visceral, e suas presas afiadas como lâminas deixavam claro o perigo que representavam. Vanakh, movendo-se com uma graça majestosa e uma reverência profunda que transparecia um vínculo sagrado, aproximou-se do corpo de Akharium. Com um cuidado meticuloso e um respeito palpável, ele começou a transportar o caixão em direção à porta, usando a boca para segurar o corpo. Os guardas, testemunhando a cena, hesitaram em permitir a remoção do corpo de seu rei. No entanto, a presença imponente de Vanakh e a força de seus próprios soldados—lobos robustos com corpos musculosos e dentes afiados—imobilizaram os homens do palácio com uma eficácia quase sobrenatural.

A alcateia partiu, levando o corpo do rei para além dos muros do Panteão. A destinação do corpo estava envolta em mistério e especulação; rumores começaram a se espalhar como sussurros no vento. Alguns afirmavam que o corpo fora colocado em um altar nas ruínas de uma civilização primordial, um lugar sagrado que prometia uma eternidade de reverência. Outros acreditavam que o rei, cujos feitos haviam transcendido o próprio reino, retornaria algum dia futuro para restaurar a ordem e a justiça. Uma Ordem foi formada ao redor dessa crença, reunindo-se no Panteão para orar pela ressurreição de Akharium, um gesto de fé que tentava desafiar a fatalidade imposta pela espada dos deuses.

Eu, embora desejasse ardentemente compartilhar dessa fé, não podia escapar da realidade implacável: mesmo os deuses, por mais

poderosos que fossem, não podiam escapar das garras da morte. No entanto, em dias claros e luminosos, não pude evitar olhar para o céu e orar pelo retorno de Akharium, enquanto a dúvida e a esperança se entrelaçavam no meu coração.

Assim, restava-me a tarefa de manter vivo o legado de Akharium, preservar a memória do rei, como uma chama eterna e continuar a registrar as Crônicas do Herdeiro das Cinco Torres, na esperança de que a sua grandeza não fosse esquecida.

Após o funeral, dirigi-me com passos pesados para o grande salão, onde a reunião com os Homens e representantes das outras raças na Irmandade da Noite estava prestes a começar. O propósito era planejar os próximos passos em face da crise que se avizinhava, quando um dos meus mensageiros entrou apressado, trazendo uma notícia que pesava como uma pedra em meu peito.

“Nobre Visir, nossos espiões relatam uma intensa movimentação no reino de Tartagan, além da Grande Montanha,” disse o mensageiro, a voz carregada de uma urgência que não podia ser ignorada. “Parece que eles têm conhecimento da morte do rei de Asghardan e estão planejando saques em nossas terras. O fato de que nossas regiões foram protegidas dos ataques de Akstunuthá fez delas um alvo cobiçado, não apenas pelo prestígio do nome Akharium, mas pela vulnerabilidade que agora apresentamos.”

As palavras do mensageiro caíram como uma sentença de condenação sobre mim. O peso da notícia era grave, e a iminência de uma crise tornava-se palpável. A necessidade de preparar nossas defesas era urgente, como Akharium temia, pois reinos desconhecidos do leste estavam se mobilizando para atacar e saquear nossas províncias. Não podia permitir que o legado de Akharium fosse destruído pela invasão de inimigos.

Com um olhar determinado e uma resolução inflexível que queimava em meu peito, ordenei: “Volte com uma mensagem para os espiões. Quero que eles eliminem o rei de Tartagan!”

A expressão do mensageiro transformou-se em um misto de surpresa e apreensão.

“Senhor?!”

“Vá!” minha voz foi firme e sem espaço para questionamentos. A necessidade de ação era urgente, e não havia tempo para diplomacia.

“Sim, Visir...” respondeu o mensageiro, a voz cheia de uma determinação renovada, enquanto se retirava rapidamente.

Não era um diplomata, e se nossos inimigos desejavam guerra, seria guerra que teriam. A decisão estava tomada, e o destino de muitos agora dependia da rapidez e da eficácia de nossas ações.

Saí do salão e dirigi-me à Casa das Cinco Torres, onde se erguiam o Senado, a Irmandade da Noite e a Casa dos Generais. O peso das responsabilidades que me aguardavam parecia quase tangível, como o ar denso e carregado antes de uma tempestade iminente. Cada passo que dava era um lembrete do fardo que carregava e da urgência da situação que se desenrolava diante de nós.

O céu, agora escurecendo com a aproximação da noite, parecia refletir a gravidade do momento, e eu sabia que o que estava por vir exigiria de nós uma coragem e uma determinação que só poderiam ser forjadas nas horas mais sombrias.

